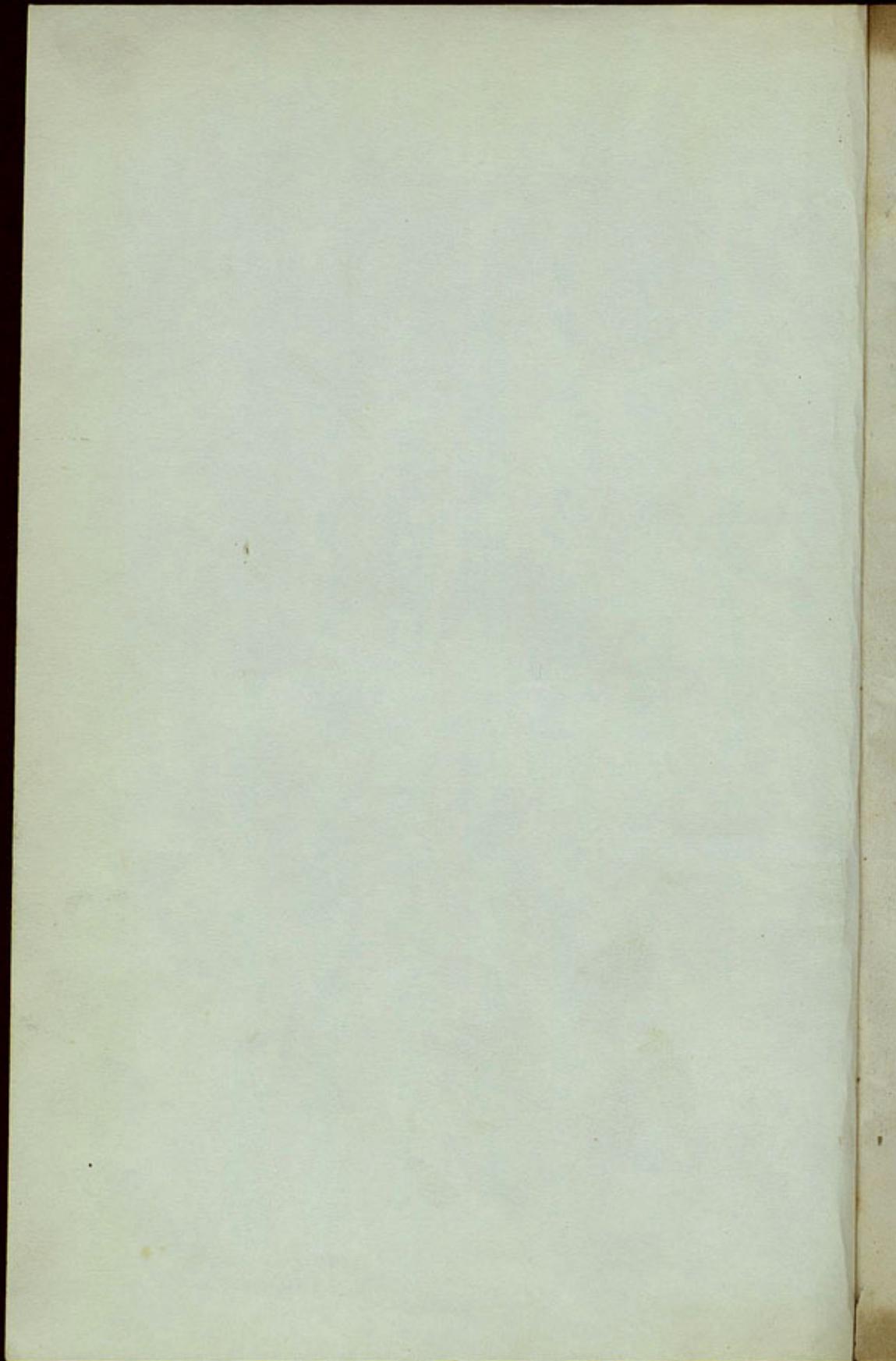


RP

8

15



PORTUGAL PITTORESCO

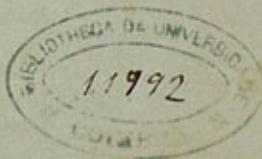
SOB A DIRECÇÃO

DE

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SÓCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

~~~~~  
VOLUME I  
~~~~~



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1879

RP

8

15

COLLABORADORES

OS EXCELLENTISSIMOS SENHORES

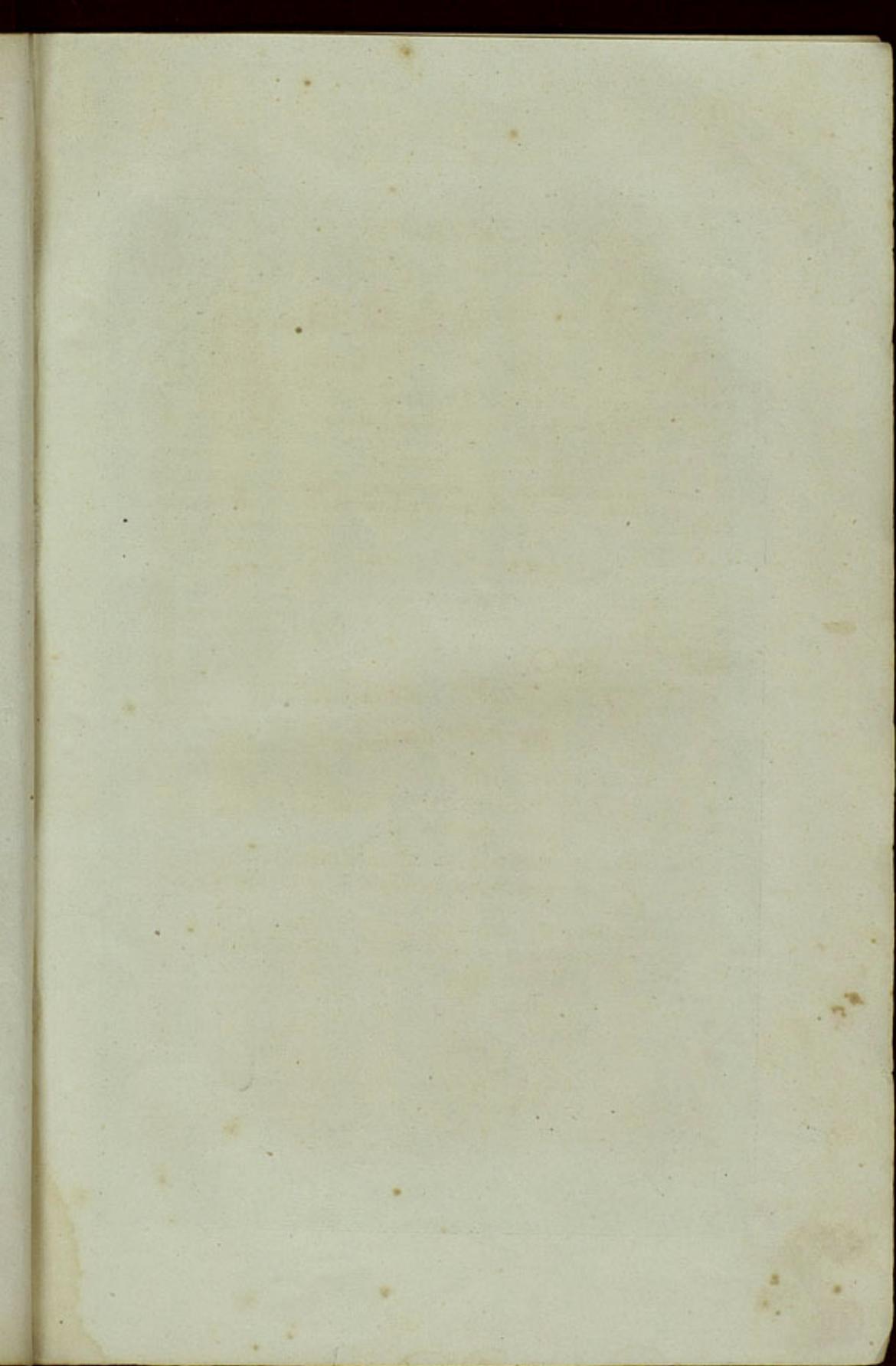
Abilio Augusto da Fonseca Braga
Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Adolpho Loureiro
Albertina da Silva Corrêa de Lacerda
Alberto Roque
Amelia Janny
Anthero do Quental
Antonio Cardoso Borges de Figueiredo
Antonio Francisco Barata
Antonio Maria Seabra d'Albuquerque
Antonio Pereira da Silva Caldas
Augusto Philippe Simões
Bernardo Antonio Serra de Mirabeau
Candido de Figueiredo
Fialho d'Almeida
Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão
Gomes Leal
Guilhermino Augusto de Barros
Jayme de Seguíer
João d'Andrade Corvo
João Corrêa Ayres de Campos
João de Deus
Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos
Joaquim de Araujo
Joaquim Augusto Simões de Carvalho
José Alves de Mariz
José Joaquim da Silva Pereira Caldas
José Silvestre Ribeiro
Theophilo Braga.

INDICE

	Pag.
Alguns passos num labyrintho. Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve	12, 29, 43, 60
Alvaro (D.) da Costa	25
Anniversario (ao) natalicio da excellentissima senhora D. Anna Candida da Fonseca Braga	175
Antonio Candido	143
Apontamentos historicos de Coimbra. O Imperador de Eiras	138, 157
Apontamentos para a historia de Evora	109, 124
Bibliographia	48, 95, 111, 127, 189
Bibliotheca da Universidade	81
Bispo (o) de Coimbra D. Jorge d'Almeida e sua munificencia para com a sua cathedral	113
Bossuet e Antonio Candido	143
Bussaco	97, 105, 129, 177
Bussaco. Sua etymologia	105
Cedros (os) do Bussaco	97
Circo (no)	182
Coimbra	2
Dedicacão e consagração do templo do mosteiro de S. Bernardo de monges cistercienses da cidade de Portalegre	72
Desanimo	58
Descoberta da Madeira	22
Dois leões	180
Egreja de Sancta Cruz de Coimbra	9
Epopêa (a) Babylonica	86
Esculptora em barro e cêra	176
Estudos sobre o districto de Coimbra	34, 51, 66, 100, 132, 154, 167
Etymologia do Bussaco	105
Evora	109, 124
Extractos do relatorio apresentado em 28 de fevereiro de 1878 ao governador civil do districto de Coimbra, para acompanhar os productos industriaes e agricolas do districto, destinados á ultima exposicão universal de Paris	34, 51, 66, 100, 132, 154, 167
Fastos portuguezes. Descoberta da Madeira	22
Feuille (la)	74
Folha (a)	74
Ignacia d'Almeida, esculptora em barro e cêra	176
Imperador (o) de Eiras	138, 157
Inscriptões lapidares	89
Interlocutores (os) de uns memoraveis dialogos artisticos	19, 40
Inundações. Meios de as tornar menos desastrosas	149
Jardim botanico da Universidade de Coimbra	49
Lapide romana do Salvador de Thuias	76
Lembrança do convento da Serra de Ossa	74
Leopardi	3
Liquidatario (a um)	29

	Pag.
Noite (de)	28
Ollarias antigas	58
Pena de morte. Extracto de um livro de Guilhermino de Barros	120
Ponte de Coimbra	145
Portal da capella da Universidade	65
Primavera (a)	188
Primeira viagem	9
Primeiro amor	179
Proloquio	1
Reitores da Universidade. D. Alvaro da Costa	25
Reminiscencias	38
Resumo bibliographico	48, 95, 111, 127, 189
Revelação	178
Sal (o) commum e seu emprego como adubo das terras	163
Salve!	73
Sancto Antonio dos Olivaes	33
Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve	12, 29, 43, 60
Tractamentos	142
Trinta annos	8
Uma folha (a)	183
Universidade de Coimbra	161
Universidade (bibliotheca da)	81
Universidade (jardim botanico da)	49
Universidade (portal da capella da)	65
Universidade (reitores da)	25
Viação publica	172, 183
Versões selectas. A primeira viagem	9

Preço d'este volume 2\$000 réis





Coimbra

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Janeiro de 1879

N.º 1

PROLOQUIO

Damos hoje principio a um novo jornal, que intitulamos PORTUGAL PITTORESCO. Contando com a valiosa collaboraço de amigos nossos, aiançamos o seu merecimento; assim lhe soprem galernos os ventos do publico favor.

Não fazemos promessas nem esmerilhamos programmas. É claro que em jornaes d'esta indole a variedade é qualidade characteristica sua principal; não podemos por isso circumscrever-lhe limites ou apertar-lhe os assumptos. Velaremos por que se torne importante pelas materias, agradável pelas estampas e elegante pela lingua-gem. E que seja sobre tudo portuguez; isto, pelo menos, affirmamos por nós e pelos nossos companheiros, isto indica e demonstra o seu titulo.

Minguadas são as nossas forças para esta difficillima empreza, bem o conhecemos. Mas o complexo de muitos esforços ha de produzir um resultado util. O jornalismo litterario vive e robustece-se com a associaço; é este o segredo da sua força e penhor da sua prosperidade. O que se difficulta para um, facilita-se para todos.

É como a parabola de Lamennais nas *Palavras d'um crente*. Conta elle d'um viajante que fôra ter aonde enorme penedo lhe obstruia o caminho, de modo que por nenhures se lhe deparava passagem. Porfiou e cançou-se na fadiga de o arredar; mallogram-se-lhe as diligencias. Sobreveio segundo, depois terceiro passageiro, e outros mais. Via-se cada um impotente para remover o obstaculo, e sentava-se desanimado. Disse por fim um d'elles: «Irmãos, o que nenhum de nós poude conseguir, quem sabe se o não poderemos todos junctos?...» E então todos se levantaram, e junctos metteram hombros ao penedo, e o penedo cedeu e proseguiram sua jornada.

É obvia a applicaço da parabola, que vale como liço e poderoso incitamento.

A REDACÇO.

COIMBRA

Coimbra é uma cidade graciosamente cinzelada num monte, e que se retrata nas aguas limpidissimas do mais ameno rio que a imaginação póde sonhar nas horas risonhas de suas fragrantes e suaves phantasias.

Entre as cidades de Portugal—vulgares e prosaicas umas; outras tristes e dominadas por informes ruínas; algumas como requemadas e calcinadas pelos ardores do sol; muitas, pobres e sem physionomia, como grandes aldeias que são—distingue-se Coimbra pela belleza dos seus contornos, pela largueza das suas fórmãs, pelos esplendores da natureza em que se acha primorosamente engastada. Coimbra é uma cidade esculptural.

Coroam-na, com a severidade austera e quasi monastica das suas linhas rectas, os vastos edificios da Universidade. É alli que está o centro da vitalidade; é d'alli que descem até ao rio, como em tumulto e apertadas nas anfractuosidades da encosta, as casas da cidade, que parecem querer esconder na multidão a vulgaridade da sua architectura e a sua desgraciosa apparencia. Na raiz do monte o contorno onduloso da cidade curva-se como a cauda de um manto, e estende-se depois pelas margens enramadas do Mondego.

D'entre o acervo de casas burguezas sobresaem, pela sua grandeza, pelas suas frontarias vetustas e escuras, e algumas pelo seu estylo architectonico, as edificações que o poder e a influencia da theocracia levantaram em Coimbra. Um grande interesse attrahia em roda da Universidade todos os representantes d'esse grande poder: era alli que se formava o espirito da mocidade estudiosa, d'alli irradiavam para a sociedade portugueza todas as influencias intellectuaes, todas as forças da razão e da consciencia, toda a verdadeira e efficaz auctoridade moral.

Naquella harmonia de luz, de côres, de linhas e de fórmãs, o rio e a cidade não podem separar-se. A cidade revê-se nas aguas crystallinas do rio: o rio beija amoroso a fimbria do manto á cidade que o domina.

Coimbra eleva-se entre duas poesias: a poesia da mocidade, impetuosa e fremente, aspirando a uma vaga e indefinida grandeza, á liberdade sem limites, á expansibilidade indefinida; prelu-diando, em aspirações insoffridas e em hymnos de amor, á aspera luta do bem e do mal a que se chama a vida: a poesia da natureza, placida e melodiosa; que murmura com as aguas correndo sobre as areias douradas; que canta com as aves amorosas sobre

os ramos dos salgueiros; que desabrocha em flores e se exhala em aromas nos prados e nas serras; que se envolve de luz e de côres; que trabalha sem descanso e sem fadiga nas prodigiosas metamorphoses da materia, creando, ou destruindo para crear de novo.

Revoam sobre a poetica cidade, contrastando com a alegria que d'ella se exhala como por irresistivel magia, duas melancolicas e lugubres tradições. Uma, que por entre as suas tristezas rescende os mais suaves perfumes do amor; outra, em que lampejam os clarões sinistros da mais revolta tempestade de ruins paixões.

A linda Ignez

que cortada
Antes de tempo foi, candida e bella,

deixou para sempre na lembrança das filhas do Mondego «o caso triste e digno de memoria» da sua «morte escura.» Tradição dolorosa, que uma fonte pura repete em seus suspiros suavissimos, entre candidas boninas!

Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

A formosa Maria Telles, irmã da ambiciosa e cruelissima mulher d'el-rei D. Fernando, legou á velha Coimbra da idade-media a funebre memoria da sua pavorosa agonía. A cega ambição, a infame calúnia armaram contra uma fraca mulher o braço do traidor infante D. João, que, surdo aos clamores piedosos da innocente esposa, lhe arrancou a vida no delirio de sua ferocidade; e a tradição exclama ainda hoje com o velho chronista Fernão Lopes: «Oo piedade do muj alto Deus, se entom fora tua merçee de botares aquel cruel cujtello, que nom damnara o seu alvo corpo innocente de tam torpe culpa!»

JOÃO D'ANDRADE CORVO.

LEOPARDI

A sua intelligencia poderosa; a sua vida de martyrio

Ed io son un diquei che 'l pianger piova.

PETRARCA.

No dia 29 de junho de 1798 nasceu em Recanati, pequena povoação da Italia, um menino que depois deu mostras de extra-

*

ordinario talento, talvez de genio, — ao passo que no tocante ao organismo physico o desfavorecera a natureza, de um modo lastimoso, e, se assim o podessemos dizer, com verdadeira crueldade.

Giacomo Leopardi se chamou o talentoso menino, e era filho do conde Monaldo Leopardi, e da marquesa Adelaide Antici, da mais antiga nobreza das Marcas.

— Diremos primeiramente alguma cousa da vida intellectual de Giacomo Leopardi, e por fim diligenciaremos pintar o seu infortunio.

O Erudito e o Philologo

Depois de haver estudado com excellentes mestres o latim e a philosophia, aprendeu sósinho o grego e o hebraico, e das linguas modernas o francez, o hespanhol, o inglez e o allemão; aproveitando para este estudo as grammaticas, os dictionarios, e outros livros da bibliotheca de seu pai ¹.

O grego ficou sendo a sua lingua mimosa, e a litteratura classica o primeiro objecto das suas elucubrações.

Em 1814 apresentou elle a seu pai, que ficou espantado, o manuscripto de uma nova edição da *Vida de Plotino*, por Porphyrio, com a traducção latina e commentario. Eis a nota que o conde Monaldo escreveu no manuscripto: *Oggi 31 agosto 1814, questo suo lavoro mi donò Giacomo mio primogenito figlio, che non ha avuto maestro di lingua greca, ed è in età di anni 16, mesi due, giorni due. (Monaldo Leopardi)*. Do trabalho de Giacomo se aproveitou depois Creuzer para a sua edição das *Enneadas*.

Em seguida traduziu Hesichius de Mileto; commentou os escriptos e esboçou as biographias dos rhetoricos do 2.º seculo da era christã; reuniu os espalhados fragmentos dos Padres Gregos e dos primeiros historiadores da egreja.

Em 1815 foi muito mais além. Examinando e analysando textos, elaborou um catalogo das superstições da antiguidade, notavel trabalho que tinha o titulo de «Ensaio sobre os erros populares dos antigos» (*Saggio sopra gli errori popolari degli Antichi*).

Estes e outros trabalhos de grande valor não passaram despercebidos perante o mundo sabio. «O abbade F. Cancellieri, na dissertação que em Roma imprimiu em março de 1815, fallava com admiração dos primeiros trabalhos de Leopardi; o philologo Sueco Akerblad prognosticava-lhe o mais brilhante futuro; o ce-

¹ É curiosa a inscripção que o conde Monaldo mandou collocar, em 1812, por cima da porta da sua bibliotheca:

Filiis. Amicis. Civibus. | Monaldus de Leopardis. | Bibliothecam. | A. MDCCCXII.

lebre Angelo Mai, então bibliothecario em Milão, animava-o com os seus elogios; os redactores das Revistas Milanesas, a *Bibliotheca Italiana*, e o *Spettatore* pediam-lhe artigos. Os seus opusculos iam bater á porta dos arbitros da fama, e lhe grangeavam cartas lisongeiras, amizades solidas. Foi assim que a traducção do 2.º livro da Eneida o poz em relação com Pietro Giordani em 1817 ¹.

Mais tarde, outros trabalhos de alta erudição e de apurada philologia, taes como um artigo de critica sobre tres discursos de Philon de Alexandria; uma dissertação philologica sobre a *Repubblica* de Cicero, arrancada ao esquecimento pelo já citado Angelo Mai; uma serie de notas philologicas sobre a *Chronica* de Eusebio: esses trabalhos, dizemos, mereceram a contemplação auctorizada de Niebuhr, que então era ministro da Prussia em Roma. Niebuhr, testemunhando-lhe o mais vivo interesse, lhe offereceu o seu valimento para com o Cardeal Consalvi, no sentido de lhe obter uma collocação vantajosa. O Cardeal acolheu a recommendação do ministro Prussiano; mas, pondo como condição que Leopardi se ordenasse, ou pelo menos vestisse o habito ecclesiastico, tornou impossivel a nomeação, pela invencivel repugnancia de Leopardi em acceitar algum dos dois alvitres.

Ainda depois o cavalheiro de Bunsen, amigo, e successor de Niebuhr na legação da Prussia, diligenciou vivamente que a Leopardi fosse dado um emprego digno da sua capacidade e merecimento; mas, com grande dissabor do diplomata, houve tergiversações da parte do Cardeal Della Somaglia, e nada se conseguiu.

Quando Niebuhr, em 1824, publicou um trabalho de philologia, de summa difficuldade, disse elle no prologo que não se aventuraria a tal publicação, se não tivesse sido efficazmente auxiliado por pessoas competentes: «Entre os mais eruditos d'aquelles, cujos descobrimentos eu faço agora apparecer, citarei o conde Giacomo Leopardi, de Ricanati no Picenum, que apresento aos meus compatriotas como sendo desde já o ornamento da Italia. A sua reputação, eu o afaço, está destinada a crescer de dia em dia. No que me toca, tendo podido apreciar o bello character e raro saber d'este joven philologo, alegrar-me-hei com todas quantas honras e prosperidades houver elle de adquirir.»

O Poeta

Neste particular é força que hoje nos limitemos a pôr diante

¹ *Giacomo Leopardi, sa vie et ses œuvres*, par A. Bouché Leclercq.
É este livro o nosso principal guia no breve esboço que apresentamos.

dos olhos dos leitores um resumo conceituoso que se nos depara no livro já citado. A apreciação das poesias e mesmo das prosas de Leopardi demanda um longo desenvolvimento, por ser necessario encarar o grande vulto sob o aspecto litterario, moral, politico e religioso. D'esse trabalho, mais extenso, nos faremos cargo opportunamente. Para o nosso actual proposito basta, na sua generalidade, o seguinte juizo:

«Está completa a sua fama litteraria. A Italia resuscitada lembrou-se d'aquelle que asperamente a reprehendia no seu lethargo. A geração actual, enthusiastica e militante, repete commovida as odes patrioticas que lhe recordam as angustias d'aquelles que a crearam para a liberdade. O nome de Leopardi está definitivamente inscripto á frente da pleiada lyrica do seculo XIX, ao lado, se não acima de Manzoni. Não ha receio de que a opinião, voltando atraz, o faça descer do alto pedestal em que o collocou. Os seus versos, tecidos com uma ordidura apertada, que outra cousa não é senão a energia transparente do pensamento, não são dos que, requebrados, vão ao encontro de um louvor passageiro; filhos de paixões concentradas, de commoções laboriosamente encerradas em um rythmo harmonioso, hão de chegar, passando por cima de espiritos leves, ao seu destino, isto é, á posteridade.»

A creatura infeliz

A sabedoria antiga considerava como o *supra summum* da felicidade o *mens sana in corpore sano*.

Leopardi, porém, fôra fadado com todos os dotes da intelligencia, ao mesmo tempo que o mais lastimoso desfavor da natureza o tornara um ente imperfeito, no tocante ás condições corporeas. Os que o conheceram o pintam definhado e deforme, mal parecido, myope e valetudinario. Este desar, e um temperamento por extremo irritavel tornavam menos atrahente o homem que aliás tinha um espirito gentil e sublime.

Nem ao menos, em compensação, encontrou elle no seio da sua familia a *sympathia*, o mimoso agasalho que de ordinario lançam o balsamo da consolação sobre o infortunio.

O conde Monaldo Leopardi, orgulhoso de sua fidalguia, systematicamente severo no trato com os filhos, parecia ter por empresa evitar que perigasse o principio da auctoridade paterna.

A marqueza Adelaide Antici, soberba pelo nascimento, supersticiosa, distrahida talvez pelos cuidados que dedicava a tres filhos mais novos, não deu ao mais velho o apoio do coração que elle tanto precisava, nem o ajudou com as meiguices e ternura de mãe a supportar resignado a sua desdita.

O infeliz moço concentrou nas lidas intellectuaes toda a sua vitalidade; mas assim mesmo, á hora em que o alvorecer do amor assoma no coração, tambem no de Leopardi acordou o *inevitavel dominador das almas sensiveis*.

Defronte do seu gabinete de estudo costumava sentar-se á janella uma menina, alegremente entretida com os labores proprios do seu sexo. A creatura angelica arrebatava-o pela frescura da mocidade, pelas graças do rosto. Leopardi alevantava amiudadas vezes os olhos para o objecto encantador, parecendo-lhe que sorria para elle. *Amou-a por instincto, como a planta ama o sol; ou, como o proprio Leopardi disse depois: a sua alma foi alegrada pela radiação de uma imagem suave, e o sopro do amor, similhante ao zephiro que faz estremecer as ramadas das florestas, acordou-me no peito um immenso murmurio de pensamentos confusos.*

Mas... não durou muito este enlevo. Um dia pára uma carruagem á porta da encantadora vizinha, e subito a vê entrar na fatal locomotiva que para sempre a roubava ao seu olhar, aos seus pensamentos.

Na idade da esperança, e para elle da desillusão, viu o mal-fadado moço que de todo o abandonava a vida, e para ahi o deixava solitario e consternado nessa especie de tumulto em que jazia.

Então, ficando como orphão, arrojéi-me desatinado ao leito, e fechando os olhos, apertei com a mão o meu coração, e suspirei: disse mais tarde o poeta.

Já d'antes lhe era desagradavel o viver em Recanati (*aborruto e inabitabile*); subiu de ponto a repugnancia, e foi-lhe allivio passar a Roma, a Milão, a Florença, a Napoles.

— Ainda depois outra crise amorosa veio perturbar o misero Leopardi, sem esperança e mallograda como a primeira, mas infinitamente mais afflictiva e fatal.

Estando em Florença, encontrou em casa de Carlota Bonaparte uma dama, que lhe fez impressão profunda, e á qual se sentiu irresistivelmente impellido a declarar o seu amor, chegando ao extremo de ajoelhar, supplicar, chorar.... Em paga da sua humilhação recolheu um sorriso de escarneo. Ficou aniquilado, e poude então perceber que não havia para elle o minimo quinhão de ventura, nessa mysteriosa região onde a mulher é soberana, caprichosa ou prepotente.

Escutae o grito de angustia que ainda passado tempo soltava Leopardi:

«Tu não sabes qual desmedido amor, quaes dôres pungentes, quaes commoções indiziveis, quaes delirios tu fizeste nascer em mim; nem por certo chegará jámais o momento em que o comprehendas!»

Mas tambem a triste victima, já resignada, encontrou na sua alma o estímulo para o desagravo:

«E agora, gaba-te; bem o podes fazer. Apregôa que és a unica do teu sexo, diante de quem eu consenti em curvar a minha cabeça altiva; a unica do teu sexo, a quem eu offereci espontaneo o meu coração indomado.»

D'então em diante correu a vida de Leopardi privada de affeições e de illusões risonhas, como uma toldada noite de inverno sem estrellas.

O seu ultimo, e o mais dedicado amigo, Ranieri, disse a final: «Este homem, a todos os respeitos digno de melhor seculo, levou intacta a flor da sua pureza; duas vezes amou (sem esperanza), como ninguem tinha ainda amado sobre a terra.»

Leopardi falleceu em Napoles no dia 14 de julho de 1837, tendo de idade trinta e nove annos. No decurso de sua existencia atormentaram-no as doencas; mas o cumulo do seu infortunio foi o de suppôr-se condemnado pela natureza a nunca poder inspirar o amor.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

TRINTA ANNOS

Vagas aspirações a um mundo imaginario,
tudo o que floreja e ri, na idade juvenil,
pende, enlanguesce e cái entre os festões de abril,
e fica... o despertar do triste visionario!

Por isso, d'onde em onde, aos menestreis românticos,
no entardecer da vida, apraz-lhes o chorar,
como se acaso a luz de um céu crepuscular
ao rouxinol da balsa emmudecesse os canticos.

Oh mocidade, escuta: ao attingir o cumulo
das tuas illusões, dos sonhos teus febrís,
não peças ao nebel os threnos do infeliz
que apoia a frente exhausta ao cabeçal do tumulo.

Nem só a primavera, a fada dos teus extases,
abraça as regiões formosas da poesia:
tambem o sol do outono em cantos irradia
e accende no poeta a luz da inspiração.

Tu sonhas, primavera; o outono vê e pensa;
e das desillusões de um mundo já desfeito
fabrica um mundo novo, alarga a mente e o peito,
e injecta novo sangue em novo coração.

Não nos bastava o sonho, aspirações e enleios:
era a verdade um mytho, o bem uma chimera;
por isso o outono rasga os abundantes seios
d'onde dimana o bem, e onde a verdade impera.

A estrada é larga e plana, o céu sereno e limpido,
podemos caminhar.
E vós, que entraes na vida, oh timidas crianças,
podereis apoiar
ao nosso braço firme os vossos tenros braços
e as vossas esperanças,
tão vivas e tão tremulas
como as luzes que a noite
suspende nos espaços.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

VERSÕES SELECTAS

I

A PRIMEIRA VIAGEM

LENDA DA INFANCIA

(Eugenio Muller)

Oh! l'amour d'une mère, amour que nul n'oublie,
Pain merveilleux qu'un Dieu partage et multiplie,
Table toujours servie au paternel foyer:
Chacun en a sa part et tous l'ont tout entier.

VICTOR HUGO.

I

Eu vivia no paraizo entre os pequenos cherubins. Brincava e
voava cheio de alegria; via a Deus e cantava os seus louvores.
D'uma vez levantou-se alvoroço no céu; resoaram vozes. Os

anjos, correios da terra, bradaram: «Quem quer partir para a terra?»

—«Ora vamos ver a terra,» disse eu.

E o mesmo disseram outros muitos.

II

Cortaram-nos então as azas.

III

E despedimo-nos de Deus, que nos disse: «Ide, meus filhos. Mas sede bons e amáveis no mundo; a bondade e o amor são reflexos do céu e penhores do vosso regresso. Amae e amae muito, que voltareis ao meu seio.»

E abraçou-nos a todos com ternura.

IV

Então os anjos nos tomaram em seus braços; e abrindo as azas á briza embalsamada do céu, se dirigiram á terra.

Passámos por entre myriadas de estrellas, perto do sol e em frente da lua. Que deliciosa viagem!

V

Chegámos a um espaçoso jardim; os aromas perfumavam o ar. Depositaram-nos dentro das flores, que nos serviram de berços. Um aninou-se no calice d'uma rosa, outro num jasmim; eramos como as mariposas, adormecidas no regaço de Flora.

Comtudo fazia frio, ainda que os anjos nos abrigavam com as plumas das suas azas.

E eu disse ao meu anjo: «Então ficamos aqui por muito tempo?»

—«Oh! não, só poucos instantes.»

E eu arrependia-me da jornada, e tinha saudades do céu. No paraizo estava-se melhor; pelo menos a aragem era tepida e o clima amoroso.

VI

Senti passos, que se aproximavam. O dono do jardim conversava com alguém, e dizia: «Estais servido; podeis escolher, que o jardim é farto.»

Curioso, levantei a petala assetinada que me cobria, e enxerguei um homem muito risonho com o jardineiro.

—«Desejava, disse elle, um menino que fosse amavel, obediente, estudioso...»

E distinguindo então o meu olhar vivo e perscrutador, que scintillava d'entre a rosa, accrescentou logo, estendendo a mão:

—«Cá está; escolho este, e fico satisfeito.»

—«Pois então é vosso, e vou leval-o a vossa casa.»

Então o homem poz-se a contar muito dinheiro, bonita prata, que era o preço que dava por mim, e disse:

«Partamos.»

VII

Partimos.

O homem caminhava adiante, muito alegre com a sua escolha; o jardineiro seguia-o commigo nos braços, e o meu anjo acompanhava-nos voando.

E eu disse ao anjo: — «Não viste o bonito dinheiro que elle deu?... Como luzia, como tinia tão sonoro?... Ora um menino sempre custa muito caro!»

E o anjo respondeu-me: «Aquelle dinheiro ainda é pouco, menino; hão de gastar contigo muito mais. Deixaste o céo, que é a alegria, e entras na terra, abundante de tristezas. A prata d'esse dinheiro representa a crystallisação das lagrimas que custa a vida, assim como o oiro das constellações é o reflexo da gloria que se goza no paraizo. Entretanto a terra tambem se converte no céo pelo amor. Ama e ama muito; paga com a moeda do amor os sacrificios que custas.»

—«Oh! eu prometto muito amor, repliquei. Hei de ser muito amante e fazer do meu coração um sacrario de sanctos affectos.»

VIII

Passámos o liminar d'uma casa, onde nos esperavam. Reinava alli inquietação alegre, um agradável alvoroço. Ouvi então uma voz, que exclamava: — «Ai! eil-o cá está; como é formoso e gentil!»

—«Quem é que me chama formoso?...» perguntei ao meu anjo.

—«É tua avó.»

Todos me pareciam contentes e extasiados commigo.

IX

Reparei então para um leito, e nesse leito para uma mulher joven e linda, que me fitava com affectuoso enlevo. Puzeram-me nos seus braços, e ella me abraçou como só no céo me abraçara Deus.

—«Oh! que amor! exclamei.

E o anjo me disse: — «É o amor de tua Mãe, que é como o amor de Deus.»

E accrescentou: — «E agora deixo-te, porque o teu bom anjo da terra está contigo.»

X

E batendo as azas, o anjo voltou ao céu....

ABILIO AUGUSTO DA FONSECA BRAGA.

ALGUNS PASSOS NUM LABYRINTHO

Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve

I

A maior parte dos auctores que escreveram das origens de Coimbra disputaram entre Hercules e Ataces a gloria da sua fundação. Os partidarios do primeiro allegavam a torre do castello, construcção que já no seculo XVI effectivamente chamavam *Torre de Hercules*¹. Houve até quem lesse na lapide commemorativa: — *Herculea manu fundata*. Mas a inscripção não contém taes palavras; muito pelo contrario diz ter sido a torre construida por ordem d'el-rei D. Sancho I². Aquelles que se inclinavam á parte de Ataces argumentavam com a relação de Fr. Bernardo de Brito, e com as duas cartas comprobativas que elle dizia guardadas no archivo de Alcobaça. Eis aqui em poucas palavras a historia da fundação de Coimbra, segundo o chronista de Cistér:

Pelos annos de 409 da nossa era, Ataces, rei dos Alanos, tomou a Hermenerico, rei dos Suevos, a cidade de Conimbriga que destruiu e arrazou na fórma que ainda hoje mostram as ruinas existentes no logar de Condeixa a Velha; e veiu á margem direita do Mondego, em duas leguas de distancia, fundar uma nova cidade, á qual poz o mesmo nome d'aquella que destruiu. Sabendo isto Hermenerico, aproxima-se com um exercito, e offerece batalha

¹ *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo municipal de Coimbra*, pag. 166.

² Veja-se a lição do sr. J. C. Ayres de Campos no *Catalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra*, pag. 17.

ao seu inimigo Ataces, que o derrota e põe em fuga e persegue até ás margens do Douro. Hermenerico implora a paz do vencedor e offerece em troca sua filha Cindazunda. Ataces accceita a proposta, casa com Cindazunda, e neste casamento se firma a reconciliação dos dois contendores. Tal foi a origem do brazão de Coimbra.

Ficou em tradição a historia, repetida pelos escriptores, ainda depois de ter affirmado o auctor do Elucidario (verb. *Cruz*, pag. 329) que as cartas allegadas por Brito haviam sido escriptas pela mão que forjara o celebre *Juramento d'el-rei D. Affonso Henriques*, e o fragmento do concilio bracarense, denominado *ante-primeiro*. Por outra parte Fr. Joaquim de Sancto Agostinho demonstrou, pelo exame que fez dos manuscritos, a sua falsidade ¹.

Pedro de Mariz nos *Dialogos de varia historia* attribue claramente á invenção de Fr. Bernardo de Brito a historia de Ataces, Hermenerico e Cindazunda. Gaspar Barreiros, que escreveu antecedentemente, mencionando na *Chorographia* a opinião vulgar da mudança do sitio de Condeixa a Velha para a margem do Mondego, parece não ter essa opinião em grande conta, e não profere uma só palavra com relação aos personagens de Brito. Sá de Miranda ², Gil Vicente ³, Ignacio de Moraes ⁴, Miguel Leitão d'Andrade ⁵, poetas que fingiram de Coimbra origens fabulosas, e que escreveram tambem antes do monge cisterciense, não alludem, nem de longe, ao que este conta na sua *Monarchia Lusitana*.

Pelo contrario poetas e prosadores que escreveram depois, Vasco Mousinho de Quebedo ⁶, D. José Barbosa ⁷, J. C. da M. e B. de Alvim Pinto ⁸, Antonio Carvalho da Costa ⁹, Antonio Coelho Gasco ¹⁰, Bernardo de Brito Botelho ¹¹, etc., parece comprazerem-se em repetir a invenção de Fr. Bernardo de Brito.

Admittida commumente a fundação de Coimbra por Ataces, não é para extranhar que tantos escriptores se refugassem a acreditar que no sitio d'esta cidade houvesse outr'ora uma povoação romana. Ainda modernamente o sr. Hübner, se bem que se inclina

¹ *Memorias de litteratura portugueza*, tomo v.

² Obras, tomo I — *Fabula do Mondego*.

³ Obras, tomo II — *Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra*.

⁴ *Conimbrica Encomium*, 1554.

⁵ *Miscellanea*.

⁶ *Affonso Africano*, cant. III.

⁷ *Archiatheneum Lusitanum*.

⁸ *Joanneida*, cant. III.

⁹ *Chorographia Portugueza*, tomo II, pag. 6.

¹⁰ *Conquista, antiguidade e nobreza... de Coimbra*, pag. 42.

¹¹ *Historia breve de Coimbra*.

a crer que a actual Coimbra fosse a antiga Eminio, não poude explicar a origem das lapides romanas, que encontrou no páteo da Universidade, senão suppondo que teriam sido descobertas nas ruinas de Condeixa a Velha! Ora todas estas lapides romanas foram desenterradas em Coimbra. As tres seguintes appareceram em 1773 juncto ao alicerce do terreiro do castello de Coimbra:

CHRYSIS SIBI
POSVIT

.....
VXORI ET. MODES
F. MATRI F. C.
S. T. T. L.

D. M. S.

AVRELIO. RVFINO
ANN. XVII.
AVRELIVS. MVSAEVS
FILIO. PISSIMO. F. C.

A segunda está mutilada; falta-lhe a primeira linha. No mesmo sitio appareceu ainda um pequeno fragmento de outra lapide com os restos de uma inscripção. No anno seguinte de 1774 appareceram tambem, juncto do castello, nas ruinas da Couraça de Lisboa dois cippos com estes letreiros:

D. M. S.
C. IVLI
MATERNI
ANN. LXIII
BOVIA. MA
TERNA. ET
IVLIA. MA
XIMA. PATRI
PISSIMO
F. C.
CVRANT...
IVLIO DEX
TRO LIBER
TO OB MERI
TA PATRONI

CAESAR. DIVI.
... VG PRON. AVG
... ONT MAX TRIB
... T. III COS. DESIG.
P. P.
M. III.

As tres primeiras d'estas lapides são sepulchraes, e não contém nada notavel, excepto a segunda em cuja parte superior se vê uma cavidade oblonga, cuja tampa falta com a primeira linha da inscripção, que nella estava.

A quinta é um marco' milliaro mutilado. A sua inscripção é semelhante á d'est'outro marco milliaro, tambem mutilado, que appareceu na Mealhada:

... SAR DIVI
 ... RON AVG
 ... MAX TRIB
 ... COS DESI...
 P. P.
 XII

A inscrição deveria dizer:—
*Caesar, Divi Augusti Pronepos
 Augustus, Pontifex Maximus,
 Tribunitia Potestate tertium, Con-
 sul Designatus, Pater Patriae.
 Millia Quatuor.* E no marco da
 Mealhada:— *Millia Dvodecim.*
 Em ambos ha uma falta impor-
 tante qual é o nome da terra

donde se contavam quatro milhas no primeiro, e doze milhas no segundo. Estas doze milhas correspondem talvez á extensão da estrada romana comprehendida entre os sitios de Coimbra e da Mealhada. O imperador *Augusti Pronepos* é Caligula.

A quarta inscrição é sepulchral. Tem molduras e ornatos nas faces anteriores e lateraes. A parte superior é uma pedra separada do resto e tão profusamente lavrada e de tal sorte que parece pertencer á epocha da decadencia da arte, posterior aos Antoninos. Na face esquerda estão esculpidas duas *patenas* e um *guttus*, e na face lateral direita ou opposta á primeira um *codex*, um *stylus*, e um *liber*. «Todas estas esculpturas, diz o sr. J. C. Ayres de Campos, indicam que pertencera ao collegio dos sacerdotes e á ordem dos scribas esse Caio Julio Materno, a cuja memoria levantaram este monumento suas filhas Bovia Materna e Julia Maxima, e o seu liberto Julio Dextro ¹.»

Ha alguns annos appareceu na casa do fallecido medico Francisco Antonio de Mello, na rua das Fangas, outra lapide romana, cuja inscrição o sr. prior de S. Christovão me disse ter copiado. Infelizmente perderam-se tanto a lapide como a copia.

No anno de 1878, demolindo-se um lanço da muralha ao Arco da Traição appareceram as duas inscrições seguintes:

D. M. S.
 CADIO
 CARIANO
 ANN. XXI
 ALLEICEA
 AVITA MATER
 FILIO. FAC. C.
 DIC ROGO QVI TRANSIS SIT. TIBI.
 TERRA LEVIS

IVNIAE PECULIARI
 ANN. XXII
 L. IVNIVS RVFVS
 MATRI. F. C.

Todas as inscrições têm apparecido, por tanto, no castello e nas muralhas que cercavam a

¹ Veja-se o *Catalogo dos objectos existentes na collecção de archeologia do Instituto de Coimbra*, pelo sr. J. C. Ayres de Campos, no *Instituto*, tomo xx.

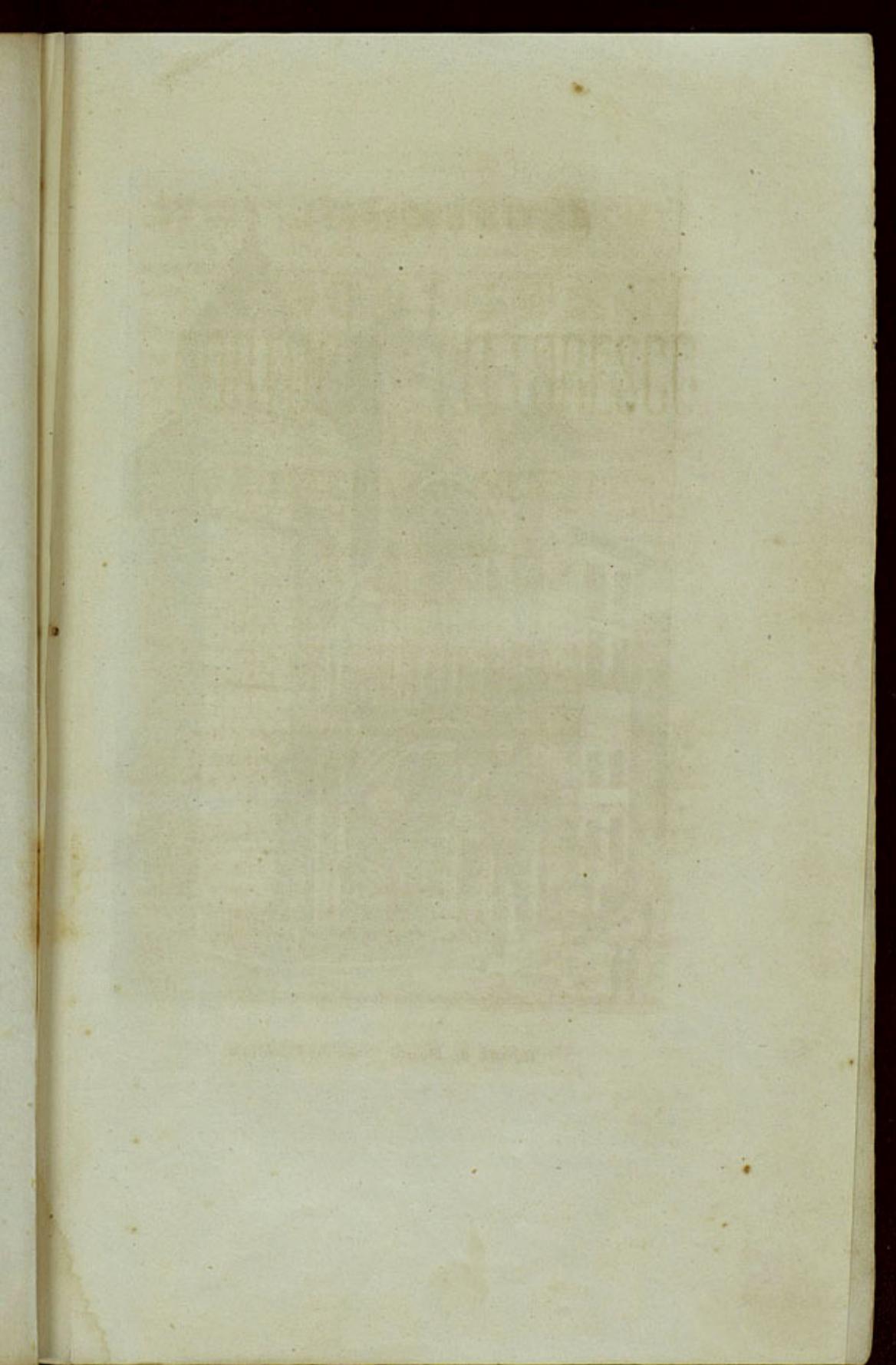
cidade na Couraça de Lisboa e entre a rua das Fangas e a rua da Calçada. A existencia das lapides na muralha ou juncto d'ella explica-se facilmente. Nos ultimos tempos da dominação romana, o receio das invasões dos barbaros obrigava, ás vezes, de subito, a defender com solidos muros as cidades ameaçadas. Em semelhante conjunctura os operarios lançavam mão dos materiaes que encontravam mais perto, não poupando nem templos, nem cemiterios. Em França, em quasi todas as cidades que conservam ainda restos das muralhas gallo-romanas, se encontram fustes, frisos, capiteis, tumulos e outras pedras esculpidas nos seculos II e III. São sobretudo notaveis os fragmentos achados em Dijon.

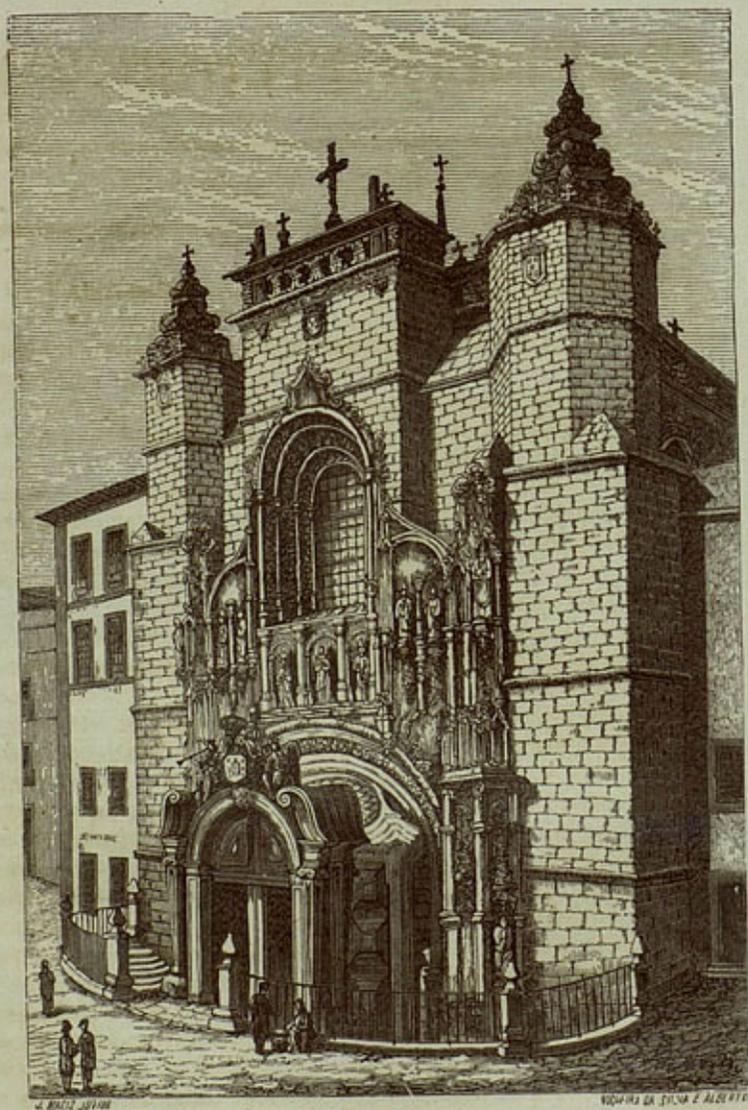
Em Portugal guardam-se em Evora algumas lapides sepulchraes, achadas ha poucos annos na antiga muralha que circumdava a cidade. Já em 1711 no mesmo sitio, juncto da casa e igreja da Misericordia, tinham apparecido varias pedras lavradas e uma sepulchral (inedita) com os nomes de *Sextus Julivs Mavstanvs* e de sua mãe *Julia Mansveta*. Nas muralhas de Mertola existem ainda, segundo ouvi, muitos marmores esculpidos da epocha romana. Algumas vezes parece terem conservado de proposito já na idade media, nas portas e muralhas que então reedificavam, esses fragmentos, expressivos testemunhos da civilisação que passara havia muitos seculos. Assim aconteceu em Leiria, onde numa porta do castello se vêem ainda embutidas algumas lapidas com inscrições romanas. Se não é impossivel, é, por tanto, pelo menos, improvavel que, em qualquer dos seculos passados, fossem a Condeixa a Velha, na distancia de duas leguas buscar lapides romanas para as collocar na muralha conimbricense ou nos seus alicerces.

Por outra parte, o ter havido um arco romano, juncto de uma das antigas portas de Coimbra, é prova incontestavel da existencia de uma povoação romana no logar que hoje occupa esta cidade. Para bem interpretar as poucas informações que do arco alguns auctores nos deixaram, importa remontar ao tempo em que escreveram, anterior á edificação do convento da Estrella, que teve seu principio no anno de 1715.

(Continúa)

A. FILIPPE SIMÕES.





Egreja de Santa Cruz de Coimbra

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Fevereiro de 1879

N.º 2

EGREJA DE SANCTA CRUZ DE COIMBRA

É um dos mais celebrados monumentos de Coimbra, e mesmo de todo o reino, o mosteiro de Sancta Cruz, cabeça outr'ora da ordem dos conegos regulares de Sancto Agostinho e jazigo dos primeiros dois monarchas portuguezes, D. Affonso Henriques e D. Sancho I.

Monumento venerando pela antiguidade e pelas memorias e gloriosas tradições que lhe estão ligadas, não é menos apreciavel por notaveis trabalhos architectonicos e esculpturaes que nelle se admiram e que marcam na historia das artes do nosso paiz una epocha florescente.

Deixando por agora a narrativa da fundação do mosteiro na primeira metade do seculo XII, e sem nos occuparmos tambem dos seus brilhantes fastos, vamos apenas dizer duas palavras acerca da sua egreja, representada na gravura que acompanha este artigo.

Basta um simples volver de olhos para se conhecer que a sua fachada é obra emmanuelina. Foi feita esta construcção no tempo do prior-mór do mosteiro D. Pedro Gavião, bispo da Guarda, cujo governo começou em 1507. Para esta obra mandou el-rei D. Manuel vir de França architectos de merecimento, como foram mestre Nicoláo, João de Ruão, Jacques Loguim e Filippe Uduarte.

Bastaria para grangear celebre reputação a estes artistas o magnifico frontispicio do templo, obra em verdade notavel por sua traça e pelo mimo dos formosos labores que o adornam. A janella com seus festões vasados, os pilares guarnecidos de nichos, cujas peanhas e baldaquinos são delicadamente rendilhados, as correctas estatuas que os habitam, os columnellos com elegantes capiteis, as nervuras, os florões, as agulhas, tudo enfim que constitue a ornamentação da obra, apresenta um gosto apuradissimo e um cunho de notavel elegancia, que tornam esta fachada extremamente apreciavel.

Pena é que a parte mais ornamentada, construida de pedra de Ançã, muito branda e friavel, se tenha deixado carcomer e deteriorar pela acção roedora do tempo. Por esta razão acham-se completamente desfeitos muitos dos seus mais bellos labores.

É também para lastimar que o terreno adjacente tenha alteado tanto, que para se entrar na igreja seja mister descer já sete degraus. Com isto sofre muito a elegancia do templo.

Tambem os frades no seculo passado a prejudicaram notavelmente, substituindo o portal por outro de gosto simples e que desharmonisa inteiramente da architectura emmanuelina.

Ao transpôr a porta da igreja o visitante experimenta uma desagradavel decepção. Quando espera encontrar um templo com as feições da epocha em que foi construido e em conformidade com a formosa fachada, depara-se-lhe um edificio completamente afeiado por modificações disparatadas, que adulteraram vergonhosamente o seu primitivo aspecto.

O templo tem só uma nave. A sua abobada, toda de pedraria, é de bello effeito pela sua esbelta construcção. É naquelle gosto a que chamam de *pernas de aranha*, composta de uma rede de artezões que nascem enfaixados dos capiteis das columnas, e adornados nos pontos de intersecção por flores ou bocetes.

Infelizmente os religiosos revestiram de estuque esta formosa abobada. E, não contentes com isto, effectuaram no templo outras obras que são verdadeiros desacatos da arte e do bom gosto. Forraram de madeira o arco da capella-mór; conspurcaram as paredes com grandes massas de estuque de gosto detestavel; cobriram de cal as columnas de pedra meio-embebidas donde se derivam os artezões da abobada, e substituiram-lhes os capiteis proprios por outros da ordem composita; — o que tudo produz na perspectiva do templo um effeito horroroso. Pasma realmente que homens, em quem era de esperar certa illustração, emplastassem e afeiassem por tal fórma um edificio bem construido e bem adornado segundo o esbelto e tão formoso estylo emmanuelino!

No corpo da igreja, do lado do Evangelho, encontra o visitante um objecto que o attrahe como por encanto, e que na verdade o fascina: é o pulpito, obra de desenho e gosto apuradissimos, de primorosa execução, uma preciosa maravilha de esculptura. Foi tal a admiração e enthusiasmo que este pulpito causou ao conde A. Racsynski, que este grande apreciador das bellas-artes disse d'elle, no seu livro *Les Arts en Portugal*, ser uma joia digna de se fechar em uma medalha ou de se engastar em um anel: — «La chaire est un magnifique morceau d'architecture dans le style cinque cento. Elle est parfaitement bien conservée; c'est un vrai bijou, que l'on serait tenté d'enchasser dans un médaillon ou dans une bague.»

Os tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I, collocados em frente um do outro aos lados da capella-mór, têm também muito que admirar.

O orgão é peça de subido preço, e foi construído por D. Manuel Benito Gomes de Herrera, insigne mestre hespanhol, que o principiou em março de 1719 e o concluiu dentro de cinco annos.

O côro, sustentado numa grande abobada no terço anterior do corpo da egreja, tambem é uma das notabilidades que se aqui admiram. Tem 72 cadeiras, e está adornado com delicada e vistosa obra de talha no gosto emmanuelino. A parte superior da sua ornamentação representa cidades, castellos e embarcações sulcando os mares. Ha quem veja nisto uma allusão ás descobertas maritimas do rei venturoso.

Não é nosso proposito occupar-nos agora de outras partes notaveis do mosteiro de Sancta Cruz.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

OS INTERLOCUTORES DE UNS MEMORAVEIS DIALOGOS ARTISTICOS

Ha correndo o seculo decimo sexto, quando estava em Roma um artista portuguez, que principalmente se recommendou á posteridade por sublimes dialogos, onde foram recolhidos preciosos pensamentos do immortal Miguel Angelo Buonarroti.

Nesses dialogos, que um illustrado estrangeiro ¹ já transmittiu, na versão franceza, ao mundo artistico, e que ha toda a esperança de os ver vulgarizados na lingua original: nesses dialogos, dizemos, são tractados alguns assumptos de summo interesse para as bellas artes. A comparação da pintura flamenga com a italiana; o estado da cultura artistica em Portugal no referido seculo; a brilhante resenha das principaes obras de pintura, esculptura e architectura da Italia; as uteis applicações da pintura; os predicados que deve ter o pintor: estes, e outros objectos da mais proveitosa curiosidade, communicam vivo interesse aos dialogos, realçado aliás pelo fulgor dos esplendidos nomes dos interlocutores.

Não dissemos ainda como se chamava o artista portuguez, auctor e um dos interlocutores dos dialogos.

Apressemos-nos a proferir o nome de *Francisco de Hollanda*, illuminador, architecto, pintor e esculptor.

¹ O Conde A. Raczynski — *Les Arts en Portugal*.

Francisco de Hollanda era filho de Antonio de Hollanda, que teve a reputação de excellente illuminador. Nasceu em Lisboa no anno de 1518, e falleceu no de 1584. Dos sessenta e seis annos de sua vida gastou dez nas viagens pela Hespanha, França e Italia, sendo Roma a cidade onde mais detidamente permaneceu.

Sahi de Portugal nos fins do anno de 1537, ou principios do de 1538, mandado por el-rei D. João III, com o fim de que o esperançoso mancebo recebesse as felizes inspirações das bellas artes, pelo tracto com os mais insignes mestres d'aquelles tempos, e pela admiração das primorosas producções artisticas que a seus olhos iam offerecer-se.

O proprio Francisco de Hollanda nos informa, que não o levava á Italia o desejo de privar com os grandes, ou com as personagens de maior representação e influencia. O objecto constante de suas preoccupações era diligenciar ser util ao soberano que o protegia, apropriando-se e trazendo para Portugal o desenho e descripção das obras primas da arte, ou de singulares bellezas naturaes.

E com effeito, jámais se descuidou de examinar tudo o que a Italia lhe offerecia de gracioso ou bello (antigo ou moderno) em materia de pintura, esculptura ou architectura, reproduzindo-o pela copia, ou ao menos por alguma indicação que podesse dar luz ou aproximada noticia.

Muito engraçadamente expressou elle o pensamento que deixamos exarado: «Dizia eu que fortalezas, ou cidades estrangeiras não tenho eu inda no meu livro? Que edificios perpetuos, e que statuas pesadas tẽ ainda esta cidade (*Roma*) que lhe eu já não tenha roubado? E leve sem carretas nem navios ã leves folhas? Que pintura de stuque ou Trutesco se descobre por estas grutas e antigoalhas, assi de Roma como de Puzol, e de Bajas, que se não ache o mais raro dellas pollos meus cadernos riscados?» (*Da Pintura antiga*).

Os objectos que o attrahiam não eram o tribunal da Rota, ou os sumptuosos palacios dos nobres. Girava em volta do Pantheon, tomando nota de todas as peças de architectura, de todas as columnas do *grave templo*; visitava o mausoleu de Adriano e o de Augusto, o Colyseu, as Thermas de Antonino e de Diocleciano, o Arco de Tito e o de Severo, o Capitolio, o Theatro de Marcello, etc. Se acertava de penetrar alguma vez nas camaras magnificas do papa, só o conduzia ali a admiração que lhe merecia Rafael de Urbino, que as tinha adornado com a sua nobre mão.

Quaes foram as pessoas com quem Francisco de Hollanda teve mais frequente e intimo tracto? Eil-as: don Julio de Macedonia, mui celebre illuminador; Miguel Angelo Buonarroti; Baccio Bandinelli, nobre esculptor; Perin del Valga; Sebastião del Piombo;

Valerio Vicentino; Lattanzio Tolomei, a quem o nosso artista deveu as preciosas relações com Miguel Angelo.

Um dia foi Francisco de Hollanda visitar o seu amigo Lattanzio Tolomei. Não estava em casa o illustre italiano, mas deixara recado de que o havia convidado Vittoria Colonna, marquez de Pescara, para ir ouvir, na egreja de S. Silvestre, em Montecavallo, as Epistolas de S. Paulo, que frei Ambrosio, doutissimo theologo, havia de ler e explicar.

Para lá caminhou Francisco de Hollanda, e de feito encontrou reunidos a marquez de Pescara, Tolomei e frei Ambrosio.

A conversação começou em tom jovial, dizendo a marquez:

«Creio que Francisco de Hollanda gostará mais de ouvir prégar Miguel Angelo sobre a pintura, do que escutar frei Ambrosio na lição das Epistolas de S. Paulo.»

«Minha senhora! *acudiu o portuguez, um tanto descontente.* Parece a v. ex.^a que eu só entendo de pintura. Por certo me é mais agradável ouvir Miguel Angelo em materia de bellas artes; mas prefiro ouvir frei Ambrosio quando se tracta das epistolas de S. Paulo.»

Por fim, a marquez manda chamar Miguel Angelo, e apenas chega o sublime artista, começa desde logo a practica sobre variados pontos do encantado assumpto das bellas artes.

E ahí temos em acção os famosos dialogos que no principio assignalámos.

Já travámos um tal ou qual conhecimento com um dos interlocutores, e agora nos cumpre apresentar ao leitor os outros, nada menos que a marquez de Pescara, Miguel Angelo, e Lattanzio Tolomei.

Vittoria Colonna, marquez de Pescara, é uma das mais illustres e respeitaveis senhoras que abrilhantaram a Italia no seculo XVI. Era filha de Fabricio Colonna e de Ignez de Montefeltro, filha de Frederico, duque de Urbino. Nasceu na ultima decada do seculo XV, em 1490. A opulencia e a nobreza circumdaram o seu berço, e a par de tão vantajosos predicados, outro, não menos donoso, lhe coube em sorte, o da mais rara formosura, realçada pela elevação do espirito.

Na idade de dezenove annos (nos fins de 1509) casou com Ferrante Francesco, filho de Affonso d'Avalos, marquez de Pescara, tambem dotado de gentileza, de nobre porte, e sobre tudo de singulares disposições para a carreira das armas.

Nos primeiros annos d'esse consorcio tudo foi fulgor, tudo ventura. O nome do invejavel par andava de bocca em bocca por toda a Italia. O lustre das letras e a gloria das armas illuminavam o palacio dos dois esposos, onde concorriam cavalleiros e poetas, altos funcionarios e distinctos homens de letras, que apregoavam

os louvores devidos ao valor e á virtude. Digamol-o mais graciosamente, empregando as palavras harmoniosas de um escriptor italiano: *Nella loro casa era frequenza di cavalieri e di poeti, di uomini d'affari e di lettere, del fiore insomma della gente italiana, e non vi s'udivano che i suoni della lode, e gli applausi al valore ed alla virtù*¹.

Mas «não deixou a fortuna durar muito» esse estado venturoso.

(Continúa).

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

FASTOS PORTUGUEZES

(Miniaturas historicas)

I

Descoberta da Madeira

Como do meio das cerradas nuvens
A atlantica Madeira sahe formosa,
De verdejante folha a trança ornada;
E vem com gesto brando
Saudar os lusos nautas!

ELPINO DURIENSE.

Nunca foram superfluas as commemorações da nossa historia. Aprendem uns, recordam-se outros, aproveitam todos. Não se apontam novidades, mas espertam-se os animos e alentam-se os brios. Se esmorecemos enfraquecidos no occaso da nossa grandeza, como estes dizem, alumie-nos até á cova o reflexo da passada gloria; se, como aquelles affirmam, são differentes os campos offerecidos á nossa actividade, sirvam-nos de lição os feitos antigos para não sossobarmos nas lides modernas.

Recopilaremos, por tanto, algumas das acções dos nossos maiores, e até dos contemporaneos, que illustram a patria e servem a outros de exemplo. Parece que nos concedeu a Providencia o singular privilegio de irmos sempre na frente dos grandes commettimentos. E não só levámos a cabo maximas emprezas, mas temos desbravado caminho para outras. Folheiem-se as paginas da nossa historia, que é cada uma de per si testemunho authenticico do nosso asserto.

¹ Sr. Aurelio Gotti—*Vita di Michelangelo Buonarroti*.

Estrearemos esta serie de pequenos artigos com a descoberta da ilha da Madeira, com justiça denominada entre nacionaes e extranhos a *flor do Oceano* ¹.

Depois de se ter dobrado o cabo *Não*, na costa occidental da Africa, termo do que se conhecia até ao seculo xv, fixavam-se as vistas sobre o cabo *Bojador*, distante sessenta leguas além d'aquelle, e assim chamado porque fazem alli as terras um grande bojo ou circuito. Era nesses tempos ainda imperfeita a navegação, e grande o terror supersticioso que inspirava o aspecto do Oceano. E além de que nos promontorios o concurso das aguas de um e outro lado torna as ondas mais grossas, e os ventos correm mais agitadas, uma restinga que depois se descobriu no proprio rosto do *Bojador* tornava aqui o mar mais aparcelado e as aguas mais crespas e empoladas. Era isto o que fazia descorar os mais atrevidos navegantes, mas que a final foi superado pela audacia portugueza. Foi Gil Eanes, da casa do infante D. Henrique, que o dobrou em 1429 ou 1430.

Este infante, como todos sabem, foi o impulsor principal da navegação. Sendo um dos filhos do cavalheiroso rei de *boa memoria*, d'essa *inclyta geração*, *altos infantes*, pleiade famosa que immortalizou a casa de Aviz, depois de ter colhido os louros da victoria em Africa, entregou-se com ardor ao estudo das mathematicas e geographia, reunindo em torno de si os mais habeis astrónomos e geographos do seu tempo. Nas costas do Algarve, na villa de Sagres, é que se estabeleceu; e d'alli partiam por sua ordem constantemente varios navios á descoberta de novos mares e terras, derrota que nos levasse enfim por mais facil caminho ao commercio da India. Nestas expedições sobresahiram dois cavalleiros da sua casa, João Gonçalves Zargo e Tristão Vaz Teixeira, sendo o primeiro quem empregou pela primeira vez a polvora e artilheria nos navios ².

Em 1418, acossados por uma tempestade, arribaram estes dois á ilha de Porto Sancto, até então desconhecida.

Tendo desembarcado aqui, enxergaram na orla do horizonte uma sombra e negridão perpetua e fixa, que os fazia suspeitar de que seria terra. E aproando os navios naquella direcção, aportaram a nova ilha, mais vasta e importante que a primeira, a qual do basto arvoredado que a cobria denominaram *Madeira*, como diz o Camões:

¹ *The Ocean' flower* é o titulo d'um poema que sobre a Madeira imprimiu T. M. Hughues em Londres no anno de 1845.

² Manuel Thomaz na *Insulana*, c. 1, est. 83, citado por S. Luiz no seu *Indice Chronologico*.

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredado assim se chama ¹.

E áquellas espessas mattas se lançou o fogo, ou por accidente ou para tornar o terreno capaz de cultura; e de fórma se ateou, que persistiu sete annos sem se apagar ². Este estrago motivou no futuro a falta de lenha, o que fez com que D. Francisco Manuel de Mello duvidasse da existencia de taes mattas ³.

Desembarcou Zargo no sitio onde o mar fórma naturalmente uma lapa, a que, por se nella abrigarem lobos marinhos, se chamou *Camara de Lobos*, denominação que depois adoptou para seu appellido, e que continúa em seus descendentes.

Tristão Vaz abicou a terra noutra sitio, no ponto que se ficou chamando *Ponta de Tristão*, onde é Machico.

Em seguintes expedições foram para aqui mandados colonos, sementes e animaes domesticos, e se importaram cepas de Chipre, que vieram a produzir os deliciosos vinhos que alcançaram entre os modernos a famosa reputação que tiveram os de Chios e Falerno entre os antigos. E mais tarde se introduziram tambem cannas de assucar, oriundas da Sicilia, as quaes, transplantadas depois para a America pela industria portugueza, multiplicaram a ponto de abastecerem hoje os mercados da Europa.

Foi a descoberta da Madeira celebrada por Francisco de Paula Medina e Vasconcellos na *Zargueida, descobrimento da ilha da Madeira*, poema heroico em dez cantos, cujo heroe é, como indica o titulo, João Gonçalves Zargo. Tem o livro aliás pouco merecimento poetico, sobresahindo apenas o episodio dos dois amantes que alli arribaram antes dos portuguezes, Roberto Machim e Anna Harfert, o que não embaraçou Bocage de o elogiar num excellente soneto:

De Zargo o heroico ardor, que luz na fama,
Cantas em metro altisono e fervente;
Nautica, lusa gloria em seu oriente
Por ti, qual no zenith, esparge a flamma.

Do misero Machim, da triste dama,
Choras o infausto amor tão docemente,
Que o tronco o sabe, que o rochedo o sente,
Que a terra geme... E que fará quem ama?!...

.....

¹ *Lusiadas*, cant. v, est. 5.

² Barros, *Da Asia*, dec. 1.ª, liv. 1, cap. 3.

³ *Epanaphora III*, pag. 339 e 340.

A descoberta da Madeira foi um episodio da grande epopêa da navegação portugueza. Estes novos argonautas, deoses do mar potentes, deixaram um rastro glorioso na historia moderna. Aos famosos peninsulares do extremo occidente deve a Europa tudo. Já na idade media foram formidavel escudo contra a invasão mauritana que propendia da Africa; e depois contra a do Oriente, que, triumphante em Constantinopla, em Chipre e Candia, já batia ás portas de Vienna, oppozeram a navegação da India pelo Cabo, o que a desviava do Mediterraneo. Quando o Crescente se levantava como a espada de Damocles sobre a cabeça da Europa, retalhada em discordias, o portuguez, rompendo os mares, adjudicava para a Cruz e para a civilisação vastas regiões desconhecidas de confins remotissimos.

Eis d'entre as ondas já lá vêm surgindo
 Novos montes e cabos, novas praias,
 Terras de vario clima, de diversos
 Productos da natura,
 De ignota gente e nome ¹.

A. A. DA FONSECA PINTO.

REITORES DA UNIVERSIDADE

D. Alvaro da Costa

Por não ser conhecida a biographia de D. Alvaro da Costa, que foi reitor da Universidade, aqui escreveremos o pouco que de sua vida sabemos, para que possa servir no futuro a quem d'ella se queira encarregar.

O nosso fallecido amigo, Innocencio Francisco da Silva ², considerando-o como escriptor, de quem Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*, não fez menção alguma, nada diz de sua vida, limitando-se a lhe noticiar a — *Viagem que fez da India Oriental á Europa nos annos de 1610 e 1611 per via da Persia e Turquia, com particular relação de toda a Terra Sancta e da cidade de Jerusalem etc.*, cujo original manuscripto existe no Codice $\frac{cxv}{1-5}$ da Bibliotheca de Evora.

¹ Elpino Duriense, *Ode ao Infante D. Henrique*.

² Vide *Diccionario*, tomo 1.º, no logar respectivo.

Esta interessante viagem esteve para ser publicada no Porto pelos annos de 1841, onde se conserva tambem uma copia na Bibliotheca Publica; mas cremos que não logrou a impressão, pois que até hoje d'ella não temos conhecimento.

Foi D. Alvaro da Costa, natural de Lisboa, e filho de D. Gil Eannes da Costa, Commendador de S. Miguel de Linhares, da Ordem de Christo, Capitão de Ceuta, e de D. Margarida de Noronha. Não sabemos quando nasceu; mas encontramol-o, segundo o auctor da *Historia Genealogica*, em Coimbra, Collegial de S. Pedro (ou de S. Paulo) doutor em Theologia, deputado do Sancto Officio d'aquella cidade, logar de que tomou posse em setembro de 1626 ¹.

Francisco Carneiro de Figueiroa, nas *Memorias historicas e chronologicas* da Universidade nol-o apresenta tambem como mestre em artes, e reitor da Universidade, nomeado por provisão de 28 de maio de 1633, cargo de que tomou posse em 16 de julho do mesmo anno, accrescentando que D. Filippe III de Portugal o nomeara seu capellão-mór em 1637, e D. João IV lhe conservara a honra e mais o engrandecera nomeando-o bispo de Vizeu em 2 de abril de 1641. É sabido como a Sancta Sé não confirmou os bispos nomeados por D. João IV, e assim, apenas eleito, morreu em Lisboa, dias antes do decimo terceiro de fevereiro de 1646, em que vagára em Coimbra a cadeira magistral que tinha na Sé ².

Tres annos antes de ser nomeado reitor da Universidade o encontramos reitor do collegio de S. Paulo de Coimbra, como se vê no catalogo d'elles nas *Memorias do collegio real de S. Paulo*, de D. José Barbosa.

Em 1634 e 1635 o fomos encontrar a visitar o collegio de S. Pedro com D. André de Almada, que lhe succedeu na reitoria da Universidade, depois de nomeado bispo de Vizeu, visita auctorizada apostolicamente e recommendada por S. M. o intruso Filippe III ³.

Percorrendo a sua interessante *Viagem*, que bem era fosse dada á estampa, persuadimo-nos que D. Alvaro da Costa, filho de paes abastados, e movido da natural curiosidade do homem de dezoito ou vinte annos, para quem a gloria de seus antepassados na India se lhe representava ainda viva e fresca nas defensas immortaes de Diu, quizesse ir ver com os olhos do corpo aquelle vasto theatro de proesas sublimes, de façanhas incomparaveis, de gloria militar immarcessivel.

¹ Vide o volume XI.

² Codice ^{CIII}₂₋₃ da Bibliotheca de Evora.

³ Vide M. Pereira da Silva Leal — *Discurso Apologetico etc.*

De sua ida para Goa nada conta o manuscripto. Em companhia do portuguez José da Cunha, começa elle a descrever a viagem que da capital da India fez para Chaul, Baçay, Dio, Guadel, Jarques, Ormuz, Bandel, Bandali, Safari, Babagi, Xirás, Beabão, no reino de Bombareca, Dourequa, donde partiu com uma cafila para Babilonia, Aleppo, Ana, Damasco, Sicheu, Jerusalem, Tripoli, Marselha, Genova, Liorno, Pisa, Forença, Senna, Viterbo e Roma, viagem que fez ora por mar ora por terra, gastando avultadas sommas nella, como em diversas partes, onde as enumera ao fallar dos alugeres de carroças, cavallos, etc. nos persuade.

Quando voltou ao reino tambem o não relata a *Viagem*, que mede 38 capitulos, e o deixa na capital do orbe catholico, visitando tudo em companhia de muitos portuguezes que lá estavam.

Depois d'esta viagem, certamente de recreio e de instrucção, é que supponos a entrada de D. Alvaro da Costa para collegial de S. Paulo, onde estudaria.

Cabe aqui a publicação de uma nota escripta no fim do volume manuscripto que vem dar força ao que dicto fica, de seus haveres, e boas relações:

It. Antonio gomez mercador em Roma

It. seu correspondente em L.^a Fernando da Costa Solis ao poço do Borratem

It. por uia do dito se escreuerá a Xpuão de tauora

It. Rodrigo Amriques respondente de M.^{el} nunez o q.¹ mora è Lx.^a na rua dos Albard.^{ros}

It. Ruy de Sousa em L.^a a N. S. da Gloria

Por elle escreuerey a Ignacio de Sousa.

Para terminarem as poucas noticias a seu respeito colhidas, descreveremos um seu inedito e original sermão, que possuímos ha poucos dias, prégado em Coimbra por occasião de uma das muitas hecatombes da Inquisição d'aquella cidade:

Sermão que pregou Dom Alvaro da Costa Reitor da Universidade de Coimbra no Acto da fee que se celebrou na mesma cidade em. 7. de Maio de 1634

Ao Illustriss.^o e Reuerendiss.^o Senhor Dom francisco de Castro do conselho de Stado de sua Magestade, e Inquisidor geral destes Reinos

Na pagina seguinte tem o brasão d'armas dos Castros bem feito á penna, e na immediata lê-se:

*A Dom francisco de castro do
conselho do Estado de sua magestade
e Inquisidor Geral de Portugal.*

Por todas as resoíns hé este sermão de Uossa S.^a illust.^a por quem o fiz pella materia que trata, e por vs.^a mo mandar fazer; e assim offerecello a vs.^a he mais restituição que lhe deuo; que não

serviço que lhe faço; Portanto quando nelle se ueia alguma cousa qual deuera ser, á v.s.^a se deue tudo; pois só os muitos erros que leua deuem ser reconhecidos por meus. D.^s g.^{de} a vs.^a illust.^a por largos annos. Coimbra. 8. de Mayo de 1634.

Dom Alu.^o da Costa.

Este sermão mede 21 folhas em quarto, e é o proprio original offerecido ao Inquisidor Dom Francisco de Castro, com rica encadernação de pergaminho.

Naquelle auto de fé foram queimadas sete pessoas, seis homens e uma mulher, e condemnados a diversas penas por varios delictos cento e setenta e duas pessoas, sendo setenta e oito homens e noventa e quatro mulheres: relaxados em estatua cinco homens e seis mulheres, que tinham morrido nos carceres, afóra quatro homens e tres mulheres, tambem mortas nos carceres, que depois d'isso foram absolutas! Cento e noventa e sete victimas de uma só vez! ¹

ANTONIO FRANCISCO BARATA.

DE NOITE

Desceu de ha muito a noite silenciosa.
A lua, como um lirio immaculado,
Abre o calix d'amor, urna saudosa,
No azul d'astros serenos cravejado.

Quem me déra sonhar o meu noivado
Naquelle estancia doce e mysteriosa,
E aspirar-te os perfumes, branca rosa,
Longe das garras cruas do Peccado.

Talvez que se eu vivesse nesses mundos,
Calados, cheios de segredos fundos,
Te seguisse do alto dos espaços,

E estrella ou nuvem solitaria, um dia
Cahira inerte, inanimada e fria
No abismo luminoso dos teus braços...

Lisboa, 1878.

JOAQUIM D'ARAÚJO.

¹ Codice $\frac{6VI}{1-8}$ da Bibliotheca de Evora.

A UM LIQUIDATARIO

— Porque andas tu nessa guerra
 Cruel ás instituições?
 — Por ter um palmo de terra...
 — Mas terra de cada um...
 Nesse mundo ha regiões
 Immensas sem dono algum
 Que te não custavam nada.
 — Sim! terra já cultivada,
 Que eu não sou tolo nenhum.

28 de novembro.

JOÃO DE DEUS.

 ALGUNS PASSOS NUM LABYRINTHO

Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve

(Continuado do n.º 1, pagina 16)

No seculo XVII, apesar das muitas casas que tinham já construído por cima da muralha (incrustações começadas no reinado de D. Manuel), era ainda facil descobri-la com suas portas e torres, e nalguns sitios ainda com restos da barbacã, em quasi toda a extensão da cerca da cidade. Da porta de Almedina, que hoje conserva a sua feição medieval, seguia para o sul, entre a rua das Fangas e a rua da Calçada. Além da Portagem e por cima da cadeia, ha alguns annos demolida, ficava a torre da Belcouce que os frades aproveitaram para fazer uma varanda contigua á sala principal do collegio. Defendia esta torre a porta do mesmo nome, e logo adiante e acima da porta estava o arco romano, ao fundo da Couraça de Lisboa, juncto do sitio onde hoje vemos a capellinha de Sancto Antonio. Tambem o arco se chamava de Sancto Antonio, pela imagem que em um nicho tinha d'este Sancto, a qual, depois da demolição, trasladaram para a capella proxima¹. Coelho Gasco indica mui claramente a situação do arco romano. «Está levantado, diz, em um alto juncto ás casas do conde de Portalegre, que quem vem pela ponte logo o vê, e no fim da rua que

¹ Sr. J. C. Ayres de Campos — *Instituto*, tomo XII, pag. 120.

se chama da Couraça ¹. » As casas do conde de Portalegre, D. Martinho de Mascarenhas, foram completamente transformadas quando se edificou o collegio ².

O bispo de Segovia, D. Jeronymo de Mascarenhas tambem attesta a existencia do arco: «Porém das obras antigas que hoje se vêem nestes muros, a mais digna de admiração e que denota melhor sua muita antiguidade é a de um arco quadrangular meio desfeito, que ainda hoje permanece no logar a que chamam couraça, obra assim por antiguidade como por architectura, verdadeiramente romana, e que não tem outra semelhante em toda a circumferencia do muro, nem em outra alguma parte da cidade. E porque logo em si mostra ser fabrica romana e é obra de tanto preço para os que entendem d'ellas, leva atraz si os olhos dos que a vêem, principalmente dos que têm algum conhecimento de architectura, como são os italianos, artifices de semelhantes obras, que, segundo a tradição antiga que nesta cidade ha, tanto que olhavam para ella, diziam estas palavras *Bel cose*, donde ainda hoje aquella porta, onde está o arco, se chama, pouco corrupto o vocabulo, a porta de *Belcouce*.» Pondo de parte a etymologia, comparavel a tantas outras que attestam a frivolidade dos escriptores e a ingenuidade dos leitores, vê-se que o arco de tal sorte correspondia ou se aproximava da porta de Belcouce, que vulgarmente se dizia *estar nella*.

Parece ter sido quadrangular a fórma do arco «Gregorio Braunio no *Theatro das cidades*, lib. 5, n.º 4, diz o citado D. Jeronymo Mascarenhas, fallando da cidade de Coimbra, chama a este arco *Columnæ antiquæ romanorum*. E a razão é porque, depois de destruida esta obra, ficando o arco d'ella, se sustentava sómente em duas columnas, que antigamente era quadrado, e, como tal, se sustentava em quatro columnas, e as duas que hoje permanecem (que a terceira está mettida com as obras do muro, e a quarta foi totalmente tirada para que o caminho para o rio e para a ponte ficasse mais desafogado) são fabricadas de muitas pedras quadradas tão unidas entre si, e com tão boa ordem que escassamente poderá caber uma subtil faca por entre umas e outras» ³.

¹ *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*, pag. 150.

² Sr. J. C. Ayres de Campos — *Indices e summarios dos livros e documentos mais antigos e importantes do archivo da camara municipal de Coimbra*, pag. 120.

³ *Historia da cidade de Coimbra*, por D. Jeronymo Mascarenhas, bispo de Segovia. (Fragmentos originaes de quinze capitulos) Codice $\frac{\text{xcii}}{2-5}$ da bibliotheca publica de Evora.

Donde se deprehende que o arco de cantaria estribar-se-ia primitivamente sobre quatro columnas. Que tinha frizos, nichos e amêas prova-se com o testemunho de Coelho Gasco: «É (o arco) de obra perfeitissima romana, tudo de pedraria, com suas columnas mui bem lavradas, com seus frizos; tem nichos como quem teve antigamente estatuas; remata-se com amêas; está já mui arruinado da idade; faltaram-lhe tres arcos, como se vê por suas ruinas¹.»

Em vista do logar que o monumento occupava, acertado parecerá perguntar se com effeito seria um arco de triumpho, erguido para gloria de algum dos imperadores ou dos generaes romanos, ou se antes seria uma porta, como a de Marte em Reims ou a dos Borsari em Verona? Em favor d'esta ultima hypothese, que ninguém ainda apresentou, proporemos as razões seguintes: 1.^a Fosse qual fosse o genero do monumento, deveremos crer que não houve outro motivo para a escolha do sitio onde foi construido senão o ser a entrada principal da cidade para quem viesse da parte do sul. A fórma da collina onde foi edificada a povoação que antecedeu a actual Coimbra deveu ter dado em todos os tempos uma directriz forçada ás muralhas que a defendessem, a qual corresponderia pouco mais ou menos á que ellas tinham na idade-media e os seus restos ainda hoje patentêam. Não haverá por tanto erro provavel em suppor que a porta de Belcouce fosse já em tempo dos romanos a entrada principal da cidade. 2.^a Não é crível que, se não houvera esta razão capital, escolhessem para levantar um arco ou outro monumento de sumptuosa fabrica o meio de uma ladeira, em que, nem da parte do nascente, nem da parte do poente, nem ainda da parte do sueste se lhe poderia fazer praça por causa do grande declive da encosta. 3.^a As ameias que, diz Coelho Gasco, rematavam o arco, e que não podiam pertencer á construcção primitiva, ser-lhe-iam accrescentadas na idade-media para defender melhor aquella passagem, um dos pontos por onde a cidade ficaria mais accessivel a quaesquer tropas sitiadas. 4.^a Finalmente a conservação do monumento até aos fins do seculo passado, em que foi demolido, explica-se muito melhor estando elle encaixado na muralha de que inteiramente desafrontado num terreno em declive. Outro testemunho importante da existencia do arco romano está nas estampas que no seculo XVII appareceram da cidade de Coimbra em algumas obras estrangeiras. D'essas estampas deu curiosa noticia o sr. J. C. Ayres de Campos. «Em 1656 imprimiu Valckenier em Amsterdam, sob o titulo *Hispaniæ et Lusitaniæ Itinerarium*, um volume em 16 de

¹ Op. cit.

364 paginas, composto por Martim Zeiler, com vinte e tres gravuras das cidades e logares principaes da Peninsula. Procure-se nesse livrinho, hoje raro, a estampa de Coimbra, marque-se nella a entrada da ponte e *largo da Portagem*, percorra-se o primeiro lanço da Couraça até á volta fronteira á *rua da Alegria*, alongue-se d'ahi a vista pelo segundo lanço, e será no topo d'elle, no ponto correspondente ao actual collegio da Estrella, que tres columnas se divisarão formando dois arcos, que o desenhador representou já ruinas e cobertos de vegetação.

«Se seria esse o arco romano de Gasco e Cação não o indica a estampa, nem o explica o texto, onde a descripção de Coimbra se reduz apenas a doze linhas. Essa omissão supprime-a, porém, uma outra gravura de maiores dimensões, que com muitas outras em dois volumes in-folio se publicou tambem em Amsterdam no anno de 1682. Nesta a fórma do monumento e a sua classificação apparecem claras e expressas. No mesmo local da estampa do *Itinerarium* lá se conhecem distinctamente as mesmas tres columnas da ordem toscana assentes sobre os seus sóccos ou plintos, os mesmos arcos de volta circular, o mesmo aspecto de ruina e remota antiguidade de obra. Nas indicações e explicações, escriptas no fundo do quadro, dos logares e monumentos da cidade, lê-se com referencia a este em grifo intelligivel *Columnæ antiquæ Romanorum*.

«E as mesmas columnas, menos os dizeres, achamos tambem reproduzidas em outra estampa, copia provavelmente da precedente, no tomo 1.º da volumosa collecção, que, com o titulo *Galerie agréable du monde*, publicou em Leyden Pedro Vander ¹.»

Combinando as precedentes indicações bibliographicas com a citação que faz D. Jeronymo Mascarenhas, bispo de Segovia, de Gregorio Braunio, parece que o *Theatro das cidades*, seria obra anterior, donde a estampa com os dizeres ou sem elles seria reproduzida nas que depois se publicaram em Amsterdam e em Leyden.

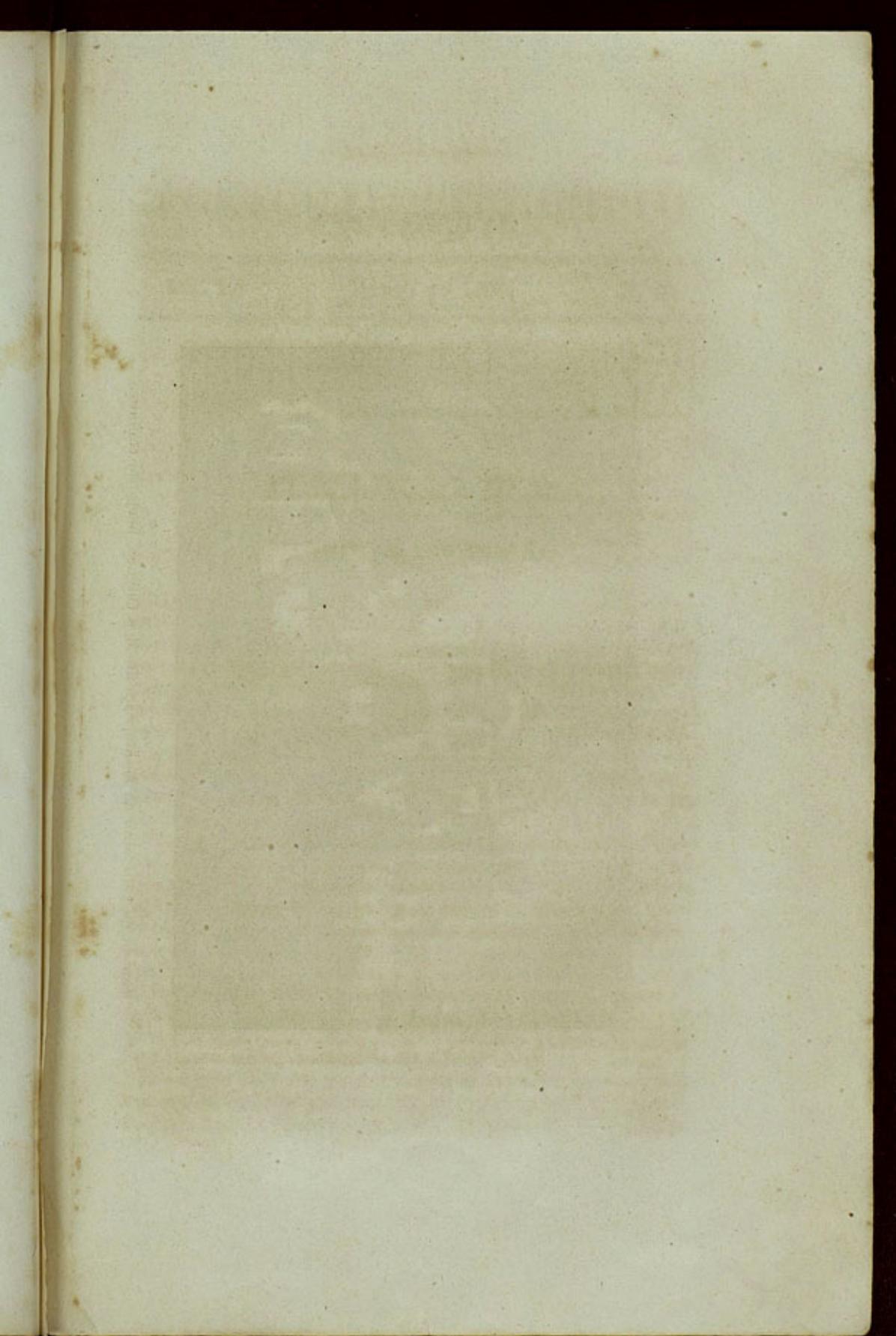
No archivo municipal de Coimbra conservam-se alguns documentos do seculo XVIII com referencia ao arco da Estrella. Prova-se por um d'elles que, por ordem da camara, foi o arco demolido em 10 de junho de 1778, e vendida a pedra a Miguel Carlos por 30\$000 réis ².

(Continúa)

A. FILIPPE SIMÕES.

¹ *Instituto*, tomo XII, pag. 150.

² *Instituto*, tomo XII, pag. 219.





Egreja do Convento de Santo Antonio dos Olivaes, perto de Coimbra

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Março de 1879

N.º 3

SANCTO ANTONIO DOS OLIVAES

Vejo além na encosta, ao longe,
A pobre cella do monge
Do ermo dos Oliuaes;
Morou dentro a penitencia,
O cilicio, a oração;
Tinham por jardins e prados
Fundos abysmos cavados
Do Vall'da meditação.

THOMAZ RIBEIRO.

São excellentes os arredores de Coimbra, saudaveis e encantadores. A cidade está reclinada num berço de verdura, que é alimentada e desenvolvida perennemente pelo curso do Mondego, por arroios e ribeiros abundantes e por fontes variadas. É este o segredo da sua magia, a origem da sua seductora formosura. O mimo e viço da vegetação, esta opulenta e luxuriante florescencia, convertem a nossa Athenas num verdadeiro paraizo. Não ha palmo de terra onde as brisas fluviaes melhor se perfumem com o aroma da lorangeira em flor, onde o rouxinol requebre mais suave a melodia do seu canto, onde o luar, que inunda as collinas de luz e o rio de prata, seja mais de endoudecer.

SANCTO ANTONIO DOS OLIVAES é nestes arredores um dos sitios mais amenos e frequentados. Deram-lhe este nome das muitas oliveiras que o circumdam e d'uma ermida de tempos remotos dedicada a Sancto Antão ou Sancto Antonio abbade. Era nessa epocha um ermo, ajustado ao espirito do ascetismo, bem differente d'hoje pelas casas e quintas que o cercam e povoam. A tradição aponta como fundadores do primitivo convento a dois frades sanctos, discipulos do celebre patriarcha Francisco d'Assis, Frei Zacharias e Frei Gualter. Foi isto por 1216 ou 1217; mas passados uns trinta annos foi a casa abandonada, passando os cenobitas para o convento de além da ponte.

No antigo convento residiu o thaumaturgo portuguez Sancto Antonio; e esta circumstancia concorreu para o sitio ser de novo escolhido em 1539 para a fabrica d'outro convento, de que foram

primeiros moradores Frei Sylvestre, Frei Jorge de Oeiras, Frei Pedro de Abrantes e Frei Melchior de Benavente. Tomou então o nome do nosso sancto portuguez, e se tornou distincto pela religião e compostura dos seus habitadores. Ignacio de Moraes no seu opusculo *Conimbricæ Encomium* diz d'elle o seguinte:

Hinc perge Antoni phanum, & deserta videre,
 Et vitam austeram, castaque corda patrum.
 Namque sago induti, nuda vestigia planta
 Ponunt, & chorda corpora cincta gerunt.
 Gens immunis opum cui nummos tangere crimen
 Et mos est, nudo penè, cubare solo.
 Nil illi proprium, non terram exercet aratro,
 Sed mendicatos portat ab vrbe cibos.
 Foelices animae, mundum penitusque perosae,
 Et quibus est vni cura placere Deo.
 Rus latè patet, et pinus, moestasque cupressos,
 Bacciferaeque nemus Palladis, aura quatit.

Por ser o folheto pouco conhecido copiamos este trecho, que indica a reputação do afamado conventinho. Mas os frades desapareceram e as suas casas vão tambem rareando. Esta foi aniquilada por um incendio na noite de 10 para 11 de novembro de 1851, salvando-se a custo a igreja e algumas capellas, menos a do sancto que se desfez com as preciosas reliquias e ornatos que a enfeitavam.

Sancto Antonio tem em memoria sua levantados tres templos, que nós saibamos: o de Lisboa, o de Padua e o nosso de Coimbra. São os dois primeiros excellentes no edificio, mas inferiores ao ultimo na posição. A nossa estampa é prova d'isso.

A. A. DA FONSECA PINTO.

ESTUDOS SOBRE O DISTRICTO DE COIMBRA

Extractos do relatorio apresentado em 28 de fevereiro de 1878 ao actual Governador Civil do Districto de Coimbra, para acompanhar os productos industriaes e agricolas do Districto, destinados á ultima exposição universal de París

.....
 Não têm as exposições universaes um fim sómente especulativo e commercial. Não são, tão pouco, uma festa espectacular, para

deleitar ociosos, ou para satisfazer vaidades e caprichos de nações. Miram estas exposições a um fim grandioso; têm uma nobre missão a cumprir. São os verdadeiros certames da industria e do trabalho. São o vasto campo, aonde todos os que trabalham têm o direito, se não a restricta obrigação, de concorrer, para ganhar a consideração devida á intelligencia e á actividade, e a legitima recompensa dos seus esforços.

E se esta obrigação existe para cada um em particular, muito mais indeclinavel é ella para as collectividades, constituidas em sociedade. É com effeito alli, naquellas pacificas pugnas do trabalho, que as nações podem melhor affirmar a sua autonomia e entidade, conquistar fóros de nações cultas e civilisadas, pleitear primazias e louros no fim eminentemente elevado e civilizador de melhorar as condições de vida, de aproveitar as forças productivas da terra, de derramar a instrucção pelo povo, de aperfeiçoar as condições hygienicas das cidades e dos centros de população, de desenvolver as industrias e a riqueza publica, e tantos outros cuja enumeração seria interminavel.

Assente, pois, a necessidade de Portugal, como nação que deve gozar fóros de independente e de civilisada, concorrer a esta, assim como a todas as exposições que vierem a realisar-se, demonstrada fica tambem a necessidade de ter sempre preparados os elementos para poder dignamente apresentar-se nestes concursos, não só enviando os productos das suas industrias, mas tambem fazendo-os acompanhar de todos os esclarecimentos, já estatísticos, já descriptivos, das suas propriedades, qualidades essenciaes e condições de producção.

É sabido que, para este fim, pouco póde esperar-se da iniciativa particular. Ao estado competem sempre a direcção dos trabalhos e as despesas inherentes. Que se organisem, pois, nas capitaes dos districtos muzeus agricolas e industriaes, onde estejam sempre colligidos os productos do districto, onde se analyse e estudem as suas qualidades, onde se apontem os seus defeitos e vantagens.

Já um abalisado escriptor e veneravel mestre, apresentou o alvitre de ter o Governo em cada districto, sempre organizada e prompta a ser destacada e removida, uma collecção completa dos respectivos productos agricolas, embora muitos dos seus artigos careçam de renovação annual.

Fradesso da Silveira, esse infatigavel obreiro da civilisação, cuja perda ainda hoje se deplora, póde inaugurar em Lisboa um muzeu technologico e industrial.

Faça-se o mesmo em cada districto do reino; e afigura-se-me que este alvitre, de todo o ponto acceitavel e exequivel, trará incalculaveis vantagens. Instigar-se-hão assim os productores ao

aperfeiçoamento e ao estudo; ministrar-se-lhes-hão sempre modelos para imitarem e seguirem; offerecer-se-lhes-ha campo onde manifestem o seu adeantamento, intelligencia e actividade; dar-se-lhes-ha, finalmente, incentivo para o trabalho.

Uma terra como Coimbra, séde do primeiro estabelecimento scientifico do paiz, em cujo corpo docente ha incontestaveis talentos, e deve haver entranhado amor pelo estudo e pelo trabalho; onde existem diversas repartições publicas, que podem prestar grande concurso e auxilio neste serviço; onde não faltam os mais perfeitos e efficazes meios de analyse; é por certo a mais apropriada para tentar um estabelecimento d'esta natureza. E ninguem mais competente para inaugurar este melhoramento do que v. ex.^a, intelligencia verdadeiramente notavel, e animo decidido para os mais altos commettimentos, e que, seguramente, nem seria desajudado do municipio, que tem á sua frente um cavalheiro muito illustrado, nem da Junta Geral, que lhe não negaria os indispensaveis meios, nem do proprio Governo que não deixaria de facultar-lhe um subsidio valioso para fim tão eminentemente util e civilizador.

Sobre outro ponto tenho ainda de chamar a attenção de v. ex.^a Seria perfeitamente ocioso demonstrar a vantagem das estatisticas, sciencia velha, mas cuja applicação data quasi dos nossos dias. Sendo ella a sciencia dos factos sociaes expressos numericamente, como a definiram já, ninguem desconhece os valiosos dados, que fornece á acção intelligente dos governos, já constatando o progresso e o desenvolvimento de um povo, já revelando a sua decadencia, já pondo em relevo os ramos do commercio ou da industria, que, em consequencia de uma causa, que é preciso remover, jazem atrophiados ou estacionarios, sem adquirirem o devido desenvolvimento.

Se aos governos pertencem as operações estatisticas, que dizem respeito ao estado em geral, ás administrações locaes competem as da respectiva localidade. Abrangem estas ramos importantissimos da riqueza publica, já com relação á terra, á sua cultura e productividade; já com relação á população, e ao seu movimento e condições de vida; já, finalmente, com relação á sua produção, tanto agricola e manufactureira, como extractiva e commercial em geral.

Assim como os dados fornecidos pela estatistica podem ser valioso subsidio, quando conscienciosamente obtidos, criticados e apresentados; assim tambem a sua influencia será prejudicial e funesta, quando filhos da intencional má fé, ou de rematada ignorancia. Deixando então de exprimir a verdade dos factos, induzirão a uma idéa falsa do estado da nação, e motivarão medidas sempre inconvenientes, e que podem ser fataes.

Reconheço as dificuldades d'este serviço, quando não é commettido a individuo competente, a quem se dê o tempo de que carecer para os necessarios estudos e investigações. As estatisticas, actualmente existentes, são em geral deficientissimas, e algumas até disparatadas.

Não pretendo avançar que os administradores de concelho não sejam muito competentes para este serviço. Sobrecarregados, porém, com attribuições vastissimas, não podem entregar-se a elle com o cuidado e minudencia que rigorosamente requer, e têm de fazer obra pelas informações dos regedores das freguezias.

Estes, geralmente destituídos de instrucção, ou porque receiam dizer a verdade influenciados por absurdos prejuizos e por infundadas desconfianças, ou porque não querem dedicar-se a um trabalho não retribuido e cujo alcance não calculam, fornecem dados completamente falsos e irrisorios. D'aqui resulta a pouca confiança que merecem estas estatisticas, as quaes arrastarão a gravissimos erros quem tenha a ingenuidade de as tomar para base de trabalho sério e de maior consequencia.

Mais uma vez tive agora occasião de verificar esta verdade, e ao deante especialisarei alguns factos em demonstração do que deixo dicto. A v. ex.^a os devo revelar, que tanto bastará para providenciar a que este importante serviço não seja mais tractado com a vergonhosa indiferença com que até hoje o tem sido.

Do pouco zelo de uns para serviços que não são devidamente apreciados, e da falta de instrucção de muitos, provêm os vicios que rapidamente apontei. Derramar, pois, a instrucção profusamente, e dar-lhe ao mesmo tempo uma direcção racional, em ordem, não só a fazer desaparecer os analphabetos, mas principalmente a criar cidadãos que comprehendam bem os seus deveres sociaes, eis o verdadeiro remedio para aquelles males.

Referindo-me especialmente á instrucção, sob o ponto de vista artistico e industrial, parece-me que ella deveria principiar logo nas escholas primarias. Substituindo as cartilhas e livros de contos desengraçados e sem merito algum, que habitualmente se lêem naquellas escholas, e que pervertem o gosto e são de duvidosa moral, por outros em que se expozessem os primeiros elementos da agricultura, os mais elementares principios da geometria applicavel ás artes, as primeiras noções da chimica, da physica, da geologia, etc., etc., e emfim todos os conhecimentos uteis e ao alcance de uma criança, ir-se-ia dispendo a educação por uma forma conveniente. Depois, as escholas especiaes, tanto theoreticas como practicas, as conferencias, as quintas regionaes, os muzeus technologicos, e muito principalmente as exposições districtaes ou concelhias para um ou mais grupos, ou classes da industria hu-

mana, aonde pela immediata recompensa pecuniaria ou honorifica se estabelecesse perfeita distincção entre quem caminha e quem estaciona, taes são os meios, cuja iniciativa deve naturalmente partir do chefe supremo do districto, e de cuja efficacia não é licito duvidar-se.

Com vantagem se hão tambem creado em diversas partes commissões concelhias de individuos competentes, com o fim de visitarem os diversos estabelecimentos agricolas e industriaes do seu concelho, e de informarem a auctoridade superior do seu progresso e desenvolvimento. Baseando-se nestas informações, poderiam depois ser concedidos premios ou louvores a quem mais se houvesse distinguindo pelo seu intelligente trabalho. Outro expediente é este, já sancionado pela experiencia, e de cujo bom resultado não deve tambem descrever-se.

Que me seja desculpada esta digressão, aparentemente alheia á commissão de que me cumpre dar conta, mas naturalmente filha da convicção profunda da sua utilidade, e da não menos firme convicção de que não será baldado o appello, que dirijo a v. ex.^a, despertando-lhe a attenção para assumptos que a sua elevada intelligencia devidamente apreciará.

(Continúa)

ADOLPHO LOUREIRO.

REMINISCENCIAS

A PALMIRA LEIRIA

Depois da morte repentina de seu pae (*)

Eu conheci-te alegre, a respirar o aroma
Das sanctas affeições que havia no teu lar;
Tua alma era o sacrario, a mystica redoma
Onde a familia inteira erguia o seu altar.

Tu possuias tudo: a mãe e os seus extremos,
O pae e o seu amor, — a protecção e o afago —
Ao leme, a juventude, a fé, volvendo os remos,
Vogavas a sorrir no espelho azul d'um lago.

(*) O ex.^{mo} sr. Julio Augusto Leiria, director das obras publicas do districto de Coimbra, morreu a 17 de janeiro de 1878, poucas horas depois de ter vindo do theatro com a sua familia.

Um nome aureolado, as attenções do mundo,
Das salas o rumor, do ninho a paz serena,
Tornavam-te feliz; mas um temor profundo
Dobrava-te ao poder d'estranha, ignota pena.

Que te faltava a ti? Porque descia o pranto
A face onde o prazer em risos se mostrava
Quando no turbilhão, no feiticeiro encanto
Dos bailes e festins o luxo te cercava?!
.....
.....
.....
.....

Por uma fria noite agreste, mas formosa,
Porque de gala o céu trajara os seus brilhantes,
Vais ao theatro, e alli, tranquilla e descuidosa,
Gozaste da ventura os ultimos instantes!

Findara a diversão, volveste ao lar, contente,
A benção paternal illuminou-te o leito,
Beijou-te a mãe... depois, ao acordar, tremente,
Sentiste um ai que sempre has d'escutar no peito!

Era a suprema voz, o lancinante grito,
Resumo d'uma dôr que enlucta e esmaga a vida,
Era o protesto, em vão mandado ao infinito,
Por quem de tanto amor se vê desprotegida!

Era a viuvez sombria, era a orfandade triste,
Era a saudade infinda—aquelle eterno ai—!
Era o terrivel som, que horrorisada ouviste,
Da chave do caixão que te encerrava o pae!
.....
.....
.....
.....

Eu conheci-te alegre, e vi-te soluçante,
No templo ajoelhada, estatua d'amargura,
E penso escutar inda a voz dilacerante
Com que pediste a Deus a paz da sepultura!

OS INTERLOCUTORES DE UNS MEMORAVEIS DIALOGOS ARTISTICOS

(Continuado do n.º 2, pagina 19)

O marquez de Pescara não se contentou com a felicidade domestica, nem com a gloriosa reputação de distincto cabo de guerra. Avassallado pelo demonio da ambição, chegou a conceber o arrojado intento de se assentar num throno, ainda á custa de opprobrio e deshonra.

Diz-se que a virtuosa Vittoria Colonna, sua esposa, teve uns longes dos perfidos manejos do marquez, e o quiz deter á borda do abysmo. Escreveu-lhe uma nobre carta (*una bellissima e nobilissima lettera*), na qual, com vehemencia o dissuadia da infamia. Pedia-lhe que não manchasse com a traição a pureza da vida: á corôa de rainha preferia o ser mulher de um cavalleiro leal, e tinha para si que não encaminhavam á immortalidade os titulos e a grandeza dos reinos, mas sim e tão sómente a lealdade e as demais virtudes. *Non con la grandezza de' regni e dei titoli, ma per la via della virtù l'onor vero si acquista..... Sé non desiderare di essere moglie di re, etc.* ¹

O marquez de Pescara foi surdo aos conselhos da esposa, aos dictames da consciencia, aos estimulos da honra. Precipitou-se no crime, e attrahiu sobre si a severa sentença da historia, de que não houvera naquelles tempos quem fosse mais infame pela perfidia, nem mais illustre nas armas: *non v'essere stato in quei tempi alcuno nè più infame in perfidia, nè più chiaro nelle armi* ².

Um rapido esboço de sua traição allumiara o terrivel *veredictum*.

Commandava o marquez o exercito imperial, e a elle se attribuia a maior parte na victoria de Pavia, em que ficou prisioneiro o rei de França, Francisco I. Desgostoso depois com o Imperador Carlos Quinto, chegou a abrir-se com o chanceller Morone, o qual diligenciou induzil-o a entrar na liga projectada entre a regente de França, o rei de Inglaterra, os Suissos, e todos os principes da Italia, para expulsar os *barbaros*. Sendo o marquez o chefe da empresa, tinha diante de si a perspectiva do throno de Napoles, e perante a posteridade o titulo de libertador da patria.

O marquez não repelliu estas insinuações; chegou até a firmar-se nellas, tranquillizado pelos theologos e pelos fidalgos que julgou conveniente consultar.

¹ Pietro Ercole Visconti — *Rime di Vittoria Colonna*. Apud Gotti.

² Ripamonti. Apud Gotti.

Arrependeu-se, por fim, e desde logo traçou o perfido designio de atraiçoar os conjurados, entretendo aliás as esperanças d'elles.

Á hora que lhe pareceu opportuna convidou o chanceller Morone para uma entrevista, o qual, na melhor fé, lhe referiu miudamente todas as particularidades da liga premeditada.

Morone julgou que estava a sós com o marquez, e nessa crença disse tudo com a maior franqueza e desenvolvimento; mas por detraz da tapeçaria esteve-o ouvindo Antonio de Leiva, que o marquez alli occultara. Morone foi logo preso, e immediatamente interrogado pelo marquez na presença do general hespanhol ¹.

Pouco tempo sobreviveu á traição o fementido marquez. As fadigas da guerra lhe haviam extenuado as forças, de sorte que a doença e talvez o remorso o não deixaram passar além dos trinta e tres annos de idade.

O marquez de Pescara morreu no dia 25 de novembro de 1525. Então começou a nova e singular phase da existencia de Vittoria Colonna, que um seu biographo resume nestas palavras: chorar, rezar, estudar, escrever, e accudir ao infortunio (*piangere, pregare, studiare, scrivere, porger dovunque la mano in beneficio del suo simile*) ².

Amou extremosamente o marido, e ainda depois de o perder, e apezar de não ser merecedor da sua estima, conservou no coração o affecto que lhe tivera. Movida pela dôr, deliberou-se a fazer profissão de religiosa; mas o Papa não consentiu que ella se prendesse com os votos; permittindo-lhe apenas que fixasse a sua residencia em um mosteiro qualquer. Escolheu para esse fim o mosteiro das freiras de S. Silvestre *in capite*, que mui particularmente havia sido protegido pela sua familia.

Se a oração, a caridade, a poesia e a musica lhe tomavam uma boa parte do tempo, era certo que ainda lhe ficava bastante para conversar com os artistas de maior nomeada, com os homens de letras e com os philosophos. Entre os cardeaes frequentavam a morada de Vittoria os mais illustrados, taes como Gasparo Contarini, Reginaldo Polo, Giovanni Morone, e Jacopo Sadoletto. Entre os artistas era Miguel Angelo aquelle com quem mais intimamente practicava a marqueza sobre religião, poesia e arte.

Não omittiremos os elogios que á marqueza faz o nosso Francisco de Hollanda. Chamou-lhe uma das mais illustres e celebres senhoras que havia no mundo. Casta, bellissima, douta no latim,

¹ *Histoire des Italiens*, par Cesar Cantu. Trad. par M. Armand Lacombe.

² *Rime e Lettere di Vittoria Colonna Marchesana di Pescara*. Apud Gotti.

e muito espiritual, possui todas as qualidades que é possível louvar em uma dama. Desde o fallecimento de seu marido vive uma vida retirada e modesta. Enfastiada do esplendor e da grandeza do seu antigo estado, só ama agora Jesus Christo e os bons estudos, fazendo bem a mulheres pobres, e dando exemplo de uma piedade verdadeiramente catholica.

De Miguel Angelo basta apontar o que em outro escripto dissemos ha tempo:

— Miguel Angelo assignalou a sua alta individualidade em todos os ramos das bellas artes, e até das lettras; e como se isto fosse ainda pouco, apparece deante da posteridade com os formosos predicados do amor da familia e da patria, com a nobre independencia do character, e com a severa honestidade de um estoico austero.

— Se a este ultimo respeito podesse haver alguma duvida, bastaria citar o que lhe dizia Vittoria Colonna, marquez de Pescara: As pessoas que vos conhecem, estimam de vós o que tendes de menos perfeito, isto é, as obras de vossas mãos.

Por espaço de noventa annos esteve entre os vivos, e nesse longo periodo de existencia jámais soube o que era descanso, o que era repousar: tão ardente foi sempre a sua paixão pelo trabalho! —

Só accrescentaremos que Miguel Angelo deixou tres obras primas em tres artes diversas: o *Juizo final*; o *Moysés*, e a *Cupola de S. Pedro*. A este proposito se expressou ingenhosamente um escriptor francez, dizendo: «Em tres palavras sabe a posteridade a historia de Miguel Angelo. Para o apreciarmos num mesmo dia e com triplicado lanço de vista, legou-nos, em tres artes differentes, as tres maiores obras que existem no mundo: o *Juizo final*, o *Moysés* e a *Cupola de S. Pedro* †.»

Lattanzio Tolomei, de Siena, distinguiu-se não só na carreira politica e diplomatica, se não tambem na cultura das lettras. Os Sienezes o mandaram como embaixador a Clemente VII, de quem grangeou mui particular affecto. Esteve em correspondencia muito intima com os homens de lettras mais celebres do seu tempo. Teve profundo conhecimento das linguas latina, grega, hebraica e outras, conservando sempre consigo alguém que soubesse as linguas orientaes sabias, e particularmente um arabe, grande conhecedor d'ellas.

† M. Alexandre Thomás.

Taes são os interlocutores da sublime conversação artistica que assignalámos, e da qual por ventura particularisaremos, em outra occasião, as passagens que mais de perto interessam á historia das bellas artes em Portugal, se em breve não for dado á estampa o precioso manuscripto.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

ALGUNS PASSOS NUM LABYRINTHO

Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve

(Continuado do n.º 2, pagina 32)

II

Demonstrada a existencia anterior de uma povoação romana no mesmo logar que hoje occupa a cidade de Coimbra ¹, resta-nos indagar que nome teria. E, como houve uma cidade chamada Conimbriga, a similhaça entre aquelle e este ultimo nome po-

¹ D. Francisco de S. Luiz refuta a lenda da edificação de Coimbra por Ataces pela fórma seguinte:

«Pretendem alguns que a actual Coimbra foi fundada e edificada por Ataces, rei dos Alanos, que por morte de Resplandiano succedeu no governo da Lusitania. Esta opinião nos parece destituida de fundamento e até de verosimilhança. Porquanto os Alanos entraram na Hespanha com os outros barbaros em 409: uns e outros lançaram sortes sobre as provincias, que cada um havia de possuir, em 411, e então tocou com effeito a Lusitania aos Alanos; mas d'ahi a oito annos, isto é, em 419 (*Idat. Chron.*, an. 419. *Wandali Silingi* in Baetica per Walian regem omnes extincti. An. 429 Gaisericus rex (Wandal.) de Baeticae prov. Littore, etc.) foram elles totalmente destruidos, e o seu reino aniquilado pelo rei Godo Walia, que desde 416 lhe fizera guerra, restando tão sómente mui poucos, que se uniram e submetteram aos Wandalos da Galvia, com os quaes por fim passaram a Africa em 429. São pois oito, ou para melhor dizer, cinco tão sómente os annos em que os Alanos possuiram a Lusitania, e mui crível é que não fossem annos tranquillos, pois lhe seria necessario sustentar guerra continua, não só com os romanos, então senhores do paiz, mas tambem com os indigenas, ou como confederados e subditos dos romanos, ou como naturalmente inimigos de um novo dominio, que se tinha logo ao principio assignalado pelas violencias, crueldades e tyrannias, que refere Idacio no seu Chron. ao an. 410.

«Não eram pois aquelles tempos proprios para fundar cidades, mas sim para as destruir, e arrazar: nem o genio e indole dos barbaros os inclinaria a empresas creadoras, ao menos em quanto se não estabelecessem firme e pacificamente nas regiões que haviam invadido.»

S. Luiz — *Coimbra e Eminio*, artigo publicado na *Revista Estrangeira*, pag. 50.

deria fazer suppor ter sido essa a povoação existente na margem direita do rio Munda. Importa pois demonstrar que a cidade lusoromana, Conimbriga ou Conimbrica, foi, segundo a opinião comum, no sitio de Condeixa a Velha.

No meiado do seculo XVI já Gaspar Barreiros na sua *Chorographia* entendeu necessario provar, «para os que d'estas cousas não tiverem alguma experiencia, e para outros que por a similitude dos nomes se moverem a cuidar que Conimbriga é a cidade de Coimbra,» que o logar de Condeixa a Velha fôra a antiga Conimbriga dos romanos. O primeiro argumento que adduziu foi o que se infere do Itinerario de Antonino que marca 66 milhas ou 16 leguas e meia entre Scalabin e Conembriga, as quaes quadram com a distancia de 16 leguas e meia entre aquella cidade e Condeixa a Velha, e não com as dezenove leguas que faziam de Santarem a Coimbra. Por outra parte, a distancia de 81 milhas ou 20 leguas e um quarto que no mesmo Itinerario se contam de Conimbriga a Calem, correspondem melhor á distancia entre Condeixa a Velha e Gaya ou Porto do que ás dezoito leguas medidas d'aquella ultima cidade de Coimbra.

O auctor falla depois dos restos que da antiga cidade romana tinham ficado no sitio de Condeixa a Velha, e transcreve uma inscripção com o nome de *Conimbriga*, a qual junctamente com outras no seu tempo estava na ponte da Atadôa ¹.

D. M.
VALERIO AVITO
VALERI MARINI
FIL, ANN. XXX.
VALERIA, FVSCILLA
MATER, FIL,
CARISSIMO, ET
PIENTISSIMO,
ET OPSEQVEN
TISSIMO.

P.

SCRIBI, IN TITVLO, VERSVCVLOS
VOLO QVINQVE DECENTER,
VALERIVS AVITVS, HOC SCRIPSI, CO-
NIMBRIGA NATVS, MORS, SVBITO, ERI-
PVIT, VIXI TERDENOS ANNOS, SINE
CRIMINE VITÆ, VIVITE VICTVRI MO-
NEO, MORS OMNIBVS INSTAT.

¹ Barreiros — *Chorographia*, fol. 48 a 51.

Esta inscripção é a mais importante por conter o nome da cidade; mas outras muitas, quasi todas sepulchraes, se encontram em varios livros, sendo algumas apocryphas, como as que Fr. Bernardo de Brito deu á luz na Monarchia Lusitana.

Vê-se ainda hoje nas ruinas de Condeixa a Velha todo o circuito das muralhas que defendiam a cidade; e, o que é notavel, o povo chama *Almedina* o espaço murado, posto que esta palavra devesse ser introduzida, em quanto durava a dominação dos arabes, para designar, como em Coimbra, a cerca ou a parte defensivel da povoação. A muralha terá de circumferencia dois a tres kilometros, e está meio demolida em toda a sua extensão. Á sahida de uma das portas da cidade restam dois enormes viaductos de cantaria que, pela sua longa conservação, mostram a solidez com que foram construidos.

Segue-se tambem até Alcabideque na distancia, pouco mais ou menos, de meia legua, o aqueducto, por onde vinha a agua para a antiga Conimbriga. Juncto das fontes do aqueducto e logo no principio do seu trajecto, conserva-se ainda meio demolida uma torre que serviria por certo de habitação a algum empregado ou guarda, encarregado de vigiar ou defender este sitio, ou de regular ao mesmo tempo a sahida da agua. Parece que uma grande capa de cimento, da qual restam ainda grandes fragmentos, cobriria, á maneira de abobada, a agua no vasto reservatorio em que se ajunctava antes de entrar no aqueducto.

Por diferentes vezes têm apparecido nas ruinas, por dentro da muralha ou fóra d'ella, vestigios de uma povoação rica e florecente. Em excavações que se fizeram, ha alguns annos, para plantar uma vinha, acharam-se os restos de uma casa com pinturas a fresco.

Em 1873 descobriu-se o envasamento de um templo, todo de cantaria, ao qual de certo pertenceria o toro de uma base de columna, com um metro de diametro que já antecedentemente havia sido encontrado no mesmo logar. Nesse mesmo anno vi os restos de uma casa com columnas de marmore, das quaes restavam as bases e as partes inferiores dos fustes. Entre as bases estava ainda o chão nalguns sitios coberto de mosaico, do qual vieram alguns fragmentos para a collecção de archeologia do Instituto ¹. Emfim a alguma distancia das ruinas acham-se restos da estrada romana, cuja direcção conviria determinar por esses vestigios.

Em vista de provas tão concludentes parece-me não haver du-

¹ Instituto, tomo xx, n.º 11, pag. 237.

vida nenhuma em que: 1.º Onde hoje é Coimbra houve uma povoação romana; 2.º A antiga Conimbriga foi no sitio de Condeixa a Velha.

É agora a occasião de indagar o nome da povoação romana, cujos vestigios têm apparecido na cidade de Coimbra. O Itinerario de Antonino marca de Lisboa a Braga as cidades e as distancias pela fórma seguinte:

Iter ab	Olisipone	Bracaram	Augustam	mpm	CCXLVIII
»	Ierabriga	»	XXX	
»	Scalabin	»	XXXII	
»	Sellium	»	XXXII	
»	Conembriga	»	XXXVIII	
»	Eminio	»	X	
»	Talabriga	»	XL	
»	Langobriga	»	XVIII	
»	Calem	»	XIII	
»	Bracara	»	XXXV	

Se houvesse certeza no sitio onde foi Talabriga, tornar-se-hia mais facil determinar a posição de Eminio. Suppõe-se que Talabriga seria em Aveiro ou juncto d'esta cidade, mas faltam as provas. Entretanto, marcado o logar que a antiga Conimbriga occupava, e achados os dois marcos milliaros de que fallámos, um no sitio de Coimbra e outro no da Mealhada, ter-se-ha por certo que a estrada militar romana seguia de Conimbriga para o Norte, passando nos logares onde appareceram os marcos. Ora a cidade de Eminio a dez mil passos ou duas leguas e meia ao Norte de Conimbriga deveria ser, por tanto, onde hoje existe a cidade de Coimbra. Assim a racional interpretação do Itinerario de Antonino favorece sómente essa hypothese e nenhuma outra.

Ha, porém, um texto mais antigo que o Itinerario e que não concorda exactamente com elle. É a descripção que Plinio deu da Lusitania: «*A Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Pesuri, Flumen Vacca, Oppidum Talabrica, Oppidum et flumen Minium, Oppida Conimbrica, Colippo, Eburo, Britium*

«..... *Ab Minio quem supra diximus, C C. M. pass. (ut auctor est Varro) abest Æminius, quem alibi quidam intelligunt, et Limœam vocant oblivionis antiquis dictus multumque fabulosus. Ab Durio Tagus CC. M. p. interveniente Munda* ¹.»

Preferimos a lição das edições mais antigas, para melhor se

¹ Plinio — *Hist. Nat.*, lib. 4.

conhecerem os erros do texto que lhe tiram toda a importancia que nesta questão lhe têm dado. *Oppidum et flumen Minium* entre as cidades de Talabriga e de Conimbriga não pôde corresponder senão á estação denominada Eminio no Itinerario de Antonino. Suppondo pois que o auctor ou os copistas erraram, escrevendo *Minium* em vez de *Eminio*, resta ainda uma difficuldade, e vem a ser dar Plinio este mesmo nome a um rio que em nenhum outro livro apparece d'esta sorte designado. Pois, se este rio fosse o Mondego, porque não lhe daria o auctor o nome de *Mulíades* que lhe deu Strabão¹ ou o nome mais commum de *Munda* que elle proprio logo depois lhe applica «*Interveniente Munda?*» Porque designar o mesmo rio com dois nomes differentes?

Mas adverte Plinio que o rio *Minium* fica na distancia de duzentos mil passos do rio *Aminius*, e que este rio *Aminius* é o que outros chamavam *Limæa* (rio Lima). Ora duzentos mil passos são cincoenta leguas, e a distancia verdadeira do Mondego ao Lima não excederá metade ou cem mil passos ou vinte e cinco leguas. Por tanto nas poucas linhas transcriptas encontramos os erros seguintes:

- 1.º *Minium* por *Eminio*.
- 2.º C C. M. por C. M.
- 3.º *Aminius* por *Minius*.
- 4.º *Minius* e *Limæa* confundidos.

É possível que a distancia de duzentos mil passos se não deva contar entre o Mondego e o Lima, porém entre o Mondego e o Minho. Ainda assim teremos duzentos mil passos em vez de cento e setenta e dois mil passos que é a distancia real entre aquelles dois ultimos rios, tomada entre Coimbra e Caminha. Nem se allegue a impossibilidade em que estaria o auctor de marcar as distancias, porque entre o Tejo e o Douro conta elle, como vimos, duzentos mil passos que é pouco mais ou menos a distancia entre Lisboa e Porto.

Strabão, com escrever antes de Plinio, indicou os rios da Lusitania com exactidão, o que prova que os erros d'este escriptor sómente procederam da falta de attenção e não da falta de elementos que o esclarecessem.

«*Notissimi autem istorum annuum deinceps á Tago sunt Mulíades, subvectiones habens exiguas, et Vacua itidem: tum Durius, é longiquis fluens partibus præter Nímantiam multasque alias Celtiberorum et Vaccæorum habitationes, magnisque per eum subvehi licet scaphis ad IJ CCC usque stadia, deinde alii fluvii: ac post hos*

¹ Strabão, lib. 3.

Lethes, id est Oblivionis amnis, quem alii Limæam vocant profluens é Celtiberis et Vacceis: Post hunc Bænis, quem alii Minium nominant, fluviorum Lusitani longé maximus, ipse quoque adversus navigatur ad IJ CCC stadia¹»

Por uma parte a difficuldade que encontrariam os nossos escriptores de applicar o nome de *Eminio* a um rio que Strabão chama *Mulíades* e o proprio Plinio *Munda*; por outra parte a divulgacão da fabula de Ataces e Hermenerico, levaram alguns a buscar fóra do leito e das margens do Mondego o rio e a cidade de *Eminio*, chegando a admittir com Vasconcellos um erro de transposiçãõ das distancias no Itinerario de Antonino, para fazerem corresponder a antiga *Eminio* e o rio do mesmo nome á cidade e rio *Agueda*. De sorte que, para conservar a authenticidade de um texto evidentemente errado, foram admittir a existencia de um erro noutra texto que, neste ponto, nada absolutamente poderia fazer suppor alterado.

(Continúa)

A. FILIPPE SIMÕES.

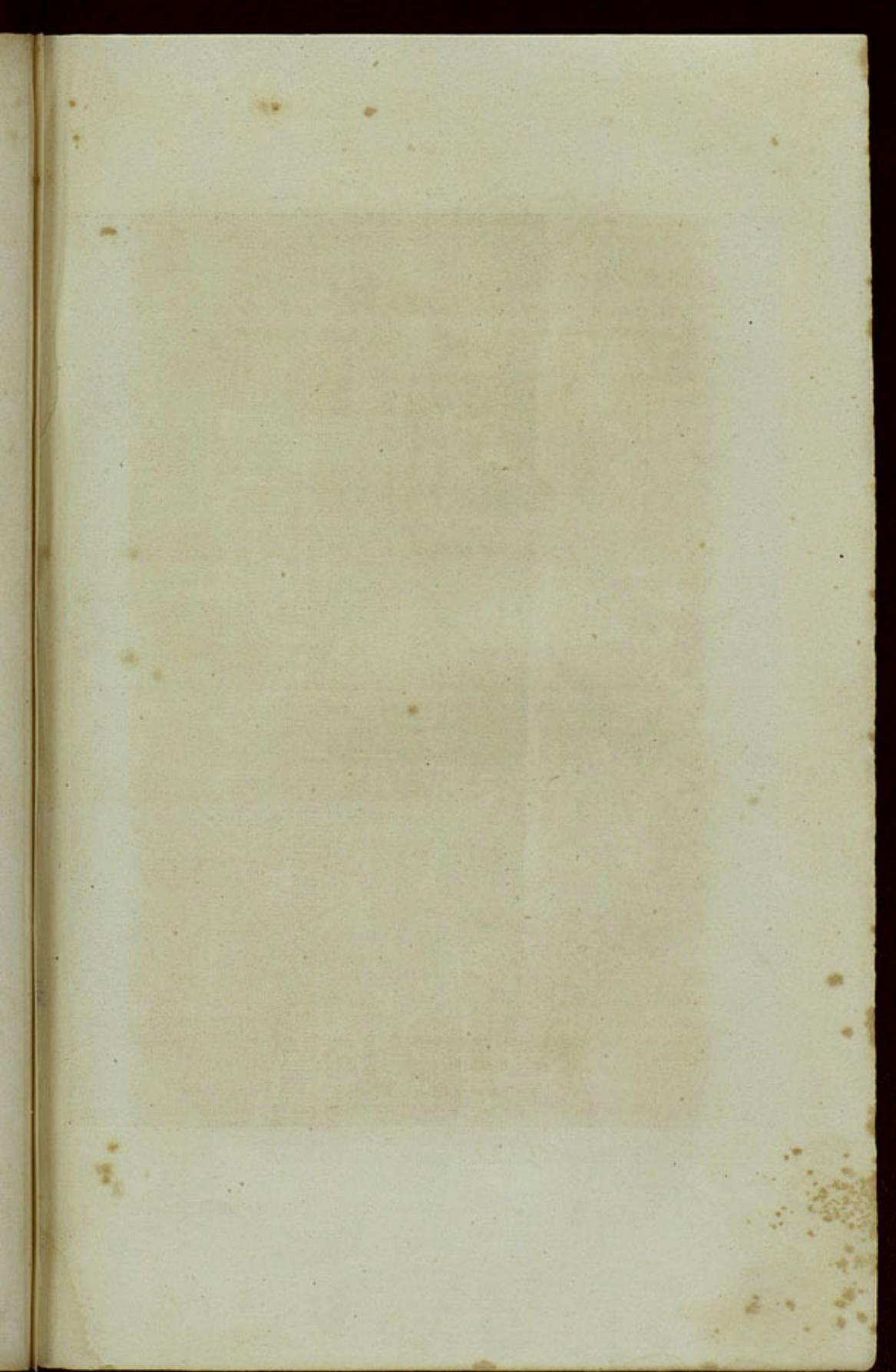
BIBLIOGRAPHIA

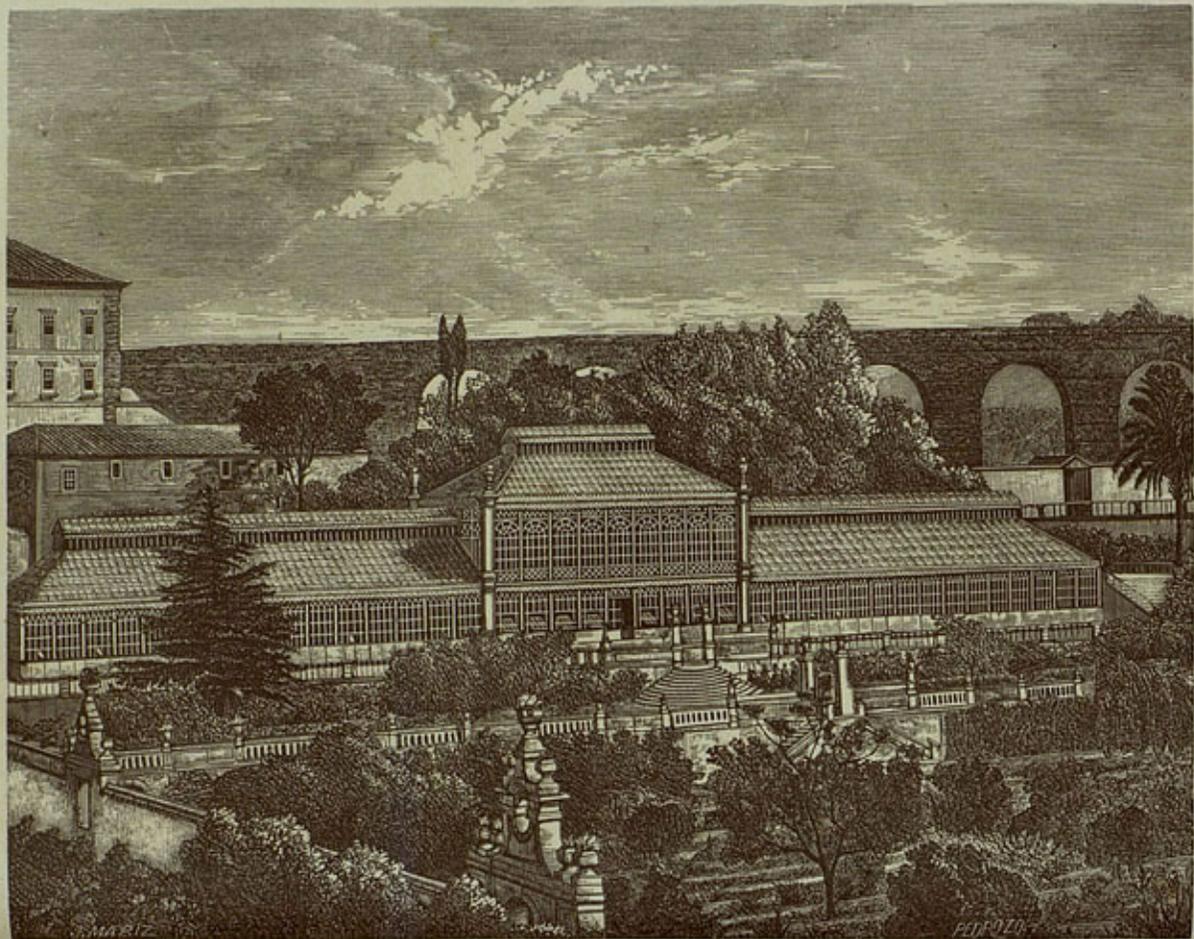
Gabriel Pereira—*Descripção da Peninsula Iberica, livro 3.º da geographia de Strabão (1.ª parte)*. Evora, 1878.—*Biographia de Quinto Sertorio por Plutarcho de Chéronéa, precedida de algumas observações sobre a romanisação da Peninsula*. Evora, 1878.

Estas duas versões do sr. Gabriel Pereira são documentos importantes para o estudo da dominação romana em Hespanha e Portugal.

Depois do tempo em que a historia e as antiguidades romanas tiveram alguns dedicados cultores entre nós até hoje, a critica tem alterado em muitos pontos a lição e a interpretação dos auctores, e mudado inteiramente as conclusões que, durante seculos, foram geralmente seguidas. Rever por tanto as fontes historicas, interpretal-as e traduzil-as consoante os trabalhos modernos é prestar aos estudiosos inapreciavel auxilio, e promover o gosto de estudos, que tão desprezados andam entre nós. Fazemos sinceros votos por que o sr. Gabriel Pereira continue as traducções dos textos latinos que mais interessam á historia da dominação romana.

¹ Strabão, lib. 3.





PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.^o

Abril de 1879

N.^o 4

O JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE

Ó portas orientaes da mui antiga,
E mui risonha Coimbra, — que outr' se abrem
Com chave tão formosa!

JOSÉ FREIRE DE SERPA.

O magnifico Jardim Botanico da Universidade está situado ao nascente de Coimbra na vertente de uma collina que desce para o Mondego. O collegio de S. Bento, o aqueducto, o mosteiro de Sanct'Anna, o novo paço episcopal, o collegio das Ursulinas e grupos espessos de variado e formoso arvoredó, formam-lhe por assim dizer uma esplendida moldura em que está como enquadrado.

É deliciosa a sua situação, sobranceiro ao Mondego e dominando um esplendido panorama.

A vista que de si offerece o proprio Jardim é tambem sobremodo de encantar. Dividido em terraços e socalcos de differente nivel, apresenta a fórma de um amphitheatro. Por esta disposição do terreno, a sua extensa gradaria, grandiosos porticos, escadarias, majestosa estufa e outras importantes obras de arte que o adornam, bem como as variadas pompas vegetaes de que é enriquecido, offerecem uma perspectiva bella e pittoresca.

Muitas arvores notaveis como cedros do Libano, araucarias, palmeiras, grevilleas, abetos e outras muitas de alto porte e variada folhagem, destacando aqui e além e sobresahindo no meio de arbustos e de plantas de menores dimensões, mais aformoseam o quadro dando-lhe agradável e interessante variedade.

É digna de particularisar-se uma soberba magnolia grandiflora que está no plano inferior juncto do lago, — por certo a mais copolenta e garbosa que se conhece em Portugal. Foi plantada pelo nosso distincto botanico o grande Brotero no anno de 1804¹.

¹ Soubemos esta data pelo seguinte apontamento, que conservamos, da propria letra do nosso saudoso amigo, o sr. dr. Francisco da Fonseca Corrêa Torres:—«A Magnolia que está na Eschola do Jardim Botanico de Coimbra foi alli plantada no anno de 1804 pelo Lente Director, Felix d'avelar Bro-

As plantas que povoam o Jardim estão dispostas e classificadas segundo a ordem adoptada por Endlicher no seu *Enchiridion Botanicum*. No taboleiro superior estão as *amphibryas* e as *acramphibryas gymnospermicas*; nos dois immediatos as *acramphibryas apetalas* e *monopetalas*, no rectangulo inferior estão as *dialypetalas*.

Fóra d'esta disposição, ha no parallelogrammo do lado do sul, confinante com a mata, uma collecção de plantas medicinaes, alimentares, industriaes, etc., dispostas segundo o methodo de Jussieu.

A magnifica estufa, que se representa na estampa juncta, gravada segundo um desenho do nosso patricio, o sr. Mariz Junior, é a obra mais importante com que modernamente se tem augmentado o Jardim. A sua construcção foi auctorisada pelo governo em 1856. Fez o seu risco o engenheiro Pezerat. A armação de ferro foi fundida parte no Instituto Industrial de Lisboa, parte na fundição de Massarellos no Porto.

Tem a estufa 72 metros de comprimento, e acha-se dividida em tres corpos, dos quaes só o da esquerda é considerado estufa quente. É riquissima a collecção de especies preciosas que se abrigam nesta estufa. Notam-se entre ellas lindissimas palmeiras, algumas raras cycadeas e pandaneas, muitas plantas industriaes como, por exemplo, a arvore da cera do Japão, o cafeeiro, a muscadeira, um numero consideravel de arvores fructiferas dos tropicos e finalmente outros muitos vegetaes que se distinguem pelas suas lindas flores ou pela sua bella folhagem.

Parte do grande collegio de S. Bento é hoje pertença do Jardim. Estãoahi a aula de botanica, gabinetes de trabalho, uma pequena bibliotheca que tem perto de 1:000 volumes, um muzeu botanico, etc. Este muzeu foi organizado recentemente sob a direcção do sr. dr. Julio Augusto Henriques. Um rico herbario, que teve por nucleo o do sr. dr. Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos, é um dos objectos mais apreciaveis que se guardam no muzeu. É tambem muito importante a collecção paleontologica começada em 1877, na qual ha alguns exemplares de plantas dos terrenos carboniferos do Bussaco e das pedreiras de Vallongo. Numa sala contigua ha uma curiosa collecção de madeiras do Brasil em numero de 1:188 exemplares. Tambem aqui se vêem uma collecção de madeiras da mata do Bussaco, collocadas sobre um toro de cedro da mesma procedencia, cujo diametro é de 1^m,13, outra collecção

tero. Na mesma occasião foi plantada outra na quinta do Cidral, pertencente aos Condes de Camarido. Ambas mandadas vir pelo dr. Brotero amigo da familia. Noticia que me foi communicada pelo actual Barão de Sancta Combaddão, que assistiu á plantação. — Coimbra, 12 de fevereiro de 1867.»

de madeiras do Pinhal de Leiria e do Choupal de Coimbra e os principaes productos da industria de resinagem exercida no mesmo Pinhal de Leiria. Além das collecções que apontamos ha ainda outras amostras de madeiras nacionaes e estrangeiras. O numero total de todas as que alli se guardam eleva-se a 1:580 ¹.

A grande cêrca do collegio de S. Bento é tambem um annexo do Jardim. Ha ahi uma grande plantação de arvores florestaes, e uma importante collecção de arvores fructíferas.

No anno de 1870 o sr. visconde de Villa-Maior, reitor da Universidade, deu alli começo a uma eschola ampelographica, a qual presentemente se encontra em prosperas condições ².

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

ESTUDOS SOBRE O DISTRICTO DE COIMBRA

Extractos do relatorio apresentado em 28 de fevereiro de 1878 ao actual Governador Civil do Districto de Coimbra, para acompanhar os productos industriaes e agricolas do Districto, destinados á ultima exposição universal de Paris

(Continuado do n.º 3, pagina 38)

Desprovido de dados officiaes, que podessem levar-me a uma apreciação minuciosa e verdadeira do estado do districto, cujas industrias deviam ser representadas na exposição universal de Paris, apresentarei comtudo algumas noticias e esclarecimentos, que terão, ao menos, o merito de poderem servir de base a quem, mais competente e mais de espaço, possa dedicar-se a este estudo.

Compõe-se o districto de Coimbra de dezeseite concelhos, a alguns dos quaes não foi ainda dado gozar dos poderosos elementos de vida e de prosperidade, que se chamam estradas, caminhos de ferro e canaes. A propria viação ordinaria acha-se ainda em grande atrazo neste districto, pois que no fim do 1.º trimestre de 1876 (ultima estatistica publicada no *Diario do Governo*, de 27 de de-

¹ Vide—*O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*, pelo sr. dr. Julio Augusto Henriques, e no livro—*Exposição Succinta da Organização Actual da Universidade de Coimbra*, pelo sr. visconde de Villa-Maior, o capitulo relativo ao Jardim escripto pelo mesmo sr. dr. Julio Augusto Henriques. Vide tambem—*Memoria Historica da Faculdade de Philosophia*, pelo sr. dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

² Curiosos promenores d'esta eschola podem ver-se no *Instituto*, vol. xxvi, pag. 17.

zembro de 1876) existiam construídos sómente 199:158^m,10 de estradas reaes e 118:124^m,50 de districtaes, e em construcção 13:206^m,50 das primeiras, e 23:779^m,30 das segundas.

As estradas municipaes, que não são mencionadas naquelles mappas, têm já um soffrivel desenvolvimento, especialmente nos concelhos de Penella, de Cantanhede, e mesmo de Coimbra ¹.

É certo, porém, que muitas resta ainda a fazer, e que urge activar a sua construcção. Comtudo, ainda aos concelhos mais desfavorecidos d'estes melhoramentos, altamente civilisadores e productivos, não lhes negara a natureza um solo fertilissimo e um clima creador.

Se, pois, neste districto a industria fabril e manufactureira não se encontra em grande escala, a industria prima, a agricultura, floresce e póde fornecer magnificos especimens.

É o districto de Coimbra um dos mais importantes do paiz. Da sua posição geographica; de ser cortado na sua maior extensão por um rio navegavel, que termina em uma barra de movimento commercial muito grande; da sua riqueza agricola e industrial; da sua população e extensão superficial; e, finalmente, de ser a séde do primeiro estabelecimento scientifico do paiz, deriva naturalmente a sua importancia.

A sua área é de 388:310 hectares.

Não estando ainda terminadas as operações do recenseamento da população, a que se está procedendo, com referencia ao dia 31 de dezembro do anno findo, recorrerei aos ultimos mappas da população, existentes nesse governo civil, e que são respectivos ao anno de 1876.

Consta d'estes mappas que o districto comprehende 76:805 fogos, com 302:390 habitantes, o que corresponde á população especifica de 77,87 habitantes por kilometro quadrado.

Comparado este resultado com o do censo de 1864, que deu para a população do districto a cifra de 282:596 habitantes, vê-se que a população especifica cresceu, em doze annos, de 5,10 habitantes por cada 100 hectares, o que corresponde ao augmento total de 19:794 habitantes para todo o districto, numero que reputo muito áquem da verdade ².

Dos citados mappas para o anno de 1876 deduz-se o quadro seguinte:

¹ No dia 31 de dezembro de 1877 havia em todo o districto 124:963^m,15 de estradas municipaes concluidas, e em construcção.

² Pelo recenseamento de 1877 é a população do districto de 308:854 almas, mais 25:727 do que em 1863, como consta do *Diario do Governo*, n.º 30, de 7 de fevereiro ultimo. Entre este recenseamento e o mappa que publicamos ha grandes divergencias.

Mapa da população do districto de Coimbra

Concelhos	Extensão superficial em hect.	Numero de freguezias	Numero de fogos	Numero de habitantes	Nascimentos	Obitos	População especifica por k. q.
Arganil	37:942	17	4:822	20:789	558	384	54,78
Cantanhede . .	42:158	14	7:267	26:704	739	509	63,34
Coimbra	36:792	29	11:904	44:459	1:331	920	120,84
Condeixa	15:074	10	2:838	11:059	335	179	97,36
Figueira da Foz	28:360	11	8:758	34:947	1:025	675	123,22
Goes	28:872	5	3:028	11:270	212	170	39,03
Louzã	13:031	5	2:465	10:319	273	192	79,19
Mira	9:965	1	1:862	6:865	198	169	68,89
Miranda do Corvo	11:625	4	2:947	11:564	301	222	99,47
Monte-mór-ovelho	23:327	13	5:754	21:180	663	420	90,79
Oliveira do Hospital	20:696	19	5:696	25:050	636	421	121,03
Pampilhosa . .	37:814	10	2:263	10:071	290	189	26,63
Penacova	14:691	9	3:672	15:262	411	250	103,88
Penella	11:370	6	2:475	9:541	236	151	83,91
Poiães	5:621	4	1:823	7:147	184	122	127,15
Soure	33:215	12	4:879	18:231	535	339	54,88
Táboa	17:757	16	4:352	17:932	482	252	100,99
Somma	388:310	185	76:805	302:290	8:409	5:564	

Este mappa, composto com os subsidios já indicados, e com outros que encontrei na *Chorographia de Portugal* do sr. Baptista de Oliveira, mostra evidentemente que é prospero o estado do districto, porque augmenta a sua população. Accusa, comtudo, uma exaggeração, que seria bom corrigir.

Deve suppôr-se que o censo de 1864, com quanto ainda muito imperfeito, se aproximará mais da verdade, do que as estatisticas do governo civil. Ora, dando estas um excesso de nascimentos sobre os obitos de 2:845 individuos no anno de 1876, parece que o augmento da população no periodo dos ultimos doze annos deveria ser superior a 19:794, que ellas accusam. Em todo o caso, as condições do districto são incontestavelmente boas, pois que, sendo o numero medio de nascimentos por cada 100 habitantes de 2,78, é o dos obitos unicamente de 1,84.

Vê-se ainda d'aquelle mappa, que, sendo 185 o numero total das freguezias do districto, a extensão superficial media das freguezias é de 2:098^{hect.} com 415 fogos e 1:634 habitantes. Comparando estes numeros medios com os respectivos ao de cada uma das freguezias dos diversos concelhos, encontra-se uma grandissima differença entre os numeros restantes, o que indica mais uma vez que a divisão e a circumscripção territorial precisaria ainda de grandes aperfeiçoamentos e correcções.

Deduz-se ainda d'aquelle quadro que, não fazendo distincção entre população rural e urbana, póde concluir-se absolutamente que os concelhos de população mais densa são, pela sua ordem, primeiro Poiares, e seguidamente Figueira da Foz, Oliveira do Hospital, Coimbra, Táboa, etc. até Soure, Arganil, Goes e Pampilhosa, que é nestes onde predominam as charnecas e os mais extensos baldios.

Apezar de ser a industria agricola a que constitue a principal riqueza d'este districto, é comtudo considerabilissima a sua área inculta, tanto em areas do littoral, como em encostas e cumiadas de rocha núa e escavada, e em charnecas e baldios, cuja pobre e rachimta vegetação mal serve para alimento de insignificantes gados.

Seria muito para desejar que se procedesse a um estudo minucioso dos terrenos que se acham incultos, ou mal aproveitados neste districto, e d'aquelles que jámais poderão apropriar-se á cultura. Havendo percorrido uma grande parte d'elles, parece-me que não serei exaggerado calculando-os em 40 por cento da totalidade do districto, ou 155:324 hectares, incluindo nesta cifra a superficie social occupada pelas povoações, estradas, caminhos de ferro e leitos de rios e de ribeiras. Admitte-se que no nosso paiz a superficie inculta orça por dois terços da total.

Considero, porém, naquelle numero só os terrenos que não podem apropriar-se á cultura regular. Sendo assim, a cultura no districto de Coimbra faz-se sómente em 232:986 hectares, abundando os milhos, os vinhedos, os olivae e as matas de *pinus marítima*. Uma estatistica regular d'estas culturas seria curiosissima e de grande importancia.

A propriedade acha-se aqui immensamente dividida, e tanto mais quanto melhores são os terrenos e mais densa a população.

Sendo a proporção dos predios rusticos para os urbanos de 567:155 para 68:556, terão aquelles a media da superficie cultivada de 4:108^{m. q.}

O quadro seguinte dará idéa da divisão das propriedades neste districto:

Mapa do valor e divisão da propriedade do districto

Concelhos	Numero total dos predios inscriptos na matriz	Valor collectavel	Numero dos predios rusticos	Superficie cultivada	Superficie media de cada predio em cultura	Numero de habitantes por concelho	Numero de predios por habitar
				hect.	m. q.		
Arganil ...	57:042	80:876\$237	52:085	22:765	4:370	20:789	2,5
Cantanhede	70:307	122:036\$788	64:799	25:295	3:597	26:704	2,4
Coimbra...	57:139	273:379\$409	48:849	22:075	3:863	44:459	1,0
Condeixa..	25:630	57:477\$725	22:860	9:045	8:919	11:059	2,0
Figueira da Foz	53:658	183:691\$250	45:071	17:016	3:171	34:947	1,3
Goes.....	31:812	28:240\$070	29:600	17:233	5:417	11:270	2,6
Louzã.....	18:046	38:707\$925	16:312	7:819	4:333	10:319	1,5
Mira.....	15:547	35:538\$750	13:998	5:979	3:845	6:865	2,0
Miranda do Corvo....	20:035	36:071\$717	16:536	6:975	3:481	11:564	1,4
Monte-mór-o-velho..	41:754	149:501\$900	36:215	13:956	3:342	21:180	1,7
Oliveira do Hospital.	31:536	92:550\$678	27:201	12:418	3:938	25:050	1,0
Pampilhosa	25:643	24:726\$058	23:893	22:688	8:847	10:071	2,3
Penacova..	48:714	35:382\$900	43:835	8:815	1:809	15:262	2,8
Penella ...	27:507	34:377\$067	24:868	6:822	2:480	9:541	2,6
Poiares ...	14:101	16:972\$105	13:085	3:373	2:392	7:147	1,8
Soure.....	49:670	121:273\$859	44:288	19:929	4:012	18:231	2,4
Táboa	47:570	78:169\$370	43:660	10:654	2:241	17:932	2,4
Somma...	635:711	1.408.973\$808	567:155	232:994	3:652	302:390	1,8

Este mappa, cujos resultados só devem ser tomados como uma aproximação, mostra que os concelhos onde a propriedade está mais dividida são, por sua ordem: Penacova, Táboa, Poiares, Penella, Figueira da Foz... até Soure, Arganil, Louzã, Goes e Pampilhosa, sendo estes os que encerram maiores baldios e charnecas.

É, seguramente, a extrema subdivisão da propriedade um grande obstaculo ao aperfeiçoamento da agricultura, por não permitir o emprego dos poderosos meios mechanicos das grandes e modernas explorações agricolas. Se, porém, a par das escholae practicas, aonde o pequeno proprietario e lavrador fosse instruir-se, houvesse estabelecimentos de credito, onde levantasse os fundos precisos para o seu grangeio, e se, directa ou indirectamente, se facilitassem as associações agricolas para em commum se explorar

a terra, ao que se prestam magnificamente os campos do Mondego e de todos os seus afluentes, tenho por certo que aquelle inconveniente seria grandemente atenuado, com decidida vantagem para todos.

No emtanto, a propria divisão da propriedade é indicativo do seu elevado valor; e, na verdade, apesar do baixo preço da inscrição dos predios na matriz, ainda assim o valor venal de toda a propriedade do districto ascende á cifra de 28.187:177,5220 réis, com o valor medio de 44,325 réis por cada predio.

A conversão dos baldios em materia collectavel e terrenos productivos augmentaria consideravelmente a riqueza publica, e daria emprego a muitos braços, diminuindo a emigração, assumpto em que tão empenhados têm andado os poderês publicos.

São as matas uma grande riqueza nacional, já pelo seu proprio valor, já pela influencia que exercem na saude publica, no regimen das aguas, na conservação dos terrenos expostos á corrosão das cheias e das aguas correntes, no retardamento da marcha destruidora das dunas, no clima, emfim, para o qual funcionam como verdadeiro regulador meteorologico.

O serviço da arborisação não dispensa a intervenção do estado. Infelizmente, esta acção pouco se tem feito sentir neste districto, e em geral em todo o paiz.

Quizera apresentar a estatistica e a carta sylvicola do districto, com a designação das respectivas essencias florestaes; mas nada official se conhece com relação a este importante assumpto. E, comtudo, está no animo de todos a arborisação, como uma das mais momentosas questões do dia.

Para ella chamo a attenção de v. ex.^a, fazendo votos porque todas as camaras imitem a da Figueira da Foz, que não só realisou boas sementeiras na charneca de Lavos e auxiliou para o mesmo fim a junta de parochia de Quiaios, mas tambem, reconhecendo a impossibilidade financeira de arborisar os seus baldios do littoral, os cedeu ao estado que já tem 25 hectares de auspiciosas sementeiras de pinheiro no Cabedello de Lavos.

São egualmente para louvar as camaras de Coimbra e de Montemor-o-velho, que criaram viveiros florestaes para a arborisação das suas estradas e terrenos publicos, sentindo ignorar se outras lhes seguiram o exemplo, para aqui as citar como egualmente dignas de louvor.

As matas nacionaes do districto são poucas e de somenos importancia, e resumem-se nos pinhaes do Urso, de Foja, de Vil de Mattos e de Seiça, que não medem mais de 1:500 hectares.

As do Mondego, e designadamente as do Choupal e de Valle de Canas, têm-se tornado notaveis pelos viveiros florestaes, que

possuem, d'onde annualmente saem, ou para particulares, ou para diversos estabelecimentos e repartições publicas, grande numero de plantas.

Para se apreciar o cuidado, que este serviço tem merecido á direcção das obras do Mondego, apresentarei o seguinte mappa, com referencia aos ultimos cinco annos economicos :

Mappa das plantações effectuadas nas matas e areas do Mondego

Annos economicos	Plantações nas matas e areas do Mondego — Numero de plantas	Plantações nos viveiros do Mondego — Numero de plantas	Valor das plantas empregadas nas obras ou cedidas gratuitamente	Rendimento bruto dos viveiros, proveniente da venda de plantas
1872-1873.....	637:709	23:445	1:446\$015	651\$485
1873-1874.....	436:894	22:243	2:481\$445	851\$185
1874-1875.....	315:947	16:586	1:495\$515	613\$570
1875-1876.....	421:684	26:198	3:190\$280	798\$805
1876-1877.....	155:480	40:062	1:644\$515	924\$015
Somma.....	1.967:714	128:534	10:257\$770	3:829\$060

Nestas plantações feitas por conta das obras do Mondego incluem-se 1.769:124 tanchas de salgueiros em areas e margens de rios e vallas, para enateiramento ou fixação de terrenos.

As duas matas, do Choupal e de Valle de Canas, pertencentes ao Mondego, têm tido nos ultimos dez annos um soffrivel movimento florestal, constando do mappa juncto, cujo resumo dá o seguinte, desde 1 de julho de 1866 até 30 de junho de 1877:

Plantações effectuadas

Designação das matas	Coniferas	Folhosas de folha permanente	Folhosas de folha caduca	Total
Choupal.....	1:330	10:565	626:520	638:415
Vale de Canas.....	21:543	6:921	3:757	32:221
Somma.....	22:873	17:486	630:277	670:636

(Continúa)

ADOLPHO LOUREIRO.

DESANIMO

Ao vel-a assim tão pura,
 Ao vel-a tão suave,
 Passar com a doçura
 Do vôo d'uma ave,

E então sem um afago
 De leve só poizar
 Em mim serena,— um vago
 Indiferente olhar,

Eu digo tristemente:
 «É um anjo do Senhor,
 «E aos anjos que demente
 «Ousa falar d'amor?»

Porto.

ALBERTO ROQUE.

OLLARIAS ANTIGAS

(O que são e o que valem)

«Não ha lugar, onde o homem tenha habitado, em que não se depare com restos d'algum *vaso de barro*».

«São por isso os *artefactos de ollaria*, onde quer que elles apparecerem nas excavações, um vestigio preciosissimo da migração do homem sobre a terra».

«Tem-se a *ceramica* por este motivo, como um dos estudos mais indispensaveis entre os ramos das sciencias archeologicas».

Disse a razão estas verdades, elevadas hoje á categoria de aphorismos, na *Archéologie Céramique et sépulchrale* do Abbade Cochet.

Conforme os amadores da especie, ha no estudo das obras de ollaria dois typos geraes:

São as *ollarias opacas* e as *ollarias translucidas*, umas e outras sem kaolino e com kaolino.

Das *ollarias opacas* ha cinco grupos especiaes:

Ollarias asiaticas, ollarias africanas, ollarias americanas, ollarias oceanicas, e ollarias europeas.

Deixando os quatro primeiros grupos, e fallando unicamente do

quinto, bastará trazer á lembrança alguns dos grupos salientes d'esta classe:

Taes são em geral os seguintes grupos: Ollarias celticas (lacustres); ollarias pelasgas (homericas); ollarias gregas; ollarias etruscas; ollarias latinas; ollarias romanas; ollarias scandinavas; ollarias germanicas; ollarias saxonias; ollarias gaulezas; ollarias italicas; ollarias siculas; ollarias hispanicas (maurescas); ollarias lusitanicas.....

Das ollarias translucidas, conhecidas usualmente com o nome de porcellanas, deixa-se em silencio a individuação respectiva.

As ollarias celticas ou lacustres, em relação ao maximo da sua ancianidade, remontam-nas os amadores a 2:000 annos antes da era vulgar, em parallelo com as ollarias americanas.

As ollarias pelasgas ou homericas, a 960 annos: — as ollarias gregas e etruscas, a 900 annos: — as ollarias latinas, a 400 annos: — as ollarias romanas, a 100 annos.

São anteriores todos estes annos á mesma era vulgar, que é *posterior sete annos ao nascimento de Christo*, conforme os estudos minuciosos dos chronologistas em nossos dias.

Dos outros grupos d'esta classe, não é entre os amadores assente, com a firmeza necessaria, a ancianidade respectiva.

Entre os artefactos do grupo celtico ou lacustre ha dois typos geraes:

(a) — Ollarias da edade de pedra, confeccionadas de argilla grosseira, com grãos de quartzo (silica), sem ornatos, e endurecidas em cozedura empalhada, como tem logar ainda entre os cafres.

Nas ollarias finas, embora ainda rudes, ha por vezes uma especie de coloração com graphita, (plombagina).

(b) — Ollarias da edade de bronze, confeccionadas com variedade de fórmas, e com ornamentação rudimentar.

Através dos typos de configuração, e dos padrões do ornato, reconhece-se a existencia de estabelecimentos de ollaria em cada mansão dos povos.

Com os especimens achados d'estas ollarias, remonta-se através das epochas das invasões celticas, graças aos estudos de Uhlmann, Jahn, Swab, Troyon, Forel, Rey, e Desor.

A primeira invasão celtica na peninsula teve logar 1:600 a 1:500 annos antes da era vulgar. A segunda, correlativa ás conquistas gallo-italicas de Sigovesio e Bellovesio, teve logar entre seis a cinco seculos antes da mesma era vulgar.

Nas ruinas da *Citania* no concelho de Guimarães, apezar da porção dos restos das ollarias apparecidos, é impossivel poderem-se precisar, com a firmeza necessaria, as epochas a que elles pertencem.

O geral d'estes artefactos, não só pela qualidade grosseira do

barro, senão também pelo tosco e rude dos ornatos, parece revelar-nos uma epocha posterior á dominação romana, e imperfeita ainda nas suas labutações.

Revelarão talvez, na opinião d'alguns apreciadores, a epocha da dominação sueva, conforme o que mostram na generalidade. Mas nem todos os amadores opinarão assim.

Artefactos de ollaria, característicos exclusivos da epocha da dominação romana, como alguns apreciadores quererão; a poucos descobriu até agora a exploração methodica das ruínas da *Citania*.

Com fragmentos apenas, e num estado de fraccionação muito miuda em regra, não podem aventar-se deducções irretorquiveis a este respeito; nem ainda egualmente em relação ás epochas antiquissimas dos povos celtas.

Em casos d'estes é melhor suster o passo, do que tropeçar e cahir por terra.

Ainda assim, comparados alguns restos das ollarias da *Citania* com o geral das contrucções em ruínas, mal poderia o espirito deixar de inclinar-se para uma *apreciação celticista*, no que ha de mais antigo naquella povoação d'outr'ora.

Caldas de Vizella, 10 de fevereiro de 1879.

ANTONIO PEREIRA DA SILVA CALDAS.

ALGUNS PASSOS NUM LABYRINTHO

Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve

(Continuado do n.º 3, pagina 48)

Ptolomeu, contemporaneo de Antonino, menciona os principaes rios da Lusitania pela ordem e com os nomes seguintes: «*Tagi fl. ostia... Monde fl. ostia. Vaci fl. ostia. Post quae Dorii fl. ostia*¹.»

Concordando por tanto Strabão, Plinio e Ptolomeu em designar como principaes rios da Lusitania do Sul para o Norte, o Tejo, Mondego, Vouga e Douro, e, mencionando sómente Plinio o rio Eminio em um lugar tão abundante de erros de geographia com evidencia conhecidos, a boa logica está pedindo que se considere também erro o que se não póde fazer concordar nem com os outros geographos nem com o proprio Plinio. E assim, admittindo que

¹ Ptolomeu — *Europae*, tab. 2.

o auctor se enganara, confundindo o Mondego com o Minho (o que pela situação da cidade de *Eminio* e pela similhaça d'este nome com o de *Minius* mais facil seria), bem como confundiu manifestamente os dois rios *Minius* e *Límœa*, ninguem contestará por certo a necessidade de pôr de parte nesta questão o texto pliniano. Ora, supprimido o rio *Eminio*, nenhuma duvida pôde restar ácerca da correspondencia da antiga *Eminio* á actual Coimbra.

As palavras de Gaspar Barreiros mostram como anteriormente á divulgação da fabula de Ataces havia quem suppozesse que a cidade de *Eminio* fôra no logar da Coimbra moderna; opinião que este mesmo auctor parece prometter provar noutra parte, promessa que não chegou a cumprir, pelo menos em livro conhecido. «A qual cidade de Conimbriga querem algũs dizer q̄ foi depois mudada abaixo onde ora é Coimbra, retendo ó seu mesmo nome, por causa do rio Mondego, de cuja nauegaçã & outros proueitos dos rios caudalosos podia ser ó pouo melhor seruido q̄ em Cõdexa, pello q̄ diriuã ó nome de Condexa de cousa deixada, como q̄ deixãrã hũa por pouoar outra. Mas por serẽ deriuações de pouo nã faço d'ellas muito fũdamẽto. Porẽ quãto á obseruaçã do nome antigo de Coimbra, & se é á cidade *Eminiũ* q̄ Plinio cõ hũ rio n'esta mesma parte situa & Antonino assi mesmo duas legoas & mea de Conimbriga, de q̄ parece se faz mēçã no cõcilio Toletano: i i j. onde sta subscripto *Posidonius Eminiensis episcopus*, nã é d'este presente lugar senã d'outro onde ó nos tractamos mais largamẽte ¹.»

Se bem que o auctor se não declare expressamente, o modo por que pretendeu concordar Plinio e Antonino, para referir o logar de *Eminio* ao da Coimbra moderna, está indicando ser esta mesma a sua opinião.

Mas como foi que se mudou o nome de *Eminio* em *Conimbrica*, *Colimbria* ou *Coimbra*? Tendo desaparecido o primeiro nome e a povoação a que o segundo pertenceu, o que parece mais provavel é que de duas cidades proximas, uma d'ellas, menos, outra mais importante, a primeira adoptasse o nome da segunda, depois da sua destruição. Os antigos chronicões de Idacio e outros referem a destruição de *Conimbrica* pelos suevos na segunda metade do seculo v. Se fosse total a destruição, todas as probabilidades seriam em favor da hypothese mencionada. Prova-se porém com varias razões que a antiga cidade de *Conimbriga* não desapareceu inteiramente depois de entrada, e, em parte, arrasada pelos suevos.

¹ Barreiros, loc. cit.

No anno de 1872, abrindo-se os alicerces para uma sacristia juncto da egreja de Condeixa a Velha, appareceu a seguinte inscripção que hoje se conserva na collecção do Instituto ¹:

SERENIA
NVS FAMV
LVS Dⁱ VIXIT
ANVS IIII ET
REQV IN PA
CE VIII KL DE
CEMBRES E
RA DLXXVIII

Em 24 de novembro do anno de 541 não era, por tanto, deshabitado o lugar de Condeixa a Velha. Setenta annos depois da destruição que Idacio e Sancto Isidoro memoravam, o recinto dos muros meio derribados abrigava ainda provavelmente uma povoação importante, que se estendia para fóra da cerca e celebrava o culto christão nalgum pequeno templo, que occupava pouco mais ou menos o mesmo lugar da moderna egreja, juncto da qual appareceu soterrada a lapide sepulchral de Sereniano.

Por esse tempo era ainda Conimbriga ou Conimbrica ou Conimbria uma das dioceses da Lusitania; porque no anno de 561 assignou o 1.º concilio de Braga *Lucentius Conimabriensis* ². E em 569 no concilio de Lugo, pela divisão de Theodomiros, ficou pertencendo a parochia de Eminio á sé Conimbricense. «*Conimbricensis sedes teneat ipsam Conimbriam, Eminio, Selio, Bime, Insula, Astrucione, et Portugali Castrum antiquum. Sub uno VII* ³.» Por onde se prova a coexistencia das duas povoações Conimbria e Eminio, e a maior importancia da primeira até ao anno de 569. E que isto assim continuava, mais de um seculo depois, demonstra-se com a divisão de Wamba, pela qual no anno de 675 ficou Eminio sujeita á sé de Coimbra. Emfim nos concilios 4.º, 6.º, 8.º, 13.º, 15.º e 16.º de Toledo, desde 633 até 693, e no de Merida de 666, assignam os bispos da sé Conimbricense ⁴.

Entre tantos concilios ha um só assignado pelo bispo de Eminio e não pelo bispo de Coimbra. É o 3.º de Toledo, no anno de 589, que subscreveu *Possidonius Eminiensis Ecclesiae Episcopus*. Assim, estando nos annos de 569 (divisão de Theodomiros) e de 675 (divisão de Wamba) subordinada a parochia de Eminio á sé de Coimbra,

¹ Instituto, tomo xx, n.º 11, pag. 238.

² Loaisa — *Collectio Conciliorum Hispaniae*. Madrid, 1593, pag. 123.

³ Idem, pag. 137.

⁴ Idem.

apparece vinte annos depois do primeiro e oitenta e seis antes do segundo, um bispo da egreja eminiense, o unico mencionado em documentos conhecidos.

O padre Antonio Pereira resolveu a duvida, suppondo que teria havido erro na designação da diocese, trocando-se o nome da cidade. Mas o padre Flores rejeita esta explicação por faltar nas subscripções do concilio a do bispo de Coimbra, devendo crer-se por similhante razão que o logar d'este fôra occupado pelo bispo de Eminio. Entendeu o auctor serem Coimbra, e Eminio cathedraes do mesmo bispo que se intitularia ora de uma, ora de outra ¹. É possível que assim fosse, e tambem que, por motivos ignorados, a diocese fosse temporariamente transferida, pelos annos de 569, de Coimbra para Eminio. Que a importancia d'esta ultima cidade augmentara por essa mesma epocha prova-se claramente com as moedas que dentro em seus muros cunharam Reccaredo (586 a 601), Liuva II (601 a 603) e Sizebuto (612 a 621) ². É porém certo que não desapparecera ainda a da antiga Conimbriga, pois que em 675 lhe fica outra vez subordinada Eminio na divisão ecclesiastica de Wamba; em 700 reinava Egica, de quem, nas ruinas de Condeixa a Velha, appareceu uma moeda de ouro, hoje possuida pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro.

Emfim a coexistencia das duas cidades ainda na segunda metade do seculo IX mostra-se com o Chronicon Albeldense, onde se lê de Affonso filho de Ordonho: «.... *Conimbricam, ab inimicis possessam, eremavit, et Gallecis postea populavit: multaue alia castra sibi subjecit. Ejus tempore Ecclesia crevit, et Regnum ampliatur. Urbes quoque Bracarensis, Portucalensis, Aucensis, Eminiensis, Vesencis atque Lamecensis á Christianis populantur* ³.»

É este o ultimo dos documentos em que se encontra o nome de Eminio, que desapparece depois completamente, ficando só o de Coimbra, referido já á cidade do Mondego. Numa escriptura de Lorvão de 946 lê-se: «... *In loco nominato Urbanensi Cænobio Suburbio Colimbrice, discurrente rivulo Mondeco* ⁴.»

Se a mudança de nome e a decadencia de uma das cidades se

¹ Flores — *Espana Sagrada*, tomo XIV.

² Na collecção munismatica de S. M. el-rei, exposta em Pariz no anno de 1867, havia um exemplar da moeda de Reccaredo. Vej. o catalogo respectivo do sr. A. C. Teixeira de Aragão. Severim de Faria no tomo II das *Noticias de Portugal* menciona as duas moedas de Reccaredus e de Sizebuto, cunhadas em Eminio. Liuva II diz o sr. Aragão ter cunhado moeda em Eminio na *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Lisboa, 1875, tomo I, pag. 52.

³ *Espana Sagrada*, tomo XIII.

⁴ *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et chartae*, vol. I.

seguiu, como parece provavel, a um cataclysmo social, este seria de certo a conquista de Affonso III pelos annos de 878. A antiga Conimbriga não poderia recuperar-se dos estragos que por esse tempo soffreria, e a mudança da sé para Eminio, perpetuaria nesta cidade o nome d'aquella, onde antecedentemente estivera.

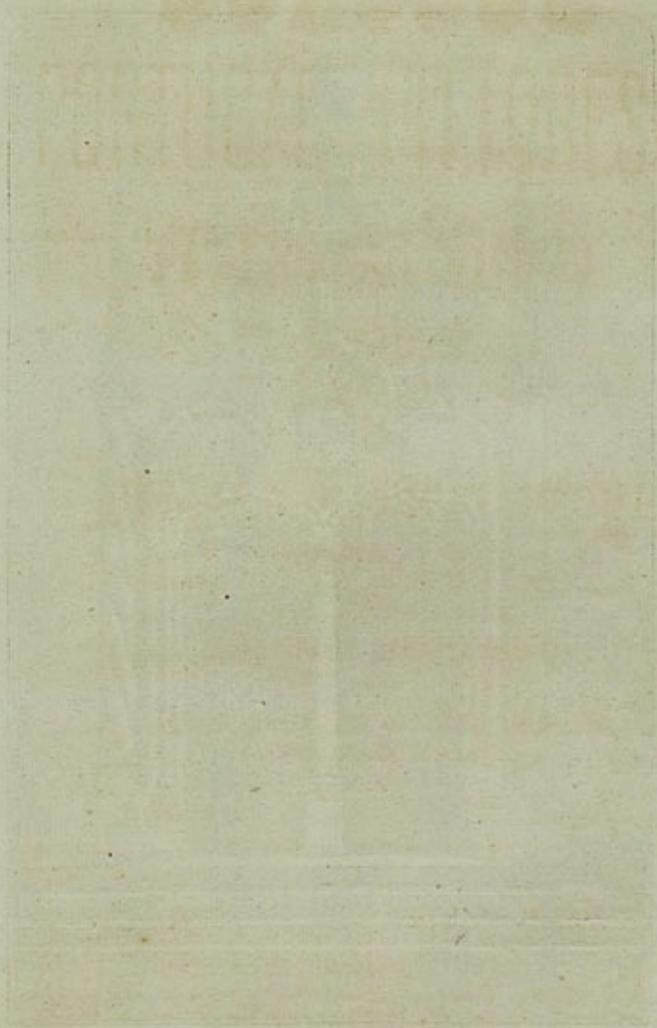
Numa epocha toda de guerras e conquistas não é difficil explicar a progressiva decadencia da antiga Conimbriga e o engrandecimento constante de Eminio. Meio destruidos os muros d'aquella cidade pelos suevos no seculo v, continuariam depois a padecer novos estragos pelas conquistas tanto dos christãos, como dos mouros. O sitio da cidade sem defensão natural, excepto pela parte do riacho, que ainda hoje corre ao sul das ruinas, não dava aos seus habitantes a menor garantia de segurança. Pelo contrario a antiga Eminio, edificada no cume e nas encostas de um monte, era pela sua elevação naturalmente muito mais defensavel. Por outra parte, muito a ajudaria contra os ataques e correrias dos inimigos que viessem do lado do sul, o rio Mondego, cuja importancia como defensão natural claramente se patenteou nos seculos XI e XII, quando serviu de limite ao territorio occupado pelos christãos.

Parece, por tanto, que á antiga Conimbriga, filha da civilisação romana, faltariam as condições das cidades medievas que em alto gráo possuia Eminio, situada a duas leguas de distancia. A primeira com a vitalidade das cidades populosas, fortes e opulentas, subsistiu ainda pelo espaço de quatro seculos depois da queda da dominação dos romanos. Mas, enfraquecida e arruinada pelas frequentes e successivas conquistas, não pôde subsistir por mais tempo. Do seculo IX para o seculo X a sé muda-se, provavelmente pela segunda vez, para Eminio, e os bispos continuam a intitular-se *conimbricenses*. Assim se operaria a mudança do nome, que no seculo XII as ruinas da antiga Conimbriga já não conservavam. Em mais de um documento as denominaram *antiquissimæ civitatis Condisiæ* ¹.

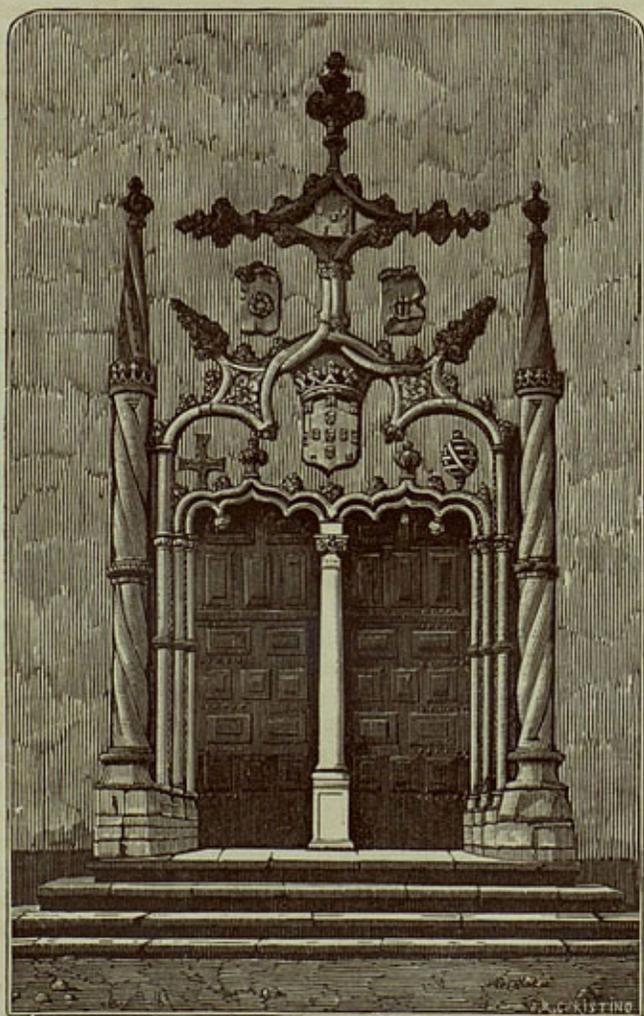
A. FILIPPE SIMÕES.

¹ *Vita S. Martini sauriensis. Monum. Hist.*—Scriptores, vol. I, pag. 60. Veja tambem a doação da egreja de Soure no anno de 1111 feita pelo bispo D. Gonçalo aos seus conegos. No *Portugal Renascido* de Fr. Manuel da Rocha vem em latim barbaro um documento de Loryão, concernente ao tempo do conde D. Sesnando, com a palavra *Condeixa*, tal qual hoje se escreve.

Guardam-se tambem na collecção do Instituto dois fragmentos d'uma cruz de pedra, lavrados no estylo usado na epocha da inscripção de Sereiano, isto é, depois da dominação romana e anteriormente á dominação arabe. Estes fragmentos appareceram nas ruinas dentro dos muros.



6,2



Porta da Capella da Universidade

612

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Maio de 1879

N.º 5

PORTAL DA CAPELLA DA UNIVERSIDADE

Entre as construcções graciosas de estylo manuelino, que ainda hoje ennobrece Coimbra, nota-se o formoso portal da capella da Universidade, cuja perspectiva representa com fidelidade a estampa adjuncta.

Sobresaheem d'entre os ornatos, aos lados do escudo e corôa real, a cruz de Christo e a esphera armillar, emblemas significativos com que foram em geral assinaladas as construcções do rei afortunado.

Mas, o que sobre tudo revela a epocha, e caracteriza o estylo, é a fórma especial das columnas e a sua triplíce combinação; no plano exterior torcidas e rematadas por elegantes coruchêos; mais dentro paralellas e aprumadas, descrevendo superiormente airosas e variadas curvas: de modo que a variedade e justa proporção dos elementos enlevam pela harmonia; e suscitam no espirito a convergencia para a unidade.

Não conserva o specimen de que tractamos a sua primitiva pureza. A observação minuciosa descobre pequenas mutilações que não prejudicam ao effeito geral. O que porém não concerta com o estylo e desenho da obra, e impressiona desagradavelmente o observador, é a columna corinthia, que divide o vão; accrescentamento inconveniente, que de si reclama adequada substituição.

Não se tem por averiguado se o portal e trabalhos congeneres do interior da capella foram obra de D. Manuel ou de seu filho e successor; por quanto a traça e execução concordam com o typo manuelino, mas os documentos mais antigos, de que havemos noticia, mostram-nos que a reedificação da capella, então pertencente ao paço real, se effectuara no reinado de D. João III. Parece-nos admissivel a conjectura de que muito material e obra d'arte ficara preparada do tempo de D. Manuel, e de que a reedificação proseguira depois em conformidade com o plano primitivo. Conciliando d'este modo a epocha architectonica com a letra dos documentos, não pretendemos harmonisar a discordancia por mero arbitrio; apontamos, como mais provavel, a hypothese que a historia nos mostra realisada em monumentos coevos. S. M.

ESTUDOS SOBRE O DISTRICTO DE COIMBRA

Extractos do relatório apresentado em 28 de fevereiro de 1878 ao actual Governador Civil do Districto de Coimbra, para acompanhar os productos industriaes e agricolas do Districto, destinados á ultima exposição universal de Paris

(Continuado do n.º 4, pagina 57)

.....
 Apresenta o districto de Coimbra terrenos, cuja variada constituição geologica, exposição, accidentação e circumstancias peculiares, tornam aptos para mui diversas e multiplicadas culturas. Em presença do reconhecimento effectuado pela benemerita commissão geologica do nosso paiz, podem aquelles terrenos classificar-se do modo seguinte:

	(Numero redondo)
Terrenos quaternarios — Alluviões modernas	43:600 hectares
» terciarios — Neogenio lacustre superior	118:300 »
» secundarios — Cretacio inferior.....	13:300 »
» » — Jurassico	12:300 »
» » — Triasico	23:400 »
» » — Liasico	16:700 »
» de transição — Devoniano	126:100 »
» » — Siluriano.....	6:100 »
» primitivos — Graniticos	28:500 »

Encontram-se os terrenos primitivos no alto districto, nos concelhos de Oliveira do Hospital e de Taboa. Succedem-se-lhe os de transição, e abundam especialmente nos concelhos de Arganil, Goes, Pampilhosa, Louzã e Penacova. Os terrenos modernos e quaternarios são privativos da parte inferior do districto, e apparecem nos concelhos de Coimbra, Figueira da Foz, Monte-mór-ovelho, Soure, Cantanhede e Mira. Na sua maxima parte formam os denominados campos do Mondego, tão fertes e valiosos, quanto pittorescos e bellos.

Considerado orographicamente, acha-se a maior parte do districto a uma altitude comprehendida entre 0^m e 200^m; uma pequena parte entre 200^m e 500^m; e uma pequenissima, nos concelhos de Goes, Pampilhosa, Taboa e Oliveira do Hospital, a uma altitude superior a 500^m.

Cortado em grande extensão pelo rio Mondego e por outros rios que a este affluem, bem como por innumerias ribeiras e regatos, apresenta em toda a parte vastos campos e varzeas, susceptiveis de irrigação e muito proprios para prados de engorda.

Assim, a natureza do solo, a sua accidentação e exposição, e as condições climatericas, tornam-o apto para mui diversas culturas, sendo seguramente da industria agricola e artes correlativas, que o districto de Coimbra tira o bem-estar presente, e deve esperar a prosperidade futura.

Ligado com o caminho de ferro do Norte, cortado já por bom numero de estradas, e communicado com o porto da Figueira da Foz por uma via fluvial, com a qual nenhuma outra póde disputar primazias na modicidade do custo de transportes, reúne todas as condições para prosperar.

Como prova d'isto e em abono da importancia commercial do porto da Figueira da Foz, apresentarei a seguinte estatistica do rendimento da alfandega d'esta villa, que me foi obsequiosamente ministrada pelo cavalheiro que dignamente dirige aquella repartição fiscal.

Mappa do rendimento da alfandega da Figueira da Foz

Quinquennios	Rendimento total da alfandega	Maximo em um anno	Minimo em um anno
Desde 1 de julho de 1842 até 30 de junho de 1847	228:249\$002	54:629\$097	35:742\$141
Desde » 1847 a » 1852	260:519\$181	66:121\$600	41:383\$205
Desde » 1852 a » 1857	211:952\$583	54:819\$651	29:641\$562
Desde » 1857 a » 1862	301:674\$955	69:550\$738	58:943\$226
Desde » 1862 a » 1867	334:229\$795	77:294\$382	55:924\$216
Desde » 1867 a » 1872	398:527\$418	93:970\$252	67:183\$780
Desde » 1872 a » 1877	499:602\$501	107:677\$582	93:694\$314
Sommas para os 35 annos ultimos	2.234:755\$435	107:677\$582	29:661\$562

A inexoravel logica dos algarismos dispensa todos os commentarios, mostrando que em menos de 35 annos duplicou o rendimento da alfandega maritima da Figueira da Foz, ao mesmo tempo que augmentavam tambem e se alargavam as vias de importação e de exportação d'aquella praça.

Se esta estatistica é a genuina expressão da verdade, não póde dizer-se outro tanto das estatisticas administrativas da produção agricola da terra.

Se da estatistica dos cereaes e feculentas, produzidos no districto

no anno de 1876¹ se separassem os generos, que são indispensaveis para a reproducção annual, restariam quantidades insufficientes para a alimentação da população. Basta enunciar este facto para concluir immediatamente a falsidade d'aquellas estatisticas.

Todos sabem que o districto, se muitas vezes importa alguns generos, exporta sempre, e em grandes quantidades, outros, taes como o feijão, a batata, etc.

Irei buscar um unico exemplo, e d'ahi concluir-se-ha para o resto. A producção do arroz é calculada alli em 2.971:745 litros. No concelho de Condeixa calcula-se esta producção em 2:000 litros. Pois só um dos proprietarios do concelho, o sr. Francisco de Lemos Ramalho, que expoz arroz criado nas suas propriedades da freguezia da Anobra, declara na guia que acompanha aquelle artigo, que colhe annualmente 1.000:000 litros de arroz!...

D'entre todos os concelhos é o da Figueira da Foz o que mais se aproxima da verdade, e comtudo a producção do arroz, em anno de fartura, só na freguezia de Maiorca ou do Paião, deve ser igual ou superior á que se calcula para todo o concelho.

A producção do arroz, calculada nos concelhos de Cantanhede e de Soure, julgo que não será superior á centesima parte da real.

Esta pernicioso cultura, que, a despeito de todas as peias, de todas as restricções, e até da prohibição absoluta, como é lettra expressa da lei, é ainda permittida neste districto; esta cultura, universalmente condemnada, que é uma causa permanente de destruição, que espalha a infecção em torno a si, que é um obstaculo a todo o melhoramento agricola das terras, porque vive só em condições que são a morte para todas as outras; esta cultura, que é um exemplo frisante do egoismo, um ataque permanente á saude publica, um insulto á sociedade, um escarneo á lei, e um acto immoralissimo impunemente practicado e vergonhosamente consentido; esta cultura, apezar de tudo, desenvolve-se, cresce, estende-se todos os dias, convertendo os logares mais salubres em pantanos immundos e pestilenciaes, as mais viçosas povoações em montões de ruinas desertas e abandonadas, a animação e o bulicio da vida na solidão e silencio da morte.

Que me seja desculpado este brado contra os arrozaes, cujos perniciosos effeitos tenho bem avaliado, mantendo sempre contra elles uma lucta sem tregoa, mas, infelizmente, lucta impropicia e ingloria.

Pelo inquerito, a que procedi neste districto, em conformidade com o disposto no decreto de 31 de janeiro de 1872, verificou-se

¹ Não publicamos aqui estes mappas estatisticos pelo seu grande desenvolvimento.

que occupavam então os arrozaes do districto 1:047 hectares, distribuidos pela forma seguinte:

Mapa dos arrozaes cultivados no districto

Concelhos	Extensão superficial occupada pelos arrozaes
Cantanhede	1.432:941 m. q.
Coimbra	22:502
Condeixa	69:216
Figueira da Foz	4.328:486
Mira	1.302:393
Monte-mór-o-velho	2.569:458
Soure.....	746:410
Somma.....	10.471:406

São decorridos sómente cinco annos depois d'aquelle inquerito, e estou convencido de que a oryzicultura occupa hoje um quinto mais dos terrenos que occupava então. Que se avalie assim a seriedade e exactidão d'aquellas estatisticas...

Apresentarei ainda outros exemplos mais significativos, e para este fim recorrerei á estatistica dos vinhos e outras bebidas¹.

É nesta estatistica que mais salientes são as inexactidões. Exemplificarei.

Só a freguezia da villa de Cantanhede produz tanto vinho, quanto a estatistica dá para todo o concelho. O azeite, calculado para o concelho, é inferior ao produzido em qualquer das freguezias, a menos importante.

Em Condeixa, cuja producção vinicola se diz de 74:093 litros, succede que só os expositores, que, em numero de 21, apresentam vinhos, declaram que a sua colheita sobe a 123:900 litros. O mesmo succede com o vinagre e outros generos, sendo mais notavel o erro commettido na apreciação da producção do azeite, que neste concelho é das maiores do districto.

Na Figueira da Foz, as vinhas de Lavos e do Paião, que já produziram mais de 10:000 pipas de vinhos annualmente, e que ainda hoje não produzirão menos de 6:000, que pela maior parte

¹ Não publicamos este mappa pela sua grande extensão.

é transformado em aguardente, calcula-se a produção da aguardente em 1:232 litros, isto é, cêrca de $2\frac{1}{2}$ pipas. Ora é certo que, neste concelho da Figueira da Foz, a produção da aguardente não póde computar-se em menos de 400 pipas por anno.

Erros semelhantes se encontram em todos os outros concelhos sem excepção.

Conseqüentemente, pondo de parte o quanto annualmente tem de ser guardado para a reprodução, parece-me que se ficará ainda muito áquem da verdade, calculando a produção agricola do districto, que póde ser dispensada para o consumo ou para o commercio, nos seguintes numeros, que representam o quadruplo do que dizem as estatisticas:

	(Trigo.....	72:960	hectolitros
	Milho.....	1.260:597	»
Cereacs	Centeio.....	31:842	»
	Cevada.....	43:215	»
	Aveia.....	6:226	»
	Batatas.....	287:164	»
	Arroz.....	118:869	»
	Feijão.....	45:071	»
Feculentas	Fava.....	10:847	»
	Ervilha.....	2:210	»
	Grão de bico..	3:133	»
	Chicharos....	2:192	»
	Tremoços....	7:460	»
	Nozes.....	4:963	»
Fructas seccas.....	Avelãs.....	19	»
	Amendoas...	4	»
	Castanhas....	42:413	»
Fructas verdes	Laranjas....	264:276	milheiros
	Limões.....	14:762	»
	Vinho maduro	200:458	hectolitros
	Vinho verde..	4:849	»
Bebidas fermentadas e espirituosas	Geropiga....	2:081	»
	Aguardente..	7:376	»
	Vinagre.....	1:455	»
Oleos.....	Azeite.....	118:870	»
	Linho.....	28:000	kilogrammas
	Lã branca...	200:548	»
Materias textis e diversas	Lã preta.....	334:920	»
	Mel.....	63:296	»
	Cera.....	18:940	»

Comparados os generos alimenticios mencionados com os que exigiria a população do districto, conforme as quotas medias consideradas necessarias para a vida pelos hygienistas e chimicos mais notaveis, conclue-se immediatamente que das necessidades do consumo sobejarão quantidades consideraveis d'aquelles generos,

que poderão ser permutadas com outros districtos, ou exportadas para outras nações.

A industria pecuaria é um dos ramos da agricultura de maior importancia, e cujo desenvolvimento é de todos reconhecido. Pois a comparação da ultima estatistica administrativa com o recenseamento geral, feito em 1870 com todo o esmero e cuidado, apresenta uma sensivel diminuição nesta industria, o que é de todo o ponto inexacto. Vê-se esta comparação no quadro seguinte:

Mapa do gado do districto

	Numero de cabeças de gado							Total
	Cavallar	Muar	Asinino	Vaccum	Lanigero	Caprino	Suino	
Recenseamento geral de 1870	4:373	1:578	6:890	23:615	179:570	51:371	44:988	312:385
Estatistica de 1876	3:634	1:258	5:184	21:847	135:846	50:620	48:808	267:197
Differenças ..	739	320	1:706	1:768	43:724	751	3:820	45:188

Isto justifica, ainda uma vez, a necessidade de providenciar de fórma, que estas estatisticas sejam uma cousa séria e conscienciosa, muito principalmente tractando-se de assumpto tão importante como este.

A industria pecuaria é de grande importancia, não só pelo que vale em si, mas tambem porque não ha agricultura sem gados. É preciso, porém, que não se tenha sómente em vista criar gado; mas ao mesmo tempo aperfeiçoar as raças, adaptando-as ao fim a que são destinadas, e criando-as economica e racionalmente. A engorda no estabulo offerece vantagens reconhecidas. Geralmente não se usa aqui d'este meio. Não se attende ás condições economicas que rigorosamente exigem os gados. Não se promove o aperfeiçoamento das raças, fazendo da escolha da padreação um estudo sério. Não se olha á natureza do alimento que as diversas especies de gado requerem. E, havendo em toda a parte terrenos os mais proprios para a formação de prados artificiaes, aproveitam-se unicamente os naturaes; e quando estes terrenos podem ser convertidos em campos de milho, ou em perniciosos

arrozaes, leva-se o gado para as extensas e pobrissimas charnecas, para que vegete como podér.

Os campos de Coimbra, por exemplo, que reúnem as mais felizes disposições para um vasto campo de engorda de gado para o talho, são quasi na totalidade agricultados de milho, cultura sempre pouco remuneradora no nosso paiz.

(*Continúa*).

ADOLPHO LOUREIRO.

DEDICAÇÃO E CONSAGRAÇÃO DO TEMPLO DO MOSTEIRO DE S. BERNARDO DE MONJAS CISTERCIENSES DA CIDADE DE PORTALEGRE

Corria o anno de 1572; governava a familia cisterciense D. Joanna de Mello, a segunda e ultima abbadessa perpetua, que teve o mosteiro. Deferindo ás suas instancias, presta-se o bispo D. André de Noronha a celebrar a dedicação do templo no dia 14 de fevereiro d'aquelle anno.

Notaveis, e cheias de significações mysticas, são as ceremonias, que a igreja catholica usa neste acto solemne; de todas uma só tocaremos, por mui digna de ser conhecida.

No dia antecedente á consagração escreve o bispo em um pergaminho o anno e dia em que a igreja é consagrada, seu proprio nome e dignidade, e o do orago, em cuja honra se dedica. O teor d'esta inscripção, pela maior parte, se entalha numa pedra, a qual se colloca em logar patente.

Na dedicação e consagração do templo de S. Bernardo observaram-se todos os preceitos da liturgia sagrada, que regulam a solemnidade, á qual concorreu toda a cleresia e nobreza da cidade. Foi luzida e pomposa, sob todos os respeitos, como requeria a piedade da abbadessa e a bizzarria do bispo, que neste officio quiz ostentar-se protector generoso do mosteiro, que outr'ora molestara com pretensões injustas.

Conserva-se da sagração o monumento a que já nos referimos. É um formoso marmore embebido na parede, por cima da pia da agua benta, á entrada do templo, com a inscripção seguinte:

TEMPLUM HOC A GEORGIO A MELLO
ÆGITANENSI EPISCOPO, STRUCTUM, PRECIBUS
D. JOANNAE A MELLO
ABBATISSAE, D. ANDREAS A NORONHA,
EPISCOPUS IL PORTALEGRENSIS, CONSECRAVIT ANNO
DNI 1572. 17 KAL. MARTII.

R. DE G.

SALVE!

À minha querida amiga

D. MARIA JOSÉ MARTINS RIBEIRO

HORAS DEPOIS DO SEU CASAMENTO

Ó pomba immaculada
Que vais partir em breve,
E soltas á alvoroda
As azas côr de neve;

Que tens, assim vestida,
A rosea luz d'aurora,
Symbolisando a vida
Que te despona agora;

Que tremes, assustada,
Ao sopro da ventura,
E pendes, inclinada,
A fronte casta e pura;

Que tens de pejo e graça
Velada a face linda,
E ao riso se te abraça
Toda a innocencia ainda;

Que escutas no teu seio
O timido rumor
Da esp'rança e do receio
Do teu primeiro amor:

Se o teu sentir selecto
Colhe hoje a verde palma,
Do intimo do affecto
— Sauda-te a minha alma!

Coimbra, 24 de fevereiro de 1879.

AMELIA JANNY.

LA FEUILLE

De la tige détachée,
 Pauvre feuille déséchée,
 Où vas tu? — Je n'en sais rien.
 L'orage a brisé le chêne
 Qui seul était mon soutien.
 De son inconstante haleine
 Le zéphir ou l'aquilon
 Depuis ce jour me promène
 De la forêt à la plaine,
 De la montagne au vallon.
 Je vais où le vent me mène
 Sans me plaindre ou m'effrayer.
 Je vais où va toute chose,
 Où va la feuille de rose,
 E la feuille du laurier.

ARNAUD.

A FOLHA

— Aonde vais arrastada?...
 Pobre folha despegada,
 Aonde vais tu? — Aqui...
 O vento numa rajada
 Derribou d'uma chapada
 O carvalho onde nasci:
 Desde então, seguindo o vento
 Na carreira desigual,
 Percorro a cada momento
 Bosque, varzea, monte, valle.
 Ando neste movimento
 Sem desgosto e sem desdouro;
 Vou na onda caudalosa
 Que leva a folha de rosa...
 E leva a folha de louro...

Março, 79. João DE DEUS.

LEMBRANÇA DO CONVENTO DA SERRA D'OSSA

Visitámos em novembro de 1877 a serra d'Ossa e seu abandonado convento, por admirar o panorama vastissimo que de sua mais alta crista se disfructa, e a notavel casa dos filhos de S. Paulo, cabeça da Ordem em Portugal.

Sobre o nivel dos mares se eleva aquella serra 649 metros, terminando encimada por uma capella moderna de São Gens, juncto da qual Ciera mandara erguer em 1801 um elegante marco geodesico, que medirá cinco metros de alto.

Como uma exuberancia de terreno abrupto se eleva no dorso da serra aquella pincaro, de custoso subir, sendo até á sua base menos difficil o accesso. De medronheiros, urzes e estevas é coberta a serra d'Ossa, destacando entre aquella vegetação um sobreiro ou outro em suas bases, e nos valles profundos castanheiros, e lorangeiras, e pinheiros.

A vista que se admira do sitio da parochial igreja de Nossa Senhora de Monte Virgem é, em verdade, das mais formosas que temos visto. Em volta da igreja humilde alteiam-se castanheiros annosos e pinheiros mesmo, e lá no fundo valle, talhado quasi a pique entre dois contrafortes da serra, murmura por um silencio delicioso de pomares a corrente de um riacho que lá vem de cima.

Certificando a vida eremitica dos primitivos monges d'aquella

Thebaida, a poucos metros da matriz se vê como dependurada de esburgados rochedos a gruta antiquissima de um d'aquelles solitarios, onde, por singular admiração, fomos topar ainda um homem novo, entregue ás orações de seu contemplativo viver! Era um pobre homem, natural de Evora, cujo pendôr para o ascetismo topára naquella gruta estreitissima e acanhada a realisação de seus sonhos e cogitações. Com difficuldade lhe penetrámos a morada, pelo acanhado da entrada. Á direita uma cortiça, em que elle dormia; á esquerda uma cosinha pequenissima, e no fundo um cubilo com imagens de sanctos em papel, flores silvestres, e myrto e buxo, e alguns livros devotos: rezava, quando chegámos. Vive de esmolas, e a Evora vem a pé no começo de cada mez receber a que lhe dá a Sancta Casa da Misericordia.

A casa dos monges da Serra d'Ossa demora a meia encosta ao poente da serra, em sitio devéras azado para um viver solitario. Dos primitivos conventos situados em valle de Abrahão e valle de Infante, que não vimos, permanecem ainda notaveis vestigios nos locaes onde fundados a oriente da serra, olhando para Estremoz e Borba e Villa-Viçosa, Terena e Rio de Moinhos. A que vimos é construcção do seculo XVI e magnifica em sua grandeza e nas obras d'arte executadas em marmore, que ainda conserva inteiras umas e mutiladas outras. Á entrada da egreja uma inscripção lapidar commemora á parte esquerda a sagração d'ella por Dom Frei Miguel de Tavora, Arcebispo de Evora, no seculo passado. Dentro nada existe: de tudo a despiram os modernos hunos: apenas conserva o pavimento de marmore, e pouco mais.

Á entrada do refeitório vimos embebida em uma parede a inscripção que aqui poremos, unica testemunha silenciosa que nos attesta a existencia de um religioso de S. Paulo naquellas serras e valles: as demais têm sido arrancadas na claustra e noutros sitios. Diz ella assim:

IOANĒ M.̄ ILLUSTRE COGNŌE SAXŪ
 HOC PREMIT, HAEC TĀTŪ VIX CAPIT
 VRNA VIRŪ.

EGIT EREMITĀ, ATQUE HOMINŪ COM-
 MERCIA, LIQUIT
 RELIGIONE LATENS, INCLITE PAV-
 LE, TVA.
 AT LICET OBSCURO LATEAT SVB
 MARMORE CORPVŠ,
 FACTA SEPVLCHRALIS NŌ TAMEN
 VMBRA TECIT.

OBIIT IN VAL DE INFANTE DIE 16 APR. AN. D. 1618.
 UNDE ET OSSA TRANSL. FUER. DIE 22 OCT. AN. 1719.

Os chronistas da ordem em especial, frei Henrique de Sancto Antonio e frei Manuel de São Caetano Damazio nada nos dizem respeito a esta inscripção, por não chegarem seus escriptos ao tempo do fallecimento d'aquelle monge. Apenas a tradição nos quiz persuadir ser a inscripção relativa a um filho de rei portuguez, o que é manifestamente inexacto.

Antes que de todo desapareça aquella formosa casa, antes que a picareta niveladora a derrua, e o alvião lhe revolva os alicerces, salve-se ao menos esta memoria lapidar, unica sepulchral que alli existe, ou existiu, que não sabemos hoje se terá sido respeitada.

Evora, 1879.

ANTONIO FRANCISCO BARATA.

LAPIDE ROMANA DO SALVADOR DE THUIAS

(Concelho do Marco de Canavezes)

..... estas antigualhas valem muito.....

DR. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES — *Relatorio sobre a Renovação do Museu Cenaculo em Evora*, pag. 6.

I. — Nas ANTIGUIDADES DO PORTO — coordenadas pelo *Comendador Simão Rodrigues Ferreira* de Penafiel, e dadas á luz em 1875 na mesma cidade do Porto — allude-se a uma *lapide romana do Salvador de Thuias*, no concelho do *Marco de Canavezes*.

Faz-se esta allusão, ao tractar-se alli da *conquista romana* em nosso paiz, e ao descrever-se então a *via tamacana* — uma das *secundarias* dos dominadores do mundo, e não individuada *por isso* no ITINERARIO de *Antonino*.

Não haveria por tanto memoria d'ella, se a não individuassem os *restos* da sua existencia: — como não haveria tambem memoria dos *tamacanos*, se os não individuasse a *lapide romana* da ponte de Chaves em *Tras-os-montes*.

Acha-se em *D. Jeronymo Contador d'Argote*, em mais d'um logar das suas LUCUBRAÇÕES DESCRIPTIVAS da diocese de Braga, a copia d'esta *inscripção memoravel*: — «*assumpto*, em que o indefesso theatino é *pouco epigraphista*, em mais d'uma vez, na *transcripção* e na *decifração*».

II. — Com a *lapide romana do Salvador de Thuias* — pedestal outr'ora da pia baptismal da mesma parochia — intenta *confirmar*

o nosso amigo *Rodrigues Ferreira*, «como thema inconcusso», a existencia da *via tamacana*.

Eis-aqui as suas proprias palavras, começadas na pagina 21 das ANTIGUIDADES DO PORTO:

«A existencia d'esta VIA — tambem se comprova por um monumento romano, citado por *Argote* nas MEMORIAS do Arcebispo de Braga: — é o pedestal d'uma ara romana, que está na igreja parochial do *Salvador de Thuias*, e que serviu de pedestal á pia baptismal na dicta freguezia, no concelho do Marco de Canavezes.

«*Nillo Eredio*, procurador das estradas, erigiu este monumento aos deuses *Lares dos Cyrenecos*, ou *Cyrenaicos*, que habitavam as margens do *Tamega*.

«A inscripção diz assim:

L A R I B U S
C I R N Æ .
C I S . N I L .
E R E . P R O .
V I I . P U L . S .

«*Nillus Eredius . Procurator viarum publicarum . votum libenter . solvit . Laribus Cirenais.*

«Tradueção:

«*Nillo Eredio, procurador das estradas publicas, por voto que livremente tinha feito, dedicou esta memoria aos deuses Lares dos Cyrenaicos.*»

III. — Confiado em *D. Jeronymo Contador d'Argote*, «como auctoridade epigraphica de critica invulneravel», enganou-se o escriptor penafidense n'esta parte, na transcripção e na decifração do monumento de *Thuias*.

Não o deixou conhecer então a sua boa fé, que não póde haver de seguro outra confiança em ARGOTE — a não ser a de indicador dos monumentos que nos descreve.

Isto que dizemos do indefesso theatino, disse-o de ha muito a razão, servindo-se da palavra auctorizada do anonymo illustre da DISSERTAÇÃO sobre o Quinto Anno do Tribunio Poder do Imperador Romano *Caio Julio Vero Maximino* — «indicado contra os dictames dos chronologos, em Inscriptões Lapidares, existentes nas provincias do norte de Portugal».

Eis aqui as proprias palavras do allegado escriptor, copiadas da REVISTA LITTERARIA do Porto, tomo II, Numero de Janeiro de 1839:

«A respeito de inscripções lapidares antigas, as suas obras — MEMORIAS para a historia ecclesiastica do arcebispo de Braga, e ANTIGUIDADES da Chancellaria de Braga — não se podem por

«este motivo consultar com confiança alguma, de crítica ou de verdade».

«Injudiciosissima foi com effeito a resolução que tomou, de escrever das ANTIGUIDADES d'uma provincia sobre a fé d'outros — e estes geralmente homens de minimos conhecimentos em ARCHEOLOGIA».

«As narrações dos *monumentos locales* — remettidas pelas respectivas auctoridades — nunca deveriam ter servido senão de *apontamentos e indices*, para um subsequente exame proprio — ou do mesmo auctor, ou de pessoas munidas dos conhecimentos necessarios. — Nunca se deveram ter formado *grossos volumes*, dos *indigestos materiaes*, que de todos os lados lhe eram remettidos».

A esta mesma *apreciação epigraphica*, tinha-a dictado tambem a razão no seculo anterior, servindo-se da palavra auctorisadissima de *D. João Francisco de Masdeu*, na sua *HISTORIA CRITICA de España, y de la Cultura Española en todo genero*.

Eis aqui as proprias palavras d'este critico afamado, no tomo v, n.º 4, Madrid — 1788 :

«Ó la desgracia ó la negligencia, ó uno y otro, han corrompido «por la mayor parte las INSCRIPCIONES de Argote».

IV. — O monumento romano de *Thuías*, transcreve-o assim o indefesso theatino, nas *ANTIGUIDADES da Chancellaria de Braga*, impressas com o titulo — *DE ANTIQUITATIBUS Conventus Bracaraugustani*, em *latim e portuguez* :

L A R I B U S
C E R E N A
F C I S . N I L
E R . P R O C
V I I . P U . L S

No n.º 9 do *texto latino*, na pagina 41, dá-lhe o nosso *Argote* esta interpretação :

«*Nilus Erredius, procurator viarum publicarum, votum libenter solvit Laribus Cerenecis*».

No mesmo n.º 9 do *texto portuguez*, na pagina 44, dá-lhe o nosso clerigo regular esta interpretação :

«*Nilo Erredio, Procurador das estradas publicas, de boa vontade — por voto feito — erigiu esta Memoria aos Deuses das Casas dos Povos Cerenecos*».

Ao dar-nos estas *decifrações*, diz-nos ainda o nosso theatino indefesso :

«*CERENECOS — eram povos da chancellaria bracarense, como se collige d'uma inscripção romana, que ainda hoje existe na igreja do Salvador de Thuías.....*»

«*Em que parte ficavam estes povos, não o direi. — Mas como o tal cippo existe não longe da villa de CANATEZES; em quanto não apparece rasão em contrario, devemos entender, que habitavam n'aquelles arredores*».

V. — Comparadas as copias de *Rodrigues Ferreira* e *Contador d'Argote* — «ambas substanciaes na transcripção» — dá-nos a *critica epigraphica*, no CIPPO DE THUIAS, uma leitura palpabillima.

Acha-se copia d'esta *inscripção* em *Luiz Antonio Muratori*, de que possuímos em *papel superior* o NOVUS THESAURUS Veterum Inscriptionum, com o SUPPLEMENTO de *Sebastião Donati*.

Acha-se egualmente em *Fr. Henrique Florez* na ESPAÑA SAGRADA, tomo XXI, capitulo II; assim como no *Dr. Emilio Hübnér*, consocio nosso na Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Dá esta copia o professor eximio da Universidade de Berlim, nas NOTICIAS ARCHEOLOGICAS de Portugal, vertidas do allemão para portuguez, pelo finado professor do nosso Curso Superior de Letras, *Augusto Soromenho*: — e é como nós a refazemos:

L A R I B V S
C E R E N A
E C I S . N I G
E R . P R O C
V L I . F . V . L . S

Eis aqui a interpretação latina correspondente:

Laribus Cerenacis—Niger, Proculi filius, votum libens solvit.

Em linguagem vernacula, exprimem-nos estas linhas o seguinte:
Niger, filho de Proculo, cumpriu gostoso o voto aos Lares Cerenecos.

VI. — Na transcripção do *Commendador Simão Rodrigues Ferreira*, copiam-se com *diphthongo ligado* — em CERENÆCIS — o A e E da syllaba NAE, «sem talvez ligar estas letras, no seu *manuscripto*, o nosso amigo de Penafiel».

Não é das discussões menos pleiteadas, entre os criticos modernos sobretudo — *se os diphthongos latinos devem escrever-se com as vogaes desligadas, ou podem escrever-se com ellas encadeadas, sem com isto se incorrer em nota de barbarismo.*

É certo, no emtanto, que no uso geral dos *classicos latinos* — mestres a que nos devemos acostar — apparecem *desligadas*, e não *encadeadas*, as vogaes componentes dos *diphthongos*.

Os exemplos em contrario, allegados pelos *encadeatistas* contra os *desligatistas*, não desconfirmam essa practica usual. — Servem-lhe antes de confirmação geral, como *simile* do verso conhecidissimo

«*Apparent rari nantes in gurgite vasto*»:

— verso decantado da *ÆNEIDA*, onde é o 122 do Livro I.

VII. — Aos que não conhecem outros escriptos além dos nossos, lembramos-lhes a summa d'este *pleito orthographico*—remettendo-os para o *Padre Antonio Pereira de Figueiredo*, nas OBSERVAÇÕES sobre a *Lingua e Orthographia Latina*, tiradas dos *Marmores, Bronzes, e Medalhas dos Antigos Cesares*, principalmente desde *Augusto até os Antoninos*.

Acha-se esta summa, na *Observação II*, desde pagina 53 até pagina 62:—exposição curiosa, a que serve de complemento—em relação ao uso geral das *letras maiusculas* entre os romanos—a *Observação CXXX* da mesma obra, inserta desde pagina 166 até pagina 168.

Da comparação da EXPOSIÇÃO PRELIMINAR do *Padre Pereira*, com as suas ILLUDIDAÇÕES ULTERIORES a este respeito; resultará como indubitavel, que elle não teve por thema essencial—*senão desculpar as ligações não usuaes das vogaes nos diphthongos*.

Não foi outro o alvo litterario, que o nosso erudito philologo tivera então em vista.

VIII. — De *partições irregulares* de syllabas, em *monumentos epigraphicos* da epocha romana entre nós—como na *lapide de Thuias* com os nomes *Niger* e *Procvli*, depois do nome *Cere-naecis*—superabundam a cada passo *exemplos* aos centos.

Excederíamos no emtanto os limites naturaes d'um *artigo*, se por ventura nos detivessemos aqui a individuar *alguns*.

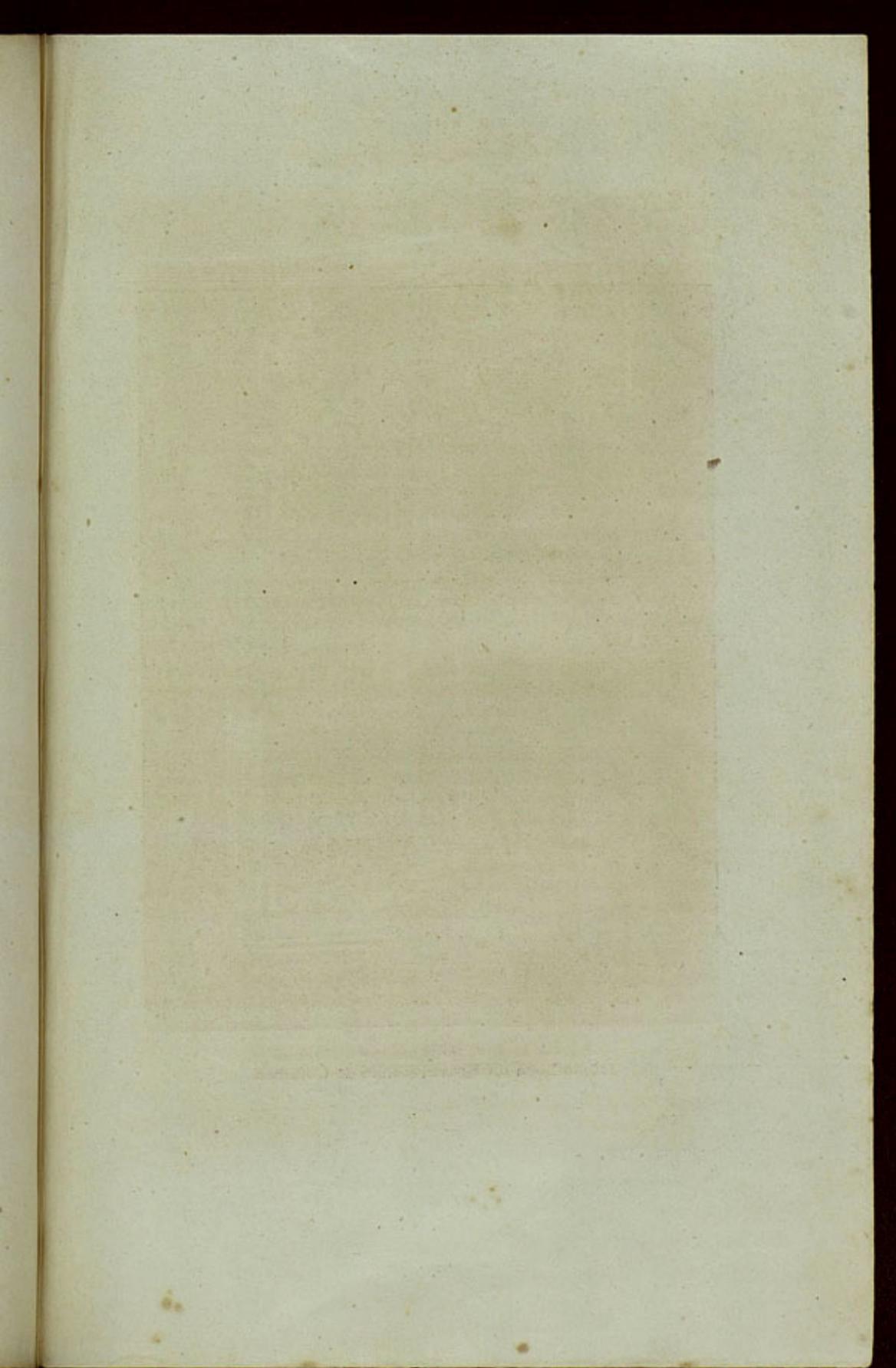
É tambem por igual motivo, que não individuíamos com *Latham*—na sua DESCRIPTIVE ETHNOLOGY—o que elle escreve em relação aos *Lares*, confundidos d'alguns com os *Penates*:—embora seja *humana* a origem dos *primeiros*, ao mesmo passo que é *divina* a origem dos *segundos*, conforme as crenças dos romanos.

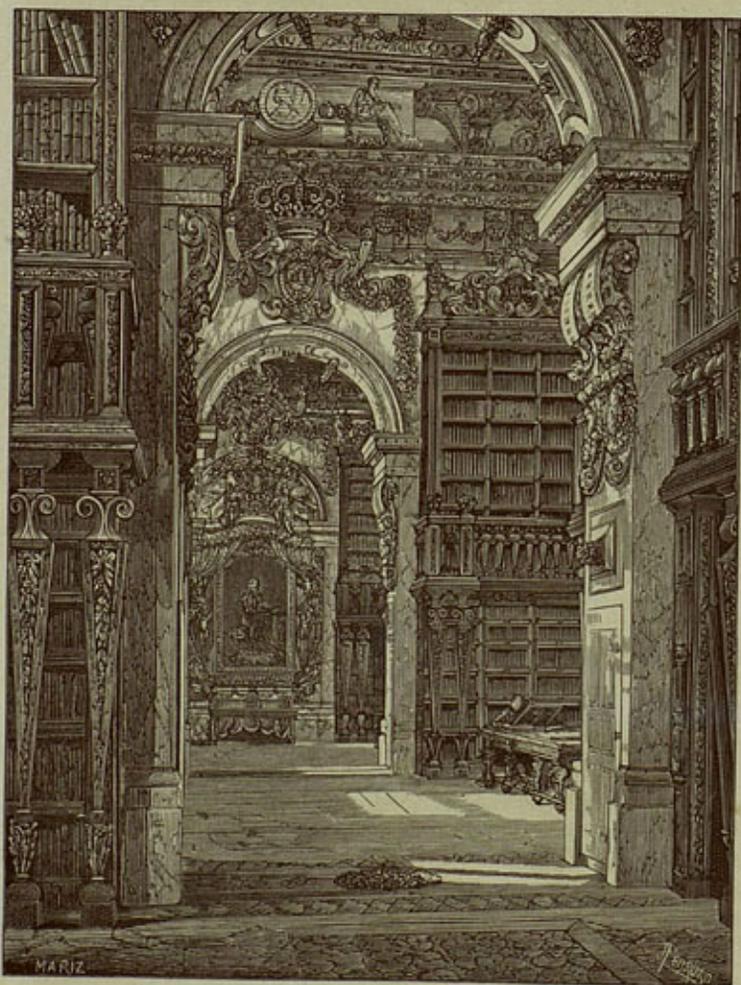
Por isso deixamos ainda—«e com magua n'esta parte»—de individuar tambem com *Des Vergers*, na sua L'ÉTRURIE ET LES ÉTRUSQUES, as *companheiras mythologicas* dos *Lares*:—deusas conhecidas com o nome de *Lases*, e equivalendo ás *Fadas* na mythologia do norte.

D'estas interpretes sagradas do DESTINO—«como seres de essencia intermedia entre as *divindades* e o *homem*»—não deixaria de ser *novidade a noticia*, para não poucos dos leitores do PORTUGAL PITTORESCO.

Braga, 15 de Fevereiro de 1879.

O Professor do Lyceu,
PEREIRA CALDAS.





Bibliotheca da Universidade de Coimbra

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Junho de 1879

N.º 6

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

Na magnificencia do edificio, na riqueza e luxo de sua ornamentação é a bibliotheca da Universidade a melhor do reino.

Esta construcção verdadeiramente sumptuosa é obra d'esse rei magnanimo, que, tendo á sua disposição os thesouros da America, deixou assignalada a sua epocha opulenta em tantos edificios monumentaes; é obra do fundador do convento de Mafra, aqueducto das Aguas Livres e capella de S. João Baptista em S. Roque.

Sendo pois fundação de D. João v é facil imaginar o luxo e magnificencia da bibliotheca da Universidade, objecto de justa admiração para naturaes e extranhos. O conde A. Raczynski apreciador competente do que é bello e bom, testemunhou por estas palavras no seu importante livro — *Les Arts en Portugal* a excellencia e riqueza d'este soberbo edificio: «Ce fut Jean v (1706-1750) qui fonda la bibliothéque de l'université, la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visitée.»

O reitor Nuno da Silva Telles, vendo que a Universidade não tinha casa accommodada para uma boa livraria, solicitou licença d'el-rei para se construir uma bibliotheca que fosse condigna do nosso primeiro estabelecimento scientifico. Foi concedida auctorisacção por provisão regia de 31 de outubro de 1716, e no dia 17 de julho de 1717 se lançou a primeira pedra do edificio, assistindo a este acto o reitor e muitos lentes da Universidade.

Nuno da Silva Telles, retirando-se do governo universitario em agosto de 1718, deixou muito adeantada a construcção da bibliotheca. Duraram as obras por todo o tempo do reitorado immediato, que foi o de Pedro Sanches Farinha Baena, e só de todo se concluíram na primeira epocha do governo do seu successor Francisco Carneiro de Figueiroa (1722-1725) ¹.

¹ Vide o *Gabinete Historico*, por fr. Claudio da Conceição, tomo xi, pag. 333, o *Catalogo dos Reitores da Universidade*, por Francisco Carneiro de Figueiroa, e a *Historia dos Estabelecimentos Scientificos*, pelo sr. José Silvestre Ribeiro, tomo 1, pag. 179.

O portico da bibliotheca é verdadeiramente grandioso; faz-nos lembrar as construcções da Grecia ou Roma durante a epocha em que a sua architectura ficou assignalada pela elegancia das suas fórmas e pela correcção do seu estylo. É de ordem jonica e acha-se decorado com vistosos e bem trabalhados ornatos e co-rodado pelas armas reaes esmeradamente lavradas. A porta é de preciosa madeira; houve porém barbaro que ousou cobrir com tinta verde de oleo toda a sua superficie externa e até a rica pre-garia de bronze dourado que a adorna. Cumpre que a Universi-dade tracte de fazer desaparecer os vestigios de tão estupendo barbarismo.

No friso do entablamento do portico vê-se gravado este disticho:

HANC AVGVSTA DEDIT LIBRIS COLLIMBRIA SEDEM,
VT CAPVT EXORNET BIBIOTHECA SVVM.

Vertido em portuguez significa:

Tal séde aos livros deu Collimbria augusta,
Que a fronte lhe corôa a bibliotheca ¹.

Por baixo da archivolta, sobre a excellente porta de madeira, se vê est'outra legenda escripta em folha de metal, lançada em fórma de fita:

LVSIAADAE, HANC VOBIS SAPIENTIA CONDIDIT ARCEM:
DVCTORES LIBRI; MILES ET ARMA LABOR.

A qual assim se verteu:

Da sapiencia, ó Lusos, eis o alcaçar;
Onde por capitães os livros tendes;
Por armas e soldados a fadiga.

Do lado interior da bibliotheca está tambem em folha de metal sobre a mesma porta esta inscripção:

PANDVNTVR CVNCTIS EXCVLTA PALATIA LIBRIS:
HVC ADES; AVCTORES CONSVLE, DOCTVS ERIS.
HAEC TIBI PRO STVDIIS ET LEX ET NORMA TENENDA EST:
MENS LEGAT, OBSERVET SEDVLA; PENNA NOTET.

¹ Ignora-se o auctor d'estes e dos seguintes versos latinos da bibliotheca. A versão com que os acompanhamos é do insigne latinista, o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, e copiamol-a da *Memoria Historica e Des-*

O que traduzido em portuguez significa :

A todos este paço se franqueia,
De livros adornado: aqui entrando,
Os escriptores lêde, e sereis douto.
E para o estudo vosso a norma é esta:
— Lêa e medite a mente; aponte a penna —.

As tres salas que constituem a parte nobre da livraria são magnificas e verdadeiramente deslumbrantes pela riqueza da sua decoração. A columnata, as varandas e as estantes que as guardam são de grande primor e belleza, não só quanto aos trabalhos de esculptura, mas tambem quanto á sua pintura, que é de optimo effeito. É no gosto chinez com grande profusão e variedade de douraduras sobre fundo verde na primeira e terceira sala, e sobre fundo de côr encarnada na segunda. Estes trabalhos de pintura e douradura foram ajustados com Manuel da Silva, de Coimbra, a razão de 1:280\$000 réis por cada divisão.

Um dos trabalhos mais apreciaveis d'este edificio são as pinturas a fresco das cimalthas e tectos. São executadas com tal gosto e variedade, as suas tintas são tão vivas e tão finas, que esta obra tem merecido os elogios dos que estimam e apreciam as bellas artes. O conde Raczynski faz no seu livro, acima citado, a seguinte apreciação d'esta obra :

«La peinture du plafond est une vaste composition, très riche comme plusieurs peintures de la même époque que j'ai vues à Lisbonne. Son exécution dénote beaucoup de savoir-faire, plus encore dans la partie architectural que dans les figures.»

Este trabalho foi arrematado pelos dois mestres, Antonio Simões Ribeiro, pintor, e Vicente Nunes, dourador, ambos de Lisboa, a razão de 600\$000 réis cada uma das tres divisões, e as despesas da jornada á custa da Universidade; obrigando-se elles a desempenhar a obra com todo o primor e galhardia, como effectivamente cumpriram. Em todo o tempo que durou a obra, desde agosto de 1723 até ao fim de março de 1724, empregaram nella diariamente seis e sete officiaes.

No topo da terceira sala está o retrato de el-rei D. João v entre grandiosos ornatos, trabalhados com tal belleza e perfeição, que constituem um verdadeiro primor de esculptura e pintura. Informaram-nos de que este retrato, que custou 120\$000 réis, é obra

criptiva acerca da Bibliotheca da Universidade, obra interessantissima do sr. dr. Florencio Mago Barreto Feio, publicada em 1857. D'este livro extractámos muitas das noticias que apresentamos neste artigo.

de José Carlos Binheti, celebre pintor lisbonense, mas oriundo da Italia. Por baixo da effigie do monarcha lêem-se estes versos em letras douradas :

REGIA, QVAM CERNIS, SPECVLVM TIBI PRAESTAT IMAGO:
IN SPECVLO TOTVM, QVOD CAPIT AVLA, VIDES.
QVAEQVE AVGVSTA PATENT, IOANNES ORDINE QVINTVS
CONDIDIT: AETERNVM PRINCIPE VIVAT OPVS.

Os quaes assim se verteram :

Neste regio retrato, como em 'spelho,
Vêdes quanto este paço comprehende.
Tudo o que majestoso aqui se ostenta,
Feito é de João Quinto. Eterna seja,
Como do principe o nome, a obra sua!

Para que a architectura do edificio fosse em tudo aprimorada, até no pavimento se empregou esmerado artificio. As pedras brancas e pardas que o forram estão dispostas com muito gosto formando um mosaico de diversos feitios e de risco differente em cada sala; de modo que apresentam uma perspectiva graciosa e variada.

Acham-se distribuidas pelas tres salas seis mesas riquissimas não só pela qualidade da madeira, mas pelo gosto e primor do trabalho. Quatro são de ébano, e duas de gandarú; todas com embutidos e com ornatos resaltados de petiá; e trabalhadas no gosto antigo, com a maior perfeição da marcenaria, o que lhes dá subido valor e estimação. Importou o feitio, madeira e conducção d'estas excellentes mesas em 4:410\$115 réis.

Em manuscriptos apreciaveis, edições raras, paleotypos e outras preciosidades bibliographicas é muito rica a bibliotheca. Entre os codices mais notaveis nella existentes merecem particularisar-se os seguintes:

Uma biblia em dois volumes de folio impressa em 1462, conhecida pelo nome de *Biblia de 62*, e de grande estimação por datar dos principios da arte typographica.

Uma biblia hebraica manuscripta em pergaminho, adornada com artificiosos arabescos formados por caracteres tão pequenos, que só com auxilio de uma lente se podem perceber.

Algumas outras biblias tambem manuscriptas em pergaminho, uma das quaes é muito notavel por ser de letras tão bem formadas, que imitam até á illusão perfeita os caracteres typographicos.

Um *Officio de Nossa Senhora* em pergaminho tambem, livro assás precioso pelas estampas e desenhos coloridos que ornam as

suas paginas e as vinhetas dos capitulos. Estes trabalhos de ornamentação, a que chamam *illuminuras*, são na verdade de belleza e effeito surprehendentes.

Uns mappas das possessões portuguezas manuscriptos egualmente em pergaminho, e adornados tambem com bellas *illuminuras*.

O foral original que á villa de Almada deu D. Manuel em 1506. É tambem em pergaminho e notavel pelas suas douraduras e colorido.

Um exemplar da primeira edição do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende.

Um exemplar dos *Lusiadas de Camões* da edição do Morgado de Mattheus, adornado com doze gravuras primorosamente executadas. Esta edição monumental custou ao seu editor a enorme quantia de 51152 francos ou 10:000,5000 réis. Os typos d'esta edição foram fundidos expressamente para ella ¹.

Um exemplar da *Lenda de Sancta Úrsula*, livro riquissimo com bellas estampas coloridas, que custou 40,5000 réis.

Ha ainda outras muitas obras de grande merecimento, que nos abtemos de apontar para não nos tornarmos prolixos. Diremos unicamente que a bibliotheca tem sido presenteada com obras de subido valor por altas personagens e corporações respeitaveis, avultando as obras offerecidas por el-rei o sr. D. Fernando, por S. M. I. do Brasil D. Pedro II, pelo governo inglez e pela Universidade de Madrid.

A bibliotheca possui tambem um peculio numismatico de mais de 3400 moedas e medalhas, entre as quaes algumas ha de grande estimação. Naquelle numero entram 884, legadas á bibliotheca pelo sabio João Pedro Ribeiro, que tambem lhe legou importantes impressos e manuscriptos. Uma escolhida porção d'aquellas medalhas e moedas acha-se disposta num mostrador apropriado, que no topo da terceira sala da bibliotheca, fez collocar o sr. dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, quando bibliothecario interino no anno de 1871-1872.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

¹ Vide o *Diccionario Bibliographico*, pelo sr. Innocencio Francisco da Silva.

A EPOPÊA BABYLONICA

A descoberta do palacio real de Ninive construido pelo monarcha assyrio Assurbanipal, e o encontro da sua riquissima Bibliotheca sobre tijolos copiados dos archivos sacerdotaes da cidade sagrada de Erech, foram uma gloria para o sr. Layard, e ainda mais uma riqueza inesperada para a sciencia, que hoje os estuda nas collecções do Muzeu Britannico. Foi alli que George Smith descobriu os fragmentos da tradição babilonica do diluvio, um como episodio grandioso do monumento a que se chama entre os assyriologos a Epopêa de *Izdubar*, identificado por Lenormant ao Nemrod da Biblia, de quem diz o *Genesis*: «E foi um grande caçador diante do Senhor. *D'aquí veio o proverbio*, um grande caçador diante do Senhor, como Nemrod.» Por esta phrase do redactor do *Genesis* vê-se que se referia a um cyclo de tradições epicas até ao nosso seculo desconhecidas; e de facto Nemrod é apresentado pelo *Genesis* como rei da tetrápole chaldaica, cujas cidades condizem quasi plenamente com as que se acham citadas no poema. Além d'isso *Izdubar* é de facto o grande caçador como se vê pelos fragmentos da epopêa que celebram a conquista do *Touro alado*, com o auxilio do seu companheiro Nuahbani, e a morte que deu ao monstro marinho *Bul*, que devorava as donzellas que lhe eram expostas por tributo. Estes primeiros factos põem em evidencia a importancia archeologica da epopêa.

O seu character litterario vem confirmar uma das grandes leis da imaginação humana achadas pela critica moderna: que os heroes das epopêas primitivas ou nacionaes foram primeiramente deuses solares, e que a decadencia d'esses mythos naturalistas é que deu á tradição um sentido popular. Diz Lenormant: «*Izdubar* é formalmente apresentado como deus em outros textos... Mas a legenda epica, assim como aconteceu entre todos os povos, fez d'elle um heroe; attribue-lhe uma vida humana, tece-lhe empresas e aventuras terrestres; apresenta-o como um conquistador e chefe de imperio, que chega através de numerosas provas á immortalidade. Tal foi a transformação que entre os Iranianos soffreram os personagens de *Yima* e *Thraêtaona*, que foram com certeza deuses na concepção primeira. Ella constitue precisamente o que faz passar o mytho religioso ao estado de epopêa»¹. Tal é tambem a opinião de Rawlinson, Oppert e Sayce.

Vejamos primeiramente o character divino de *Izdubar*; segundo

¹ Fr. Lenormant, *Prem. Civil*, II, 23.

os principaes assyriologos deriva-se do primitivo deus accadico o *Fogo*, decahido na elaboração theologica de Babylonia no tempo de Sargon I, mas conservado com character theurgico nos hymnos magicos e nas tradições populares. A fórma ideographica em que está escripto o nome do heroe tem tornado hypothetica a sua leitura; porém sabendo-se que os Accadios designavam por tres fórmas o *Fogo*, *Bar*, *Ne-gi*, a chamma, e *Dhu-Bar*, a massa de fogo, accrescentando-lhe o signal determinativo *iz*, póde-se aceitar que o nome do deus decahido em heroe era *Izdubar*. O casamento de *Izdubar* com a deusa *Istar*, viuva de *Tammuz*, o joven deus que morre prematuramente, não só confirma este character divino primitivo, mas suggere um ponto de vista com relação ás tradições osirianas do Egypto, que, se não chegaram a transformar-se em epopêa, pelo menos inspiraram a arte do tempo dos pharaós e suggeriram o ideal da vida moral com que se conformou aquella grande civilisação. De facto *Isis* é semelhante a *Istar*; *Hor* é analogo a *Ur* accadico; e *Osiris* morre como *Tammuz* ou *Duv*, babilonico, cuja morte as mulheres de Israel choravam, como conta Ezechiel nas suas visões, e que os gregos conservaram na legenda de *Venus* chorando *Adonis*.

Por estes rapidos paradigmas se conhece como os factos da epopêa derivam de mythos concebidos sobre phenomenos solares; e d'aqui deduziu Rawlinson qual seria a marcha e o numero de cantos da epopêa babilonica, correspondendo aos doze signos zodiacaes, por isso que o heroe é considerado como o sol sob um aspecto calendarico. A descoberta das designações dos doze mezes do zodiaco accadico vem evidenciar que os signaes ideographicos são expressões figuradas das concepções mythicas dos phenomenos solares. Esses ideogrammas condizem com os fragmentos da epopêa de *Izdubar*; por exemplo, o mez abril-maio, segundo do anno babilonico é designado no velho accadico mez do *Touro favoravel*, e no segundo canto da epopêa celebra-se a aventura da *preza do Touro alado*. O quarto canto da epopêa babilonica celebra a aventura da lucta contra o monstro marinho *Bul*, e o quarto mez junho-julho é designado o mez do *roubador da semente*. O quinto canto, que celebra a conquista de *Erech* por *Izdubar*, é designado pelo nome de *fogo devorador*, e ideographicamente julho e agosto é representado pelo *Leão*; em uma inscripção de Sargon explica-se este mytho: «o mez *ab*, que é o mez da *descida do deus do fogo repellindo as nuvens humidas.*» Lenormant explica a conversão do mytho em legenda epica: «A maneira como uma semelhante noção se devia apresentar na epopêa era como uma conquista guerreira realisada pelo deus do fogo, do qual, como já dissemos, *Izdubar* é a fórma heroica, e a conquista epica

de Erech sob este ponto de vista é tanto mais notavel quanto Erech era a grande necrópole da Chaldêa, a cidade dos mortos e dos deuses infernaes»¹. O sexto canto encerra a mensagem da deusa *Istar* a *Izdubar*, e o seu casamento com o heroe; de facto o sexto mez chaldeu agosto-setembro, é denominado mez da *mensagem de Istar*; ideographicamente este mez era representado pelo archeiro, e no poema de Assurbanipal esta deusa vem descripta como guerreira: «pela direita e pela esquerda estava cercada de uma aureola flammejante, ella tinha um arco na sua mão, prestes a desfechar uma setta poderosa para combater.»

Os cantos 1.º, 3.º, 7.º, 8.º e 9.º estão perdidos, do 10.º existem poucos fragmentos; o canto onze é o mais extenso e aquelle em que entra como episodio a tradição do diluvio; no calendario accadico o undecimo mez não traz o titulo primitivo, mas na fórma assyrica é denominado mez da *medição das terras*, e é figurado ideographicamente pelo pote de agua a derramar-se; nos calendarios das festas sagradas o undecimo mez janeiro-fevereiro era consagrado a *Bin* «o inundador» o que «espalha as chuvas.» No episodio do poema, a narrativa do diluvio traz citado o deus *Bin*, como o que produz o diluvio por ordem de *Samas*. A acção que attráe como episodio a tradição do diluvio é o nó vital de todas as epopêas primitivas; *Izdubar*, depois de muitos annos de reinado diz ao seu companheiro de aventuras: «A fraqueza entrou na minha alma; eu tenho medo da morte, e estou estendido em terra.» Este temor da morte, que ameaça todos os heroes solares, é que leva *Izdubar* a ir procurar *Sisithrus* «o sol da vida» «a luz da vida», para saber d'elle o segredo da immortalidade, porque foi elle o unico que os deuses salvaram do diluvio. Ao encontro com *Sisithrus* segue-se a narrativa do diluvio com todas as particularidades naturaes, reproduzidas e mal comprehendidas pelo redactor do *Genesis*. Diz Lenormant: «A narrativa biblica e a do velho poema de Erech trazem n'este ponto (duração do diluvio e epoca do anno) o vestigio manifesto de ideias calendaricas differentes da antiga tradição. E esta divergencia é tanto mais notavel, que as phases do diluvio no *Genesis* estão incontestavelmente em relação com a ordem habitual das estações e dos phenomenos atmosphericos em Babylonia e na Chaldêa; donde se conclue que o systema da tradição dos abrahamides se formara durante a permanencia de seus antepassados em Ur dos Chaldeus»². Na tradição biblica acha-se convertido em heroe *Noé* o deus das aguas

¹ Lenormant, *Prem. Civ.*, II, 74.

² *Prem. Civ.*, II, 55.

ou *Nuah*, que a Chaldêa adorava sob a imagem icthyomorpha, e como espirito arrebatado por sobre as aguas.

Finalmente Izdubar sabe o segredo da immortalidade, e para salvar-se da morte mergulha no mar, como o *Indra* vedico, como o *Tithon* hellenico; «o velho heroe solar, como diz Gubernatis, o sol moribundo rejuvenesce-se de manhã depois de ter atravessado o mar da noite.» E como descreve Lenormant, a marcha diurna do sol é equiparada na tradição antiga ao curso annual. O decimo mez do calendario accadico, dezembro-janeiro, é denominado *mez da mancha do sol declinante*, e é realmente nos poucos fragmentos que restam do poema de Erech que *Izdubar* emprehende ir consultar *Sisithrus* ácerca da sua doença.

Uma vez demonstrado que as figuras e designações dos mezes chaldeus provieram de velhos mythos sobre os phenomenos periodicos da atmosphaera e phases da marcha annual do sol, mythos que se transformaram em legendas epicas, está explicado que a epopêa de *Izdubar* é o desdobramento de um polytheismo desenvolvido na fórma astrolátrica, egual á marcha geral das epopêas áricas do *Ramayana* e *Mahabarata*, da epopêa persa *Shah-Nameh*, cujo heroe morre como Achilles, Sigfried ou mesmo Roland; e por tanto que a fórma litteraria da epopêa não é privativa das raças arianas, como se julgava por uma precipitada theoria ethnica, mas commum tambem á raça turaniana, (Vid. a descoberta do *Kalevala*, da Finlandia, por Lonröth) e á raça kuschito-semita, como se confirma pela descoberta de *Izdubar*. Por isso, a exposição das concepções religiosas chaldeo-babylonicas, explicando-nos o character artistico e poetico d'este povo, mostra-nos que é a phase da elaboração theologica polytheista a que mais contribue para revelar o genio creador de uma raça; este modo de ver demonstra-se de um modo positivo pelas condições do desenvolvimento da Grecia, que tambem herdou de Babylonia por via da Asia menor os cultos orgiasticos, as fórmas artisticas, as noções da mathematica e astronomia, e os elementos semitas das suas duas grandes epopêas.

THEOPHILO BRAGA.

INSCRIPÇÕES LAPIDARES

..... dans le but d'être utile au plus grand nombre.....

DR. LOUIS GRÉGOIRE — *Dictionnaire
Encyclopédique* — Préface.

I. — Em SEIS CLASSES costumam agrupar os *epigraphistas* as INSCRIPÇÕES LAPIDARES, em relação ao *assumpto memorado*.

Taes são os «agrupamentos epigraphicos», perfilhados do jesuita

italiano *Francisco Antonio Zaccaria*—veneziano erudito e laborioso, assignalado como conservador da bibliotheca de Módena, e varão florescente entre 1714 a 1795.

II. — Agrupam-se na *classe 1.^a* as INSCRIPÇÕES SAGRADAS; na *classe 2.^a*, as INSCRIPÇÕES JURIDICAS; na *classe 3.^a*, as INSCRIPÇÕES MEMORATIVAS; na *classe 4.^a*, as INSCRIPÇÕES HISTORICAS; na *classe 5.^a*, as INSCRIPÇÕES HONORARIAS; e na *classe 6.^a*, as INSCRIPÇÕES SEPULCHRAES.

Não ha INSCRIPÇÕES LAPIDARES, que não entrem n'alguns d'estes grupos *epigraphicos*—seja qual fôr o «assumpto memorado», e sejam quaes forem as «pessoas alludidas»—*sagradas, imperiaes, consulares, e particulares.*

III. — Nas INSCRIPÇÕES SAGRADAS, agrupam-se em *primeira plana* as INSCRIPÇÕES VOTIVAS—«mencionadoras d'algum voto ás divindades».

Agrupam-se em *segunda plana*—mais variada— as INSCRIPÇÕES DEDICATORIAS:—ou sejam consagradas aos deuses; ou sejam divinadoras de templos, aras, e estatuas—adaptadas inicialmente ao culto religioso.

Entram por isso n'esta *classe 1.^a*—extensa no assumpto— as *memorias epigraphicas* dos *sacerdotes*, assim como das *festividades* e dos *sacrificios*.

IV. — Nas INSCRIPÇÕES JURIDICAS, agrupam-se as *leis romanas*, os *senatus-consultos*, os *plebiscitos*, os *decretos*, os *diplomas* e os «instrumentos legaes» de qualquer especie—ou sejam publicos ou particulares.

Entram por isso n'esta *classe 2.^a*—numerosa e variada— os *testamentos*, as *honestas missões dos soldados*, e os *contractos de patronato mutuo*—conhecidos com a designação de *tesseras d'hospitalidade*, e de *laminas de clientella*.

V. — Nas INSCRIPÇÕES MEMORATIVAS, agrupam-se todas as *memorias dos logares publicos*:—e d'ahi vem o conhecerem-se egualmente «com a designação de *monumentos publicos*».

Entram por isso n'esta *classe 3.^a*—ampla e multiforme— as *inscripções das muralhas*, dos *theatros*, dos *palacios*, dos *arcos*, das *pontes*, dos *aqueductos*, e dos *confins territoriaes*—com os *marcos milliaris* das *vias publicas*.

VI. — Com o caracter de *memorias publicas*, podem agrupar-se na *classe 3.^a* as INSCRIPÇÕES DOS TEMPLOS.

É certo no entanto, que estas *memorias epigraphicas* — apesar da publicidade da *inscripção* — entram pelo assumpto nos *monumentos religiosos*, agrupando-se de preferencia na *classe 1.^a*

VII. — Nas INSCRIPÇÕES HISTORICAS, agrupam-se os *fastos consulares* — conhecidos ainda como *fastos capitolinos* — o *marmore ancirano*, e o fragmento venerando das *actas do senado romano*.

Entram ainda n'esta *classe 4.^a* — pouco numerosa — as *actas do collegio dos arvaes*, e o fragmento conhecido das *ferias latinas* — com o *registro dos decurões na tábua canusina*.

VIII. — Nas INSCRIPÇÕES HONORARIAS, agrupam-se os *elogios epigraphicos dos vivos e dos mortos* — «enunciados com individuação do assumpto memorado».

Não entram no entanto n'esta *classe 5.^a* — «embora o simule o argumento» — as *memorias honorarias d'origem legal*.

Entram sómente «as mencionadoras das honras, e da celebração correlativa» — *sem os seus contextos ordenadores*.

IX. — Os *monumentos honorarios* — ordenados em *decretos do senado*, dos *principes*, dos *collegios*, e das *colonias* — entram de preferencia nas INSCRIPÇÕES JURIDICAS.

Têm n'este «grupo epigraphico» a sua *filiação apropriada*.

X. — Nas INSCRIPÇÕES SEPULCHRAES, agrupam-se os *monumentos epigraphicos em memoria dos mortos* — «enunciados em formulas sacramentaes» — e differentes n'isto das *memorias honorarias*.

Entram por isso «monumentos numerosos» n'esta *classe 6.^a*, mencionando-se n'alguns *algumas mandas*, assim como o *direito ao sepulchro* — além da *prevenção geral de não ser violado*.

XI. — Tem sido de mais d'uma especie — conforme o rodar dos seculos — a MATERIA das *inscripções gravadas*.

Memoram-se de *madeira*, de *pedra*, de *barro*, de *metal*, de *marmore*, e de *vidro*.

XII. — Entre as *inscripções em MADEIRA*, ha-as gravadas em *roble*, como as SORTES DE PALESTRINA, de que nos dá *Cicero* noticia.

Das gravadas em PEDRA, ha-as de *granito* e de *marmore*; avultando entre as «primeiras» as *lapides milliaris*, de que possui Braga algumas valiosas — attinentes aos imperadores romanos *Maximino* e *Magnencio*, «com indicações muito especiaes».

Das *inscripções* em BARRO, ha-as gravadas em *tijolos* e em *vasilhas*; avultando entre as «segundas» as *lampadas sepulchraes*.

Das gravadas em METAL, ha-as de *cobre*, de *bronze*, de *chumbo*, e de *prata*; sendo memoravel n'este grupo, *entre as nossas inscripções*, a MEMORIA D'ALJUSTREL no Alemtejo — não menos veneranda que a *Placentina de Trajano*.

Das *inscripções* em MARFIM e em VIDRO, avultam entre as «segundas» — as que os christãos n'outr'ora collocavam nos cemiterios.

XIII. — A fórma das INSCRIPÇÕES — em qualquer dos assumptos memorados — ou é *oblonga*, ou é *columnnar*.

Não ha *figura peculiar* para cada grupo: mas os *marcos milliarios* são geralmente *columnnaes*.

N'esta ultima fórma, é memoravel um HERMA ROMANO, erigido ao imperador *Trajano* depois de morto; assim como o *edicto* do imperador *Nero Claudio Cesar*, mandado gravar por elle — COLUMNIS UBIQUE.

XIV. — Conforme o estylo das INSCRIPÇÕES, ha-as em *prosa* e em *verso* — sendo extremamente numerosas as «primeiras», e muito menos esparsas as «segundas».

Entre os versos funerarios, alguns havia outr'ora de reiterada frequencia, como estes d'um *epitaphio* d'Arles em França:

«Te lapis obtestor leviter super ossa quiescas,
«Et mediae aetati ne gravis esse velis.

XV. — Em relação ao modo da ENUNCIACÃO das *inscripções*, ha-as *gravadas*, *embutidas*, e *pintadas*.

N'esta ultima especie, costumam agrupar-se os ROTULOS A FOGO nos homens, a que se julga alludir o APOCALYPSE, no cap. XIII, v. 16.

XVI. — D'estes ROTULOS SINGULARES, diz-nos *Heródoto* no livr. v, que os ostentavam os *tracios no rosto*, «como testemunho publico de nobreza».

Entre os romanos, eram usados como *marcas d'escravos* — a fim de serem reconheciveis facilmente, no caso da evasão d'entre os *senhores*.

Eram indicados com as *tres letras* F. H. E. — *Fugitivus Hic Est* — seguidas das *iniciaes* do nome do *senhor*, como v. g. C. N. F. — *Caii Numisii Fusci*.

XVII. — Exemplificamos este caso, com as *tres letras* C. N. F., para aproveitarmos um brado de *vindicação epigraphica*, em homenagem ao *renome litterario* do nosso *Resende*.

Alludimos á *macula de falsificador lapidar*, com que o nosso illustradissimo consocio academico de Berlin — *Dr. Emilio Hübner* — o enodoa com insistencia, e sem motivo ás vezes.

XVIII. — Fal-o este nosso mestre, no escripto AUSZUG AUS DEM MONATSBERICHT DER KÖNIGL. AKADEMIE DER WISSENSCHAFTEN ZU BERLIN, com data de 1 d'agosto de 1861.

Em portuguez, acha-se vertida e annotada esta lucubração, desde 1871, com o titulo de NOTICIAS ARCHEOLOGICAS DE PORTUGAL: — e foi a academia real das sciencias de Lisboa, na *segunda classe*, a que ordenára este trabalho ao nosso finado consocio *Augusto Soromenho*.

XIX. — A INSCRIPÇÃO de *Caio Numisio Fusco* — memorada na pag. 748 do *original*, e na pag. 28 da *versão* — não é EVIDENTEMENTE FALSA, «como memorativa d'um SEVIRO SENIOR, livre por nascimento, á similhaça das *inscripções* de Milão — onde só apparecem d'estas indicações». — NÃO É TAL POR TAL.

N'esta parte, nem o nosso prezado amigo de Berlin decifrára EXACTAMENTE a *inscripção*, nem com elle o nosso illustradissimo confrade *Theodoro Mommsen* — «apesar d'epigraphistas consummados». — O seu a seu domno.

Convicto da verdade, não trepida o *discipulo bracaraense*, em a protestar aos *mestres berlinezes*.

XX. — ILLUDIRAM-SE AMBOS n'esta DECIFRAÇÃO, como acontecêra a *Luiz Antonio Muratori* — segundo se colhe do NOVUS THESAURUS VETERUM INSCRIPTIONUM, pag. 1058 — por tentarem amoldar a *Portugal*, o que mostra a *epigraphia* como caracteristico da *Italia* — lendo ambos por isso, o que não podiam ambos lêr.

Nem deixaram d'ILLUDIR-SE AMBOS ainda, «por egual motivo», na DECIFRAÇÃO da *inscripção* de *Caio Antonio Flavino* — suppondo-o SEVIRO JUNIOR, «á similhaça do *ideado* SEVIRO SENIOR».

XXI. — N'esta *inscripção eborensis* — dada pelo *Dr. Hübner* como SUSPEITA ao menos, na pag. 765 do *original* e na pag. 46 da *versão* — não se allude senão a um SEVIRO MILITAR, «sem a qualificação do *ideado* SEVIRO JUNIOR, e só com o *numero expresso* do SEVIRATO».

N'esta parte, deixaram-se os nossos distinctos confrades illudir com *Resende*, que em *boa fé* DECIFRÁRA tambem estas linhas

VI. VIRO. IV N. HASTA.
LEG. II. AVG.

— «como significando exactamente»

SEVIRO IUNIORUM HASTATORUM
LEGIONIS SECUNDAE AVGVSTALIVM.

XXII. — Deprehende-se esta *boa fé* em *Resende*, comparando-lhe a *inexacta* decifração da *lapide* de *Flavino*, com a *exacta* decifração da *lapide* de *Numisio*.

Na «edição resendiana» de Coimbra, 1790, acham-se estas *inscripções* no tom. I, nas pagg. 316 e 247: — e a *inscripção* de *Flavino*, extraviada do MUSEU SISENANDO em Beja, acha-se tambem no *Dr. Augusto Philippe Simões* — RELATORIO SOBRE O MUSEU CENACULO EM EVORA, pag. 35.

XXIII. — Se o conhecimento das *inscripções* de Milão — vulgarizadas em *Apiano* desde 1534 — levasse o nosso *Resende* ás *falsificações epigraphicas*, de que «n'esta parte» é arguido no MONATSBERICHT de 1851; sem duvida poria o nosso *eborense* EM PARALLELO, «como os nossos dois confrades fizeram», o *ideado* SEVIRO JUNIOR com o *ideado* SEVIRO SENIOR: — SEVIRO este ultimo, de que nem ao menos ha «visos» no *contexto resendiano*.

Circumstancias d'estas, em assumptos d'estes, assumem sempre um valor subido. — São *explicação e justificação*.

XXIV. — É momentoso este «escopo esboçado», e apenas trazido de relance á *tela da discussão*, «para não jazer no olvido immerecido». — Não podia, nem devia olvidar-se.

Dá-lhe relêvo summo a *memoria litteraria* do nosso *Resende*, de que a ninguem caberia melhor a palma da VINDICAÇÃO EPIGRAPHICA, do que ao nosso eximio consocio conimbricense — o *Dr. Augusto Philippe Simões*.

XXV. — Como *conservador* que fôra do MUSEU CENACULO em Evora, dando-lhe *sêr e vida*, com *gloria das letras patrias*; e como *conhecedor estudioso* das *lapides* alli conservadas, e das *correlativas* com ellas; a ninguem cumpriria melhor uma *lucubração* d'esta

ordem, *apurando á risca o verdadeiro e o falso*, COM O EXAME OCULAR DO ASPECTO EPIGRAPHICO DAS LAPIDES.

Poderia comprovar então de novo, aos nossos confrades illustres de Berlin, uma maxima venerandissima.—É que nunca será lida e meditada de mais—NOS ESTUDOS EPIGRAPHICOS DAS LAPIDES—esta sentença judiciosa de *D. João Francisco de Masdeu*, na HISTORIA CRITICA DE ESPAÑA, tom. v, pag. 389:

«No es à la verdad menor defecto de critica el *reprobar* «una lápida antigua *sin justa y suficiente razon*, que el «admitirla *por buena*, quando *los motivos son suficientes* «para desecharla».

Braga, 1 de Março de 1879.

O Professor do Lyceu,

FERRIRA-CALDAS.

RESUMO BIBLIOGRAPHICO

Pelo pequeno espaço de que dispomos neste jornal vemo-nos constrangidos a estreitar as noticias relativas aos livros e jornaes que temos recebido. De todos quizeramos dar ampla relação consoante o seu merecimento; mas, se nos sobra vontade, pedimos que se nos leve em conta a intenção que nos anima.

— *O Castello de Monsanto, seculo XV, por Guilhermino Augusto de Barros*. Lisboa, 1879.

É um romance historico em dois volumes dos tempos de D. Affonso v, entremeiado de muitas citações e epigraphes classicas, que revelam erudição e gosto, e de linguagem, umas vezes alevantada, outras corrente e sempre poetica, propria do antigo poeta do *Novo Trovador*, do *Instituto*, do *Bardo* e do *Christianismo*. O sr. Guilhermino A. de Barros utiliza os raros ocios do seu laborioso emprego de director geral dos correios nos estudos conscienciosos do romance e da historia.

— *Voltaire—conferencia publica para celebrar o primeiro centenario de Voltaire no Gremio Operario de Lisboa em 30 de maio de 1878, por Theophilo Braga*. Porto, 1879.

É sabido como foi celebrado no anno findo o centenario do celebre Voltaire, assim como a sensação politica que causou este facto. Aos olhos da boa razão e da verdade o homem de Ferney, se vale bastante na litteratura e na historia, não tem significação politica nenhuma, pelo menos a que lhe attribuiram com esta festa.

O folheto do sr. Theophilo parece negar-lhe até individualidade propria! Distinguiu-se porque aprendeu dos homens grandes d'outros paizes.... Se não fosse á Inglaterra, á Hollanda, á Prussia, etc.; se não se inspirasse com Lord Bolingbroke, com Swift, Prior, Addison, diz o sr. Theophilo Braga que não seria o vigor da sua consciencia que o faria notavel. Das viagens trouxe a experiencia e o ensino, que o desenvolveram e elevaram. São as consequencias d'este discurso, e bem claras. Mas peor nos parece ainda ataviar com uma festa esplendida republicana o aulico de Frederico II e apologista de Henrique IV.

—*D. Joanna de Portugal (a princeza sancta) Esboço biographico, por Marques Gomes. Aveiro, 1879.*

Este folheto de 63 paginas é um episodio da nossa historia, episodio curiosissimo pelos pormenores e pelas reflexões sensatas que o acompanham, enriquecido com valiosos documentos. Todos que tractam letras conhecem, ao menos pela comedia de Garrett, *A Sobrinha do Marquez*, o convento de Jesus de Aveiro, onde está depositada a sancta filha de D. Affonso V; e não conhecem menos o sr. Marques Gomes pelos seus escriptos. Às *Memorias d'Aveiro*, e a outras monographias interessantes accrescentou o douto escriptor aveirense este novo trabalho historico que o honra muito.

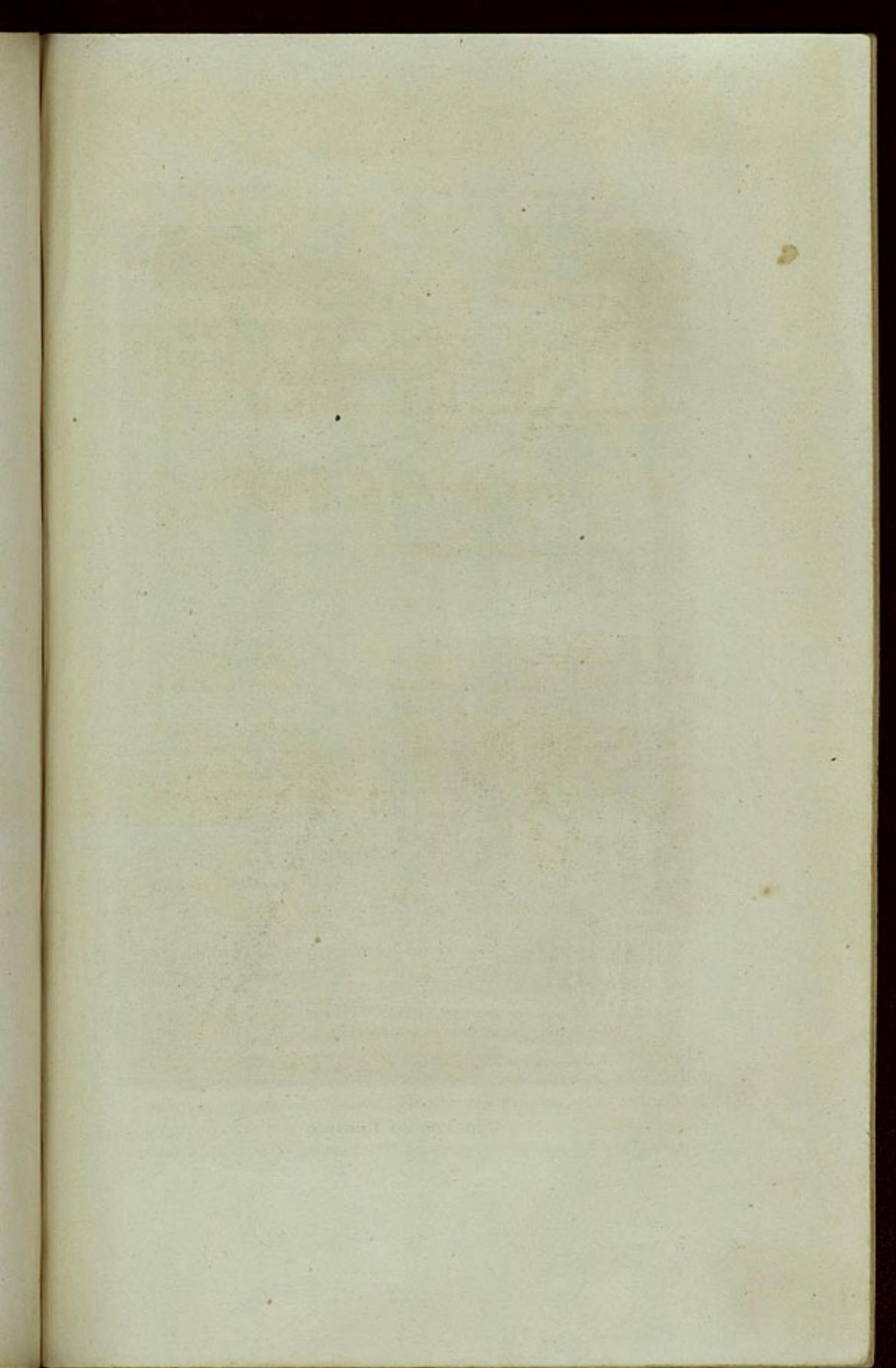
—*Pereira-Caldas — Monumentos epigraphicos de Roma, exalçadores da memoria do papa S. Damaso, prodigio vimaranense. Braga, 1879.*

É este mais um folheto curioso do sr. Pereira-Caldas, escriptor distincto em archeologia e historia. Se de todos os seus folhetos fizesse um volume, prestaria o illustre professor relevante serviço ás nossas letras. Neste elogia muito a cidade de Guimarães, berço do primeiro papa portuguez, do nosso primeiro rei e do primeiro doutor da Universidade de Coimbra, etc. E mostra que S. Damaso foi muito distincto no seu tempo pela litteratura e religião, e lhe chama, com o *Côro das Musas*, «martello dos herejes, tocha ardente,» precedendo o seu escripto com a epigrapha:

«Seu nome — entre os Sanctos numerado —
A fama faz brilhar d'este Prelado.»

—*Gabriel Pereira — Notas d'Archeologia. Evora, 1879.*

Sobre os castellos ou montes fortificados de Colla e Castro Verde, o dolmen furado da Candieira e ruinas da Citania de Britteiros se vêem neste livrinho investigações archeologicas que indicam o estudo aturado e excellentes criterio do seu auctor, que tantos serviços tem prestado á nossa litteratura.





Uma rua do Bussaco

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Julho de 1879

N.º 7

OS CEDROS DO BUSSACO

... nobile *Busac*, parum a Conimbricensibus
dissitum, sacri Patrum Discalceatorum montis
Carmeli ordinis eremus... cedrorum proceri-
tate alter Libanus.

GRISLEY — *Viridarium Lusitanicum*.

Quando a ordem dos carmelitas descalços alcançou do bispo de Coimbra, D. João Manuel, em 1628, um grande tracto de terreno na vertente occidental da serra do Bussaco para nelle fundar o seu deserto, já então havia alli massas cerradas de arvoredos espessos e corpulentos. A poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda, cantando aquelle saudoso ermo no seu poema *Soledades de Buçaco*, impresso em 1634 (seis annos apenas depois de fundado o eremiterio carmelitano), assim o dá a entender quando diz:

A partes las arboledas	Con los enebros, y fresnos,
Muestran bosques tan cerrados	Los robles, y alamos altos.
Que no los traspassa Phebo	Alli el funesto Cypres
Con sus rutilantes rayos.	Con el vitorioso lauro
Desde la entrada al convento	De las hayas, y saúcos
Se camina por debaxo	Estan recibiendo abraços.
De pauellones de plantas	Alli el arbol que galan
Cuyos ramos forman lazos.	Se vê primero adornado
Alli se mesclan las hojas	De la flor que de las hojas
De los Platanos copados	Crece dulce, y crece amargo.

Noutra parte das *Soledades* diz a mesma poetisa:

Hondo valle se descubre	Que alli son grandes, y muchos
De verde yerua desnudo.	Llenos de barbas por viejos,
Entre mil quiebras de rocas	Y en las cabeças tan juntos,
Yace triste, e casi obscuro	Que no sufren los traspasse
Con negras sombras de robles	El planeta rubicundo.

Estabelecidos alli os carmelitas, foi um dos seus principaes

cuidados o augmento da sua floresta. A isso os obrigava uma disposição das suas *Constituições*, que por curiosa passamos a transcrever:

«*Para que o sitio do Deserto seja sempre aprazivel, e apto para a oração, será obrigado o prior a pôr de novo cada anno arvores silvestres: nem poderá cortar, nem arrancar alguma sem approvação do Capitulo Conventual, concorrendo ao menos para isso duas partes das tres dos votos.*»

Conserva-nos o *Agiologio Lusitano* o nome de um virtuoso carmelita, fr. João Baptista, natural de Silves, cuja memoria deve ser abençoada por todos quantos admiramos aquella frondosa matta.

Recolhido ao eremiterio do Bussaco no tempo ou pouco depois de sua fundação, alli viveu por espaço de treze annos plantando por suas proprias mãos uma grandissima quantidade de arvores.

Este religioso benemerito passou no anno de 1642 a Moçambique com animo de prégar de missão nestas regiões, onde falleceu a 25 de fevereiro de 1643 ¹.

Outro varão, tambem benemerito da sylvicultura do Bussaco, foi o reitor da universidade, Manuel de Saldanha, que alli introduziu os primeiros cedros que se viram em Portugal. Segundo o testemunho de fr. Leão de S. Thomaz os primeiros exemplares d'esta formosa especie que se plantaram em o nosso paiz, são os que alli existem juncto da ermida de S. José ² fundada por Manuel de Saldanha em 1643. Com este testemunho concorda o de fr. João do Sacramento quando affirma ³ que juncto da ermida de S. José se encontram os primeiros cedros que vieram dos Açores a Portugal, progenitores de quantos hoje goza o mesmo reino, por industria do reitor da universidade, Manuel de Saldanha.

Os auctores citados merecem todo o credito, mórmente o primeiro, pois que, escrevendo a sua *Benedictina* em 1650 ou ainda antes, foi contemporaneo do facto. Apezar d'isto têm-se suscitado algumas duvidas quanto á originaria procedencia dos cedros do Bussaco (*Cupressus glauca*, Lamarek; *Cupressus lusitanica*, Miller) porque parece cousa averiguada que esta especie só é nativa na serra dos Gates, proximo de Goa ⁴. O sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, occupando-se d'esta questão ⁵ affirma terem-no informado de que nos Açores não ha memoria d'estes cedros e

¹ *Agiologio Lusitano*, por Jorge Cardoso, impresso em 1652, tomo 1.º, pag. 520 e 523.

² *Benedictina Lusitana*, tomo 2.º, pag. 283.

³ *Chronica dos Carmelitas Descalços*, tomo 2.º, liv. 4.º, cap. 15.º

⁴ Vide um artiguinho do sr. Bernardino Antonio Gomes no *Jornal de Horticultura Pratica*, vol. 2.º, pag. 64.

⁵ *Historia do Mosteiro da Vaccariça e da Cerca do Bussaco*.

que só havia poucos annos eram cultivados, como novidade em alguns jardins das ilhas do Pico e S. Miguel; e tem como possível que primeiro se aclimatassem nos Açores, e nestas ilhas se perdessem pouco depois de passarem a Portugal. D'esta maneira se podem justificar as asserções dos chronistas mencionados.

Entre a grande variedade de arvores de que se compõe a majestosa floresta do Bussaco, as que mais sobresaem por sua corpulencia e notavel formosura são os cedros. O visitante que divaga pela matta, absorto na contemplação de tantas maravilhas que alli se ostentam, é singularmente impressionado quando encontra

... o cedro a prumo, topetando
 Co'as estrellas do céo, cingido d'hera,
 Que em lustrosa espiral sobe constante,
 A segredar-lhe amores com que esqueça
 Aqui seu patrio Libano...

(JOÃO DE LEMOS).

Alguns são verdadeiros colossos vegetaes, e entre estes merece particularisar-se o que se encontra juncto do sitio onde foi a ermida de Nossa Senhora da Expectação, pouco abaixo do convento e outro ao lado da *rua do Horto* muito proximo da *fonte Fria*. Com propriedade se lhes podem applicar os versos:

De leur immensité le calcul nous écrase ;
 Nos pas se fatiguaient à contourner leur base
 Et de nos bras tendus le vain enlacement
 N'embrassait pas un pli d'écorce seulement.
 Debout, l'homme est à peine à ces plantes divines
 Ce qu'est une fourmi sur leurs vastes racines.

A nossa estampa representa um dos lanços da formosa avenida que da portaria principal da matta segue para o convento, orlada continuamente por longas fileiras de corpulentos cedros, que, na phrase de fr. João do Sacramento, *embraceados uns de outros servem aos passageiros de escudo contra o sol, espelho para a vista*.

Este lanço da avenida é uma das estancias mais pittorescas do Bussaco. Faz lembrar um templo grandioso, cujas columnas seriam os troncos regulares e elevados dos cedros, que se enfileiram aprumados de um e outro lado; e cuja abobada seriam as ramadas d'estas arvores majestosas formando elevadas arcarias, onde parece devisarem-se phantasiosos lavores de puro estylo gothico.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

ESTUDOS SOBRE O DISTRICTO DE COIMBRA

Extractos do relatório apresentado em 28 de fevereiro de 1878 ao actual Governador Civil do Districto de Coimbra, para acompanhar os productos industriaes e agricolas do Districto, destinados á ultima exposição universal de Paris

(Continuado do n.º 5, pagina 72)

Além dos ramos da industria agricola, a que me tenho referido, é innegavel que ha ainda neste districto muitos outros, que, apesar de mal aproveitados, são já fecunda fonte de riqueza. Citarei alguns.

As fructas verdes e seccas são aqui variadissimas. A maçã e o pero são abundantissimos na Beira, e exportados em larga escala para todo o paiz.

Conhece-se uma consideravel variedade de pereiras em todo o districto, especialmente depois que têm sido introduzidas muitas das melhores qualidades das francezas. Em Oliveira do Hospital faz-se um rico commercio com as fructas seccas, e principalmente com a pera. Encontram-se alli exemplares d'esta arvore, com proporções gigantescas, cujo rendimento annual ascende a 15,500 réis por cada arvore. O principal centro de consumo d'estas fructas é o Porto, fazendo-se transacções com esta cidade, que avultam a mais de 50:000\$000 réis por anno.

A cereja, que ainda ha poucos annos não tinha aqui valor algum, graças á facilidade de communicacões e á viação accelerada exporta-se hoje para Lisboa em valor de mais de 10:000\$000 réis annuaes, calculando-se, nas proximidades de Coimbra, o rendimento medio de uma cerejeira já desenvolvida em 6\$000 réis por anno.

A laranja, que é preciosa em todo o districto, e especialmente em Coimbra, é exportada para o estrangeiro. Infelizmente pouco se tem estudado a molestia que affecta estas arvores, e ameaça destruir laranjaes magnificos.

As grandes hortas de melancias e de melões nos campos de Coimbra abastecem muitos mercados de fóra do districto.

As figueiras são aqui frequentes, e em muitas partes vêm espontaneamente. Produzem optimo fructo, que poderia ser aproveitado para seccar, fornecendo magnificas passas, como as que foram premiadas na Exposição de Philadelphia, e provieram de

Condeixa. Poderiam egualmente dar abundante aguardente, e servir de alimentação para gados.

As fructas seccas, taes como as nozes, que primam nos concelhos de Condeixa e de Penella; as avellãs, que se encontram principalmente na freguezia de Castello-Viegas; e as castanhas, que são optimas nos concelhos de Taboa e de Pampilhosa, são exportadas em grande quantidade, e em valores importantes.

Citarei tambem a fabrica do sr. Joaquim Pestana da Silva, da Figueira da Foz. Sob a firma de Silva & Companhia montou este cavalheiro um estabelecimento de conservas de fructas e de legumes, as quaes pelo esmero e cuidado com que são preparadas não encontram competidor no districto. As numerosas encomendas que pela maior parte recebe do Brasil este estabelecimento, ainda incipiente, attestam claramente a perfeição dos seus productos, que são tão variados como as fructas e legumes do paiz.

Com a facilidade e brevidade dos transportes, tanto pelos caminhos de ferro como pela navegação a vapor, tem augmentado muito a exportação das fructas, que não podem supportar grandes demoras sem deterioração. Para Inglaterra e para o Brasil são enviadas grandes partidas de cebolas creadas nos campos de Coimbra, e no valor de muitos contos de réis. A esta cultura, quasi nova aqui, têm accrescido outras, de que se estão tirando grandes resultados, taes são a do linho, a das favas e outras.

Fabricam-se no districto magnificos queijos, e os mais apreciados são os conhecidos pela denominação de queijos da serra, e que provêm especialmente do concelho de Oliveira do Hospital, chegando a sua exportação annual para o Porto, Lisboa, e para as nossas possessões da África ao valor de 120:000\$000 réis só d'aquella villa e proximidades. Ha ainda os do Rabaçal, e os queijos frescos de Pereira e de Villa Nova d'Anços.

A produção da cortiça, com especialidade no alto districto, tem já adquirido um valor importante, que augmentará muitissimo com o facil transporte para os portos de exportação.

Os soutos de castanheiros, já em talhadia para arcos de pipas e para construcção de cestas, já para madeiras de construcção, são muito rendosos.

Encontram-se tambem boas madeiras de carvalho, sendo para lamentar que se não tenha dado mais desenvolvimento á arborisação, como é tão necessario.

Outros muitos factos poderia citar como indicativos do valor productivo da industria agricola; mas aqui, como em quasi todo o paiz, é a viticultura que constitue a sua principal riqueza. Possuindo este districto uma grandissima variedade de terrenos,

fornece tambem uma não menor variedade de typos caracteristicos de vinhos, cujas qualidades são já muito apreciaveis, mas que só poderão ser devidamente apreciadas, quando no seu fabrico tenham sido seguidos todos os preceitos aconselhados pela theoria e pela experiencia.

De concelho para concelho, e no mesmo concelho de logar para logar, encontram-se vinhos com propriedades, sabor, colorido e gráu alcoolico differente. De vinhos de pasto, fracos e delgados, offerece este districto uma variedade riquissima de typos genuinos, desde os produzidos no baixo districto, nos terrenos outr'ora salgados dos campos de Lavos e de Lares, até aos creados nos terrenos schistosos e graniticos de Oliveira do Hospital e de Taboa. Os vinhos finos e generosos, tanto da Beira como da Bairrada, onde se acha situada uma grande parte do concelho de Cantanhede, podem sustentar o parallelo com os denominados do Porto.

Hoje, porém, estão em moda os primeiros, dando os mercados a preferencia aos vinhos delgados e sem aguardentação. D'estes apresentar-se-ha na proxima exposição uma soffrivel colleção de amostras. Infelizmente o curto praso de que podia dispôr-se, e a epocha em que a nova colleção devia formar-se, depois de uma colheita má, e estando os vinhos ainda por fazer e por assentar e purificar, não nos deixará occupar o logar, que nos seria dado em circumstancias mais favoraveis.

É mesmo de suppor que muitos d'estes vinhos não estejam ainda sufficientemente solidos e organisados para resistirem á viagem que vão emprender. Do tino e prudencia de quem nos vai representar em Paris deve esperar-se que serão retirados da exposição aquelles que se não encontrem em circumstancias de apresentar-se convenientemente.

No emtanto os nossos vinicultores não devem desanimar nos seus estudos e ensaios, até acharem o meio de conservar inalteraveis aquelles vinhos sem o recurso da aguardentação, processo o mais seguro, commodo e facil, mas que nos cerra as portas da maior parte dos mercados estrangeiros. Para a consecução d'este *desideratum* muito têm trabalhado alguns preparadores, com animadores resultados, graças a intelligentes e perseverantes tentativas e experiencias. Entre outros cavalheiros poderia citar o sr. Joaquim Antonio Simões, da Figueira, que possui um estabelecimento e diversos armazens, que disputam competencias com os melhores do paiz, e onde se não poupa o emprego de todos os mais aperfeiçoados meios, que a sciencia moderna recommenda para a preparação dos vinhos.

Pelos vinhos aguardentados, compostos e generosos nada ha a

receiar, e é por elles que o districto mantém importantes relações commerciaes com diversos portos estrangeiros, entre os quaes figuram quasi todos os do Brasil.

É principalmente para os portos d'este imperio, que pela Figueira se exporta annualmente quantidade superior a 12000 pipas de vinho, preparado ao sabor das provincias a que é destinado, desde o vinho de pasto, pouco animado e frio, até aos mais preciosos e balsamicos. Para este fim acha-se a Figueira nas mais adequadas circumstancias pelo seu porto de mar, e pelas relações que de ha muito conserva com diversos portos estrangeiros. Os seus estabelecimentos, summamente acreditados em todas as praças commerciaes do Brasil, prògridem a olhos vistos, e graças á facilidade que hoje possuem de obter maior quantidade e maior variedade de vinhos e de aguardentes, mais longe podem estender as suas transacções.

Nos ultimos annos tem-se notado a tendencia para directamente se expedirem os vinhos para os respectivos centros de consumo, como succedia na epocha mais florescente d'este commercio, e não por via de Lisboa como por muito tempo se fez. Com effeito os vinhos mandados directamente d'aquella villa para o estrangeiro foram nos ultimos dez annos os constantes do mappa seguinte:

Mappa da exportação de vinhos pelo porto da Figueira da Foz

Annos	1867	1868	1871	1873	1875	1876	1877	Total
N.º de navios sahidos ..	1	2	1	1	8	4	11	28
Arqueação dos dictos...	m. c. 240	m. c. 249	m. c. 127	m. c. 167	m. c. 1261	m. c. 764	m. c. 2072	m. c. 4928

Direi, por ultimo, que as vinhas plantadas nos ultimos annos por todo o districto deverão dentro em pouco produzir quasi o dobro do vinho actualmente colhido, e neste serviço, força é confessar, os lavradores têm sido muito mais cautelosos do que antigamente, tanto no systema do plantio, como na escolha das especies.

Fabrica-se tambem aqui muita aguardente, não só de vinho,

de bagaço e de fundagens, mas também de cereaes e de fructa, especialmente de medronhos, cuja planta vem espontaneamente na serra de Estrella e nos seus contrafortes e ramificações, que fazem parte do concelho de Oliveira do Hospital. Esta ultima aguardente é exportada para o Porto em quantidade superior a 50 pipas por anno, producção que ainda ha muito pouco tempo era quasi nulla.

A apicultura em parte nenhuma do paiz tem merecido os cuidados a que tem incontestavel jus. No emtanto, e mais como curiosidade do que por especulação, criam-se em toda a parte abelhas, que dão optimo mel. São os concelhos de Pampilhosa e de Poiares os que mais se dão a este interessante ramo agricola, produzindo-se neste ultimo cêra branca e amarella que sempre tem occupado logar distincto em todas quantas as exposições a que tem concorrido. A cêra, preparada em Poiares, é objecto de avantajadas relações commerciaes com a Hespanha, e em valor talvez superior a 40 contos de réis annuaes.

Deixando agora a industria agricola, cuja importancia real tenho evidenciado em largos traços, direi alguma cousa com relação á manufactureira e extractiva.

Nesta classe cabe o primeiro logar ao sal marinho da Figueira da Foz. Tanto pela sua quantidade, como pelas suas propriedades, mórmente para a salga do peixe, constitue elle uma das maiores riquezas do districto, e em particular do concelho da Figueira da Foz, onde se acha quasi exclusivamente limitado ás freguezias de Villa-Verde e de Lavos.

As salinas figueirenses são marginaes ao Mondego, ao rio e esteiro de Lavos e ao rio do Pranto, nas proximidades da sua foz.

Occupam também o delta interior, denominado Murraceira, e medem todas em extensão superficial 1300 hectares pouco mais ou menos.

Compõem-se de 12000 talhos, e empregam no seu custeio e exploração 2500 pessoas de ambos os sexos, incluindo os *marron-teiros*, homens que trabalham nas marinhas, as *tiradeiras*, mulheres que conduzem para os armazens e para os barcos o sal fabricado, e os barqueiros que o conduzem para bordo dos navios exportadores e para os portos superiores do Mondego.

É este sal exportado para o interior e para o exterior. O primeiro abastece toda a provincia da Beira e chega até Hespanha. O segundo sahe para a Terra Nova, para a Escocia, para as Ilhas adjacentes e para outros muitos portos.

O seguinte mappa, cujos elementos me foram obsequiosamente ministrados pela alfandega da Figueira da Foz, dá a media d'esta exportação:

Mapa do sal exportado pelo porto da Figueira da Foz
nos ultimos annos economicos

Annos economicos	Quantidade em kilogrammas		N.º de navios ex- portadores	Arqueação
	Portos nacionaes e Ilhas	Portos estrangeiros		
	kilogr.	kilogr.		m. c.
1872-1873	2.145:187	7.976:500	134	10:676,289
1873-1874	3.279:000	9.328:000	151	13:145,022
1874-1875	3.074:682	9.792:600	159	13:748,698
1875-1876	2.887:107	6.807:000	147	10:868,393
1876-1877	2.820:240	8.046:000	158	11:856,308
Sommas	14:206:216	41.950:100	749	60:294,710

D'este mappa deduz-se que a media annual da exportação do sal é de 11:231:263 kilogrammas com o valor de 78:618\$641 réis, que são transportados em 150 embarcações com a arqueação de 12:058,942^{m. c.}

Toda a produção do sal da Figueira da Foz é calculada a maior de 500 milhões de kilogrammas, dando ainda os *viveiros* e *comedouros* das marinhas magnificos adubos para as terras nas algas e limos que nelles se criam espontaneamente, e soberbo peixe que pôde sempre ser pescado independentemente do estado do tempo e do mar.

(*Continúa*).

ADOLPHO LOUREIRO.

BUSSACO

Sua etymologia

(NOTA D'UM LIVRO INEDITO)

I

Quatro são as etymologias de *Bussaco* apresentadas pelos escriptores que têm tractado do deserto dos carmelitas descalços da provincia portugueza; e cada auctor opina por aquella que mais agradou á sua imaginação ou lhe pareceu convir melhor ao fim que se propunha.

Não podémos porém nunca acceitar nenhuma das quatro derivações, por as acharmos inverosímeis, ainda que bastante poeticas, uma especialmente. Assim, o interesse, a predilecção que sempre tivemos pelo Bussaco, levou-nos a proceder a algumas investigações sobre o nome de tão deliciosa mansão; e, permitta-se-nos crel-o, estamos convencidos de ter achado a sua etymologia.

D'isto vamos tractar, depois de breve exposição e rapida analyse das quatro derivações já conhecidas.

II

1) de Sublaco

Fr. Leão de S. Thomaz, ou quem quer que foi o auctor do curioso e pouco vulgar livro—*Constitutiones Monachorum Nigrorum S. P. Benedicti Regnorum Portugaliae*, inclina-se a que os monges do mosteiro bubulense teriam dado ao monte o nome de *Sublaco*, por analogia com o deserto d'este nome em Italia, no qual S. Bento viveu tres annos vida de solidão e penitencia. Eis como fr. Leão se exprime: *Fuit autem aedificatio praedicti coenobii sub titulo Salvatoris annis quatuor post prima fundamenta Lurbani (proindeque duobus ante obitum S. P. Benedicti) quingentesimo scilicet quadragesimo primo in loco qui Vacariça dicitur tribus leucis a Conimbrica distans versus Aquilonem prope viam Regiam, quae ad Portucallensem urbem tendit ad radices montis Bussaco, nunc vulgo, Sublaco, olim forsitan propter Monachos, qui a Sublaco originem ducebant nuncupatam*¹.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, a celebrada poetisa do Bussaco, segue esta etymologia, e a maior parte dos escriptores a preferem ás outras: mas parece-nos que o desejo de exaltar a classe foi o que levou fr. Leão de S. Thomaz e fr. João do Sacramento a essa preferencia. Achamos muito forçada a derivação *Bussaco* de *Sublaco*, pois não só ha inversão de lettras mas supressão do *l*, letra bem caracteristica nesta palavra. Demais, S. Bento falleceu em 543 e o nome de *bussaco* apparece já em um documento de 919: assim, mesmo que os monges da Vacariça tivessem começado, logo no seculo VI, a dar á serra o nome de *sublaco*, haveria tempo de se corromper a ponto de no principio do seculo X já se encontrar tão extranhamente transformado em *buzaco*?

¹ Veja-se o *Guia Historico do Bussaco*, interessantissimo trabalho do meu excellente amigo, o sr. Augusto Mendes Simões de Castro.

2) de Solago

Esta etymologia — *Solago*, lago na raiz dos montes Simbruinos — é ainda mais forçada que a antecedente. A falta do *B* inicial do nome Bussaco torna, a nosso ver, de todo o ponto inadmissível esta derivação.

3) de Boçal

É tradição que um negro fugido a seu senhor se acoutara em uma gruta que se encontra por detraz da ermida do Sepulchro, e que d'alli sahia para assaltar e roubar e practicar outras proezas do mesmo jaez nas povoações circumvizinhas. «... Ao couto do malfeitor chamavam os povos atemorizados *Cova do Boçal* (nome com que se designam os pretos cerrados para differença dos ladinos ou creoulos); e nesta palavra *Boçal*, com pequena corrupção, se tem querido achar a origem do nome *Bussaco*.

Esta etymologia não passa de uma invenção romantica, pois, como é sabido, a vinda dos primeiros negros para a Europa succedeu no seculo xv, quando o nome Bussaco dado á serra já se encontra em documentos do seculo x¹.»

4) de Saco-bus

Conta-se que um velho (alguns dizem-no ermitão) das vizinhanças costumava passar temporadas no monte, entregando-se ao silencio e vida contemplativa; e que, quando voltava á povoação, apresentava mais agilidade que de ordinario, parecia remoçado. Se então lhe perguntavam o que passava no monte e de que procedia o seu novo vigor, respondia o velho apenas — d'aquelle monte *saco-bus*...

É altamente poetica esta etymologia; mas, quanto a nós, declaramos estar convencidos de que o primeiro que a aventou não se importou com investigar uma origem; forjou sim uma lenda realmente poetica, a qual já foi aproveitada por um dos nossos poetas para assumpto d'uma graciosissima composição.

Eis as quatro etymologias que se tem querido dar ao nome *Bussaco*. As duas primeiras são forçadas, a terceira impossivel, e a ultima demasiadamente manifesta.

¹ *Guia Historico do Bussaco*, pag. 106.

III

Tendo sido durante seculos habitada a peninsula pelos celtas e outros povos de linguas similhantes, não admira que ainda hoje alguns logares conservem, mais ou menos alterados, os nomes que esses povos lhes deram. O mesmo nome de *lusitanos* é celta. Os lusitanos, no dizer de Strabão, andavam todos vestidos de preto, trajando geralmente uma especie de opa ou albornoz, involtos no qual dormiam sobre montes de feno. Ora *lu* em celtico significa *negro*, e *sytan* quer dizer *veste*. Parece, pois, que ou os proprios lusitanos assim se nomeavam, talvez por vaidade de se distinguirem dos povos vizinhos, ou estes d'aquelle modo os designavam habitualmente em razão do seu trajo.

Quanto aos nomes de logares, cuja origem é celtica, bastará mencionar aqui — *Alcoba*, nome da cordilheira de que faz parte o Bussaco, (*al*, montanha, *cwb*, pron. *cob*, cadeia), — *Douro* (*dour*, agua), — *Ebro* (*aber*, rio), — *Herminius* (*ar*, particula augmentativa, longo, alto, elevado, *meneiu*, montes, montanhas), — *Cascaes* (*cas*, mau, *cal*, porto), etc.

Assim, não sendo inadmissivel a origem celta de *Bussaco*, procurámos a sua etymologia naquella lingua.

No dictionario que fórma a ultima parte das — *Mémoires sur la langue celtique*, par M. Bullet — lê-se:

Bochad-Coad — bosquet — B¹. Il parait par le mot suivant que *Bochad* veut dire regetton. De là *Bocal* en vieux françois — petit forêt. Voyez *Bochat-Guez*.

Bochat-Guez — touffe d'arbres.

Será *Bochad-Coad* a etymologia de Bussaco?

Na escriptura e pronunciação muitissimo se aproximam as duas palavras: da elisão na composta palavra celta do *d* do primeiro termo e do *ad* do segundo (lettra e syllaba mudas) tal similhança resulta com Bussaco; a significação de *Bochad-Coad* exprime com tanta exacção o objecto, que estamos convencidos de que é esta a etymologia de Bussaco. Escusado é dizer que a pequena floresta que nos principios do seculo XVII começou a pertencer aos Carmelitas Descalços existia já desde remotas eras.

Aos que porém não acceitarem tal derivação apresentamos outra palavra celta e que não é recusavel.

¹ *Basque*.

No citado dictionario vem:

Boczecq — âpre, raboteux, montagneux. B.

Boczeg — bossu, inégal, raboteux, scabreux, montueux.

Não convém tambem este nome ao solo aspero e pedregoso do Bussaco, principalmente no mais alto do monte naturalmente escalvado? Não é mesmo admissivel que os celtas dessem áquelle sitio promiscuamente as duas denominações — pequena floresta e scabroso monte (*bochad-coad*, *boczecq*), quando pelos apontados motivos de qualquer d'estes modos o podiam designar?

Preferimos porém a derivação de que primeiro fallámos.

Apresentamos estas considerações aos eruditos que amam as cousas patrias, esperando não sermos censurados por crer que é *Bochad-Coad* a verdadeira etymologia do Bussaco.

BORGES DE FIGUEIREDO.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DE EVORA

A muito nobre, antiga côrte e sempre leal cidade de Evora tem tal ancianidade, que auctores ha que phantasiar ter sido fundada por Elysa, neto de Noé; outros julgam que fôra fundada no decimo seculo antes de Christo pelos celtas eburones; esta hypothese não deixa de ter seus visos de probabilidade¹, e até dava bom fundamento para derivar o nome da cidade do de seus fundadores. Além d'isso abundam perto d'ella numerosas antas, (vocabulo usado já num documento da era de Cesar de 1458, ou seja 1420 da era Christã). Que taes monumentos sejam de origem celtica é ponto ainda duvidoso; certo é que turdulos, iberos e turdetanos habitaram nestes sitios, seguindo-se colonias de phenicios, gregos, carthaginezes e romanos. Estes ultimos foram derrotados juncto de Evora pelo famoso general Viriato; os soldados de Evora formavam a cohorte fortissima.

Sertorio, emigrado politico de Roma, refugiou-se na cidade de Evora, que lhe deveu uma reforma administrativa, economica, etc., edificou numerosos edificios, entre elles o famoso *aqueducto* e o templo de Diana. O primeiro anda gravado em muitos livros e descripto por auctores nacionaes e estrangeiros (até vem nos

1

Que em tanta antiguidade não ha certeza.

CANÕES — *Lusiadas*, III, 29.

Lusíadas). O templo de Diana é muito notavel não só por ser o unico romano ao sul dos Pyrneos, mas tambem pela elegancia e fino trabalho de seus capiteis. Restam ainda alguns bocados da muralha attribuida a Sertorio, o qual cunhou moeda de prata e cobre nesta cidade no anno 80 antes de Christo (approximadamente). Julio Cesar veiu a Evora, e tantos privilegios lhe outorgou, que a cidade se intitulou — Liberalitas Julia, o que significa — Liberalidade de Julio. Cunharam-se moedas e erigiu-se um soberbo portico em honra de Cesar. Diz-se que S. Mancio pré-gara em Evora a doutrina de Jesus Christo, e que cinco eborenses foram martyrisadas por esse motivo. O certo porém é que no anno 303 assigna as actas do concilio de Illiberi um bispo de Evora, de nome Quinciano, a quem attribuem a fundação de uma cathedral. Muitos bispos de Evora assistiram aos concilios de Toledo e Merida no tempo dos godos, cujos reis Leovigildo, Recaredo, Witerico, Gondemaro, Suinthila, Egica cunharam moedas de ouro em Evora; Sisebuto cunhou moeda de prata e reedificou as muralhas, de que ainda restam grandes bocados. No tempo dos godos tinha a cidade o nome de Elbora e Elvora. No anno de 715 foi a cidade tomada pelos arabes, que mandaram muitos vencidos para Marrocos, a cidade era chamada pelos arabes — laborah —, nome pouco differente de Ibura, que os phenicios lhe davam e que (dizem) significa — *abundancia de mantimentos*.

Em tempo dos arabes era governada por um wasir. A mesquita, muito celebre por sua magnificencia, suppõe-se ter sido no templo de Diana. Ha quem diga que a cidade de Evora fôra tomada em 917 por D. Ordonho, e em 1038 por Fernando Magno, voltando de novo ao jugo arabe, que só sacudiu de vez em 1 de dezembro de 1165 por estratagem de Giraldo-sem-pavor, havendo auctores que julgam ter sido ganha por el-rei D. Affonso Henriques. O foral de Evora foi dado por este rei cinco mezes depois da tomada, e anda impresso em latim nas collecções da Academia Real das Sciencias, e tambem em portuguez no foral de Portel, que não differe do de Evora.

D. Sancho considerou o castello tão forte, que nelle tinha em 1188 uns dez mil morabitanos, que julgo equivaler a um milhão de cruzados approximadamente.

Os eborenses formaram uma confraria privativa dos que peregrinavam até Jerusalem.

É notavel que no foral de Torres Vedras (anno 1250) escrevam — *Erbora e episcopus Erborensis*. Em 1273 deu D. Affonso III um foral aos mouros forros de Evora e concedeu feira franca no anno de 1275. Os frades dominicanos abriram aulas de philosophia e theologia no anno de 1286. El-rei D. Diniz edificou uns paços

reaes na Praça Grande. No anno de 1297 foi Evora dada em arrhas á rainha D. Beatriz no valor de 3:000 libras da moeda velha. Em 1325 houve côrtes em Evora, onde no anno de 1336 casou D. Pedro (depois rei). Cá estava tambem D. Affonso IV quando a filha veio pedir-lhe que soccorresse os hespanhoes. Evora apromptou cem cavalleiros e mil infantes, que se distinguiram na batalha do Salado. Em 1353 começou a reedificação das muralhas. Em 1361 houve côrtes em Evora. D. Fernando I estava nesta cidade em 1382, em que fez fundir peças de artilheria; e mandou derrubar a muralha de Sertorio. Diz-se que nesta epocha tinha a cidade dez mil habitantes.

D. João I (antes de reinar) esteve encarcerado no castello de Evora por intrigas da rainha D. Leonor.—A casa da moeda de Evora foi fundada por D. João I. Em 1391 houve côrtes em Evora. Nesta cidade nasceu em 21 de fevereiro de 1397 a infanta D. Isabel, no dia do seu casamento é que o noivo instituiu a ordem do Tosão do Ouro. Em 1408 houve côrtes em Evora, e no de 1421 casou nesta cidade D. Duarte (depois rei). Em 1435–1436 houve côrtes em Evora, que foi assolada pela peste em 1438; houve côrtes nesta terra em 1442–1444–1460, e nella estava D. Affonso V quando vieram os embaixadores do Imperador d'Austria pedir D. Leonor.

(Continúa)

JOAQUIM ANTONIO DE SOUSA TELLES DE MATTOS.

RESUMO BIBLIOGRAPHICO

—*Conferencias no Instituto de Coimbra, feitas nas noites de 3 e 24 de maio de 1879, por José Epiphany Marques, lente cathedratico da faculdade de Medicina na universidade de Coimbra e socio effectivo do Instituto da mesma cidade.* Coimbra, 1879.

Contém este livro duas conferencias sobre a agua potavel, a primeira relativa ao seu valor hygienico e a segunda á insalubridade das povoações em geral e á de Coimbra em particular, proveniente da sua falta e sobre tudo da sua má distribuição.

Como se vê é curioso o assumpto, e não só curioso mas eminentemente util. Toca a todos, porque é elemento de vida e de saude, e por isso consideramos esta obra como catechismo de doutrina domestica e ao mesmo tempo de economia publica. Foram escutados os discursos por damas e cavalleiros, pelas que dirigem a sua casa e pelos que dirigem a sociedade, que umas e outros devem saber de cór o evangelho da limpeza. Reproduzidos pela imprensa, devem ser lidos por todos, que todos aprenderão com esta excellente propaganda, cuja lição póde e deve revolucionar pacificamente o regimen hygienico das familias.

— *Educação physica, pelo doutor Augusto Filippe Simões, lente substituto da faculdade de Medicina na universidade de Coimbra.* Terceira edição correcta e augmentada. Coimbra, 1879.

A boa educação é aquella que dá ao corpo e á alma a maior belleza, a maior perfeição que podem ter. Este dicto de Platão serve de epigrapha ao livro que temos á vista, livro copioso de 393 paginas, e que todos conhecem porque a sua popularidade tem successivamente augmentado. Suggere-nos elle logo o outro dicto latino, bem conhecido, *mens sana in corpore sano*; e sobre este principio indiscutivel, axioma social, assentou o sr. dr. A. Filippe Simões toda a fabrica da sua obra.

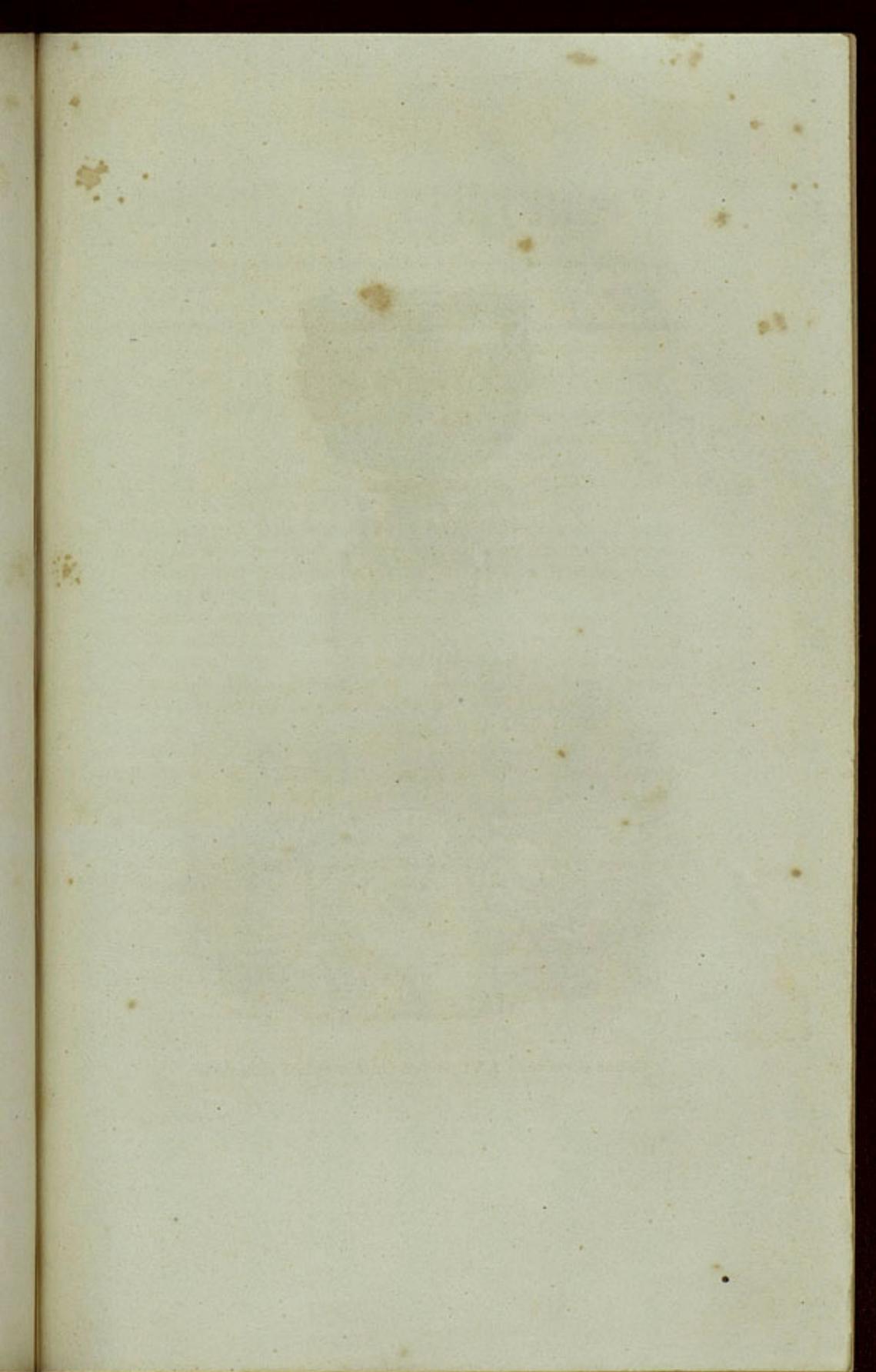
Alargariamos o ambito restricto d'esta secção, e até as raias do nosso jornal, se escrevessemos todas as considerações que nos occorrem sobre tão momentoso assumpto, que fica aliás bem ponderado considerando que o auctor se fez digno d'elle, e o publico digno d'ambos, pois a extracção lisongeira que tem tido o livro prova que o povo conhece perfeitamente o que lhe é util quando submettem ao seu juizo obras d'esta tempera.

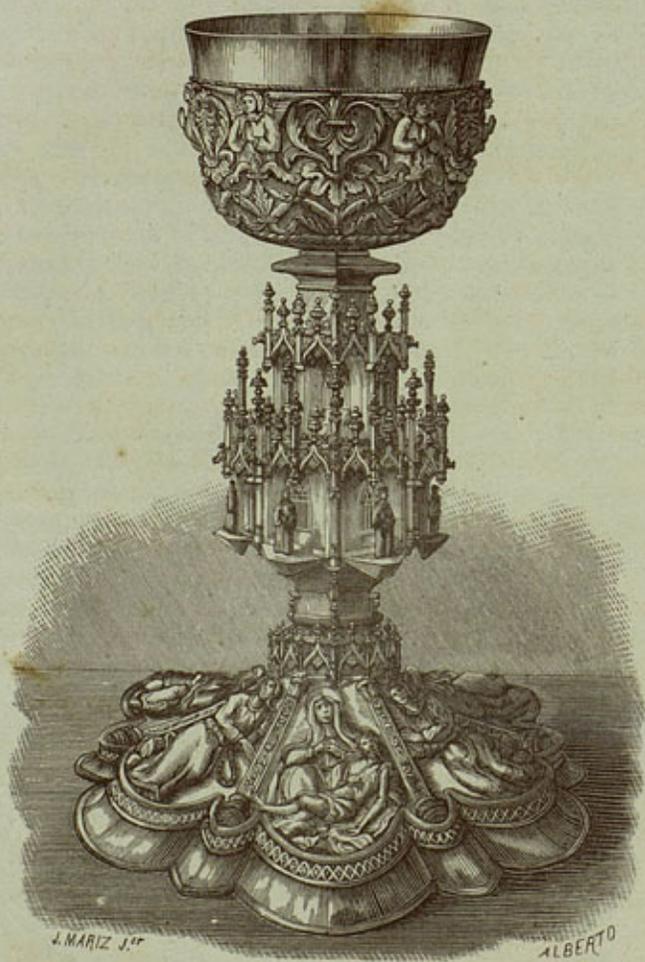
— *Guia do caminho de ferro do Minho (de Nine a Valença), por Figueiredo da Guerra.* Coimbra, 1879.

É um folheto de 32 paginas, destinado aos viajantes do Minho. E poucos temos visto que melhor preenchem o seu fito. Exactidão e clareza, erudição que aproveita e bom gosto que delicia são characteristics que realçam este livrinho.

Siga o viajante do Porto até Nine, setima estação do caminho de ferro que dirige para o norte, a 39 kilometros da cidade invicta; almoce no seu pequeno restaurante, que serve bem os passageiros, e deixando o ramal de Braga continue em direcção a Vianna e Caminha com este *vade-mecum* sob os olhos. Neste delicioso trajecto irá archivando no coração impressões indeleveis. Passa pelo Cavado, costeia o Neiva, atravessa o Lima, depois o Ancora e logo adiante chega ao Minho na sua confluencia com o Coura. Aqui serpeja o comboio por viçosos prados, matizados de frequentes casaes e campanarios; além rompe por entre collinas perfurando varios tunneis. Darque e Vianna ostentam admiraveis panoramas, e depois o mar... É lindissimo o passeio de Vianna até Caminha, estreitado pelo Oceano e pela serra de Arga, lindo como difficilmente será outro nesta nossa formosa terra.

Tudo isto, e muito mais ainda, nos explica o sr. Luiz de Figueiredo da Guerra, no seu *Guia do caminho de ferro do Minho*, que recommendamos aos nossos leitores.





Calice do seculo XVI pertencente á Sé de Coimbra

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.^o

Agosto de 1879

N.^o 8

O BISPO DE COIMBRA D. JORGE DE ALMEIDA E SUA MUNIFICENCIA PARA COM A SUA CATHEDRAL

I

D. Jorge de Almeida, filho do primeiro conde de Abrantes D. Lopo de Almeida ¹, e irmão do grande vice-rei da India D. Francisco de Almeida, foi o 38.^o dos bispos que têm regido a diocese de Coimbra depois que D. Fernando Magno conquistou aos mouros esta cidade ², e o segundo conde de Arganil, titulo que havia sido concedido por el-rei D. Affonso v ao bispo D. João Galvão e aos bispos seus successores, em attenção aos assignalados serviços que este lhe prestara na tomada de Arzilla e Tanger.

No conclave, que em seu tempo se celebrou em Roma, recahiram em D. Jorge muitos votos para supremo pastor da Igreja ³.

Foi um dos prelados que o summo pontifice Paulo III nomeou inquisidores-móres d'este reino pela bulla *Venerabilibus fratribus Colimbricensi, et Lamecenci, ac Ceptensi Episcopis* de 23 de maio de 1536 ⁴.

Quando D. João II foi com o principe D. Affonso a Extremoz no anno de 1490 para acompanharem a princeza D. Isabel, foi D. Jorge de Almeida em companhia do monarcha; e tambem lhe assistiu nos seus ultimos momentos ⁵.

No anno de 1512 baptisou em Lisboa o infante D. Henrique, que depois foi cardeal e rei ⁶.

¹ *Agiologio Lusitano*, tomo iv, commentario ao dia 25 de julho, letra C.

² Esta conta é feita segundo o catalogo dos bispos de Coimbra publicado pelo sr. M. R. de Vasconcellos no vol. viii do *Instituto*.

³ *Agiol. Lusit.*, logar citado.

⁴ *Catalogo dos Inquisidores de Coimbra*, na *Collecção de Documentos e Memorias da Academia Real de Historia* do anno de 1723.

⁵ *Chronica de D. João II*, por Garcia de Rezende, cap. 121.

⁶ *Europa Portugueza*, por Faria e Sousa, tomo 2.^o, parte 4.^a, cap. 1.^a, pag. 529.

Falleceu D. Jorge de Almeida no dia 25 de julho de 1543 com 85 annos de idade, havendo governado a sua diocese pelo dilatado espaço de 60 ou 62. Jaz na capella de S. Pedro da sé velha sob uma campa de marmore, na qual está gravado este epitaphio:

DIVINI . NVMINIS .
 PIETATE . EPISCOPVS
 COMES . GEORGIVS
 DALMEIDA . HIC . SITVS
 VIXIT . ANNIS . LXXXV
 OBIT . VIII . KL . SEXTILES .
 ANN . D . M . D . XXXX III
 ANNIS . L X II VTRAQZ
 DIGNITATE PRÆDITVS ¹.

Na mesma campa, que é orlada de uma mimosa tarja em baixo relevo, está insculpido o brasão do illustre bispo, composto de escudo esquartelado, tendo no primeiro e quarto campo, de vermelho, uma dobre cruz entre seis besantes de ouro; no segundo e terceiro campo, de prata, leão de purpura.

II

O bispo D. Jorge de Almeida tomou singularmente a peito ornar a sua sé, e foi por isso que mandou pôr no arco cruzeiro esta legenda: *Domine, dilexi decorem domus tuae* ².

As alfaias e obras sumptuosas com que ennobreceu a cathedral, executadas quando as artes em o nosso paiz chegavam a um notavel gráu de florescia e esplendor, constituem parte muito importante das notabilidades d'aquelle famoso monumento; e o amator das bellas artes encontrará nellas o que nesta cidade ha de mais delicado em esculptura em pedra e madeira, e no trabalho de ourivesaria, tanto no estylo gothico e manuelino, como no classico ou do renascimento.

¹ Segundo a letra do epitaphio, D. Jorge morreu de 85 annos em 1543, tendo gozado da dignidade episcopal 62 annos. Por esta conta deveria D. Jorge ter sido nomeado bispo em 1481 na idade de 23 annos. Por outro lado consta do *Livro 1.º dos Accordos*, existente no cartorio do cabido, que D. Jorge tomara posse por procurador em 23 de junho de 1483. Neste caso o governo effectivo seria de 60 annos e não de 62. É provavel que o epitaphio se refira não á posse, mas á nomeação.

² *Historia Breve de Coimbra*, por Botelho.

Os dois pórticos da fachada septentrional, em cujos labores o auctor das *Bellezas de Coimbra*¹ notou o gosto dos architectos godos pelas miudezas e ornatos exquisitos, mas que á primeira vista se conhece haverem sido executados em tempo muito posterior, foram mandados construir pelo bispo D. Jorge. Fel-os o grande architecto João de Castilho, que tão celebre se tornou pelo bom gosto e esmero das suas construcções. Assim o affirma o sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, que, fallando d'este artista insigne, diz o seguinte: «Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida do seu tempo e suas são as portas excrescentes de pedra de Ançã da sé velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia, como tudo ali se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, já meio convertido ás doutrinas de Vitruvio².»

Foi o bispo D. Jorge quem mandou vir de Sevilha os bellissimos azulejos esmaltados que forram algumas paredes do templo³.

O retabulo de pedra da capella de S. Pedro, no qual se vê representado o martyrio d'este sancto, obra de excellente esculptura, e por ventura do mesmo escopro que lavrou os porticos lateraes do templo, foi mandado fazer pelo bispo D. Jorge de Almeida.

É devido tambem a este illustre prelado o famoso retabulo de talha da capella mór, trabalho delicadissimo, que por sua perfeição tem sido celebrado por graves escriptores. Gasco diz ser este retabulo o mais curioso e subtil que se sabe haver em Hespanha⁴; o conde Raczynski o considera do mais puro estylo gothico⁵; Garrett disse que é o mais fino, perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tinha noticia e talvez que exista⁶; e o sr. Vilhena Barbosa classifica-o entre as obras que revelam a um tempo na prodigiosa variedade de desenhos uma imaginação viva e fecunda, na perfeição do trabalho aquelle estudo e esmero que só podem nascer do amor pela arte, e, finalmente, na concepção de tantos

¹ Cap. xx, pag. 129.

² *Noticia Historica e Descriptiva do Mosteiro de Belem.*

³ «M.W.H. Harrisson dit que son revêtement de tuiles émaillées (azulejos) qu'il croit fabriquées en Flandre, fait un curieux effet.»—*Portugal* por M. Ferdinand Denis, pag. 388. De um manuscripto existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, intitulado—*Extractos varios tirados do Real Archivo da Torre do Tombo, relativos á Historia Ecclesiastica do Bispado de Coimbra*, consta que o bispo mandou vir os azulejos de Sevilha, e não de Flandres como julgou Harrisson.

⁴ *Conquista, antiguidade e nobreza.... de Coimbra*, cap. xxii.

⁵ *Les Arts en Portugal.*

⁶ *Obras, Lyrica*, tomo xvi da 3.^a edição, pag. 22.

primores esse gosto apurado que characterisa em qualquer nação a florescencia das artes ¹.

Deve-se tambem ao mesmo insigne prelado a linda pia baptismal (hoje existente na sé nova), peça assás notavel e de grande merecimento não só pelo gosto e elegancia do desenho mas tambem pelo primor e mimo da esculptura ². É a bocca da pia de figura octogona. Na parte superior e exterior de cada uma das oito faces vê-se numas o brasão do bispo entre dois anjos, noutras dois meninos nús tangendo instrumentos musicaes, e por detrás d'elles uma fita em que se vê este distico de characteres gothicos excellentemente gravados: *Omnes sitiētes venite ad aquas. Nequid nimis* ³.

No pé que sustenta a bacia está o seguinte letreiro de characteres semelhantes: *P^o. Ariqez e seu irmão a fez.*

Temos até aqui mencionado as obras de esculptura em pedra e madeira que D. Jorge mandou fazer na sua cathedral. Vamos agora dar noticia das numerosas e ricas alfaias com que a presenteou, e para isso não faremos mais do que copiar a seguinte relação de um livro antigo ⁴, pertencente ao cartorio do cabido. Bem se vê, por tão valiosos presentes, que o irmão do grande vice-rei da Índia viveu no reinado de D. Manuel, epocha venturosa, em que o ouro, a prata, os diamantes e as perolas vinham a jorros para Portugal da Asia e do Novo Mundo!

«— Cinco capas de veludo avelutado carmezim com sabastros e capellos de borcado de pello com franjas de ouro e seda que foram avaliadas em duzentos mil reis.

— Huma capa de brocado de pello sobre seda cremezim com sabastro e capello broslado douro de figuras forrado de setim cremezim e preto franjada de ouro e seda que foi avaliada em 54 mil rs.

— Dez covados de brocado que servia no sepulchro que foram avaliados em cincoenta e seis mil rs.

— Sete capas de damasco branquo que foram avaliadas em cincoenta mil reis.

¹ *Panorama* de 1855, pag. 386.

² Póde ver-se uma gravura que representa esta pia no *Archivo Pittoresco*, vol. x, pag. 13, e no *Panorama Photographico de Portugal*, vol. 1, pag. 70.

³ Esta mesma legenda *Nequid nimis* acha-se repetida nos quatro lados de uma tarja de angulos rectos que orla o brasão do bispo D. Jorge de Almeida na frente das *Constituições* que este prelado mandou imprimir, e que tem por titulo *Constituyções do bpd^o de Coimbra feytas pollo muyto reverendo e magnifico senhor, o señor dom Jorge dalmeyda bpo de Coimbra Conde Darganil, etc.* Esta obra, impressa em 1521, é rarissima. Vimos um exemplar d'ella na Bibliotheca da Universidade.

⁴ É um catalogo dos bispos de Coimbra feito por Pedro Alvares Nogueira.

— Hum pontifical de veludo avelutado cremezim com sabastros de brocado com forros de tafeta amarello, com franjas tranças e botões douro q foi avaliado em cento sesenta e dous mil rs.

— Outro pontifical de brocado razo com suas almaticas e o mais que he necessario forrado tudo de tafeta, que foi avaliado em cento e vinte e oito mil rs.

— Quatorze cordões que servem nas almaticas que sam douro e dazul q foram avaliados em quarenta e cinco mil rs.

— Outro pontifical com vestimenta e almaticas de brocado nevado q foi avaliado em sessenta mil rs.

— Outro manto com suas almaticas de veludo preto que foi avaliado em vinte mil rs.

— Uma capa de tafeta catasol com sabastro e capello de setim cremezim forrada de tafeta preto franjada douro e seda q foi avaliada em sete mil rs.

— Hum Gremial de seda cremezim de huma banda com alcahofres e froles douro e verde, e da outra de damasco roixo pedrado douro e franjado douro que foi avaliado em seis mil reis.

— Hum manto de veludo preto com sabastros de veludo aliado escuro com alva manipolo estola e regaços foi avaliado em seis mil reis.

— Duas tuniculas huma de tafeta roxo outra de tafeta catasol foram avaliadas em trez mil rs.

— Duas tunicolas huma de cetim cremezim forrada de tafeta catasol outra de damasco roixo pedrado, forrada do mesmo tafeta, brosladas pelos cabos, cabeções e mangas que tinham vinte e hum botões douro, foram avaliadas em vinte cinco mil e trezentos reis.

— Outra tuniscola de damasco verde broslada como a de cima com doze botões douro nas mangas, foi avaliada em sete mil e quinhentos rs.

— Hum pano de estante do altar douro e seda branca com barras largas de veludo cremezim e barras de veludo roxo, e outro pano de brocadilho roixo foram avaliados em tres mil rs.

— Huns sapatos apantufados de brocado com as fivellas e tachões douro foram avaliados em quatro mil rs.

— Dous pares de luvas de pontifical com algumas carreiras d'aljofre avaliados em tres mil rs.

— Duas almaticas de moços do Coro avaliadas em quatro mil rs.

— Hum cales q pesava onze marcos q o bispo mandou concertar e dourar, levou douro dez mil rs., e de feitio desaseis mil rs.¹

¹ É este o calice que se vê representado na gravura juncta, o qual ainda se conserva no thesouro da sé. Num inventario escripto em 1720, existente no cartorio do cabido, vem relacionada da seguinte fórma esta notavel peça

— Huma mitra lavrada de aljofre miudo.... que tem noventa e seis perlas avaliada em setenta mil rs.

— Huma cruz de coral que tem nossa S.^{ra} de uma parte e nosso S.^r crucificado doutra com quatro castoens douro foi avaliada em oito mil rs.

— Hum pano de veludo preto com huma cruz de damasco pardo franjado de retros foi avaliado em quatro mil rs.

— Hum reposteiro de seda com as armas do bispo avaliado em desaseis mil rs.

— Outro reposteiro de grãa com as mesmas armas avaliado em dez mil rs.

— Humas cortinas de damasco verde com sua ilharga e costaneira e alparavazes e franja foram avaliadas em quarenta e sete mil rs.

— Hum doreel de veludo cremezim com franjas de ouro e seda parda avaliado em trinta mil rs.

— Hum cobertor de setim avelutado cremezim foi avaliado em sesenta mil rs.

— Oito bandeiras de damasco verde e alionado com cordões e franjas de retros avaliadas em vinte tres mil rs.

— Seis corrediças de tafeta catasol que tinham setenta e tres covados avaliadas em quinze mil e setecentos rs.

— Huma cota d'armas ferrada de setim roixo com as armas do bispo sobre damasco branco e cremezim que foi avaliada em quatro mil rs.

— Hum estandarte de damasco verdè alionado branco e cremezim com uma cruz d'ouro e armas do bispo avaliado em oito mil rs.

— Tres almofadas de veludo azul com betas cremezins forradas de damasco avaliadas em tres mil rs.

— Outras tres almofadas de veludo forradas de damasco alionado avaliadas em cinco mil rs.

— Outras tres almofadas de veludo alionado com borlas douro e seda verde avaliadas em sete mil rs.

— Duas almofadas de veludo azul avaliadas em quatro mil e quinhentos rs.

— Um pano de figuras que tem a historia do Credo avaliado em oitenta mil rs.

— Tres panos dantre soilas de ras avaliados em sententa e cinco mil rs.

de ourivesaria: «Ha outro calis grande de prata dourado com muito feitio, tem no pé seis figuras de vulto, convem a saber, Nossa Senhora da Piedade, e Santa Maria Madalena, e Nossa Senhora com o menino ao collo, e dous Anjos, e o nó delle é a modo de castello com suas figuras; a patena é toda rasa, e debuxada pelos bordos: peza onze marcos menos hũa onça.»

— Quatro guarda portas de ras da estofa dos panos avaliadas em vinte e sete mil rs.

— Outra guarda porta com a historia da Samaritana avaliada em seis mil rs.

— Outra guarda porta deste toque que tem o decendimento da cruz avaliada em dez mil rs.

— Tres panos grandes de ras amarelo que tem a historia de Troya avaliados em quarenta e cinco mil rs.

— Huma alcatifa grande d alevante avaliada em quinze mil rs.

— Outra alcatifa grande de rodes avaliada em onze mil rs.

— Dous bancaes pera os bancos do corpo da see avaliados em dous mil rs.

— Duas mitras branquas huma de damasco outra de pano.

— Quatro toalhas de frandes para os altares.

— Huns corporaes com sua guarda e pala muito lavrados.

— Huma armação de cortinas de beatilhas de paris para o sepulchro.

— Outros corporaes com sua guarda e pala lavrados douro.

— Hum fruiteiro bordado de argentearia para a Custodia.

— Duas pastas de prata que pesavam trinta marcos pera se faser uma custodia.

— Todas ou as mais destas peças traziam suas camizas de linho ou doutros panos; e deu assi outras m.^{tas} cousas, e arquas e cofres p.^a se meterem estas peças

Depois disto deu o mesmo prelado trezentos cruzados em peças e dinheiro á see entre os quaes foi um anel que tinha duas esmeraldas, quatro rubis e uma safira que foi avaliado em vinte mil rs., e um missal escripto em pergaminho illuminado d'ouro cuberto de veludo cremezim com brochas de prata esmaltadas e douradas que foi avaliado em quarenta mil rs.

E a condeça d'Abrantes sua may deu hum pano de ras muito grande que tem a historia de José, e quatrocentos cruzados para ornamentos de que se compraram frontaes e vestimentas e outras cousas. E deu mais esta senhora um doreel de damasco verde e roixo com sua cercadura douro.»

São em verdade para admirar-se as sommas valiosas gastas pelo bispo D. Jorge com a sua sé! E deve notar-se que estes donativos de tanta importancia e riqueza foram feitos numa epocha em que o trigo valia 15 a 20 réis o alqueire, e a quantia de trinta mil réis era de tal modo valiosa, que para a transportar de um ponto do reino para outro se tornava necessario fazel-a acompanhar por uma escolta de cavallaria.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

A PENA DE MORTE

(extracto d'um livro de Guilhermino de Barros)

ADVERTENCIA

A indole humana parece ferina de natureza. Desde a tradição de Caim até á ultima facada dos fadistas de Alfama far-se-ia uma espantosa estatística que o comprovasse. Ha no homem uma dualidade extranha e heterogenea, que faz lembrar *l'âme et la bête* de Xavier de Maistre em lucta constante. A sociedade, que é o complexo de todos os homens, não desmente esta natureza. Inscreveu nos seus codigos a morte como pena; e se ás vezes parece arrepende-se eliminando-a, ou hesita ou se retracta. Veja-se a Suissa, olhe-se para Portugal; aqui aboliu-se a pena com restricções odiosas para o exercito, acolá arvorou-se de novo por milhares de votos!

E todavia a morte não é pena, nunca o foi. É absurda a união d'estes dois termos; destroem-se, matam-se. *Pœna*, que parece abranger implicita a idéa de procurar o arrependimento (*poenitet, poenitentia*), não póde combinar-se com *mors*, que gerou o aphorismo *mors omnia solvit*. A morte não é correcção para o réo nem segurança para a sociedade. Triste correcção a que aniquila, tristissima a sociedade que busca segurar-se numa sepultura....

Publicou-se este anno o *Castello de Monsanto*, romance historico do sr. Guilhermino A. de Barros, e na sua leitura selectámos dois trechos notaveis sobre a pena de morte, que copiamos para este jornal. Quando os bons principios andam tão esquecidos, não é demais propagar as opiniões que os abonam.

Imagine-se um grande criminoso, abominado por suas atrocidades, em plena audiencia de julgamento. Ninguem o lastima, todos o abhorrecem; só por si é argumento vivo da pena capital. O juiz convida por officio a que tomem a sua defesa; não se ouve uma voz, nem se percebe sequer leve murmuro de sympathia... Mas «a religião e a magnanimidade têm sempre palavras consoladoras para a desventura,» e um velho ministro de Jesus, recolhendo-se em espirito durante alguns minutos, tentou salvar o infeliz no meio das benções da multidão, que via nelle um pae extremo, consolador benevolo de todas as miserias.

Em seguida o defensor d'outros réos inferiores pronunciou tambem algumas palavras eloquentes no mesmo sentido que o sacerdote. Outro se levantou contra, mas não enfraqueceu a defesa nem dirimiu a questão; fallava por sua bocca a vingança, que não é justiça. Ambos os trechos são os que se seguem. São elles o melhor fiador do livro, que recorda, aqui em Coimbra, o auctor

da *Poesia do soffrimento*, impressa no *Instituto*, o poeta academico d'aquelle nosso saudoso curso juridico, que rematou os seus estudos em 1852.

A. A. DA FONSECA PINTO.

«.....
 «— Não se dirá — começou o sacerdote — que em terra de christãos apparece uma grande miseria sem haver alma que se dôa d'ella: e se as pobres mulheres foram bastantes para limpar o rosto do maior dos homens, do filho de Deus, sel-o-ha um humilissimo padre para espremer algum balsamo nas chagas, talvez mortaes, do maior dos infelizes. Aquella creatura que alli está (e apontou para D. Garcia) será tudo o que quizerdes, mas por isso não deixa de ser um homem feito á imagem de Deus... aquella cabeça pôde ter meditado, nas desgraças alheias, a sua desventura, mas nem por isso deixou de molhar-se nas sanctas aguas do baptismo, recebendo na fronte o augusto signal da redempção. Vêde portanto nelle um vosso similhante, um filho que teve uma mãe que o criou, um pae que talvez o chore; e, no fim de tudo, lembrae-vos que é christão.

«Se pois é tudo isto, deixae penetrar em vosso coração a piedade e o compassivo dó que deve sempre morar em nós pelo proximo que soffre, attribulado de uma profunda miseria.

«Nem vos tolha a lembrança do crime para cerrardes a alma aos incitamentos da misericordia; é a divina infinita, seja a humana limitada; mas seja alguma.

«Sabeis que o justo pecca sete vezes ao dia, porque é fragil o barro de que o fez Deus; quantas não peccará a creatura inclinada ao mal?

«Vejo além erguido o instrumento do supplicio (apontou para a forca), e o meu coração treme de horror deante d'elle, porque me lembra que a cruz era, noutros tempos, uma similhança d'aquillo, um patibulo. Na cruz pregaram o homem Deus para matar com elle a sua doutrina, mas foi vão o crime, porque o sangue não é a morte é a vida, é pregão que brada sempre em prol da victima, qualquer que seja, a mais desventurada, a mais sublime... um Deus ou um homem! Supponhamos, porém, que fizera mal e que esse desgraçado que ahi está sóbe os degraus do cadafalso... Castigae-l'o? Sim, porque perde a vida; mas leve punição que apenas dura um momento! Nem soffre o estertor d'um agonisante.

«Dais satisfação ás victimas? Não, que o mal fica feito como estava. Aterrais o povo com o exemplo? Talvez, mas não consta que o crime cesse ou diminua pelo sangue que se derrama. Então que fazeis? ides matar um homem, isto é commetter um crime

egual áquelle que castigais. Quando o carrasco ata o laço no condemnado, talvez que vejais, nesse executor da justiça, apenas o algoz; eu não, vejo-vos a todos porque a todos representa a lei; ides perder um homem que podia arrepender-se, e tornar, quando tivesse tempo e fosse guiado pelos caminhos da virtude, ao redil. Que fazer, pois, neste caso, se o crime é patente? Bem facil; castigar com proveito de Deus, conservando-lhe uma alma perdida, com utilidade do mundo, não o privando de um homem; sem mal para o povo, separando-o d'elle para sempre, e encerrando-o na solidão de um carcere até acabarem seus dias. Ha ali um subterraneo que póde servir para tal fim. Recto julgador, escutae as minhas palavras, rogo-vol-o, pela cruz do Salvador! Não molheis as pedras d'esta formosa terra, berço de quasi todos, com o sangue de ninguém, que Deus verá mal essa obra, que só deixa de ser iniqua porque a lei o manda. Lembrae-vos que é insignia da imparcial justiça não o cutello cuja dureza o torna inflexivel, mas a espada, que, quanto mais fina de tempera, tanto mais dobra, mas nunca deixa de volver ao primeiro estado, como recta e direita que é. Que esse mesquinho homem, se peccou, soffra pena, mas dictada pela compaixão e não pelo rigor; e, principalmente espero de vós que não usurpeis o poder de Deus privando esse infeliz da vida, que só póde tirar ao homem aquelle que tem falidades para dar-lh'a.

«.....
 «Levantou-se depois Martim Vaz, e disse com grande acatamento no gesto e singeleza de palavras.

«— As malfetorias estão provadas e todos entraram nellas, aqui não ha que dizer nada nem eu sei negar a verdade; esses mesquinhos, porém, que defendo, são, no caso de crime, o mesmo que o braço é no corpo do homem; cortar o braço, porque executa as ordens da vontade, seria contra razão; castigar os instrumentos, porque mal fizeram obedecendo a quem os mandava, é seguir aquella desarrazoada regra.

«Esses réos foram mandados; a sua ignorancia mal lhes deixa discernir o bem do mal; o pão quotidiano compelle-os a um trabalho qualquer; máo foi o que escolheram, mas não teriam outro.

«Estes são d'aquelles a quem Deus manda perdoar, porque não sabem o que fazem; perdoae-lhes tambem, ou pelo menos mitigae-lhes a dureza da pena... peço-vol-o. E se posso levantar mais alto os meus desejos, ainda sollicitaria ardentemente que esse homem, commendador de Penha Garcia, houvesse tempo para se pôr bem com Deus.

«— Aqui requereu o Goliardo licença para fallar, e o juiz concedeu-lh'a.

«— Quizera — disse em tom grave — que me inspirasse Deus como ao sancto vigario, ou a honra como ao generoso cavalleiro, mas nem sou acceito ao Senhor, nem tenho a espora de ouro da cavallaria... Pedirei á memoria sempre viva, á saudade da promettida esposa, clamando justiça, d'além do tumulo, que me dê animo e palavras!

«Foi sancto o dizer do reverendo vigario, mas o fim a que visava não o approva Jesus Christo nosso salvador. Tem elle dó para o assassino, eu tenho-o para as victimas; não me parece que o malfeitor mereça mais attenção do que as victimas lhe mereceram a elle. Se o sangue inodôa sempre, deixemos vaguear o urso e o tigre; e, se sacrificamos estas alimarias feras á nossa tranquillidade, não poupemos as humanas, mais criminosas porque tem a luz da razão para as guiar. Não receeis a perda da alma, porque para o arrependimento basta um instante, caso a attrição venha sincera; a grei tambem não perde nada, nem o mundo com o supplicio do malfeitor: é uma ovelha gafa que fica de menos, e uma podridão que se corta para não contaminar o resto; é a peste que desaparece.

«Quanto a ser a morte castigo leve, porque dura um instante, é coisa que se diz, mas que se sente ás avessas; ha instantes que valem seculos e tal é o instante da morte; isto diz claramente quanto vive pelo esforço que faz para não morrer.

«Deixar a vida a quem privou os outros d'ella é dar-lhe um premio, não castigo; é abrir-lhe a porta ao futuro, é mostrar, pelo exemplo, que o crime, chegado ao ultimo requinte da crueldade, tem sempre um recurso e uma esperanza.

«Venerando corregedor, o emblema da justiça é, não o cutello, mas a espada que se dobra... Reparae, todavia, que ambos têm gume afiado e cortante, e nisso são o mesmo: quanto á flexibilidade da espada concordo, e a justiça deve tel-a, mas para a paixão, que tolhe o alvedrio, para a verdura dos annos que é falta de siso, para a fraqueza que é debil, para a ignorancia que não sabe o que faz.

«Sim! para tudo isto, mas não para esse malfeitor que aprendeu nos livros, que teve mestres, que toma a seu talante a figura que lhe praz nas coisas da razão... Tenho-o visto fallar avisadamente, ou seja como um doutor em degredos ou em physica ou no que for... Em todos os seus feitos ha motu proprio, sciencia certa. Portanto peço justiça, inteira, completa, com respeito a elle; dos outros, mais ignorantes que máos, condoei-vos. Emfim, onde a lei falla são nullas as palavras. Cumpri-a, é o que basta.....»

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DE EVORA

(Continuado do n.º 7, pagina 111)

No anno de 1461 houve ordem para calçar todas as ruas de Evora (antes d'isso cada qual calçava e varria a sua testada). Em 1462 dava o Senado 35000 réis por anno ao relojoeiro da Sé.

Em 1464 renovou o bispo D. Luiz o costume de repartir pão bento pelos pobres. No anno de 1470 na entrada de D. Affonso v em Evora houve representações e entremezes, e creio ser esta a primeira recita de theatro em Portugal.

Nos annos de 1473-1474-1475 houve côrtes em Evora. De 1478 a 1480 houve peste, e por este tempo foi vereador em Evora o famigerado João Mendes ¹, homem que merece biographia especial. Em 1481 foi despedido pelo Senado o mestre de grammatica, bacharel Linhares. D. Vasco Perdigão, bispo de Evora, installou em 1462 uma livraria por cima da sala capitular. El-rei D. João II celebrou côrtes em Evora em 1481, e em 1483 expediu uma carta á camara para serem bem tractados os Bretões que vinham cá comprar vinho; no dia 20 de junho de 1483 foi decapitado na Praça Grande de Evora o duque de Bragança.

Diz-se que o eborense Diogo Cão, descobridor da Guiné, fôra o primeiro que usara astrolabio nas nossas descobertas. Em 1486 vieram a Evora visitar D. João II os embaixadores de Veneza, e em 1489 veiu a Casa da Supplicação. Neste anno e no seguinte celebraram côrtes nesta cidade, no anno de 1490 houve as magnificas e deslumbrantes festas do casamento do principe, que de certo não tiveram rivaes nesta cidade e rarissimas terá havido no mundo que se lhe aproximem. Levaria um espaço immenso descrevel-as, e qualquer curioso as póde ver na *Chronica de D. João II* por Garcia de Rezende, que diz — foi tamanha a festa, que, se não fôra vista de muitos que ao presente são vivos, eu a não ousara contar —; (e um pallido resumo no *Ramalhete*, 1840, pag. 5).

No anno de 1491 houve peste em Evora e côrtes, o mestre de grammatica teve de tença 225000 réis em 1491. Em 5 de fevereiro de 1497 mandou D. Manuel varrer as ruas todos os sabados, estava elle no Espinheiro (de frades Jeronymos, extra muros de Evora) quando recebeu a noticia da descoberta da India. Vasco da Gama casou nesta cidade e nella morou proximo do actual theatro.

Em 1505-1506-1507 houve peste tão violenta, que a cidade se despejou, sahindo as freiras dos conventos.

¹ De alcunha — Cicioso.

Em 27 de janeiro de 1524 foi mettido na cadeia de Evora o bispo de Çafim, D. João Sutil por ter commettido uma morte. Houve côrtes em Evora em 1534 e 1535, e nestas ultimas foi lembrado que viesse a *Universidade* para Evora. É de 3 de janeiro de 1535 um assento de baptismo em Evora.

Em 1538 lançaram tributo no peixe para fazer a limpeza da cidade. Em 24 de setembro de 1540 foi a Sé de Evora elevada a metropolitana e archiepiscopal. Em 1544 pediu el-rei a João de Evora lhe prestasse dinheiro para pagar as dividas que tinha em Flandres. Em 1551 veio para Evora D. Antonio (o Prior do Crato e Rei) estudar com os celebres D. Frei Bartholomeu dos Martyres e D. Jeronymo Osorio. Em 1552, a 28 de novembro, entrou em Evora a Princeza D. Joanna, nora de D. João III. No anno de 1553 veio S. Francisco de Borja, geral dos Jesuitas, a Evora (voltou cá tres vezes).

Em 1 de novembro de 1559 inauguraram a Universidade de Evora (que findou junctamente com os Jesuitas). Como já dissemos, no anno de 1535 houvera lembrança de mudar os estudos geraes de Coimbra para Evora. Em 1554 tractou-se de fundar outra Universidade sem tocar naquella, a de Coimbra oppoz-se tenazmente de tal modo, que em 1556 só se formou em Evora um curso de Artes (havendo de latim e casos desde 1553) sendo apenas inaugurada a Universidade em 1559 com tres cadeiras de escholastica, uma de escriptura, duas de theologia moral, quatro de artes, duas de rhetorica, quatro de grammatica e duas de ler e escrever. No dia da inauguração houve recita theatral com a tragedia *Saul*; a frequencia neste primeiro anno foi de trezentos estudantes. Em 1563 foi contemplada esta Universidade com todos os privilegios que tinha a de Coimbra. No anno de 1586 havia 1236 alumnos no curso de philosophia. O general Nickel concedeu que a Universidade tivesse typographia sua em 1657. São muitos celebres os lentes da Universidade de Evora, padre Ignacio Martins, auctor da famosa Cartilha, e o padre Luiz de Molina, o instituidor do Molinismo.

Voltando á serie chronologica, que interrompemos para não dispersar os apontamentos relativos á Universidade, diremos que el-rei D. Sebastião esteve em Evora varias vezes, e que em 1570, a 30 de julho, o cardeal infante inquisidor mandou demolir o portico romano ou arco triumphal de Cesar (façanha digna de um brutal inquisidor). Em 1577 foi nomeado Pero Vaz, de Evora, para ir a Inglaterra ensinar o modo de tingir com *anil*, que os inglezes desejavam saber por ser mais barato que a *pastel*. Nos annos de 1579 e 1580 houve grande peste com tumores, diz-se que morreram 25000 pessoas. A Madre Victoria, freira do Paraizo escapou

untando os tumores com azeite. Em 1582 estiveram em Evora a Imperatriz e o cardeal Alberto. Os procuradores que a camara de Evora mandou ás côrtes nesse anno venciam 15000 réis diarios. No anno de 1584 estiveram em Evora os primeiros embaixadores japonezes que vieram á Europa. Em 1595 tinha Evora 3000 passos em circuito, sete freguezias (intra muros), onze conventos de frades e sete de freiras, tres hospitaes. O arcebispo tinha de renda réis 21:000\$000, os conegos e bachareis 16:000\$000 réis. Em 1598-1599-1600 houve peste em Evora. Em 1604 um eborense fez um relógio de quartos para a Sé. Em maio de 1606 tinha o aqueducto 1606 varas de cumprimento, além de 924 nos transversaes. Em 1619 veiu Philippe II a Evora. Em 1632 tinha o arcebispo de renda 60:000 cruzados, e as corporações religiosas 128:000\$000 réis. Em 1637 revoltou-se o povo de Evora contra os castelhanos, e esta foi a origem da gloriosa restauração effectuada em 1640.

D. João IV esteve em Evora, onde cunhou varias moedas. Em 1663 veiu D. João d'Austria cercar Evora, donde foi repellido sendo derrotado a uma legua da cidade juncto ao Dejebe, onde ha um monumento que foi em parte destruido antes de concluido. O famoso Fr. Antonio das Chagas, no seculo o distincto militar Antonio da Fonseca Soares fazia sua profissão na igreja de S. Francisco, quando uma bala da artilharia hespanhola veiu cahir juncto d'elle, e os frades foram concluir a cerimonia para a famigerada Capella dos ossos.

Ainda nas côrtes de 1668 tinham assento os deputados de Evora no segundo lugar do primeiro banco. Em 19 de julho de 1669 veiu ordem para se fechar a casa da moeda; como os leitores terão notado, cunharam moeda em Evora os romanos-godos e portuguezes, (e talvez tambem houvessem cunhado alguma os arabes; nada porém pude ainda saber a tal respeito). Por fins do seculo XVII tractou o jesuita, padre Manuel Fialho, de introduzir a cultura da amoreira e criação do bicho da sêda; plantando amoreiras, como ainda ha em frente da porta da Universidade (hoje Lyceu) e publicando em nome alheio um directorio para a criação do sirgo. Em 1699 esteve em Evora a rainha da Gran-Bretanha, D. Catharina. Em 1715 veiu para a Universidade de Evora estudar D. José, filho bastardo de D. Pedro II; em 1716 e 1729 esteve em Evora no paço archiepiscopal el-rei D. João V.

Em 1750 tinha Evora 3738 fogos em cinco freguezias (hoje só tem quatro e já teve sete). Em 1762 o arcebispo, cabido e clero offereceram a el-rei 50:000 cruzados para a guerra.

Em 1792 deu-se o caso da *Beata de Evora*, mulher que uns frades carmelitas fanatisaram e influíram para fingir de sancta;

o caso porém revelou-se e elles foram mudados para outro convento, e a beata para a casa da estopa.

Em julho de 1808 entraram os francezes em Evora, houve tres horas de degolla e tres dias de saque—morreram cerca de 1200 pessoas. Em 30 de maio de 1834 sahiu de Evora para o desterro o famoso ex-rei D. Miguel. Em 1836 foi instituida a Casa Pia. Em outubro de 1843 esteve em Evora D. Maria II e a familia real.

Poucos annos depois foi a cidade cercada pelas tropas do partido cabralista; não poderam porém entrar na cidade, apesar de a bombardearem muito. Em 1858 inauguraram o Asylo da Infancia Desvalida. Em 13 de setembro foi inaugurado o caminho de ferro de Evora até ao Barreiro. Em 1868 houve corridas de cavallos num hypodromo juncto a Evora, entrada gratis. Em 1869 havia 407 mulheres nos conventos e beaterios do districto. Em abril de 1867 houve exposição agricola, a que assistiu el-rei D. Fernando. Em 1873 fundaram uma Caixa Economica que depois se transformou em Banco Eborense, fundando-se tambem um outro banco.

O Imperador e Imperatriz do Brasil visitaram Evora, e dos reis portuguezes só oito não vieram a Evora ¹.

JOAQUIM ANTONIO DE SOUSA TELLES DE MATTOS (eborense).

RESUMO BIBLIOGRAPHICO

—*Oração funebre que nas exequias da excellentissima senhora D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes recitou Antonio Candido Ribeiro da Costa. Coimbra, 1879.*

Quando o sol desaparece na extrema fimbria do horizonte, os olhos ainda o continuam mirando na esplendida refração da luz; assim o espirito, submerso na noite dos tumulos, se refrange lucido, evocado á saudade pela omnipotencia da palavra.

A tradição pia dos catholicos imagina a sancta Veronica recolhendo impresso no sudario o rosto livido de Christo; como aquelle sudario da lenda é a oração funebre que, applicada a uma vida que se esvaeceu, lhe reproduz a imagem com traços firmes e vigorosos.

Houve em Coimbra uma senhora illustre, a nobre fidalga das Lagrimas, que era «a encarnação majestosa do poder moral da familia com os soberanos attributos d'uma superior intelligencia

¹ Bem conheço que estes apontamentos são muito resumidos; não era possivel porém alargar muito em vista das dimensões do *Portugal Pittoresco*.

e d'um grande coração.» Foi d'aquellas mulheres venerandas que «tiveram no exercicio dos grandes e penosissimos deveres do seu sexo ensejo de provar o seu augusto ministerio em factos de utilidade geral e permanente.» A sua casa era um paço e um templo; era um templo pelo culto das mais sanctas virtudes, pelo profundo respeito que em todos incutia a inclita dama, que «tinha o Evangelho no coração, o que é infinitamente preferivel a tel-o na cabeça;» era um paço, superior aos palacios dos monarchas, onde ella «avultava e sobressahia a todos; em volta os filhos e netos formavam-lhe uma côrte invejavel pela mais poderosa rainha do mundo: uma côrte de respeitos incomparaveis e de affectos como os não pôde haver maiores.»

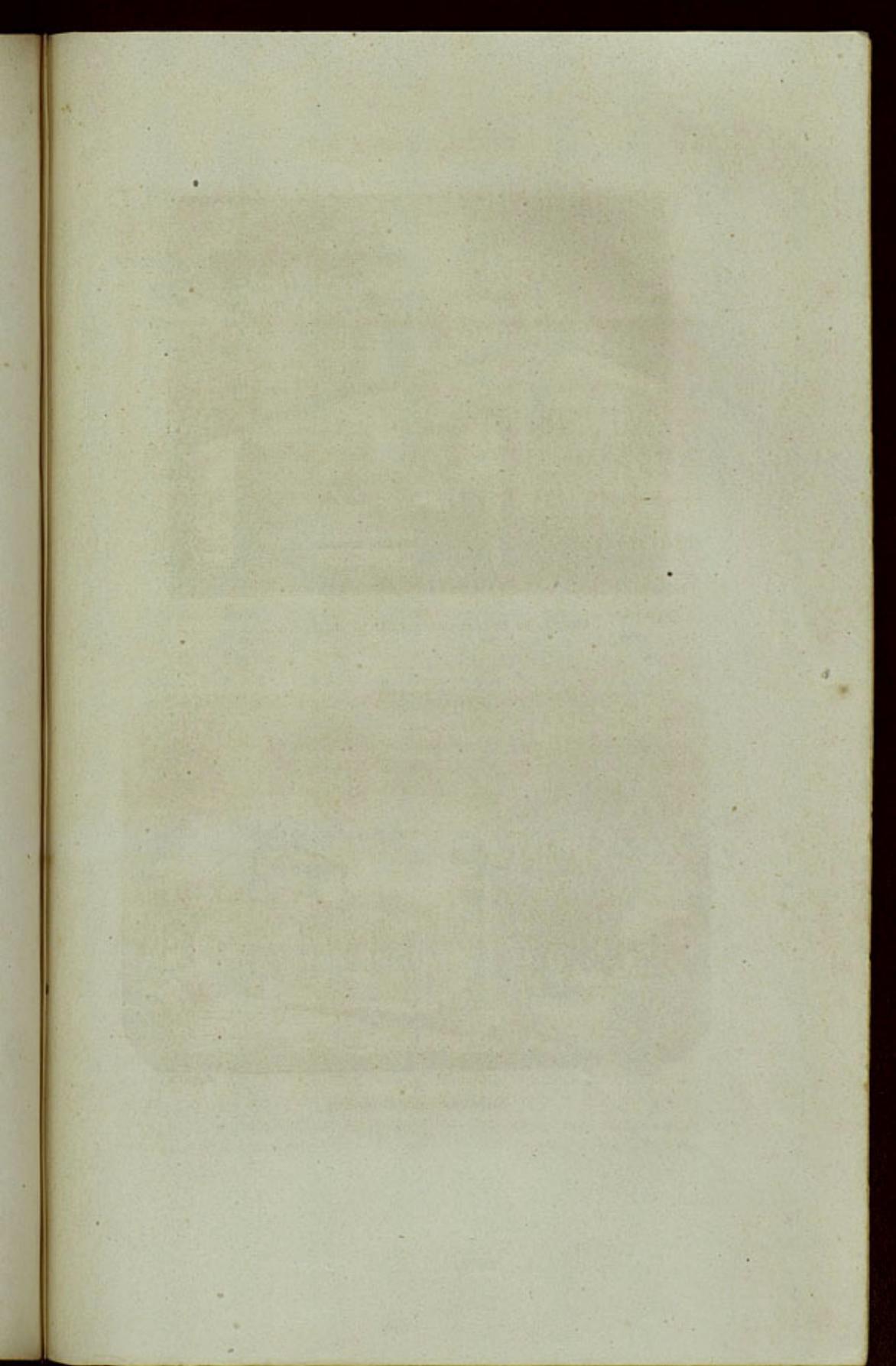
Coimbra inteira sabia tudo isto, que foi agora firmado pela voz sympathica d'um orador dilectissimo, o qual, superior a Bossuet no elogio de Henriqueta de Orléans, não trovejou do pulpito os desenganos da vida, mas ungiu a urna funeraria com os balsamos da saudade.

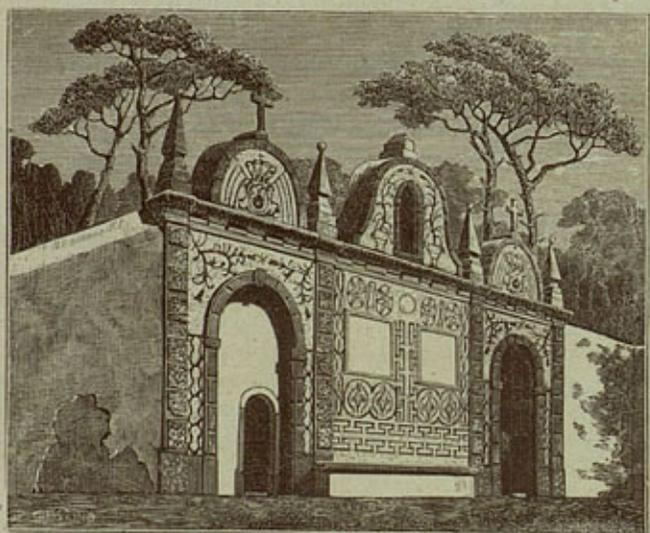
— *Condessa de Ségur.* — *As meninas exemplares.* Obra illustrada com gravuras de Bertall, traduzida do francez por Antonio Luiz Teixeira Machado. Paris, 1879.

É preciso que as crianças tambem tenham a sua litteratura, litteratura infantil mas subentendida na propriedade mais ampla d'este termo; que comprehenda a poesia, a historia, a sciencia, o romance, amoldado tudo ao character de taes leitores. E principalmente o romance... as singelas ficções que lhes despertem a imaginação e excitem a sensibilidade moral devem ser-lhes uteis. Que se revejam nesse espelho que lhes reproduz a physionomia ingenua, characteristic da idade.

O livro que temos em frente é adaptado a este intento; é um lindo esboço das pequeninas paixões da criança, expostas numa narração fluente, como são as da auctora, vertida para portuguez correctissimo pelo sr. Teixeira Machado, distincto official do nosso exercito.

Ha sobre tudo aqui um encanto indefinivel: ver, sentir, apalpar o amor materno velando com as azas os filhos predilectos; ha uma lição eloquente, o contraste da mãe com a madrastra. Ponde nas mãos da infancia este mimo litterario, que ella o interpretará maravilhosamente com o seu admiravel instincto do bom e do bello; ha de deliciar-se e aprender.





Portaria principal da Mata do Bussaco



Mosteiro do Bussaco

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Setembro de 1879

N.º 9

O BUSSACO

..... saudosissimo retiro,
.....
Quem descançado á fresca sombra tua
Sonhou senão venturas?...

GARRETT.

C'est là qu'il rêve, adore, ou frémit en silence.

DE FONTANES.

Era na infancia, nesses primeiros tempos em que a nossa razão, vivificada pela crença transmittida de nossos paes, attendia, com interesse, á narração de heroicas virtudes practicadas no ermo do Bussaco. Foi então que se nos despertou o desejo de conhecer o mysterioso deserto, que tanto se prestava ao exercicio dos actos alevantados de uma penitencia tão austera.

Emquanto os olhos do corpo não viram a esplendida floresta, os do espirito deleitavam-se com a amenissima leitura das *Memorias do Bussaco*, que um varão piedoso e sentimentalista lhe tinha dedicado.

E o desejo de conhecer melhor o eremiterio crescia na proporção da leitura, que, por muito agradavel, varias vezes repetiramos.

Assim preparado, seguimos estrada para a serra em serena madrugada do mez de agosto.

Iamos na ingreme subida, julgando longe ainda a entrada do ermo, quando de surpresa defrontámos, por entre pinheiros e carvalhos annosos, com a portaria principal da matta, que se denomina portaria de Coimbra.

Em terrapleno largo, assombrado por copados freixos, eleva-se esta portaria, objecto da nossa primeira gravura. Dois grandes portaes entre pilastras de cantaria toscamente almofadada, encimados por um friso de pedra que corre em toda a sua extensão, sobre que assentam quatro pyramides, ladeando tres frontões, e cujas paredes são revestidas de embrechado de pedrinhas brancas

e pretas — é o que fórma a primeira entrada d'aquelle recinto delicioso.

Imaginae-vos numa sala de espera primorosamente adornada, aonde virá ter quem vos conduza a outros aposentos. Sentado ahi, nesse tosco pedestal de pedra onde se eleva uma cruz de cedro, contempla o quadro maravilhoso que se desenrola em frente; e sentireis, de certo o que nós sentimos naquelle enthusiastico arrebatamento.

É magnifica a paizagem que se descortina, por ser vastissimo o paiz que a vista alcança d'aquella eminencia da serra! «Erguem-se e curvam-se alli pequenos montes de um verde sombrio ou de um violete avermelhado, abrem-se valles estreitos e tortuosos, em que brilha na primavera o verde vivo dos prados; e aquellas ondulações irregulares lembram as vagas majestosas do Oceano ao declinar da tempestade. Aqui e alli destaca-se, por entre as pregas do terreno, a alvura das casas, já grupadas nas aldéas, já isoladas nos campos... Ao longe, quasi nos limites do horizonte, desenha-se uma longa lista branca: são as areias que do Cabo Mondego até Ovar limitam a costa do Oceano ¹.»

Transpostos os umbraes da portaria, logo se reconhece o character predominante do Bussaco. Carvalhos, cedros e pinheiros corpulentos e altissimos, cujos ramos se entrelaçam uns nos outros, orlam e assombam as compridas ruas e estreitos e sinuosos caminhos da matta, alcatifados de verdes musgos, lichens e hervinhas.

De espaço a espaço encontram-se as capellas da Via-Sacra e varias capellinhas de devoção, com suas paredes escuras e exteriormente revestidas de heras e outras trepadeiras; as ermidas dos monges, umas escondidas na densidade do bosque, outras sobre penhascos fragosos, e todas mesquinhas e pobres, que mais parecem tumulos do que habitações onde viveram homens no regalo... da meditação e da penitencia; as fontes de agua deliciosissima, correndo constante em abundancia extraordinaria; e por toda a parte uma vegetação exuberante e verdadeiramente prodigiosa; e tudo torna aquelle logar um Eden para os que sabem ver e sentir.

Tu és grandioso; o animo
Que a sós aqui medita
Recolhe altas imagens
De sancta inspiração.

(SOARES DE PASSOS).

¹ Sr. João d'Andrade Corvo, *Sentimentalismo*.

Percorrida a rua mais formosa de toda a floresta, propriamente denominada avenida do mosteiro, depara-se-nos um atrio espaçoso, em cujo centro se eleva uma cruz de pedra sobre degraus de tosco granito. É o atrio do convento.

Foi lançada a primeira pedra d'este pobre edificio no dia 7 de agosto de 1628; e por tal fórma progrediram suas obras, que em 28 de fevereiro de 1629 poderam adorar o Sanctissimo Sacramento numa capella, provisoriamente erecta na casa da livraria, os primeiros edificadores do mosteiro. Eram frades carmelitas que, para trabalhar na construcção, tinham partido do seu convento de Aveiro, uns a 29 de junho de 1628 e outros a 25 do mez immediato.

Segundo consta da respectiva Chronica, foi a 19 de março de 1630 que começou a observancia da regra eremitica; e nesse mesmo tempo principiou tambem o desvelo sempre crescente e o decidido amor dos religiosos pela cultura, sementeira, nova plantação e desenvolvimento d'essas formosissimas arvores que tanto nos enlevam o espirito.

É simples e humilde a fachada do mosteiro. Em parede de pouca altura, coberta de embrechado, destacam-se tres arcos de cantaria toscamente apparelhada; abrem a entrada d'um zagão ladeado de assentos e com o tecto forrado de cortiça.

Na curvatura do arco central, e na parte inferior d'elle, encontra-se primorosamente gravado um nome e uma data.

Não julgueis ser o nome de algum restaurador d'aquelle monumento de piedade, que os não ha; é o nome de Luiz Vermell, esculptor e pintor hespanhol de muito merecimento, a quem a matta do Bussaco, principalmente os seus majestosos cedros, causaram verdadeiro entusiasmo em 1870, quando a visitou.

A poucos passos d'este pequeno vestibulo está o claustro, acanhado e de luz escassa, rodeado de pinturas molduradas em cortiça, sendo quasi todas allusivas á vida ascetica dos antigos habitadores.

Um temor suave se apodera de nós insensivelmente, percorrendo os seus quatro lanços, entrando nas pobres cellas dos religiosos, e ouvindo quem nos diga como viveram alli esses

Nautas fugidos á sanha
Das tempestades do mundo,
Crenças fortes, pensar fundo,
Austeros, grandes, leaes,
Immersos na penitencia,
Apertados nos cilicios.

.....

(AMELIA JANNY).

A segunda gravura representa o mosteiro do Bussaco. Mostra bem visível a singeleza do edificio, peculiar a todas as officinas que o compõe, e característica em todas as construcções que se fizeram na floresta sob a escrupulosa direcção dos frades d'este eremiterio.

Infelizmente as obras modernas que lá se têm feito vão des-toando do principio geral a que deviam ser subordinadas. Já se não imita a natureza!

Hoje diz-se que o bosque do Bussaco é apenas um *sanitario*, por serem finissimas as aguas das suas fontes, e purissimo o ar que alli se respira; e é a titulo de bem cabida denominação que o alindam com todos esses ornatos extravagantes, que mais têm concorrido para destruir do que para conservar o venerando deserto, cujas tradições tanto nos custa ver esquecidas.

Sanitario, sómente!... É, na verdade, offerecer pelo nosso Bussaco muito menor preço do que elle vale! é tractal-o com a frieza do marmore, propria dos que não sabem ou não podem sentir alli as harmonias sublimes da natureza e da religião!

Aveiro, 1879.

J. ALVES DE MARIZ.

ESTUDOS SOBRE O DISTRICTO DE COIMBRA

Extractos do relatorio apresentado em 28 de fevereiro de 1878 ao actual Governador Civil do Districto de Coimbra, para acompanhar os productos industriaes e agricolas do Districto, destinados á ultima exposição universal de Paris

(Continuado do n.º 7, pagina 105)

A mina de carvão de pedra do Cabo Mondego é a mais importante das que existem em exploração no districto de Coimbra. Começada a explorar por conta do estado em 1783, passou pouco depois a ser administrada pelo intendente geral das minas e metaes do reino, o qual deu grande impulso aos seus trabalhos, introduzindo na localidade melhoramentos importantes, taes como a arborisação do monte que lhe fica sobranceiro, e que, já em nossos dias, por um acto de selvageria inqualificavel, foi totalmente destruida.

Arrendada depois por uma companhia, passou em 1838 para a posse de uma nova empresa, tendo á testa o fallecido conde de Farrobo.

Por diversas phases tem passado esta mina, pertencendo actualmente á empresa mineira e industrial do Cabo Mondego, que tem alli feito despesas avultadas, já na lavra, já na criação e no estabelecimento de outras industrias annexas para consumo do seu combustivel.

A mina do Cabo Mondego ainda hoje emprega, em media, trinta mineiros, quarenta trabalhadores, dez rapazes, oito mulheres e seis cavallos, produzindo por mez 450 toneladas de carvão.

Está-lhe annexa uma fabrica de vidros. É antiga a industria da vidraça em Buarcos. Primeiramente introduzida alli pela empresa Farrobo, passou esta as suas vastas officinas e armazens para o poder do sr. João Pedro Luizello, do Porto, que fabricou muito bom vidro e crystal, por bastante tempo. Aquelles estabelecimentos, que actualmente se conservam fechados, foram comprados pelo sr. Michon, do Porto.

A actual empresa da Mina do Cabo Mondego, depois de abandonada aquella fabrica, montou uma nova no proprio local do Cabo, á qual deu toda a vastidão e desenvolvimento, já para o fabrico da vidraça, já dos crystaes. Actualmente, limitando-se á vidraça, que tem grande consumo no paiz e é exportada para o Brasil e ilhas dos Açores, tem em serviço um forno de fundição para seis potes, quatro fornos para estender o vidro, quatro outros para recozer os potes, e uma machina a vapor de força de dez cavallos, para moagem de diversos materiaes. Neste serviço emprega dez officiaes vidraceiros, trinta trabalhadores, vinte rapazes, dez mulheres, e oito diversos operarios, produzindo mensalmente 40.000 kilogrammas de vidraça.

Não consumindo esta industria todo o carvão lavrado, montou a empresa um forno de cal de cozedura contínua, que produz cal magnifica, e medianamente hydraulica, e bem assim uma fabrica de tijolo de todas as qualidades, e de manilhas, tubos de grés, balaustres, telhas de todas as fórmas, e outras muitas variedades de objectos de barro. Nesta fabrica esteve montada uma machina a vapor, produzindo diariamente 6000 tijolos e 2000 telhas.

A empresa prepara tambem grande quantidade de coke, cuja boa qualidade é geralmente apreciada.

Para exportação dos seus productos construiu, parte em leito proprio, e parte sobre a estrada municipal da Figueira a Buarcos, um caminho de ferro americano, que mede de extensão cerca de 6000^m.

Esta mina e os estabelecimentos d'ella dependentes são mui dignos de menção honrosa, havendo sempre os seus productos sido premiados em diversas exposições.

No concelho de Arganil ha tambem uma mina, por emquanto

em pesquisa, pertencente a uma companhia denominada Companhia da mina do Murcellão, que apresenta boas amostras de galena. Têm-se alli feito trabalhos importantes, achando-se montada e funcionando uma machina a vapor para esgotto de um poço, que desce já a grande profundidade.

Uma das industrias, porém, de maior vulto no districto de Coimbra, já pelos seus resultados immediatos, já pelo pessoal que emprega, é a da pesca.

E ainda no concelho da Figueira da Foz que esta industria se cultiva em maior escala, e para avaliar-se a sua importancia, tanto commercial, como contribuinte dos cofres publicos, apresentarei os seguintes dados, cuja exactidão não posso totalmente garantir, mas que julgo muito proximos da verdade, pela auctoridade da repartição que teve a bondade de fornecer-m'-os.

Referem-se a duas epochas distinctas, com pequenos intervallos, e revelam bem o estado d'esta industria.

Mappa do imposto do pescado cobrado na alfandega da Figueira da Foz e suas delegações

PRIMEIRA EPOCHA

Annos economicos	Valor liquido da Caldeirada	Impostos de 6 p. c. e 5 p. c. addicionaes e viação	Valor total da pescaria
1868 a 1869	10:234\$381	661\$582	11:371\$535
1869 a 1870	46:255\$070	3:079\$122	51:394\$522
1870 a 1871	117:057\$570	7:788\$799	130:063\$966
Media annual	57:849\$007	3:843\$167	64:276\$674

SEGUNDA EPOCHA

1874 a 1875	85:672\$000	5:644\$228	95:191\$111
1875 a 1876	97:199\$233	6:264\$772	107:999\$147
1876 a 1877	80:751\$183	5:318\$314	89:723\$536
Media annual	87:874\$138	5:742\$438	97:637\$931

Os resultados d'estes mappas são plenamente justificados pela

observação, poisque, de dia para dia, se vê alargar-se mais a área do consumo do pescado, que em grande quantidade é exportado para a Extremadura, para a Beira, para o Alemtejo e mesmo para Hespanha.

Injusto, vexatorio e barbaro é este imposto, lançado sobre a classe a mais miseravel, a mais exposta, e a mais cruelmente experimentada da sociedade. E tanto mais duro elle é, quanto é pouco numerosa a classe que o paga, como mostram os mappas estatisticos seguintes, referidos aos dois annos de 1871 e 1877.

Mappa dos barcos, rêdes e apparatus de anzol,
que se empregaram no serviço da pesca
nos dois annos civis abaixo mencionados.

ANNO DE 1871

Designação	Quiaios	Buarcos	Cova	Lavos	Leirosa	Somma
Grandes artes	8	6	4	6	4	28
Rêdes diversas	»	680	11	7	»	698
Apparelhos de anzol.....	»	540	»	»	»	540
Barcos grandes	4	8	5	7	5	29
Dictos medianos	»	8	19	»	»	27
Dictos pequenos	»	18	30	»	»	48
Pescadores sujeitos ás artes e barcos	200	380	195	180	188	1:143
Pescadores adventicios ..	-	100	32	100	»	232

ANNO DE 1877

Grandes artes	4	2	16	12	6	40
Rêdes diversas	4	802	70	»	»	876
Apparelho de anzol.....	»	10	»	»	»	10
Barcos grandes	»	10	10	3	2	25
Dictos medianos	-	3	18	»	»	21
Dictos pequenos	-	16	36	»	»	52
Pescadores sujeitos ás artes	-	-	-	-	-	(?)
Pescadores adventicios ..	-	-	-	-	-	(?)

É sem duvida esta industria de grandissima importancia no concelho da Figueira da Foz, e graças á iniciativa de um indi-

viduo já citado, o sr. Joaquim Pestana da Silva, preparam-se naquella villa magnificas conservas de diversos peixes e mariscos, que são muito apreciadas, e de que se faz importante exportação.

Mesmo deteriorado, tem ainda o peixe e todos os residuos d'elle, que não são aproveitados para a alimentação, uma applicação industrial de grande alcance, no oleo que d'elles se extrahе, e é conhecido pela denominação de azeite de peixe.

Fabrica-se este oleo tanto no concelho da Figueira da Foz como no de Mira; e o seu emprego, para a conservação das madeiras, é muito recommendado e de decididas vantagens.

Não ha neste districto grandes industrias fabris e manufactureiras. Ha simplesmente as pequenas industrias, muito ramificadas e subdivididas. Daremos rapida noticia de algumas que vão ser representadas na exposição universal de Paris.

Fabrica-se papel neste districto ha muito tempo. A fabrica a mais antiga é a da Louzã, actualmente pertencente ao sr. João Gonçalves de Lemos. Esta fabrica é anterior a 1700. Os seus productos, principalmente pelo baixo preço por que se apresentam no mercado, mereceram um premio na exposição de Vienna de Austria. Nesta fabrica, cujo motor hydraulico é superior a dez cavallos, empregam-se diariamente cincoenta e seis homens, sessenta e tres mulheres e setenta e oito crianças.

A fabrica de Goes, do sr. Manuel Ignacio Dias, tambem com motor hydraulico de quatro cavallos de força, empregando diariamente vinte e cinco homens, quarenta e tres mulheres e noventa e tres crianças, gasta por anno trapo de linho e de algodão no valor de mais de 3:600\$000 réis, e fabrica papel no de réis 10:000\$000.

Ha ainda outras fabricas, principiando agora a produzir papel a da Ponte do Espinhal, cujo motor é uma turbina, que funciona magnificamente.

Calcúlo o producto bruto de todas as fabricas do papel do districto em quantia superior a 100:000\$000 réis.

Uma das industrias, que dão mais resultado no districto, e especialmente em Coimbra, é a da ceramica. São os objectos do barro para os usos da vida quasi tão antigos como a existencia do homem sobre a terra, poisque datam já das edades prehistoricas.

Sem tentar agora fazer a historia da ceramica em Coimbra, direi comtudo que as faianças aqui fabricadas, e conhecidas em todo o paiz sob o nome da louça da Figueira da Foz, por serem exportadas por este porto em grande quantidade para o Algarve e outras partes, deveram grande aperfeiçoamento no seu fabrico a Domingos Vandelli. Foi este um dos sabios chamados a Por-

tugal pelo marquez de Pombal, quando reformou a Universidade de Coimbra. O seu nome acha-se ligado a muitas reformas uteis, taes como a da administração do Mondego e dos campos de Coimbra, a da formação do muzeu da Universidade, e a da fabricação das louças de barro, conhecidas tambem pela denominação de *louças do Bandel*, corrupção naturalmente do nome de quem aqui implantara aquella industria, ou lhe dera maior impulso.

Montou Vandelli uma fabrica de louça no rocio de Sancta Clara, á qual, por provisão da real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação, foram em 1792 concedidos importantes privilegios e isenções, que depois se tornaram extensivos a outras fabricas estabelecidas na cidade a exemplo d'aquella. Por muito tempo estiveram estacionarias estas fabricas, até que, já em nossos dias, e graças especialmente aos esforços perseverantes e intelligentes dos srs. José Julio Cesar e Joaquim Alfredo Pessoa, se lhes deu novo impulso e introduziram grandes melhoramentos.

A louça de Coimbra, que tem hoje um consumo extraordinariamente grande, está muito longe ainda do que poderia ser pela excellencia do barro que nella se emprega. No emtanto, em modicidade de custo nenhuma outra louça póde com ella competir. Sirvam de exemplo as diversas amostras que envia á exposição o sr. José Antonio dos Sanctos, successor do sr. José Julio Cesar, que, comprehendendo bem o fim d'estas exposições, foi buscar aquellas amostras d'entre os artigos que tem á venda nos seus armazens de deposito.

Contam-se hoje em Coimbra doze fabricas de louça, tijolo e telha, as quaes empregam cento e vinte e cinco operarios e sustentam sessenta lojas de venda.

Todas as fabricas do districto não produzem talvez menos de 400:000\$000 réis em louças grossas e finas, telhas, telhões, manilhas, tubos para canalisações, tijolos, balaustres, etc., etc.

Não passarei em silencio a tijolaria da empresa industrial e mineira do Cabo Mondego, e a fabrica de louça do sr. João Gonçalves Amaro, na villa da Figueira da Foz. Ambas fabricam tijolos de muito boas qualidades e variedades, assim como telhas, telhões, manilhas, balaustres, etc.

Aquella tijolaria tem fornecido tijolos e telhas para construcções importantes do nosso paiz, entre as quaes especialisarei as das alfândegas de Lisboa e do Porto, e dos paços municipaes de Coimbra.

Além d'estas são muito apreciadas as louças de barro vermelho de Miranda do Corvo e de Taboa, e as de barro preto de diversos concelhos.

(Continúa)

ADOLPHO LOUREIRO.

APONTAMENTOS HISTORICOS DE COIMBRA

O Imperador de Eiras

Quem nos dias de Paschoa e Pentecostes, antes de 1832, entrasse por acaso na pequena e antiga villa de Eiras, uma legua ao norte de Coimbra, encontraria por certo um espectáculo, que o maravilhava. Não se receiasse, porém, d'esse afan e movimento, em que toda a terra andava involta. Era sancta e piedosa a intenção d'aquella boa gente. Nesses dias celebrava-se o *bodo do Imperador*, solemnidade, que, havendo sido instituida em honra do Espirito Sancto pela esposa de D. Diniz, na sua villa de Alemquer, fôra admittida depois nos regios paços de Cintra, e em todas as povoações, onde havia capellas do mesmo Divino.

Que era funcção magnifica e condigna da imperial majestade, que nella representava, conta-o a tradição, e permittia suspeital-o o que de outro bodo do mesmo titulo e feição escreveram o chronista franciscano, e um historiador da Rainha Sancta ¹. A achada, porém, da descripção minuciosa dos seus pormenores veio não só confirmar essas suspeitas, mas revelar tambem que, na historia dos antigos costumes e superstições nacionaes, era este *imperio* um capitulo dos mais interessantes e menos conhecidos.

Essa descripção é, por tanto, a que em seguida transcrevemos da *Relação da villa de Eyras*, composição do doutor Fabião Soares de Paredes, vigario da freguezia em 1734, e zeloso investigador das suas antiguidades ². Taõ bem como nós poderá o leitor examinar esse curioso peculio de noticias no *Rol dos confessados da freguezia de S. Thiago da villa de Eyras*, manuscrito da junta da parochia, onde a fl. 25 a encontrámos lançada ³.

¹ Fr. M. da Esperança na *Hist. Seraf.*, parte I, liv. I, cap. xxxvii, e parte II, liv. ix, cap. xvii, e o bispo do Porto D. F. Correia de Lacerda na *Hist. da vida, morte e milagres, canonisação e tresladação de Sancta Izabel*, 1680, pag. 194.

Da celebração da mesma festa na villa de Torres Vedras faz menção a *Descripção hist.* da mesma villa por M. A. Madeira Torres, 1862, pag. 159, nota b.

² Apresentado nesta vigairaria pela abbadessa de Cellas em 2 de outubro de 1728. Era tambem protonotario apostolico e juiz conservador dos collegios de S. João Evangelista e da Sanctissima Trindade de Coimbra.

Do tempo, em que falleceu, não encontrámos indicação alguma nas addições, que na *Relação* apparecem, com quanto escriptas posteriormente por outros vigarios.

³ Além da *Relação* contém este volume muitas outras notas e registros, em que se comprehendem o da C. R. de 20 de julho de 1725 para o Cabido

Assim descreve, pois, o dicto vigario o principio e fim do decantado festejo.

«Consta por tradição antiquissima entre os moradores d'esta villa que, sendo combatida da peste a comarca de Coimbra, todos elles com o seu parchoço entráram a fazer gravissimas deprecações ao Divino Espirito Sancto para que os livrasse de tão grande estrago; e como quér que ficassem singularmente livres, logo fizeram voto ou promessa de em todos os annos elegerem hum homem dos melhores do povo, a quem os mais havião de tributar offeras dos seus fructos, para que com o nome de *Imperador do Espirito Sancto* festejasse ao mesmo Divino nos dias de Paschoa da Resurreição e Pentecostes. E com effeito ainda hoje se conserva ésta antigualha na maneira seguinte:

«A camara faz eleição do Imperador, a quem entrega em dinheiro 26\$000 réis, em trigo 50 alqueires, e de vinho 8 almudes para ajuda do bodo¹. O eleito toma posse na primeira outava do

de Coimbra, o da pastoral e instrucções de 1788 pelo bispo D. Francisco de Lemos, ácerca dos arciprestados; o da pastoral de 17 de julho de 1792, que ao clero da diocese recommendou o *cathecismo* do concilio de Trento, e o *Livro da doutrina christan* de fr. Luiz de Granada, e o da provisão de 2 de julho de 1793, que auctorisou o pedido de esmolas pelas freguezias do bispado para as obras do convento do Desagravo de Villa Pouca da Beira.

¹ A existencia de Eiras como povoação é conhecida desde o seculo xii, em que apparece nomeada na doação, que de algumas vinhas fez D. Affonso Henriques ao mosteiro de Sancta Cruz (*Chr. dos Coneg. Regrantes*, por D. Nicolau de Sancta Maria, liv. ix, p. 2, e *Portvg. Mon. Historica, Scriptores*, fasc. i. *Vita Beati Tellois*). Em 1306 tinha o senhorio d'ella el-rei D. Diniz, que ao mosteiro de Cellas o largou pela terça de Aveiro em instrumento de 14 de abril d'esse anno, confirmado por D. Affonso iv em 26 de março de 1330, por D. João iii em 22 de fevereiro de 1530, e por D. Filippe i aos 3 de outubro de 1595.

É tradição que pela amenidade do sitio alli costumava folgar o dicto rei (D. Diniz) no exercicio da caça, residindo nos seus paços, situados provavelmente onde hoje existe a casa nobre e quinta do Paço.

Na antiga divisão territorial formava Eiras um concelho com jurisdicção civil sobre si, pertencendo a crime ao de Coimbra. (Vide a *Sentença* de 1520, *perg. n.º cxi do archivo da camara de Coimbra*). Neste gráu da hierarchia municipal tinha, por tanto, juiz ordinario, camara de dois vereadores, dois almotacés e um procurador, casa do concelho, cadeia, sello, açougue, cabeção das sizas, capitania-mór com duas companhias de ordenanças, medico de partido, botica, e mestre de primeiras letras e de latim. O vigario com 250\$000 réis de congrua era apresentado pelo mosteiro de Cellas, padroeiro da egreja, e que dos fructos do monte e campo recebia o dizimo, fóros, rações e outros direitos, extinctos pelo Dec. de 13 de agosto de 1832 e C. de L. de 22 de junho de 1846 (citada *Relação*, e o *Accord. do Sup. Trib.* de 14 de fevereiro de 1857 nas *Quest. Forenses*, n.º 3, pag. 244).

Tambem das terras do reguengo do Bolão pagavam os lavradores, conforme o *Foral*, a eiradega de 14 alqueires da medida velha, isto é, 10 ⁵/₂₄

Espirito Sancto, dia em que vai á igreja matriz acompanhado da camara, nobres da villa, dois pagens e outros creados, precedendo o acompanhamento huma bandeira de damasco encarnado. Ahi, ajoelhando o Imperador no arco da capella mór ante o parochio da villa, que está assistido do juiz da igreja com a cruz levantada e duas tochas, lhe põem o dicto parochio na cabeça, sôbre hum casquete vermelho, a corôa de prata, que para este effeito lhe ministram dois pagens, dizendo *o constitue imperador de Eyras*, e tomando depois da mão de outro pagem hum terçado, que se conserva antiquissimo, o entrega ao mesmo imperador, que o beija e torna a entregar ao pagem, vindo assim coroado por dentro da villa, com o referido acompanhamento e a cruz da igreja levantada entre duas tochas, até á capella do Sancto Christo, onde de joelhos lhe tira o parochio, que o veio acompanhando, a corôa e o casquete.

«Neste sitio, estando já promptas as cavalgaduras para o imperador, pagens, camara, e muitos nobres, que o querem acompanhar, vai o cortejo com a bandeira na frente e alguns instrumentos até ao mosteiro de Cellas, que fica distante uma legua, em cuja egreja, depois da oração, se canta um *Te Deum*, e he o imperador coroado pelo capellão, que para isto leva. Assentado depois em cadeira junto ás grades do chôro, falla com a abbadesa, que a este tempo está acompanhada de muitas das religiosas, recolhendo-se, depois de mutuamente se saudarem, á casa da hospedaria, onde descansa e toma alguns refrescos que por parte da dicta senhora lhe são offerecidos, pedindo ésta a corôa, que vai dentro do convento, e por muitas das freiras he beijada crendo ser milagrosa, sendo outra vez remettida com algumas prendas ao imperador, cuja entrada e sahida se festeja com repiques de sinos.

«Concluida ésta visita, vai o mesmo acompanhamento á capella do Espirito Sancto, que fica perto de Cellas por baixo da cêrca de S. Antonio dos Olivaes, d'onde, ouvida a missa que diz o capellão, voltam todos para a villa, na qual ha grande banquete e jantar público, repartindo-se no fim d'elle por mão dos almotacés huma bebida ao povo e plebe da villa. Neste acto está o impe-

alqueires da nova, e os seareiros metade, e mais a *teiga d'Abrahão*, que era de 3 1/2 alqueires de pão segundo, milho, cevada e centeio (cit. *Quest. Forense*, n.º 3, pag. 253).

Tal era até 1832 a séde d'este imperio do Espirito Sancto. Hoje, perdidas as honrarias d'outro tempo, ella representa apenas no *Mapa do districto administrativo de Coimbra* como freguezia de 161 fogos, tendo annexos os logares dos Casaes e Murtal, e as quintas das Lapas, Brasileiro, Carapuçana, Redondo, Tojal e Varzeas.

PORTUGAL PITTORESCO

rador, acompanhado de seu antecessor e do parcho, em um alto tablado, toldado de seda, assentados todos em cadeiras eguaes, com mesa posta publicamente, mandando pelos dois pagens e mais creados varios presentes com diversidade de iguarias ás casas de alguns particulares, e repartindo tambem pelo congresso, que he grande, muitas esmolas de pão, vinho, fartes, bolos e tremoços, em que por serem bentos tem grande fé os moradores da villa e seus circumvizinhos.

«Satisfeita ésta parte seguem-se as carreiras em egoas, cujos donos, em premio das que mais correm, ganham carneiros e fogaças. No sitio, a que chamão as *eyras*, ha tambem luctas de homens, a quem se dão fogaças; e com isto se acaba o dia da primeira outava do Espirito Sancto.

«Na segunda outava sahe o imperador, acompanhado dos dois pagens, a ouvir missa na igreja do Sacramento, da qual voltando ordena em sua casa uma grande mesa, para a qual manda convidar os moradores da villa e muitos dos arredores, durando o banquete do jantar e ceia até ao amanhecer da quarta feira.

«Em o dia da Paschoa da Resurreição repetem-se as ceremonias da coroação, indo o imperador na companhia da camara, nobreza, capellão, pagens e creados, á capella do Espirito Sancto, onde ouve missa. D'ahi recolhendo-se á villa, dá de jantar a todo o acompanhamento, distribuindo de tarde, por mão dos da governança, largas esmolas por todos os moradores, e mandando outros presentes a varios particulares.

«No domingo do Espirito Sancto, que he o principal da funcção, festeja-o este imperador na igreja do Sacramento com sermão e missa cantada, depois de haver ido com as solemnidades sobre-dictas á mesma capella supra referida, onde tambem manda dizer missa, a que assiste.

«Neste dia se fazem o mesmo bodo e festejos, que ficão ja mencionados no dia da posse.

«Na primeira outava se procede a nova eleição na maneira acima referida.

«Oito dias antes de Pentecostes (semana, a que nesta terra chamam *dos fermentos* por em todos os dias d'ella se occuparem os fornos em coser pão para o bodo) sahem pelas ruas publicas da villa muitas danças e festejos, em que apparecem a seu modo primorosamente aceadas as donzellas de toda a terra, acompanhadas de um honesto e honrado varão tocando algum instrumento, tendo todas grande fé que com este público festejo alcançarão do Divino Espirito Sancto a melhor accommodação para o seu estado.

«Em as noutes de todos estes dias andam os mancebos discorrendo por toda villa com cantos e descantes.

«Este imperador alem da entrega, que lhe faz a camara, não tem mais renda que os fructos que pelas eiras, no tempo do recolhimento, lhe tributão voluntariamente os lavradores d'estes contornos, com o que encelleira milho, trigo, cevada, e vinho, em abundancia para as suas despesas.

«A estes lavradores, não obstante os convidar para o seu bodo, manda dar do açougue, que nesta semana corre por sua conta, varias postas de vaca, a cuja distribuição assistem os almotacés, pois passam de dez as rezes que nisto se despendem.

«O parochio tem de propina, que lhe vai a casa em tableiros, 1 arroba de vaca, 24 postas de arratel sem osso, 2 pratos de arroz de leite, 2 quartos de carneiro, 6 pães, 6 bolos d'assucar e manteiga, e alguns queijos. Além d'esta obrigação, muitos imperadores mandam outros mimos á medida do seu primor.

«O dicto parochio não come nem janta em casa do imperador em alguma das occasiões sobredictas, mas vai com o juiz da igreja e cruz levantada benzer as bebidas, e tudo o mais que está para o banquete. Quando sahe de sua casa para estes effeitos anda sempre, na ida e volta, acompanhado da camara, e de dois pagens do imperador, com bandeira levantada.

«He tradição constante nesta villa que S. Izabel, rainha de Portugal, déra a corôa de prata e terçado, que serve ao imperador, e os 26\$000 réis, 56 alqueires de trigo e 8 almudes de vinho, que se conservam para ajuda do bodo e festas, que deixamos referidas.»

(Continúa)

J. C. AYRES DE CAMPOS.

TRACTAMENTOS

Havendo o bispo de Coimbra, Tavora, de chegar a certa terra, e hospedar-se em casa d'um fidalgo, a quem alli commummente davam senhoria, enviou este a dizer-lhe anticipadamente, que se servisse de lhe dar o mesmo tractamento; por quanto no seu exemplo contrario padeceria elle detrimento.

Respondeu o bispo ao mensageiro:

— Que assim como negar senhoria a quem a tinha de juro, era injuria: assim o dal-a a quem a não tinha, era injuriar a outros.

Tornou segundo recado:

— Que se lhe não dêsse senhoria, tambem elle lh'a não daria.

Respondeu:

— Diga, que eu irei; e havendo algum de nós fazer a parvoíce, melhor será que a faça elle, do que eu.

(PADRE MANUEL BERNARDES — *Nova Floresta*).

BOSSUET E ANTONIO CANDIDO

No n.º preterito d'este jornal, resumindo apreciações, tocámos de leve o merecimento oratorio e litterario do sr. Antonio Candido Ribeiro da Costa relativamente á *Oração funebre* da ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Conceição, a virtuosa fidalga da quinta das Lagrimas. E dissemos que nesta *oração* era o sr. Antonio Candido superior a Bossuet no *elogio* de Henriqueta de Orléans. O jornal d'esta cidade, intitulado *A Ordem*, alludindo ao nosso artigo, diz o seguinte:

«Nesta ultima parte fallando da *Oração funebre* do ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. dr. Antonio Candido, diz-se: «Coimbra inteira sabia tudo isto (falla das virtudes da illustre finada) que foi agora firmado pela voz sympathica d'um orador dilectissimo, o qual, superior a Bossuet no *elogio* de Henriqueta de Orléans não trovejou do pulpito os desenganos da vida» etc.

«Parece-nos que o considerar-se ao nosso orador «superior a Bossuet» será, quando muito, effeito do amor patrio ou particular, que se não póde de certo, levar a mal, mas com toda a certeza julgamos não ser confirmado esse juizo pela opinião commum, e entender dos competentes. E aqui devemos ser imparciaes: Nem isto é querer desmerecer os meritos do nosso illustre orador: tambem somos admiradores de sua palavra eloquente; não devemos porém exaggerar até este poncto.»

Agradecemos a consideração do nosso collega, mas rectificamos a sua asserção. Não considerámos o sr. Antonio Candido superior a Bossuet senão no paralelo dos dois *elogios* funebres, como é claro e se deduz do nosso artigo, onde se lê: «... o qual (sr. Antonio Candido), superior a Bossuet no *elogio* de Henriqueta de Orléans, não trovejou do pulpito os desenganos da vida, mas ungiu a urna funeraria com os balsamos da saudade.» Esta ultima parte, eliminada na *Ordem* com um *etc.*, explica perfeitamente o paralelo entre os dois *elogios* sob o nosso sentido. Para a confrontação absoluta dos dois oradores o espaço era curto e a penna insufficiente; para firmar a superioridade do *elogio* portuguez sobre o francez pela fórma e ordem que o orador seguiu, era bastante o que dissemos.

Bossuet aponta-nos a princeza como triste exemplo da vaidade humana; o sr. Antonio Candido enfileira a illustre fidalga entre «as sublimes educadoras da familia, as serenas divindades do lar domestico, as directoras espirituaes do homem pelos caminhos do dever e da honra...» A tremenda pintura do grande bispo de Meaux coa o desalento nos mais resolutos espiritos, a

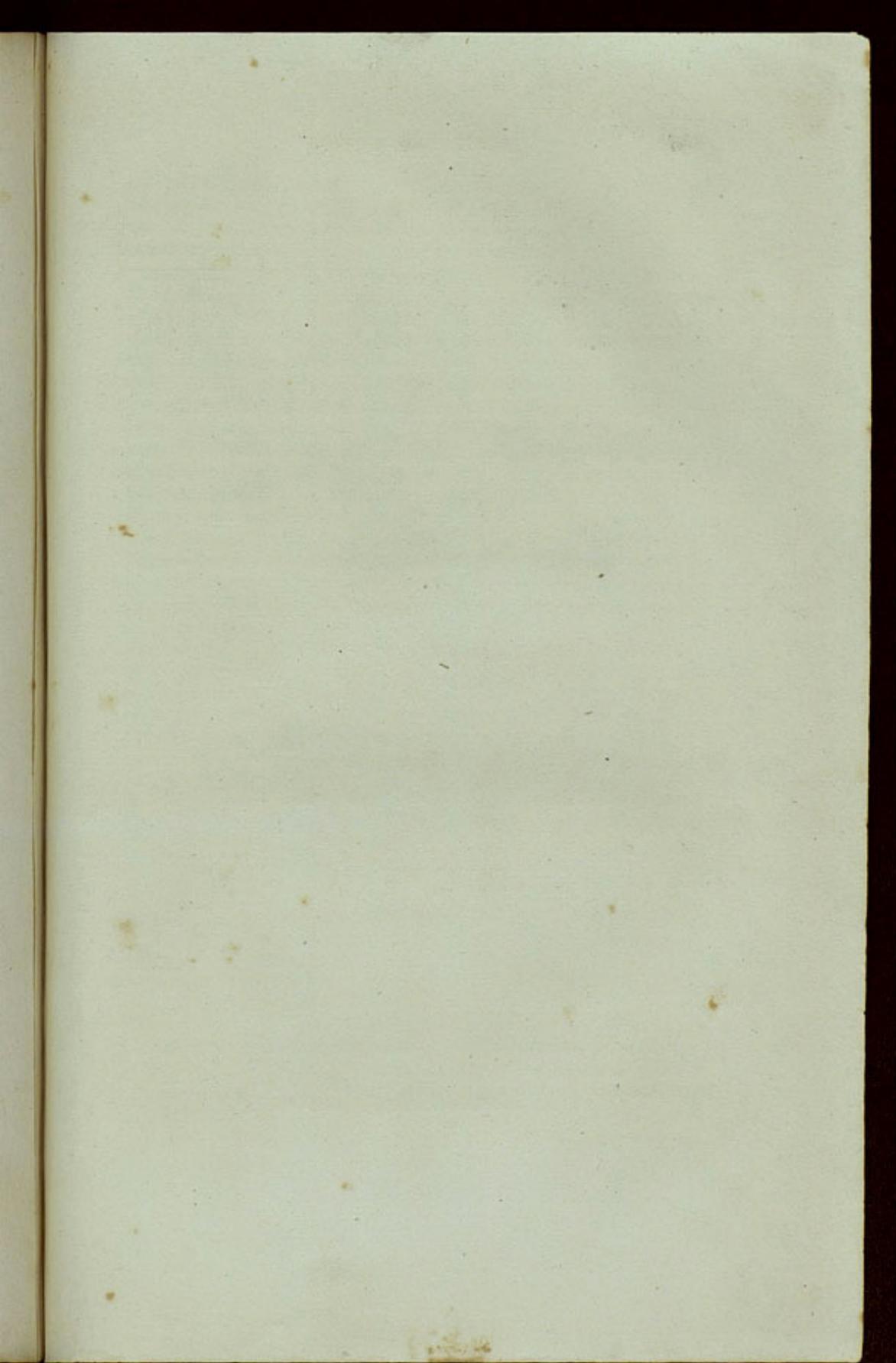
phrase, suave e persuasiva, do sacerdote portuguez anima a phantasia e faz reviver a mãe desvelada na familia, que era todo o seu enlevo. «Bemaventurados os que morrem no Senhor», exclama o sr. Antonio Candido; «tudo morre no homem, tropeja Bossuet, até os proprios termos funebres por que se designavam os seus desgraçados restos!»

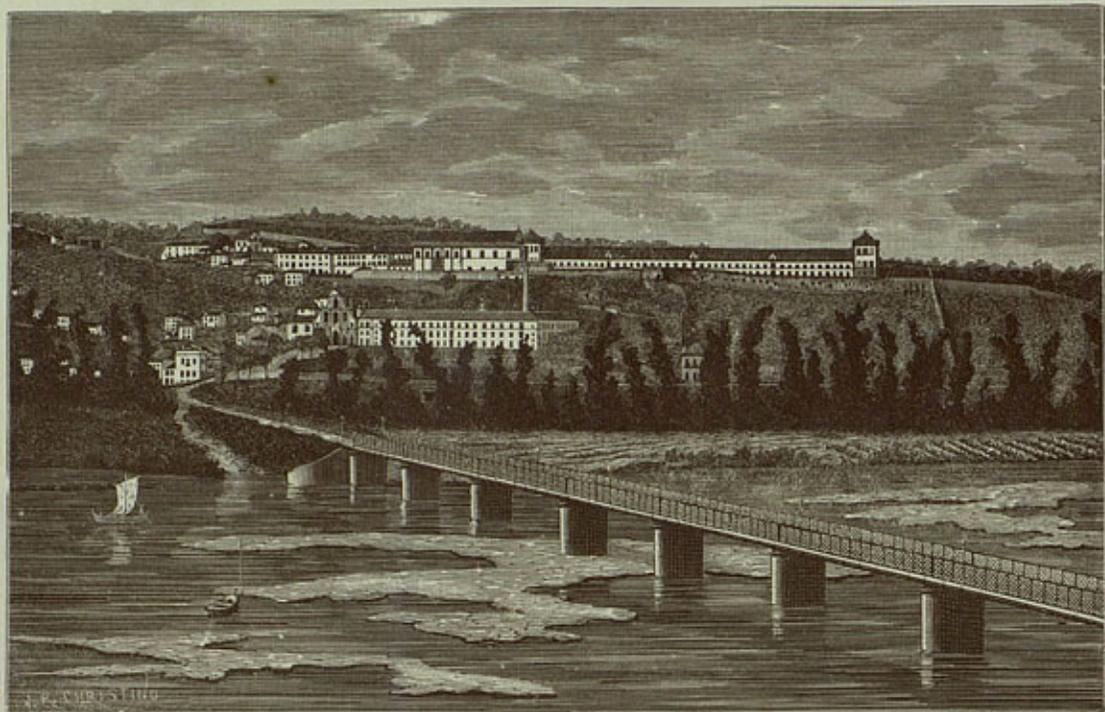
Neste paralelo Bossuet acompanha a princeza até ao seu tumulo, e insiste cruamente no pavoroso quadro da decomposição do seu cadaver. O sr. Antonio Candido aproveita as lições da morte, mas ala-se com o espirito até ás serenas regiões da luz celeste. «Dorme socegada o teu ultimo somno, incomparavel senhora, diz elle; quem, como tu, cumpriu na vida um destino elevado e util, póde descansar, tem direito a descansar. São bemaventurados os que morrem no Senhor, e tu, ó grande espirito, a elle subiste quando pela ultima vez te bateu o coração dentro do peito.»

Sem nos influir o amor patrio e muito menos o particular, respeitando sempre a opinião commum e o entender dos competentes, preferimos francamente nestes *elogios* o portuguez ao francez. A aguia de Meaux fica o que era; sempre sublime, sempre modelo de eloquencia. Antonio Candido, sem presumpções tão subidas, cingiu-se com mais propriedade ao seu assumpto.

Bossuet no seu elogio faz-nos lembrar o nosso Bernardes no *novissimo* da morte, que o excede (pedimos venia) nesta descripção. Este assumpto, propriissimo do sermão da Cinza, foi tractado com particular mestria por oradores nossos, que só por serem nossos se póde entender que andem tão esquecidos. Respeitemos nos extranhos o muito que valem, mas não depreciemos por isso as nossas joias litterarias com aquelle ingrato desamor patrio, já proverbial em portuguezes. O nosso Vieira com a opulencia das imagens, o dr. Rodrigues de Azevedo com a austera e incisiva concisão da sua phrase, e o bispo eleito do Algarve com a sua profunda lição e verbo eloquente tractaram da morte, cada um por seu modo mas todos tão soberanos, que honraram singularmente o pulpito portuguez.

Relevem-se-nos estas ligeiras observações, que só têm por fim dar conta do nosso dicto. E ainda que houvesse exaggeração no que dissemos, o que não concedemos, era ella natural, que só nas cousas grandes é permittida. Diz Bossuet no mesmo elogio que a Escriptura Sagrada *exaggera* nas suas fortes expressões a inconstancia das cousas humanas. Se o grande orador o affirma da Biblia, inspirada por Deus, porque se não desculparia por maioria de razão a um escriptor obscurissimo?...





Nova ponte de ferro sobre o Mondego em frente de Coimbra

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Outubro de 1879

N.º 10

A PONTE DE COIMBRA

Da ultima ponte de pedra, que ainda ha poucos annos viamos

Onde o Mondego com licor eterno
Os fortes muros beija, e a dourada
Margem regando com saudosa vêa,
Cerca de crystal puro ilhas de arêa,

se dizia ter sido construida sobre outras duas pontes, soterradas já pela progressiva elevação do alveo do rio ¹.

Passados mais alguns annos, quem se não lembrar de que a nova ponte foi construida no lugar da anterior, e não sobre ella, e se ativer sem critica ás asserções dos escriptores, poderá imaginar que sobre o Mondego, em frente de Coimbra, estão quatro pontes a cavallo umas nas outras. E d'esta sorte que o rio correria em tamanha profundidade, que não *desceria*, mas *subiria* para o mar.

Com effeito, sendo hoje a differença de nivel entre a superficie da agua, juncto á ponte, na estiagem, e a do mar, na Figueira, uns dezeseite metros, é claro que a altura de duas ou tres pontes devendo ser superior a estes dezeseite metros, a agua teria de correr a um nivel muito inferior ao do Oceano, o que é absurdo.

O sr. Adolpho Ferreira de Loureiro determinou por meio de calculos muito ingenhosos e bem fundados a elevação media annual no periodo dos ultimos 600 annos. Não passa de oito millimetros ². É porém certo que em tempos mais antigos, quando as margens do rio e terras proximas estivessem ainda por cultivar e cobertas de arvoredos, a elevação media annual deveria ser menor. E ainda que se não attenda a esta differença, o alteamento no espaço de 1000 annos não passaria de oito metros. Eis as proporções reaes

¹ Uma, segundo Fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*; duas, segundo Bernardo de Brito Botelho na *Historia Breve de Coimbra*.

² Vej. *Memoria sobre o Mondego e barra da Figueira*, por Adolpho Ferreira de Loureiro. Lisboa, 1875, pag. 90 a 94.

e veridicas a que a sciencia reduz a noção do alteamento do rio, destruindo assim radicalmente a fabula das pontes sobrepostas.

O documento mais antigo que se refere á ponte de Coimbra é a *Chronica Gothorum*: «Era M C LXX. Idem Rex cepit edificare monasterium Sancte crucis in suburbio Colimbrie et ponte fluminis juxta civitatem, anno regni sui quarto ¹.»

— A primeira ponte de que ha memoria authentica é por tanto a do seculo XII, e parece que antecedentemente não haveria outra, pois que el-rei D. Affonso Henriques *a começou a edificar*.

Não é porém impossivel que em tempo dos romanos houvesse já alguma que facilitasse a comunicação entre Eminio e Conimbriga, na grande estrada militar que ligava Olisipo a Bracara, e que poderia ter sido destruida no tempo da quêda do imperio romano ou depois, como foi o aqueducto de Evora e outros monumentos de que nem sequer ficaram vestigios. Todavia quem pretender mostrar mais que a possibilidade do facto, cairá de certo no ridiculo erro de Fr. Raphael de Jesus, quando intentava demonstrar que o rei Ataces não deixaria de ter construido uma ponte, sem a qual lhe ficaria a cidade «com o pé descalço.»

A obra de el-rei D. Manuel não consistiu em sobrepôr uma ponte a outra mais antiga, mas em reedificar uma parte da ponte, a do lado da cidade e em reparar a outra parte da banda de Sancta Clara. A altura d'esta ponte não poderia ser por tanto muito maior que a da ponte começada por D. Affonso Henriques. Que esta fôra em parte reconstruida prova-se com a inscripção commemorativa:

Ó SSERENISIMO PNCIPE: ALTO HE MUI PODEROSO REY DOM
EMANUELL NOSO SÔR O P¹M^o Ë ESTE NOME HE QUATOR
ZE NA DINIDADE REALL: MÂDOU FAZER DE NOVO ESTA PÔTE
ATE AS ESPERAS HE REDIFICAR ATE A CRUZ DE SÃ FF^o HE DA
DITA CRUZ ATE SÂTA CRARA DE NOVO HE ACREÇËTAR ES
TA TORE HE MURO ERA DE MILL HE V^o E XIII ANOS. ²

As esperas ou espheras, divisa conhecida, estavam na volta do oitavo arco a contar da cidade. Para além d'este arco havia um ou mais de fôrma ogival e de differente apparelho, restos, sem duvida, da antiga ponte do seculo XII.

Havia muito que o progressivo alteamento do alveo do rio

¹ *Portugaliae Monumenta Historica — Scriptores*, pag. 12.

² A lapide com a inscripção está no Museu de archeologia do Instituto de Coimbra.

difficultava por baixo da ponte a navegação, que tinha até de interromper-se todas as vezes que faltava entre a superfície da agua e a concavidade dos arcos o espaço sufficiente para a passagem dos bateis. E quando não faltava de todo esse espaço, por occasião de certas cheias, os barqueiros só com grande incommodo e com perigo de vida faziam passar os barcos por baixo da ponte, diminuindo com esforços inauditos a parte fluctuante por meio de fortes pressões, que exerciam fincando as costas nas concavidades dos arcos e os pés e mãos sobre as cargas ou os bordos dos bateis.

Depois de solicitada em vão por muitos annos, obteve-se a final dos poderes publicos a necessaria auctorisação para a obra da nova ponte, cujo projecto, encarregado ao sr. Mathias Cypriano Pereira Heitor de Macedo, director das obras publicas do districto de Coimbra, foi concluido em 10 de junho de 1872.

Escolheu o auctor do projecto o systema das pontes metallicas de *treillis* ou de *rotula*, isto é com os *tramos* assentes sobre pilares de pedra e ligados e suspensos por meio de *madres*, formadas de tiras de ferro pregadas á maneira de rêde. As da ponte de Coimbra são rectangulares e ficam superiores ao taboleiro interior e aos passeios exteriores.

Esta disposição, com quanto faça com que a perspectiva da ponte seja desagradavel, era talvez a mais adequada ás condições particulares em que tinha de se executar a nova obra, querendo-a metallica e não de pedra.

Comtudo o Mondego e Coimbra mereciam de certo mais e melhor que o que se fez. Embora houvesse de dobrar-se a despesa, uma ponte de pedra elegante e de estylo romano, como aquella que ha poucos annos se concluiu sobre o rio Cavado, perto de Braga, ou uma ponte de estylo gothico florido, como a de Rialto em Veneza, era o que mais conviria ao sitio afamado do Mondego em frente de Coimbra. Infelizmente quando se não conservam, quando se destroem os aformoseamentos naturaes e artificiaes, como eram os ornatos que terminavam os gigantes das muralhas da Cou-raça de Lisboa, como eram as orlas de choupos de algumas das insuas, não ha que extranhar se não empreguem outros de novo.

Assim se vão perdendo em grande parte as feições poeticas de Coimbra, elemento que a muitos hoje parecerá inutil, mas que de certo contribuiria para formar alguns dos melhores poetas que têm illustrado Portugal — Camões e Sá de Miranda, Diniz e Garção, Castilho e Garrett. É extremamente notavel que na epocha em que melhor se tem demonstrado a influencia do *meio* no espirito e no corpo do homem, se desprezem mais os elementos d'essa influencia que no tempo em que a palavra *mesologia* não fôra ainda inventada.

A nova ponte foi construída sobre os nembos dos antigos arcos, depois de arrasada a parte superior ao alveo do rio. Os quartos de cone do encontro esquerdo foram erigidos sobre estacaria. Por serem desiguaes os vãos dos arcos antigos, desiguaes ficaram tambem os tramos da nova ponte. O espaço de dois arcos da ponte velha é o que hoje corresponde a cada tramo da nova ponte. Os comprimentos dos tramos são os seguintes:

1.º	34 ^m ,20
2.º	32 ,00
3.º	23 ,80
4.º	23 ,80
5.º	23 ,80
6.º	28 ,00
7.º	28 ,00
8.º	23 ,80

A ponte tem pois o comprimento total de 217^m,40. Cada uma das duas madres reticulares, que lateralmente sustentam e ligam a ponte, têm de altura 2^m,90. A altura do taboleiro acima da agua na estiagem é de 8^m,20; acima da agua nas cheias, de 5^m,40.

Dispendeu-se com a obra o seguinte:

Demolição da ponte velha, remoção de materiaes, ponte de serviço, etc.....	2:925\$700
Expropriações de casas em Sancta Clara	1:230\$000
Construcção da avenida para Sancta Clara	6:103\$865
Obra de ferro assente.....	53:149\$770
Pintura	1:159\$450
Obra de pedra e de madeira	37:161\$910
Custo total.....	101:730\$695

Começou a demolição da ponte velha em 14 de junho de 1873, e terminou em fins de setembro do mesmo anno. Estava já por esse tempo em construcção a nova ponte, que se concluiu em 15 de agosto de 1875. Abriu-se porém ao transito em 8 de maio de 1875, faltando ainda acabar a pintura e demolir alvenarias que punham estorvo á navegação.

Antes de se patentear ao publico, foi a nova ponte experimentada por uma commissão, constituída pelos srs. José Victorino Damasio, Silverio Augusto Pereira da Silva e Adolpho Ferreira de Loureiro no dia 7 de maio de 1875. Carregou-se a ponte com saccoes de areia, cujo peso era de 2300 kilogrammas por cada metro

corrente, e verificou-se, por meio dos instrumentos apropriados, que a maxima flexa de cada tramo carregado não passava de $\frac{1}{2000}$ do seu comprimento; sendo de 16 millimetros no primeiro e de 20 millim.,25 no segundo tramo.

A ponte ficou pois solidissima, tornando-se, na parte respectiva á construcção, digno dos maiores elogios o engenheiro que a dirigiu.

A. FILIPPE SIMÕES.

INUNDAÇÕES

Meios de as tornar menos desastrosas

As inundações são um dos flagellos mais assoladores da agricultura. Os rios, que a toda a parte levam a abundancia e a prosperidade, tornam-se por suas torrentes caudalosas origem das maiores calamidades. Os desastres terriveis, que têm flagellado muitos paizes da Europa nestes ultimos trinta annos, estão bem presentes ao espirito de todos, para que seja preciso relatar as ruinas e perdas dolorosas, por que têm passado a agricultura e todos os ramos de riqueza publica.

Em Portugal as inundações de 1860 e 1876 deixaram bem triste memoria de suas crueis devastações, e as margens do Tejo, do Guadiana, do Mondego, do Vouga e de outros rios, foram o theatro das mais horriveis scenas de destruição, de miseria e de fome. Em França, na Inglaterra, Austria, Hollanda, Hespanha e outros paizes têm-se repetido estas crises meteorologicas nos ultimos invernos, ficando por toda a parte gravada a lutuosa memoria destes cataclismos. As medonhas catastrophes da Austro-Hungria, e de Murcia na nossa vizinha Hespanha deram brado em todo o mundo, e tiveram por epilogo as mais brillhantes e patheticas scenas de amor e caridade em muitas terras civilisadas, e especialmente em Paris.

As povoações alagadas têm nestas tremendas crises as maiores consolações, os maiores carinhos e a mais desvelada protecção de todas as classes sociaes; mas o que não têm é amparo contra essa força fatal e irresistivel que arrasa as suas casas, que esterilisa os seus campos, e arrebatata os seus gados e os seus capitaes accumulados no solo por tantos annos e á força de tanto trabalho.

Quantas vezes o homem adormece tranquillo e feliz, e accorda arruinado e até sem asylo?

Ha dois seculos que esta calamidade se repete com tanta fre-

quência, a sua força e grandeza tem de tal modo augmentado, que parece ter-se alterado o antigo equilibrio que regulava o regimen e o volume das aguas correntes á superficie do globo.

Cumpré portanto á sciencia estudar com todo o esmero a causa da maior frequencia das inundações nos tempos modernos, a razão por que seus effeitos são mais terriveis, e indicar os meios de combater, ou pelo menos de attenuar os males que produzem. Por isso este assumpto é um dos que mais estudados têm sido nestes ultimos annos, e sobre que ha numerosos e importantes escriptos. Ainda que não somos competentes para tractar esta questão, porque pertence ao dominio da engenharia, aventuramo-nos comtudo a fazer algumas singelas considerações, limitadas especialmente ao campo da agricultura.

Não está ao alcance do homem obstar ás perturbações atmosphericas, nem a sciencia ainda descobriu remedio seguro contra os ventos quentes e humidos, que produzem as chuvas diluvianas. Mas se não é possivel combater de frente esta causa primordial das inundações, podemos comtudo attenuar consideravelmente os desastres que ellas causam, e empregar com bom resultado alguns meios preventivos contra tão temeroso inimigo.

As causas principaes, a que se devem attribuir os maiores desastres das inundações, são a desarborisação das montanhas, o *desrelvamento* dos prados naturaes mais elevados, e a cultura annual dos terrenos inclinados.

Destruindo as florestas seculares, que povoavam as cristas dos montes, o homem prepara a ruina dos campos acabando com esses reservatorios naturaes, que deviam armazenar e conter as aguas das chuvas, para depois serem distribuidas por conta, peso e medida pela superficie dos valles. É sabido como as montanhas influem na formação das chuvas; é aqui que têm origem as torrentes precursoras das inundações, e que póde ser combatido o mal no seu principio. Nas serras despidas de vegetação as aguas disponiveis para a inundaçáo augmentam pela menor absorpção e infiltração, o seu movimento é mais livre e impetuoso; e sem obstaculos na sua passagem precipitam-se com furia nas planicies, arrastando a terra vegetal, desnudando os terrenos, e atacando mesmo as rochas duras, levam de involta arcia e cascalho, que vão muitas vezes esterilisar os campos mais fertes.

As montanhas arborisadas formam pelo contrario uma esponja immensa, que absorve as aguas pelas folhas, pelos ramos, pelas raizes, pela terra humosa que as circumda, pelas hervas e plantas rasteiras, e pequenos arbustos que crescem juncto das grandes arvores. A evaporação operada numa grande superficie vegetal é immensa. Para avaliar o poder d'esta influencia basta reflectir

que as plantas offerecem uma superficie de absorpção e evaporação verdadeiramente prodigiosa. Uma arvore, que tem uma secção horizontal de quarenta metros quadrados, offerece uma superficie, segundo Humboldt, de muitos milhares de vezes esta extensão. Ora em proporção com esta extensão de superficie se deve exercer a força de absorpção e exalação das plantas. Já se vê, por tanto, que a massa de agua disponivel para a inundação deve diminuir muito, e o seu movimento deve ser mais lento e mais regular.

Quando passeamos, depois de chover muito, por uma estrada, orlada por um lado de arvoredos, e pelo outro de terras cultivadas, observemos o destino que tem a agua recolhida pelas duas valletas da estrada. A quantidade e duração da chuva foram as mesmas d'um e outro lado; mas a valleta contigua á floresta conserva-se cheia de agua que resulta da infiltração através do solo arborisado, em quanto que a contigua aos terrenos cultivados está quasi enxuta, depois de ter servido ao escoamento immediato das aguas da chuva. Esta valleta, por tanto, deu vasão em algumas horas á mesma quantidade de agua que a primeira ha de despejar em muitos dias.

Todas as causas que concorrem para diminuir as aguas superficiaes, e augmentar a alimentação subterranea, são por tanto favoraveis para tornar as inundações menos desastrosas. Quanto mais permeaveis são os terrenos, maior é a infiltração; ora esta permeabilidade está em geral na razão da terra vegetal que os cobre; logo manter este elemento de absorpção nos pontos culminantes das bacias hydrographicas, e por consequencia a arborisação, que fixa e consolida o solo nas encostas de maior declive, é um dos meios mais efficazes para diminuir o contingente das aguas superficiaes. É sabido por todos que o modo de segurar e prender a terra nas motas dos rios e nos córtes das estradas, é cobrir-lhe a superficie de relva, e plantar alguns arbustos. A arborisação nas montanhas produz a mesma força de cohesão no solo, e as raizes das arvores fazem o mesmo effeito que as raizes herbaceas, contribuindo ainda para augmentar a infiltração da agua, funcionando como tubos collectores ou *drainos* perpendiculares.

Nos terrenos arborisados a copa das arvores constitue uma especie de crivo ou filtro, através do qual a chuva não chega ao solo senão extremamente dividida, e neste estado não póde exercer esses effeitos mecanicos de comprimir o terreno, obstruindo-lhe os poros e difficultando a absorpção. Despejemos uma porção igual de agua sobre um plano de marmore ou de vidro e sobre um tapete, e observemos a quantidade relativa que se escoo d'uma e outra superficie; no primeiro caso nem uma gotta é retida pelo

plano, e no segundo quasi toda fica imbebendo e ensoando o tapete. Esta pequena observação define bem os effeitos da arborisação, porque o tapete representa o terreno coberto de vegetação.

A arborisação das montanhas é por tanto o obstaculo mais seguro e mais efficaz que se póde empregar contra os desastres das inundações, e é de todos os meios preventivos o que offerece a vantagem inapreciavel de se conservar e multiplicar-se por si mesmo.

O *desrelvamento* das serras é uma causa não menos funesta que a desarborisação. Esse tapete de verdura natural, que cobre as encostas dos montes, é uma couraça vegetal com que a Providencia protege o solo; mas infelizmente a sua conservação não póde resistir aos dentes e pés agudos dos rebanhos, resultando d'aqui a formação de numerosas fendas, que todos os annos augmentam com a acção erosiva das aguas, e por consequencia de outros tantos leitões de torrentes furiosas por occasião de chuvas aturadas e intensas.

A cultura annual das vertentes das serras não offerece menos perigos do que as duas causas já mencionadas, porque os labores e divisão do solo tornam-no tão accessivel á acção mecanica das aguas, pela pequena resistencia que offerecem as suas moleculas pouco adherentes entre si, que em poucos annos o solo aravel desaparece inteiramente, arrastado pelas aguas, ficando descoberta a ossada do monte, impropria para qualquer producção.

A rapidez quasi instantanea com que se fórma uma inundação, a força e impetuosidade de sua corrente devastadora, são effeitos das tres causas que temos referido. Uma cheia que cresce um metro e mais em altura por hora, póde assumir taes proporções, que não é possivel resistir a tão rapido cataclismo, nem ter as vidas e as propriedades a salvo d'uma invasão que nos assalta tão de improvisado.

Ha quem confie muito na canalisação dos rios e construcção de diques para defender os campos dos estragos das inundações. Mas o que mostram os factos a respeito da efficacia de taes meios defensivos? Que as aguas zombam completamente d'estes obstaculos. Os diques rompem-se na occasião das grandes cheias, os estragos e avarias são enormes nos campos vizinhos, principalmente juncto dos pontos de rotura; as reparações dispendiosas; e ainda mesmo quando não tenham logar estes accidentes, sempre a agricultura das margens ha de soffrer, porque é mais difficil recolher ao seu alveo as aguas das inundações, ou que se tiverem infiltrado através dos diques.

Basta attender á enorme quantidade de materiaes que um rio transporta durante uma grande cheia. Está calculado que o Rho-

dano num só dia de enchente cobre 846 hectares com um metro de aterros. Ora deduzam-se as consequências d'este facto, quando um rio corre canalizado e preso entre diques de grande altura. As aguas correndo sempre dentro do seu leito, e não podendo derramar-se pelas planícies, hão de depositar as areias dentro do alveo, entulhal-o, e estorvar assim a navegação, principalmente juncto ao mar, com a formação de grandes deltas. Quantos mais affluentes tiver um rio, maiores serão estes effeitos, e d'aqui a necessidade de elevar cada vez mais os diques e de os construir igualmente em todos os affluentes. As margens deixam de receber os nateiros, e tornam-se pantanosas pela infiltração das aguas, convertendo-se assim campos ferteis e mimosos em terrenos improductivos e inhospitos.

Combater por estes meios os effeitos das inundações sem atacar o mal pela raiz, é uma empresa tão imprudente, como pretender abolir a mendicidade sem previamente tractar das medidas convenientes para extinguir o pauperismo. Os meios repressivos são tão inuteis para conter as aguas, como as leis penaes para conter os criminosos. Os verdadeiros diques para evitar os factos subversivos da ordem social são a instrucção, a moralidade e divisão do trabalho. Mais valem os meios preventivos do que os repressivos. Revistam-se as montanhas, entregues sem defesa á impetuosidade das chuvas, d'uma couraça vegetal; cubram-se as encostas d'um tapete de verdura, e veremos então como as inundações, esses factos subversivos da ordem physica, perdem o seu character desastroso e hão de submeter-se a um regimen mais regular.

Que sommas fabulosas não se têm gastado nas obras do encanamento do Mondego? E este rio zombando sempre dos que pretendem domesticar-o. Um rio, a que affluem simultaneamente tantas aguas torrencias quando ha grossas chuvas, que recebe tantas areias e que apresenta um leito tão movel e tão variavel, não se presta, e resiste com vantagem a todas as obras com que o quizerem comprimir. Mais vale garantir as suas margens de plantações appropriadas e de frondosos arvoredos, e abrir-lhe duas vallas lateraes de descarga para receberem as aguas torrencias, do que canalizar-o entre diques longitudinaes. D'este modo podem conciliar-se os interesses da navegação, do enxugamento e das irrigações, e os campos de Coimbra tornar-se-hão sadios, os seus gados robustos e fartos, a sua população rica e abastada, e a sua cultura variada e productiva.

Vale mais combater o flagello das inundações, destruindo as causas que as tornam mais perigosas, do que consumir despesas enormes com obras inuteis, obras que importam comsigo a ruina

da fertilidade do solo pela suppressão dos nateiros fertilisadores, a elevação constante do alveo dos rios, a infiltração das aguas e formação de pantanos, a difficuldade de enxugo e a obstrucção dos portos do mar. Parece-nos, pois, que na solução d'este grande problema a agricultura presta mais uteis avisos do que a engenharia hydraulica.

J. A. SIMÕES DE CARVALHO.

ESTUDOS SOBRE O DISTRICTO DE COIMBRA

Extractos do relatorio apresentado em 28 de fevereiro de 1878 ao actual Governador Civil do Districto de Coimbra, para acompanhar os productos industriaes e agricolas do Districto, destinados á ultima exposição universal de Paris

(Continuado do n.º 9, pagina 137)

O poleame, que se fabrica na Figueira e é exportado para muitos portos da America e da Africa, é muito apreciado, e tem sempre occupado lugar honroso nestes grandes concursos.

As massas e bolachas têm attingido em Coimbra um desenvolvimento e aperfeiçoamento notaveis. Os estabelecimentos dos srs. José Clemente Pinto e José Francisco da Cruz, cuja existencia data apenas de 1868, têm já um movimento muito consideravel, tendo sido os seus productos sempre laureados em todas quantas exposições, nacionaes e estrangeiras, se têm apresentado. A producção annual d'esta fabrica de bolachas é superior a 16:000,5000 réis. A da fabrica de massas do sr. Pinto attinge uma cifra muito importante, e annos tem havido em que o seu consumo de trigo tem subido a alguns milhares de moios. Ultimamente construiu este respeitavel industrial um amplo e commodo edificio para a sua fabrica, no qual montou uma machina a vapor fixa, que applica tambem á cerração de madeiras, e vae brevemente applicar a aplinar e furar. É nas suas vastas officinas que se preparam as caixas para a exportação das massas, aproveitando como combustivel todas as aparas da madeira e toda a serradura. O apuro, a que leva a *semula* extrahida do trigo, tem-lhe valido honrosas distincções, e a elle é devida a boa qualidade dos seus productos.

A industria dos cortumes, que é exclusiva da freguezia da Porcarica, no concelho de Cantanhede, abastece de cabedaes uma grande parte d'este districto e do de Aveiro, no valor de muitas dezenas de contos de réis.

A fabricação de palitos de salgueiro, industria sómente explorada nos concelhos de Penacova e de Coimbra, emprega mais de mil e quinhentas pessoas de ambos os sexos e de todas as edades. Parecendo insignificante, representa comtudo uma producção de cerca de 200:000,000 réis annuaes de palitos, com que se fornece todo o paiz, e que são em larga escala exportados para Hespanha, para o Brasil e para todas as nossas possessões ultramarinas e ilhas adjacentas. Entre a grande variedade d'estes artefactos, alguns ha que, pela delicadeza dos seus ornatos e pela perfeição do seu acabamento, são verdadeiros primores d'arte, que se vendem a razão de 600 réis cada cento.

O doce de fructas, e com especialidade o dos conventos de Cellas e de Sancta Clara de Coimbra, tão justamente apreciado, é exportado em valor de muitos contos de réis; e muito maior desenvolvimento attingiria esta industria, se o assucar, que emprega largamente, se não achasse tão sobrecarregado com direitos de entrada nos nossos portos.

Todos estes misteres, que não podem classificar-se se não de pequenas industrias, formam comtudo um conjuncto de excessivo valor, e são tão variados os seus ramos, que impossivel seria enumeral-os todos. Nem eu o tentarei, reconhecendo ser este um trabalho que requer mais profundo e largo estudo, e não proprio de uma simples noticia, que me constitui na obrigação de levar á presenca de v. ex.^a Para este importante assumpto me limito, pois, a chamar a attenção de v. ex.^a, citando ainda, além dos objectos a que me tenho referido, a tecelagem, tanto do linho como da lã e do algodão, a marcenaria, a serralheria, a construcção de carros e carruagens, a fabricação de objectos de palha, linho, esparto e tabúa, a fabricação da cal de que o districto tem variadissimos typos, e tantos outros ramos industriaes, que merecem ser attentamente estudados, e que bem dirigidos e aproveitados poderão tornar-se inexaurivel fonte de riqueza para o paiz em geral, e para este districto em particular.

Dando por terminada esta noticia, cumpre-me agora relacionar os productos agricolas e industriaes, que me foi possivel colleccionar, e que foram remettidos ao concelho director dos trabalhos preparatorios da exposição universal de Paris, a fim de representarem o districto de Coimbra.

Devia cada producto ser acompanhado de diversos esclarecimentos.

Para os industriaes, convinha saber-se a data da fundação do respectivo estabelecimento; o pessoal empregado nelles, e os motores e forças de que dispõem; o valor das materias primas que consomem, e a sua producção media annual; a origem e prove-

niencia d'aquelles e o logar do consumo d'estes; os melhoramentos introduzidos no ramo da industria, e o seu estado comparativamente com o de qualquer epocha anterior, etc., etc.

Para os agricolas, não eram menos interessantes, nem menos instantaneamente se pediam minuciosos esclarecimentos para cada genero e seus typos caracteristicos, e especificadamente sobre a epocha da sementeira ou plantação, e da colheita; a producção por semente, por planta, ou por hectare; o preço da producção e da venda, com a designação dos mercados de consumo; as doenças que mais castigavam a planta; etc., etc. Egualmente conviria determinar, por cada concelho, qual a parte dos terrenos cultivados e incultos; qual a proporção das diversas especies de culturas, cereaes, legumes, vinhas, olivedos, pomares de espinho ou de caroço, matas de pinheiros, montados de sobro, soutos de castanheiros, florestas, prados naturaes ou artificiaes; a cultura de plantas textis ou tincturiaes; as diversas especies de forragens usadas, e gados criados; o valor e proporção da grande, media e pequena cultura e propriedade; e muitos outros dados de notoria importancia.

Por uma circular, que em data de 14 de dezembro de 1877 o digno prodecessor de v. ex.^a dirigiu a todos os administradores dos diversos concelhos, e que attendia muito racionalmente a este assumpto, davam-se-lhes muito sensatas e explicitas instrucções para satisfazerem a certo numero de artigos de um questionario, que lhes era submettido, incumbindo-se-lhes tambem a nomeação de commissões locais para os auxiliarem, e para promoverem donativos para esta exposição.

Infelizmente, o pouco tempo que lhes era dado para aquelle serviço (até 31 de janeiro seguinte), e os muitos affazeres incumbidos aos administradores, não lhes permittiram fornecer esclarecimento algum naquelle sentido. Mais para lastimar é ainda que se não façam representar neste concurso quatro concelhos, aliás importantes. E, força é confessar que, se outros o fazem, deve-se este resultado unicamente á boa vontade com que alguns cavalleiros se dignaram acceitar o convite e pedidos, que tive a honra de endereçar-lhes.

Isto, porém, não quer dizer que não tenha encontrado alguns dignos administradores, que mostraram a melhor vontade de auxiliar-me nesta commissão, e que mesmo empenharam todos os esforços para o conseguirem. Neste caso devo especialisar o sr. administrador do concelho de Oliveira do Hospital, que arranjou uma bella collecção de amostras de diversos objectos, aos quaes se junctaram outras de alguns proprietarios a quem directamente me dirigi; e muito principalmente o sr. administrador do concelho

de Condeixa, que efficazmente secundado por uma commissão de benemeritos cidadãos, muito prudente e assisadamente escolhidos para aquelle fim, foi incansavel e excessivo até, conseguindo reunir a mais abundante e rica collecção de productos agricolas, que jámais havia apresentado aquelle concelho para qualquer das exposições anteriores.

Devo por ultimo declarar que, de accordo com as mezas das duas secções, em que se subdividiu a grande commissão districtal, não procedi á analyse, nem á prova, ou a qualquer experiencia sobre os objectos remettidos, considerando-me unicamente como intermediario entre este governo civil e o conselho director preparatorio da exposição universal de Paris.

Havendo sempre, e em toda a parte declarado muito categorica e explicitamente que sómente acceitava e sollicitava artigos, que podessem ser considerados como amostras dos generos, que se encontrassem nos mercados, ou podessem obter-se quando commendados com a conveniente antecipação, alguns houve contudo, que não estavam neste caso. São elles em pequenissimo numero, e pela razão acima exposta, e por consideração para com os respectivos productores, nem assim deixei de os enviar ao seu destino, com a declaração, porém, de que não poderiam obter-se aquelles generos no mercado.

Não practicando assim, illudiria os fins altamente civilisadores e sociaes d'estas exposições, que são como que a revista da vida geral dos povos.

.....
Deixando de fazer-se representar nesta exposição quatro concelhos do districto, ainda assim o numero dos expositores foi de 129, e o total dos artigos expostos de 893, repartidos por treze classes.

(Continúa)

ADOLPHO LOUREIRO.

APONTAMENTOS HISTORICOS DE COIMBRA

0 Imperador de Eiras

(Continuado do n.º 9, pagina 142)

D'esta exposição vê-se, pois, que em honra e louvor da Terceira Pessoa não seria possivel phantasiar solemnidade mais esplendida, edificativa e recreativa do que este bodo.

Nelle, como nos antigos *autos* e *mysterios*, sem quebra da orthodoxia da crença, sem resaiço de paganismo, a austeridade dos

exercícios espirituaes casava-se perfeitamente com as profanidades mais extravagantes e ruidosas dos populares. Os cantores das missas e do *Te Deum*, os que do pulpito prégavam a palavra divina, e os fieis que lhes assistiam e os ouviam, eram os mesmos que figuravam em seguida nos banquetes, chorêas, descantes e mais episodios da folia.

E fossem, por ventura, os mais severos moralistas de gabinete declamar e philosophar contra estas pias extravagancias! Viessem os venerandos prelados nas suas *Constituições* e *Pastoraes* censural-as, prohibil-las, e lançar-lhes excommunhões! ¹ Inutil. A resposta dos festeiros do bodo estava na Ord. liv. v, tit. v, § 1.º, que por excepção honrosa o permitia. A razão dava-a um sapientissimo jesuita, o padre Manuel Fernandes, em cujo conceito a instituição da Rainha Sancta fôra de grande caridade, visto que (palavras do theologo) *como ordinariamente cahe naquelle tempo do anno o mais faminto, e particularmente em terras menos populosas, fica esta devassão reparando muito da penuria do tempo e alegrando a gente pobre com aquelle modo de festa* ².

E já que tractámos do decantado imperador não virão tambem fôra de proposito as amostras do poemeto, que, nas horas vagas das suas devoções, dedicou ao assumpto um outro padre mestre, não menos reverendo e sabedor. Seja embora uma inspiração fugitiva e macarronea, que o nome do inspirado, fr. José de Sancta Rita Durão, é titulo bastante para a recommendar. Além do que, será uma addição mais ao artigo do auctor do *Caramuru*, que os bibliographos poderão aproveitar, e que nós não quizemos deixar perdida no vol. n.º 40 dos manuscriptos da bibliotheca da Universidade, onde ha pouco a descobrimos ³.

Conforme os preceitos da epopéa classica o vate principia pela invocação. Invoca a musa, invoca os faunos, invoca os satyros, invoca as lavadeiras do Mondego; e como se todas estas deidades

¹ *Const. do arcebispado de Evora*, tit. xv, const. x; *Const. do bispado de Coimbra*, tit. xx, const. viii, tit. xxiii, const. ii, e tit. xxvii, const. vii; *Etucid.*, verbo *Bodivo*, etc., etc.

² *Alma instruida na doutrina e vida christã*, tomo 2.º, pag. 914.

³ Em cópia menos correcta com o titulo—*Descripção da função do Emperador de Eiras, que se costuma fazer todos os annos em o mosteiro de Cellas, junto a Coimbra, dia do Espirito Santo, em verso macarronico, pelo R.º P. Mestre Fr. José de S. Rita Duram, eremita agostinho.*

Será talvez treslado de alguma das cópias, que pelas mãos dos confrades do auctor existiam, de muitos sonetos, versos lyricos, e até jocosos, que elle não consentiu que fossem impressos. Vide a *Noticia* de Fr. José de Sancta Rita Durão nos *Epicos Brasileiros*, pag. 405.

não bastassem para o inspirar, invoca a final quantas tricanas, pimpões e zagaes, tinham Eiras, Cellas, Cozelhas e Tobim.

É uma chamada geral, que assim começa:

Exhaustos festiva meos atigare miólos
 Musa venhat, faunique pedem satyrique movendo;
 Tu quoque, Mondego pernas lavare sueta,
 Gens lavadeira, fave, quotque branqueare meadas,
 Vel roupam lavare solent, ubi limpidus errat
 Eirarum rius: Cellis quicumque vagantur,
 Tobinique patres, et qui varapalibus altis
 Seu cabras, seu forte boves, picare soletis,
 Horrida Cyclopum soboles, et quanta Cozellhis
 Suja tricana morat nostris.

Ms. 40 BDC

De tão altos atigadores era com effeito muito digno o heroe do poema.

Rustica scepra canam, atque modo farfante labregum,
 Eirense de gente ortum, quo multa cavallis
 Turba villanorum Cellas intrare cad'anno
 Costumat...

A descripção, que se segue, do Cesar imperial e do seu variegado cortejo parece-nos uma pintura viva e graciosa do que na realidade seria aquella devota entremezada.

Jam magno numero ecce ruens batina per agros
 Rapaziada furens, timidi post terga villani
 Seixadas, murrosque jact: quis cospit in illum,
 Quisve picat burram, puxatque hinc inde casacam.
 At sedet in magno nutans camponius heros
 Caesar equo, vultumque gerit, quem cuncta ruendo
 Gens ridet, gaudetque, socos seu dando punhadas.
 Ille tamen serius magno imperialis honore
 Majestatis abit mulo, quem praeit in alto,
 Monstrum ingens, immane, rude atque horrible visu.
 Turba dein burris venit montata per agros
 Non mofina quidem: rijus plus rupe moleirus,
 Dura manus cavonum, nigro asperrima victu,
 Quique boves pastare solent, pecudesque cabrasque,
 Quos Vilarinus alit, genuit quos terra Vilellae,
 Gens alhibus quae farta broas mamare septenas
 Quotidie potuere, copos vasareque centum.

Chegados todos a Cellas, a scena principal passa-se no locutorio do convento. Com mão de mestre experimentado descreve o malicioso reverendo esse sanctuario reservado de segredos e mysterios das innocentes servas de S. Bernardo, e onde com ellas estão reunidos, imperador, pagens, creados, nobreza, clero, burguezia e populacho.

Est locus angusto postus sub limine chori,
 Quo solet adstanti non raro freira fallare,
 Et flores, cartasve foras emittere, vel, si
 Quis daret, accipere: hic Caesar villanus adibat,
 Hic abbadessa, suis circum rodeata puellis,
 Augusto factura sahit pia mater honorem.
 Tum fallam ibi audire solet, Caesarque fallare.

Que finissimos e piissimos colloquios seriam esses, deixa o poeta adivinhal-o das lograções, pilherias e jogralidades, a que o imperador dava pretexto. Se nessas innocentes travessuras as boas das sorores tomavam parte, tambem era só... penitencia e gloria do Divino, que não vaidade mundana, nem tenção preccaminosa.

Stringitur hic miser, et, magna calcante caterva,
 Cuncta canalha premens vix jam non smagat euntem
 Caesarem. Eum religant (quid non potuere rapazes!),
 Ac longum cabelleirae atant exinde rabixum
 Meiarum liguis, quas tum puxantibus illis,
 Ut cabelleira caiat, caiat carapuça, corona,
 Atque nihil, nisi calva, fiquet...

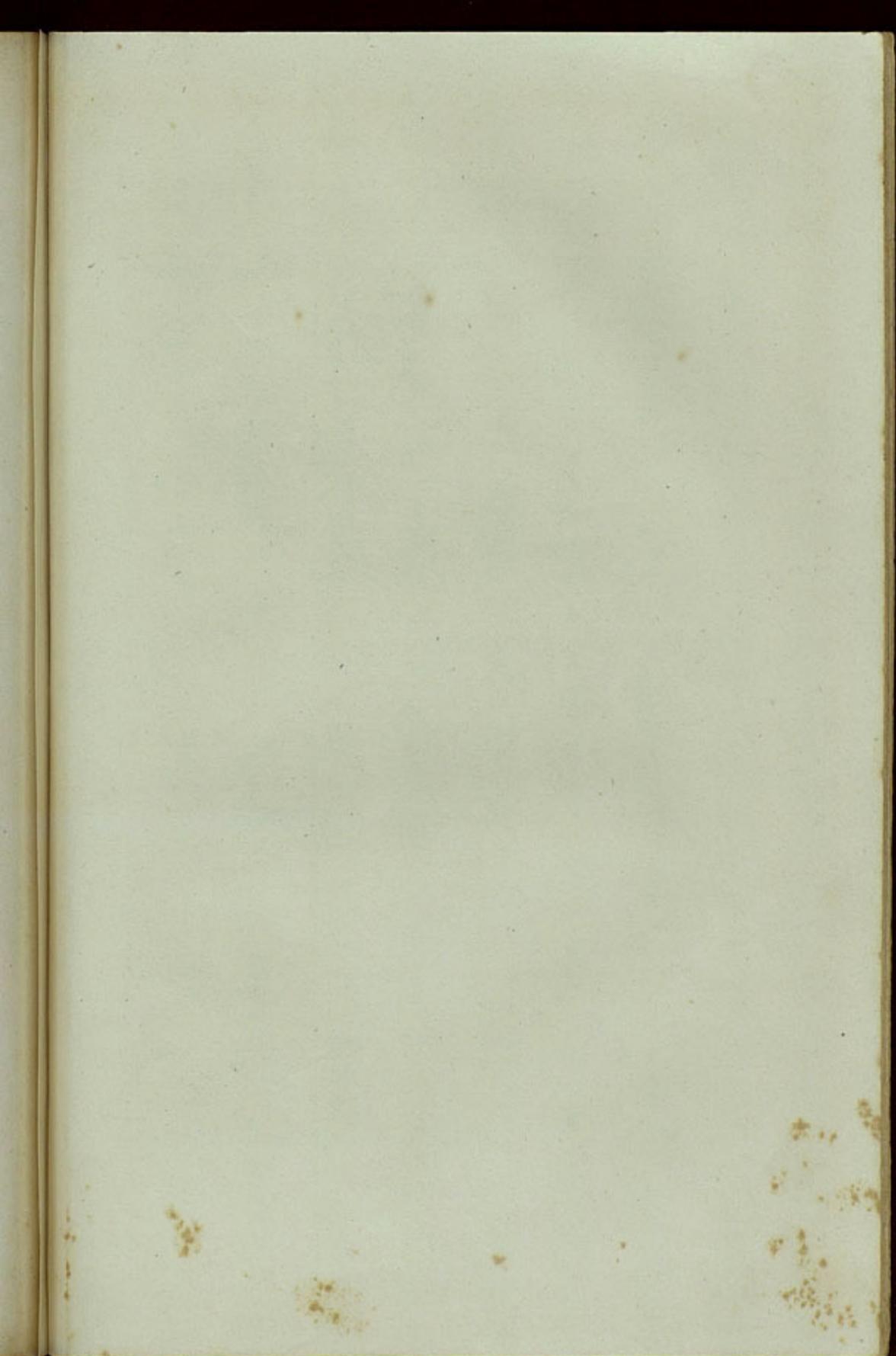
Nestes apertos valia, porém, ao misero descabelleirado, um *fidus Achates*, diplomata subtil, salvaterio precioso, e companheiro inseparavel, que nunca falta ás majestades. Era o pagem fiel, que, mettendo-se sorrateiro por entre a patuleia furiosa, salvava a final a coroa, a cabelleira, o sceptro, a carapuça e mais insignias da realleza.

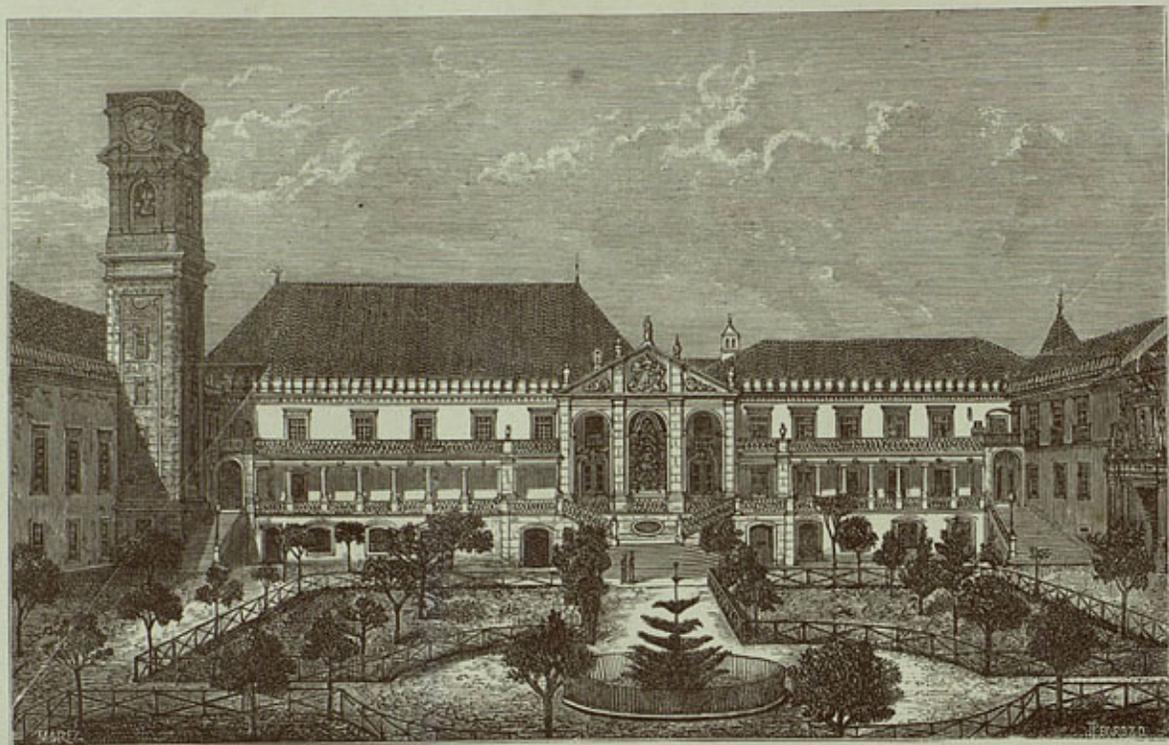
E neste passo entendeu o prudente graciano que a sua obra devia findar.

A retirada do imperador e o desfazer da festa pintou-os elle neste breve traço de elegancia virgiliana:

Tum fugit, ac Eiras quaerit, sua regna, villanus.

J. C. AYRES DE CAMPOS.





Universidade de Coimbra

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.^o

Novembro de 1879

N.^o 11

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A criação d'uma universidade em Coimbra, destinada a illustrar pela cultura das sciencias e letras o reino, que já então se havia assinalado por feitos d'armas gloriosos, é sem duvida o acontecimento de maior interesse social, passado em Portugal, que a historia apresenta no reinado sombrio de D. João III.

Empenhou-se este monarcha em levantar escholas, cujo esplendor sobressahisse como nas celebres universidades de Paris, Bolonha, Oxford e Salamanca; e para realisar tal proposito não só mandou instruir em algumas d'aquellas universidades os mancebos portuguezes, de cujo ingenho muito havia a esperar, mas tambem attraheu para Coimbra os mestres estrangeiros de maior nomeada, que por aquelle tempo professavam nas mesmas universidades.

Para que se possa julgar do zelo ardente com que D. João III exalçava, talvez inconscientemente, o maior padrão de gloria do seu reinado, bastará dizer que, não havendo por então em Coimbra casas de capacidade sufficiente para accommodação das escolas¹, o monarcha por um rasgo de singular hombridade concedeu o regio alcaçar conimbricense para o estabelecimento da universidade.

Os paços reaes tinham largueza bastante para todas as exigencias academicas; careciam porém de nova traça nas divisões internas, para que os prelectores e ouvintes de todas as faculdades se não embaraçassem mutuamente. Dispozeram-se nos aposentos do edificio aulas provisorias e para logo começaram as lições das diversas disciplinas.

A transformação de tão vasta casaria, e sobretudo a de suas dependencias e avenidas, continuou em vida de D. João III e nos

¹ Havia os dous conventos de Sancta Cruz e de S. Francisco, no primeiro dos quaes estiveram por alguns annos tres faculdades; mas numa e noutra casa se accommodavam institutos, cuja indole d'algum modo repugnava ao bulicio e tracto universitario.

dois reinados subsequentes. Prudente reserva fez interromper os trabalhos durante os primeiros annos da dominação hespanhola; por quanto o primeiro Philippe, allegando que herdara de seu tio o reino e as pertenças reaes que n'elle havia, considerou como propriedade sua os paços das eschololas, e mandou intimar a universidade ou para despejar os paços ou para celebrar contracto que lhe assegurasse a posse. Eram evidentes os intuitos de rapacidade do rei castelhano. A universidade, para evitar maior enxovalho, abrandou a avareza do usurpador, dando-lhe doze contos de réis a titulo de compra do edificio. A subtracção dos cofres universitarios de quantia n'aquelle tempo elevadissima, e sobretudo o desalento geral e o receio permanente de inquietações entorpeceram o andamento dos trabalhos. Concluíram-se quatro aulas, como obra de maior necessidade nos principios do seculo decimo setimo, e tudo o mais se foi adiando para dias de melhor ventura.

E com effeito, logo que a famosa restauração de 1640 desafrentou o reino da oppressão hespanhola, proseguiram com actividade os trabalhos de modo que ainda em vida de D. João IV se acabaram as obras de arte da grande sala dos capellos.

Não se recommendam pelo apparatus os melhoramentos effectuados durante os reinados de D. Affonso VI e de D. Pedro II; foram todavia de manifesta utilidade, e obviaram ao acanhamento e accumulacão d'algumas officinas.

Para o reinado de D. João V estavam reservadas edificações de maior dispendio e grandeza; taes foram a majestosa casa da bibliotheca, a torre, e o orgão que hoje ennobrece a capella. E se chegasse a realisar-se o plano de obras que o Marquez de Pombal projectava na universidade, a fachada occidental do pateo, irregular e sem feição alguma architectonica, daria realce imponente á grandeza de todo o edificio.

Finalmente a construcção do observatorio astronomico no ultimo quartel do seculo passado, e a transformacão concluida ha poucos annos, da fachada do collegio de S. Pedro, foram as ultimas obras de importancia, que nivelaram o terrapleno do grande pateo e aformosearam o paço das eschololas.

A nossa gravura representa a frente principal e mais vistosa do edificio universitario. Raro se encontrará nas mais cultas nações da Europa alcaçar de tanta grandeza para o ensino das sciencias. Lisongeiavam-se com isto os brios nacionaes; com mais razão porém se exaltam e ufanam, recordando quanto o venerando instituto da universidade tem concorrido para o adeantamento litterario e scientifico de Portugal.

O SAL COMMUM E SEU EMPREGO COMO ADUBO DAS TERRAS

Tem sido assumpto de interessantes discussões o uso agricola d'esta substancia, merecendo até as honras de questão politica e social, especialmente na França e Inglaterra.

Na tribuna da imprensa e nas camaras legislativas d'estes paizes advogou-se com eloquencia a redução do imposto do sal, e os publicistas e oradores fundaram os seus principaes argumentos não só nos interesses dos contribuintes, que tão extenso consumo fazem d'esta substancia, mas tambem nos interesses da agricultura, que tão imperiosamente exigem grande copia de adubos.

Resumiremos a questão simplesmente ao campo da agricultura, e principiaremos por expôr as duvidas propostas pelos agronomos que condemnam o emprego agricola do sal commum como um prejuizo erroneo, e um paradoxo, tanto em presença dos factos, como á luz da theoria.

O sal marinho foi sempre considerado como um agente esterilizador. Os povos antigos salgavam as terras de seus inimigos para as esterilisar, e a inquisição, em suas iniquas sentenças, não se contentava com os terriveis autos da fé, e empregava o mesmo meio de salgar as terras das victimas.

Os terrenos geralmente mais ingratos e estereis são as terras salgadas, e as charnecas situadas ao longo do litoral de todos os paizes. O vestibulo natural do oceano é sempre representado pelas praias areentas, de aspecto arido, triste e melancolico. Ha uma região intermedia á terra e ao mar, que denuncia a solidão da vasta superficie aquatica, por uma flora rachitica e miseravel. Se não fôra a immobilidade que prende as plantas ao solo em que vivem, de certo fugiam d'esse tyranno indomavel, d'esse halito destruidor que as suffoca e opprime. Parece que as plantas do litoral viram as costas para o mar, e inclinam-se para a terra, como supplicando ao homem protecção contra esse inimigo que as petrifica, e faz de cada arvore um espectro lugubre, como diz Michelet.

Os factos abundam, para demonstrar os resultados infelizes e desastrosos do emprego do sal como adubo das terras. A experiencia fez-se em culturas diversas, e sempre com pessimos effeitos, piorando por muitos annos as condições agricolas dos terrenos. Em um grande estabelecimento de horticultura dos arredores de Londres, ensaiou-se a rega com agua levemente salgada, na dose de 7 partes de sal para 100 de agua, na esperanza de obter effeitos estimulantes na vegetação, e o resultado foi deploravel,

morrendo milhares de plantas viçosas e magnificas. Na Hollanda repetiram-se os ensaios, até no Jardim Botânico d'Amsterdam, e os effeitos foram igualmente perniciosos.

Admittindo que muitas plantas carecem do chlorureto de sodio como alimento indispensavel, como são os vegetaes que vivem em terrenos salgados, não ha necessidade de empregar neste caso semelhante adubo, porque a terra, a agua e a atmosphaera o offerecem em grande quantidade, para satisfazer ás exigencia da vegetação. Os estrumes organicos levam tambem á terra doses sufficientes de sal, que faz parte da sua composição complexa e variada.

É geralmente sabido, que o sal commum é uma substancia antiseptica; por consequencia deve impedir e retardar a putrefacção das materias organicas, paralisando assim a acção dos estrumes, oppondo-se ao desenvolvimento das plantas, e dificultando-lhes a absorpção dos alimentos.

O chlorureto de sodio effloresce á superficie do solo durante o estio, e por suas propriedades hyroscopicas augmenta a humidade no inverno; por consequencia aggrava os defeitos naturaes das terras araveis, que soffrem por aridez no verão, e por excessivamente humidas na estação das chuvas. Por concorrer para augmentar o gráu da humidade no solo durante o inverno, favorece o desenvolvimento de certos animaes, que infestam os campos e são o flagello das culturas, porque prepara as condições mais convenientes para a vida d'esses animaes, que se multiplicam de preferencia em terras humidas.

Experiencias de physiologia têm demonstrado que o sal commum não promove de modo favoravel o crescimento das plantas, como viu Braconot; e os ensaios de chimica agricola, que tanto têm feito progredir nestes ultimos tempos a agricultura, tambem revelam claramente que o sal não é um alimento directo da vegetação, mas influe sempre indirectamente pela acção e presença do carbonato de cal. A reacção d'estes dois saes dá em resultado a dupla decomposição, formando-se o carbonato de soda, e é este o que figura como alimento directo da planta.

Eis em resumo as objecções apresentadas pelos adversarios do sal. Vejamos agora o que dizem os defensores d'este adubo.

Esta substancia foi sempre conhecida e empregada como um verdadeiro estimulante pelos povos da mais remota antiguidade. No Indostão e na China, entre os assyrios e egypcios fez-se sempre uso muito extenso d'este adubo. Em Inglaterra applica-se com vantagem á cultura do trigo, da cevada, das batatas e de forragens leguminosas. Em alguns departamentos de França succede o mesmo. A grande reputação que têm neste paiz os carneiros

nutridos nas regiões do oeste, attribue-se aos pastos salgados pelas nevoas do oceano.

Os famosos *polders* da Hollanda são prados viçosos, onde se criam as mais bellas raças de animaes. A terra d'estes prados é eminentemente salgada, e as plantas que os constituem offerecem aos animaes uma alimentação substancial, estimulante e sadia. Em Portugal ha exemplos semelhantes; taes são os prados da Morraceira na foz do Mondego. Animaes debeis, doentes e magros recuperam a saude e robustez, pastando nestes prados relvosos. Cumpre porém advertir que este exemplo dos prados salgados não prova só a influencia benefica do sal; estes terrenos são pela maior parte depositos de alluvião transportados pelos rios, semelhantes aos deltas, em que abundam preciosos nateiros de detritos organicos, e nestas camadas de materias humosas reside essencialmente a causa principal de sua fertilidade.

Em muitos pontos da França e da Italia é uso antiquissimo empregar o sal, para activar a fructificação das vinhas, das oliveiras e de outras arvores fructiferas. Muitas vezes uma arvore definhada por qualquer molestia, ou por effeito de insectos destruidores, recupera o seu antigo vigor, adubando-se o terreno com sal, ou, ainda melhor, com uma mistura d'este agente com outras substancias mineraes e organicas.

Em muitos paizes é costume regar os montes de estrumes com agua salgada, activando-se assim a fermentação, e conseguindo-se um adubo mais perfeito e mais energico. As nitreiras agricolas, hoje tão usadas, e que constituem um verdadeiro thesouro para os lavradores, tambem não dispensam o emprego do sal commum. As varreduras das praças de peixe e as salmouras são em toda a parte aproveitadas, para fertilisar os campos, empregando-se judiciosamente este meio de mistura com outras substancias mineraes e organicas.

Os residuos de sal *gemma* nas minas da Austria, Polonia e Allemanha tambem são empregados com vantagem para adubo dos campos. As areias do mar e restos de conchas são aproveitadas em Inglaterra, desde longos annos, para formar estrumes compostos, de mistura com outras substancias, e que produzem optimos resultados na cultura dos nabos, batatas e prados. O linho criado em terrenos convenientemente salgados é excellente, e tem sempre mais valor nos mercados como materia textil pela sua maior elasticidade e solidez.

A analyse chimica demonstra que na composição de muitas plantas figura a soda como elemento constituinte essencial, e as curiosas experiencias de Lecoq e Becquerel colheram optimo resultado do emprego do sal como adubo estimulante de certas plantas.

Trehonnais na sua *Revista Agricola de Inglaterra* admite cinco efeitos na acção do sal *commum*: é agente da decomposição dos estrumes; é hygrometrico, concorrendo assim para conservar o conveniente gráu de humidade na terra; é destruidor de muitos animaes damninhos, que são verdadeiras pragas das culturas; é alimento essencial para muitas plantas, e é estimulante energico da vegetação, excitando todas as funcções e especialmente a absorpção.

No condado de Norfolk o uso do sal tem-se propagado d'um modo notavel, dando os melhores resultados na cultura das leguminosas e cereaes, melhorando e augmentando a producção. No bello condado de Leicester também é geral o emprego d'esta substancia, depois que dez annos de experiencias decisivas demonstraram as suas vantagens. Alguns agricultores inglezes affirmam que pelo emprego d'este adubo conseguiram, apenas com a despeza de 2 francos e 50 cent. por hecstar, um augmento de producção em trigo de 5 hectolitros e 85 litros, e em palha de 407 kilogrammas.

Na presença de tantas allegações, formuladas contra e a favor do emprego agricola do sal marinho, que devemos concluir? Tudo depende da dose que empregarmos, e das condições de solo e de clima. Em pequenas doses, e em harmonia com as circumstancias da composição do terreno e da influencia climaterica, o sal é util, e o seu emprego é principalmente vantajoso, misturado com terra calcarea, cinzas, argilla e detritos organicos. É debaixo d'esta fórma de compostos que os inglezes principalmente o empregam.

Não nos devemos admirar d'estes efeitos contradictorios do sal. Os agentes mais activos da fertilidade da terra estão sujeitos á mesma instabilidade. O calor é um estimulo da vida, mas o fogo reduz tudo a cinzas. A agua é o sangue da terra, mas em excesso é o pantano que inficciona e mata. A cal, que tanta influencia exerce na actividade agricola da terra, empregada em quantidades excessivas é um agente esterilizador que arruina e assola os terrenos. Os compostos azotados, que são a fonte mais preciosa da alimentação vegetal, em doses elevadas prejudicam e matam as plantas. Em summa, os melhores adubos, como por exemplo o guano, cujos efeitos beneficos são universalmente reconhecidos, sendo applicados em grande quantidade são prejudiciaes e perigosos. O sal *commum* está no mesmo caso; e o emprego d'este adubo deve fazer-se em pequenas doses, principalmente em climas como o nosso; e o mais prudente é principiar por pequenos ensaios, para evitar funestos resultados e erros perigosos.

J. A. SIMÕES DE CARVALHO.

ESTUDOS SOBRE O DISTRICTO DE COIMBRA

Extractos do relatório apresentado em 28 de fevereiro de 1878 ao actual Governador Civil do Districto de Coimbra, para acompanhar os productos industriaes e agricolas do Districto, destinados á ultima exposição universal de Paris

(Continuado do n.º 10, pagina 157)

Como especimen das notas que acompanharam os diversos objectos enviados á exposição universal de Paris, apresentarei as seguintes:

Concelho de Coimbra. N.º 7 — Direcção das obras do Mondego e barra da Figueira.

Expoz esta Direcção de obras publicas os productos de que vou dar noticia.

Da mata do Choupal apresenta a seguinte exposição:

1.ª Planta geral do Choupal, na escala de 1:2500, com a designação de todas as ruas e serventias da mata, pontes, vales e armazens, e com a indicação de todas as especies florestaes, que formam os macissos ultimamente plantados;

2.ª Vista photographica de uma das principaes ruas da mata;

3.ª Dois exemplares da memoria publicada em 1875 sobre as obras do Mondego e da barra da Figueira, e dois catalogos das plantas florestaes á venda nos viveiros do Mondego;

4.ª Tres frascos com amostras da areia do Mondego, dos nateiros das cheias, e do solo da mata do Choupal;

5.ª Sete frascos com amostras dos seguintes objectos, produzidos no Choupal: milho branco (*zea mays*, L.), cevada (*hordeum hexasticon*, L.), feijão (*phazeolus vulgaris*, L.), tremçoço (*lupinus albus*, L.), aveia (*avena sativa*, L.), bromus (*bromus Scheraderii*), azevem ou ray-grass (*lolium perenne*, L.);

6.ª Tres frascos com fructos de nogueira commum (*juglans regia*, L.), de nogueira preta (*juglans nigra*, L.), e de castanheiro (*castanea vesca*, L.);

7.ª Vinte e tres frascos com cascas de arvores, de applicação industrial; a saber: *Eucalyptos amigdalina*, Labill — *E. engenoides*, Sieb — *E. falcata*, Thuz — *E. globulus*, Labill — *E. obliqua*, L'Her — *E. piperita*, Smith — *E. resinifera*, Smith — *E. Risdonii* — *E. robusta*, Smith — *E. sp. White-gum* — *E. stricta*, Sieb — *E. Stewartiana*, F. de Muel — *E. viminalis*, Labill — *Betula alba*, L. — *Juglans nigra*, L. — *Juglans regia*, L. — *Quercus cocci-*

fera, L.—Q. illex, L.—Q. Lusitanica, Brot—Q. robur, L.—Q. suber, L.—Salix alba, L.—Salix atro-cinerea, Brot;

8.^a Trinta e duas amostras de madeiras, criadas no Choupal, cortadas em fôrma de cunha, deixando ver a casca da arvore, e com uma das faces polida e envernizada, e pertencentes ás seguintes especies: Acer negundo, L. (páu ferro), Acer pseudo-platanus, L. (bórdo), Acacia dealbata, Link, Ailanthus glandulosa, Desf. (falso verniz do Japão), Alnus glutinosa, Gaertn (amieira), Betula alba, L. (vidoeiro), Broussonetia papyrifera, Vent. (amoreira do papel), Eucalyptus globulus, Labill—E. obliqua, L'Her—E. resinifera, Smith—E. robusta, Smith—E. spec. Whitegum—E. stricta, Sieb—E. viminalis, Labill—Fraxinus exeltior, L. (freixo), Gleditschia triacanthos, Mill (espinheiro), Juglans nigra L. (nogueira preta), Juglans regia, L. (nogueira commum), Morus alba, L. (amoreira branca), Laurus nobilis, L. (loureiro), Pinus pinaster, Soland (pinheiro), Populus alba, L. (faia), Populus pyramidalis, Rozier (alamo), Populus tremula (choupo commum), Melia azedarach, L. (cicomoro), Robinia pseudo-acacia, L. (falsa acacia), Robinia pseudo-acacia, var viscosa, Vent, Sambucus nigra, L. (sabugueiro), Salix alba, L. (salgueiro branco), Salix atro-cinerea, Brot. (salgueiro preto), Salix Babilonica, L. (chorão), Platanus orientalis, L. (platanu).

Esta collecção era acompanhada de um mappa descriptivo de todas as especies florestaes e numero de arvores plantadas nos ultimos dez annos na mata do Choupal, e com os esclarecimentos que vou transcrever:

«A mata nacional do Choupal mede pouco mais de 100 hectares, e é administrada pela direcção das obras do Mondego e barra da Figueira. Occupa esta mata o antigo alveo e areaes do Mondego, depois que, por alvará de 28 de março de 1791, se resolveu dar-se novo encanamento a este rio. Aquelles areaes, convenientemente plantados e arborizados, foram colmatados e enateirados pelos sedimentos das cheias, e formam hoje a denominada mata do Choupal.»

«Nos frascos n.^{os} 5, 6 e 7 exibem-se amostras das areias do Mondego, dos nateiros das cheias, e do solo da mata.»

«É submergida esta mata nas cheias do inverno e durante o verão tem sempre, entre 2^m e 3^m abaixo do solo, um abundantissimo lençol de agua. Da submersão nas inundações do inverno, e da facil irrigação no estio, tiram as terras a sua excessiva fertilidade.»

«É cortada em diversos sentidos por muitos valleiros, ou *sangradores*, por onde se descarregam as aguas das cheias, que o rio não pôde conter, e que vão submergir e fertilisar os

campos denominados de Coimbra, que demoram ao norte do Mondego.»

«Funciona pois o Choupal e o seu extenso pedrado marginal (*deversoir*), como o grande regulador das cheias d'este rio, a jusante de Coimbra.»

«É esta mata atravessada por caminhos e ruas, que medem já em extensão 11.872^m,50, e que além de estabelecerem as precisas communicações da mata, estão traçados e construidos de fórma a servirem, pela maior parte, de diques transversaes de colmatagem.»

«A planta n.º 1 indica a disposição, a configuração da mata, e a distribuição das plantações. A vista photographica, n.º 2, representa uma das ruas do Choupal.»

«Nos ultimos dez annos tem-se introduzido nesta mata grande numero de novas especies florestaes, constando do mappa juncto a quantidade e a natureza das plantações modernamente feitas no Choupal, que ascendem á cifra de 638.415, sendo 1.330 coníferas, 10.565 folhosas de folha permanente, e 626.520 folhosas de folha caduca. As amostras de madeiras, de n.º 41 a n.º 72, são todas provenientes do Choupal, contando as mais antigas d'aquellas arvores, oito annos, com excepção das amostras n.ºs 42, 55, 60, 61, 63, 64, 68, 69, 70 e 71, que são mais velhas.»

«Em quanto o desenvolvimento das arvores não é muito consideravel, são agricultados os terrenos, arrendando-se em hasta publica, em pequenas parcelas, ou *camalhões*, aonde se criam optimas hortas, forragens e cereaes. Esta cultura practica-se em uma pequena parte da mata, achando-se a restante ainda por explorar. As amostras contidas nos frascos com os n.ºs 8 a 14 foram produzidas no Choupal. A producção é muito rica, sendo o rendimento do milho de 20 sementes, ou de 5000^l por hectare. As forragens mais vantajosamente usadas nestes terrenos, não só pela sua qualidade e rendimento, mas por melhor fixarem as terras de fórma a resistirem ás cheias, são as das amostras 13 e 14 (*bromus* e *azevem*).»

«As amostras de cascas de arvores, com applicação industrial, designadas com os n.ºs 18 a 40, são todas extrahidas de arvores do Choupal. Uma identica collecção foi premiada na exposiçáo universal de Philadelphia.»

«Os fructos, cujas amostras têm os n.ºs 15, 16 e 17 foram criados no Choupal, em arvores que não contam mais de oito annos de idade.»

«Ha tambem na mata um bom pomar de laranja, contando 1.214 pés d'esta utilissima arvore, e grande numero de ruas e

caminhos são bordados por sebes vivas de amoreiras, das especies mais apreciadas, com cuja folha podem sustentar-se annualmente mais de 300.000 bichos de sêda.»

«Para o costeamento e melhoramento d'esta mata não concorre o Estado com subsidio algum, encontrando sómente recursos nos seus rendimentos proprios. Da venda de madeiras de construcção (choupos), de madeiras para marceneria (choupos, amieiras, acacias, etc.), de salgueiros pretos para arcos de pipas e brancos para palitos (industria de grande valor neste districto), da renda das terras para cultura, da venda de fructas (nozes e laranjas), e da venda das plantas de viveiros, tira a mata o seu rendimento, que orça por 4:000,5000 réis annuaes, e que ha dez annos não passava de 500,5000 réis.»

«A criação dos viveiros florestaes nesta localidade tem prestado grandissimos serviços, já facultando aos sylvicultores boas e escolhidas especies florestaes por modico preço, já fornecendo gratuitamente grande numero de arvores, tanto para arborisação de estradas por conta do Estado, como de diversas camaras municipaes e juntas de parochia para arborisação dos seus baldios. Do catalogo, sob o n.º 4, conhece-se a variedade e sortimento d'estes viveiros, donde sahem plantas para todo o paiz e para Hespanha.»

«Como massa florestal não é de grande importancia a mata do Choupal; mas é muito consideravel, já como aproveitamento de areas improductivos, transformados pela colmatagem em terrenos agricultaveis, já pelo papel que é destinada a representar no estabelecimento do bom regimen do Mondego, já finalmente, por ter sido um terreno insalubre e inaproveitavel, que foi convertido em sitio muito aprazivel e frequentado.»

.....
A esta soffrivel collecção, que seria muito mais completa se houvesse podido dispôr-se de mais tempo, juncta a direcção das obras do Mondego outros artigos, que vou enunciar:

1.º Planta de uma marinha completa, cujo desenho me foi obsequiosamente confiado pelo sr. dr. Antonio Lopes Guimarães Pedrosa;

2.º Quatro amostras de *sal de espuma* (sal muito branco e fino), sal commum, sal grosso (um pouco mais graúdo de que o antecedente), e sal amarello;

3.º Colleção das alfaias e ferramentas usadas neste fabrico, e que constam de dez peças — *tamanca*, destinada a abrir os caneiros das salinas; *fôrma*, para *correr as marachas*; *raspinhadeira*, para *raspinhar* as praias; *pá de moirar por baixo* para tapar os moiradores; *pá de moirar por cima* que tem o mesmo emprego

da primeira; *pá de malhadar* que serve para tirar a lama das *carreiras*; *galho* para *rer* os talhos; *pinhos* para remover o sal, usando-se de um em cada mão; *vertedor*, pá de tirar a agua dos barcos.

Esta collecção torna-se curiosa pela fórma simples e quasi primitiva das alfaias, que, em numero de dez, custam sómente 4,5600 réis.

Expoz mais a Direcção quatro garrafas de oleo de peixe, sendo duas de oleo extrahido das sardinhas, e outras duas de todo o peixe estragado, e dos intestinos d'aquelle que é destinado á salga. Este oleo fabrica-se nos palheiros da Cova de Buarcos, em quantidade superior a 10.000^l por anno, que se vendem ao preço de 120 réis cada litro.

É muito vantajosamente empregado na conservação das madeiras, usando-se na pintura em substituição do oleo de linhaça.

Expoz ainda a Direcção duas *palhoças* ou capas de palha; dois cestos de junco ou *côfos*; e duas esteiras de bunho, tudo fabricado em Lares. São muito commodas aquellas capas, muito quentes, impenetraveis á agua, e geralmente usadas pela gente do campo. O seu custo regula por 360 réis cada uma.

Expoz, finalmente, esta Direcção uma soffrivel collecção de pedras de construcção, composta de 140 exemplares, provenientes dos concelhos de Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Monte-mór, Oliveira do Hospital, Penella, Penacova, Poiares e Soure, com indicações relativas á sua densidade, riqueza das respectivas pedreiras, espessura dos bancos, distancias dos jazigos ás estradas ordinarias, estações do caminho de ferro e porto da Figueira, e condições e custo da exploração.

Cada uma d'estas amostras consiste em um cubo de 0^m,10 de lado, apresentando diversos apparatus nas faces, sendo uma polida, naquellas em que isso era possivel.

Apezar de incompleta, é já muito interessante esta collecção, que encerra 58 amostras de marmores diversos, 27 de cantaria, 28 de pedra para alvenaria e para cal, 3 de pedra lithographica, 16 de grés, e 8 de granitos. Os marmores foram uma perfeita revelação para muita gente. Tanto pela finura do grão, como pela belleza e variedade das côres, alguns marmores são muito notaveis, especialmente os dos concelhos de Penella, de Soure, da Figueira, de Condeixa e de Penacova.

Os grés, principalmente os de Poiares, são muito apreciaveis, podendo algumas pedreiras dar pedras de grandissimas dimensões, e permittindo um apparatus muito fino.

Não foi possivel acompanhar esta collecção com a das caes do districto, que tambem é muito grande e variada.

Pela terceira vez manda esta Direcção amostras de materiaes de construcção a uma exposição universal. Á de Vienna d'Austria enviou 32 amostras de pedras; á de Philadelphia 72; a esta manda 140. Em ambas aquellas exposições obteve premio pelos seus marmores.

ADOLPHO LOUREIRO.

A VIAÇÃO PUBLICA

A industria dos transportes é a mais importante da vida social; é a base primordial, de que dependem todos os outros ramos de producção. É para a riqueza das nações o que o calor e a luz são para a vida das plantas. É para o corpo social o que a circulação do sangue é para os animaes. Se o gráu de perfeição zoológica se pôde avaliar pelo desenvolvimento e complicação do systema arterial e venoso, a riqueza e civilisação d'um paiz tambem se podem apreciar pelo estado de communicações terrestres e aquaticas.

Todos hoje reconhecem que a livre circulação dos productos é a vida da industria, e que as estradas, canaes e caminhos de ferro são o apparelho essencial d'essa circulação. Sem bons meios de viação não ha culturas nem artes florescentes, não ha commercio, nem confortos da vida, não ha verdadeira acção governativa nem vigoroso espirito publico; finalmente, sem estes poderosos meios de movimento e diffusão não se exerce plena e energeticamente nenhuma das funcções vitaes do corpo social.

Nada mais fatal para a prosperidade d'um paiz do que as poucas e más estradas. A falta d'um bom systema de communicações pôde duplicar e até quadruplicar o preço dos generos, sem que o productor e consumidor utilisem com esse excesso; augmenta o preço do trabalho, sem que o operario e proprietario lucrem com isso; exaggera o preço de transporte com grave damno do productor e consumidor. É uma perda geral para toda a sociedade.

Os meios de communicação são ainda uma condição essencial para o bom regimen politico e social, e uma segura garantia para a liberdade. Talvez pareça exaggerado estabelecer tão intima relação entre o estado moral d'um paiz e o seu estado material; mas note-se que o desenvolvimento moral do homem é subordinado a condições de ordem physica, e que as instituições que mais asseguram o progresso da sociedade não podem funcionar sem os orgãos e instrumentos materiaes. Um bom systema de viação

é o aparelho essencial para dar vida e movimento a todo o machinismo social.

Todas as nações que possuem os mais amplos e melhores meios de transporte e de locomoção são os paizes mais ricos, mais felizes e mais civilizados. A Inglaterra, os Estados-Unidos da America, a França, a Allemanha, a Belgica e a Hollanda podem servir de exemplo. É nestes povos onde mais florescem as sciencias, as artes e todos os ramos de riqueza publica. Nestes paizes a prosperidade do commercio e da industria e todos os esplendores da civilisação são consequencia necessaria d'um bom systema de circulação e de permutação.

Que contraste frisante offerecem algumas nações vizinhas! Confronte-se o estado das republicas da America do sul com o da grande federação da America do norte. As primeiras quizeram imitar a constituição e codigo politico da segunda, mas não aprenderam o amor do trabalho, a intelligencia, a perseverança, a sagacidade e genio emprehendedor, que são as qualidades caracteristicas mais preciosas que têm contribuido para fazer dos Estados-Unidos uma grande e admiravel nação. Talvez que uma das causas, que mais têm contribuido para o máo exito das tentativas liberaes das antigas colonias hespanholas e para as terriveis luctas e interminaveis revoluções que as têm flagellado, seja o desleixo imperdoavel dos governos e dos povos a respeito da viação publica. É tal a incuria neste ponto, que é frequente ver nestas regiões formosas, tão ricas de gados, o transporte dos productos mais pesados feito ás costas do homem; por esta fórma são conduzidas das montanhas para as cidades e portos de mar as madeiras de construcção e as lenhas para combustivel, e pelo mesmo modo se transportam familias em longas viagens—reduzindo o homem ás tristes condições de animal de carga. Em grande parte da Russia, da China, da India e da Africa succede a mesma cousa.

Para avaliar a immensa importancia da industria dos transportes basta reflectir que os productos de maior consumo procedem das mais remotas regiões, e percorrem milhares de kilometros até chegarem ao seu destino. Todos os ramos de producção dependem d'esta industria primordial e fundamental. É o serviço que mais tempo e mais trabalho custa ao homem. Tudo o que tende a melhorar-a aproveita a todas as industrias. Aperfeiçoar os meios de locomoção é por tanto dotar d'um immenso beneficio o genero humano.

Uma actividade incessante agita o homem, e imprime a tudo que o cerca um movimento continuo, vivendo assim em perpetua mobilidade. O repouso repugna á natureza humana, sempre insaciavel em descobrir novos horizontes, sempre avida de percorrer

extranhos climas e de visitar remotos paizes. A lei fatal da emigração não tem outra origem. É uma febre congenita, uma se-cção moral, que domina de modo implacavel o individuo e a sociedade.

Os elementos dos seus gozos, de suas commodidades e das necessidades mais impreteriveis da vida, vai o homem buscal-os a todas as regiões, a todos os continentes, a todas as ilhas e a todos os mares.

Consideremos os actos habituaes do regimen alimentar, e vejamos o consumo e origem dos principaes generos que todos os dias figuram na mesa de jantar d'uma familia abastada. Gados nutridos em prados bem distantes produziram a carne substancial e succulenta. O vinho atravessa muitos mercados, desde as adegas dos vicultores até á recondita frasqueira. O azeite provém do fructo, que amadurece pela influencia do sol ardente dos paizes meridionaes. O peixe ainda hontem vivia em liberdade nos abysmos do oceano. O sal foi extrahido egualmente das aguas do mar. As aromaticas especiarias vieram da Asia, Africa e America. O assucar e o café percorreram milhares de leguas desde a America até á mesa do homem abastado.

Da mesma fórma as mais longinquoas regiões contribuem para o vestuario do mais modesto cidadão. A roupa branca que nos cobre o corpo, ou seja algodão ou linho, vem da America, da India, do Egypto e da Russia. A lã ou é produzida nas montanhas mais elevadas do paiz, ou é importada de regiões remotas, e até dos povos antipodas da Australia. A sêda vem da Italia, da India, e d'outros paizes privilegiados, onde pôde viver e prosperar o industrioso insecto que a fabrica.

Estas considerações e estes exemplos mostram claramente qual é a importancia do serviço de transporte nas sociedades modernas, e a influencia que os meios aperfeiçoados de communicação devem exercer sobre a grandeza e prosperidade das nações, sobre as relações amigaveis dos povos, sobre a fusão de interesses de raças diversas, e por consequencia sobre a paz universal.

A actividade do trabalho, a vida dos campos, o movimento das cidades, a facilidade e certeza do consumo, a diffusão das luzes da sciencia, a economia das forças e do tempo, tudo depende da viação publica. Mas não é só isto. Este poderoso agente exerce tambem immensa influencia na acção governativa, nas condições politicas das nações, no equilibrio dos estados, na paz e na guerra.

(Continúa)

J. A. SIMÕES DE CARVALHO.

AO ANNIVERSARIO NATALICIO

DA EX.^{ma} SENHORA**D. ANNA CANDIDA DA FONSECA BRAGA**

Rolam na immensidade azul, profunda e vasta
 Globos de etherea luz — una luz calma e casta,
 Que põe nos corações uma harmonia sancta.
 Então é tudo triste: o rouxinol não canta
 Uma canção d'amor, alegre e perfumada;
 A brisa não murmura uma doce toada
 Nas franças do pinheiro; uma fraca harmonia
 Anda errante no ar, e tem da cotovia
 A voz tristonha: — emfim, tudo que vive e existe
 Se acurva a um lethargo inconsciente e triste.
 — É um dia de agosto a que faltasse o sol. —
 Subito tudo vive: — alegre, o rouxinol
 Desprende uma canção; na sua voz festiva
 Ha tons d'uma alegria amante, inquieta, viva;
 A brisa perfumada em lyrios e nas rosas
 Tange na flebil harpa umas toadas formosas.
 Desponta a lua agora — o sol sereno e brando
 D'esta noite d'amor. No céu, de quando em quando,
 Perpassa um meteoro. Agora vive tudo...
 O céu, a terra, o mar, mesmo o silencio mudo.
 E bastou, para tanto, o despontar da lua...

.....
 Senhora! Assim tambem, quando a meiguice tua
 Nos cobre maternal. — Por isso, n'este dia,
 Reina em noss'alma o amor castissimo e a alegria!...

.....
 — Que uma amizade infinda, uma amizade immensa,
 Pura como a virtude, e sancta como a crença,
 Continúe a abraçar n'um só elo, Senhora,
 As filhinhas e a mãe — a mãe e a professora! —

Offerece

Albertina da Silva Corrêa de Lacerda.

IGNACIA D'ALMEIDA

Esculptora em barro e cêra

Nasceu Ignacia d'Almeida na cidade de Lisboa. Era filha de Luiz da Costa, pintor mui distincto, nascido tambem na mesma cidade pelos annos de 1509, e que traduziu do italiano, de Alberto Durer, quatro livros com o titulo de — *Symetria do corpo humano*, com o quinto escripto por Paulo Galario Saludino.

Esta artista obteve no reinado do senhor D. João III grande celebridade, sendo classificada pelos escriptores d'aquella epocha como a mais perfeita em obra de barro e cêra. As imagens que ella executou eram de uma belleza extrema.

Os filhos de Ignacio de Loyola entraram em Portugal em 1540: aos padres Francisco Xavier e Simão Rodrigues se junctaram muitos nobres professando o instituto jesuitico. Os poucos hospedes do Hospital Real de Todos os Sanctos dentro em pouco acharam-se em numero sufficiente para fundarem casas por diversas terras do reino, graças á protecção desvelada do monarcha portuguez, o senhor D. João III, que os tinha mandado vir de Roma *ainda antes do instituto de Loyola ter sido confirmado pelo Pontifice*.

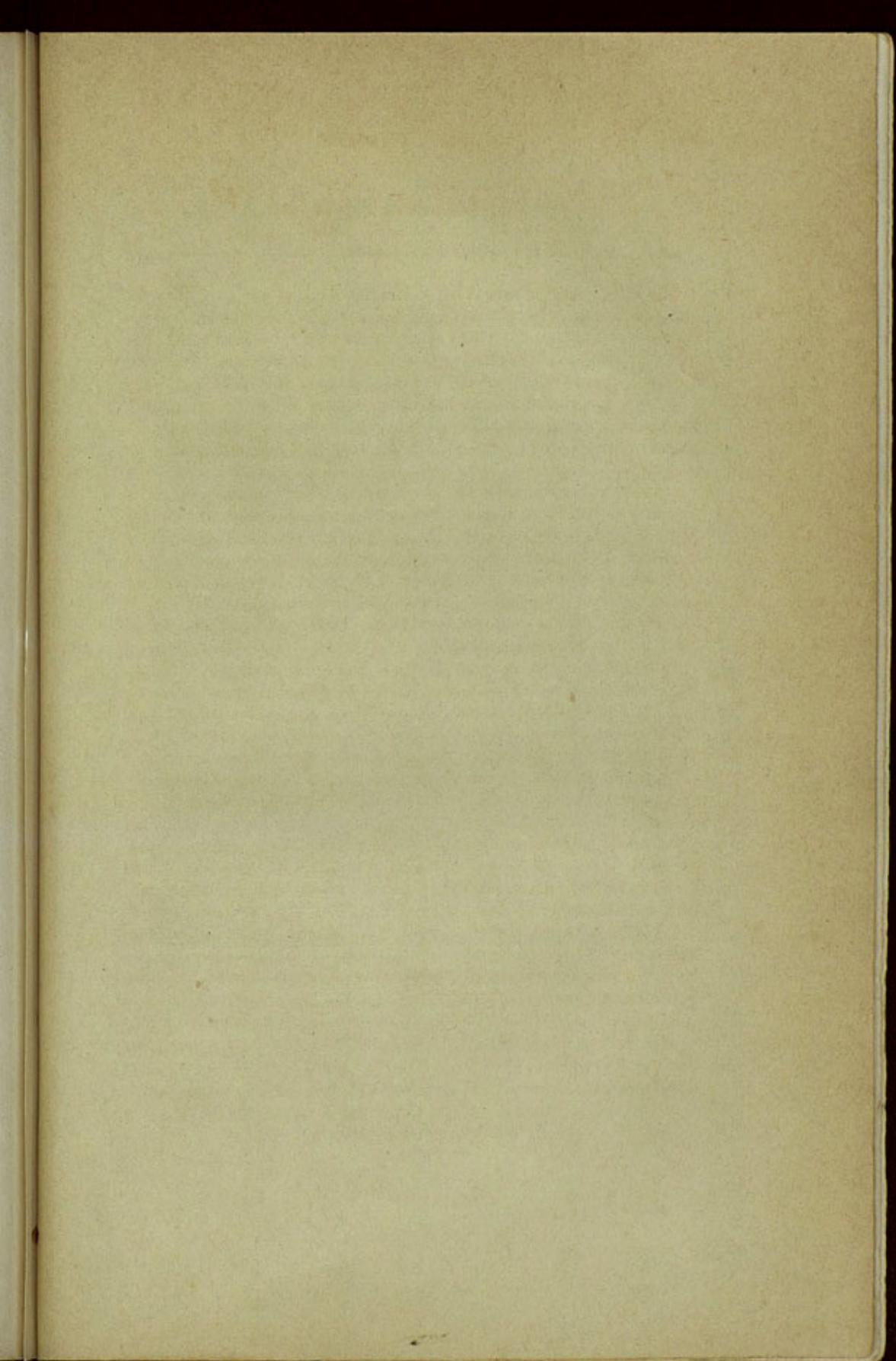
O padre Ignacio de Mascarenhas, irmão do conde de Obidos, D. Vasco de Mascarenhas, vestindo a roupeta da Companhia de Jesus, e visitando no estrangeiro todas as casas do seu instituto, recolheu-se ao reino, e, á semilhança do que nellas vira, instituiu na casa professa de S. Roque em Lisboa a confraria de *Nossa Senhora da Boa-Morte*, confraria que não tardou em se ramificar pelas outras casas jesuiticas de Portugal e seus dominios.

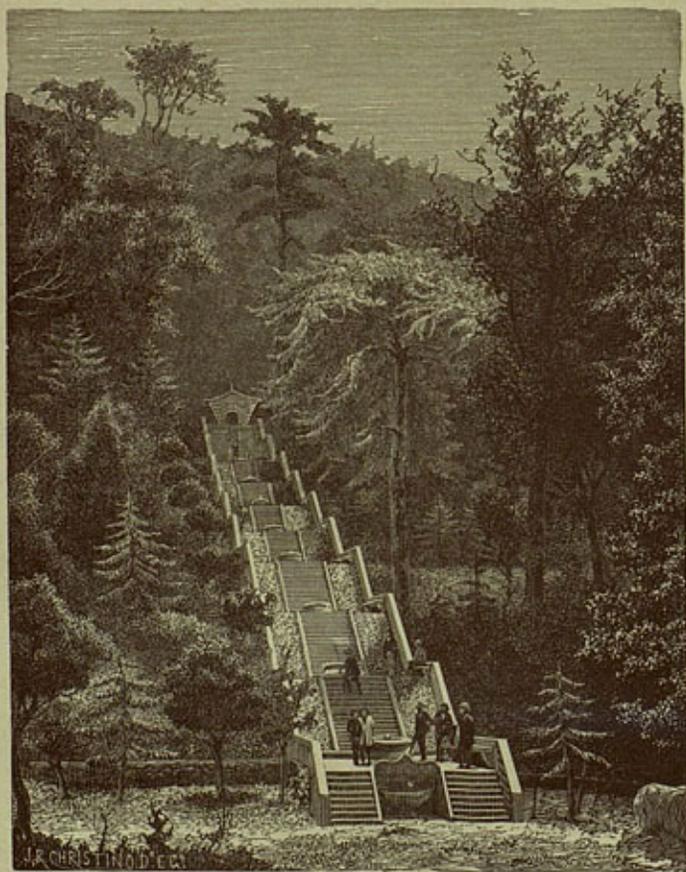
Corria fama naquella epocha a perfeição das obras produzidas pela artista lisbonense, Ignacia d'Almeida, e o padre Ignacio Mascarenhas a convidou para executar em cêra a imagem de *Nossa Senhora da Boa-Morte* para a igreja de S. Roque. Depois lhe foram tambem encommendadas as que se acham em Evora e Coimbra.

Na sé cathedral d'esta cidade, antiga igreja dos padres jesuitas, existem duas imagens da *Senhora da Boa-Morte*, a do altar do cruzeiro ou da Assumpção, e a que em um rico tumulo se expõe á veneração dos fieis na segunda dominga de agosto, e que se guarda durante o anno na capella da casa capitular.

Não sabemos a qual d'estas duas imagens de cêra devamos dar a preferencia, pois as achamos ambas de perfeitissima e admiravel esculptura.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.





BUSSACO—Fonte Fria.

PORTUGAL PITTORESCO

Vol. 1.º

Dezembro de 1879

N.º 12

O BUSSACO

«Buçaco, ou Bussaco é uma famosa serra de Portugal, tres leguas da cidade de Coimbra, para a banda do norte, á vista da estrada real, que vai para o Porto, defronte do logar da Mealhada.»

«Começa a famosa serra perto do Mondego, para cima da villa de Pena Cova, e no lado d'ella edificaram os Padres Carmelitas Descalços o seu celebre deserto.»

Esta é a situação, que o sabio Theatino Bluteau em seu Vocabulario assigna ao famigerado deserto hoje tão frequentado. Do instituto asperrimo nelle outr'ora professado nos deixou particular noticia o padre Manuel Bernardes na sua *Nova Floresta*.

Duarte Ribeiro de Macedo, encarecendo a alteza de tal instituto, convida-nos a admirar no deserto do Bussaco a *mysteriosa copia do Carmello deduzida*:

*Alli verás n'aquella selva umbrosa
O estado melhor da humana vida;
Alli a contemplação vive escondida,
Alli móra a esperança venturosa.*

Obras Metricas, pag. 269.

Celebrou, tambem, a sanctidade dos anacoretas, e as innocentes delicias d'este frondoso sanctuario, a illustre poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda.

Sem embargo de haver sido cantado e celebrado por doudas pennas, era, ainda assim, mal conhecido, ou de raros conhecido, o convento do Bussaco, em quanto o habitaram os Carmelitas Descalços.

Arremessou-se em 1834 o tufão revolucionario contra o asylo sagrado; dispersou os filhos do deserto; e foram suas mansões immediatamente devassadas.

Rasgou-se o véo, que envolvia a montanha solitaria; penetraram olhos profanos em seus mais reconditos recessos; a todos ficou patente a *lavra* famosa, como a denominou Bernardes.

Correu-se como á porfia ao Bussaco; todos o quizeram contemplar de perto; lograr o abrigo de suas bastas sombras, a frescura de suas crystallinas aguas, na estação calmosa.

Para uns era o Bussaco monumento de recordações piedosas; fallava-lhes de amor de Deus, de paz e caridade; parecia-lhes que resoavam ainda nas abobadas do sanctuario os canticos dos anacoretas, celebrando as maravilhas e grandezas do Senhor.

Para outros, amadores das bellezas da natureza, era o Bussaco uma estancia amenissima pela salubridade dos ares, pureza das aguas, multiplicidade e majestade de suas arvores collossaes.

Commemorava a todos um acontecimento glorioso nos fastos da historia patria; porque juncto dos muros do humilde cenobio feriu-se uma grande batalha, precursora d'outras, que trouxeram a liberdade a Portugal, que o maior capitão do seculo pretendera conquistar.

Pela estampa do n.º 7 já conhecem os leitores um dos lanços da formosa avenida, que da portaria principal da matta segue para o convento, e pelas do n.º 9 a portaria principal da matta e o mosteiro.

A d'este numero representa a *Fonte Fria*.

R. DE G.

REVELAÇÃO

Contaram-me que tu, doce criança,
Que tens no vago olhar intelligente
Toda a alegria d'uma pomba mansa
Que vóa docemente,

Lendo não sei que linhas que eu rimára
— Pobres versos, simplissimos, banaes,
Onde puz toda a ingenuidade rara
Dos velhos madrigaes,

Balbuciando as syllabas a medo,
Disseste: — Quem me déra a mim saber
O fio conductor d'este segredo,
Um nome de mulher!

E *alguem* disse do lado:— Isso poetas
São todos hoje em dia prosa. Deus,
Deixando neste mundo as Julietas,
Levou-lhes os Romeus.

E tu emmudeceste de assustada,
Como, vendo uma immensa nuvem negra,
Desmaia a canção limpida esmaltada
A doce toutinegra...

No me contaram mais, nem me consome
A ancia de saber mais, porque emfim
Já conheço que sabes qual é o nome
Que eu trago dentro em mim.

Lisboa, 1879.

JOAQUIM DE ARAUJO.

PRIMEIRO AMOR

(A Joaquim de Araujo)

Ó Mãe de minha mãe!
Explica-me o segredo,
Que mesmo a Deus, sem medo,
Não ia confessar.
Aquelle seu olhar...
Persegue-me, e receio...
Presinto no meu seio
Erguer-se-me outro altar!

Eu em o vendo aspiro
Um ar mais puro, e tremo...
Não sei que abysmo temo
Ou que ineffavel bem!
Oh! e como eu suspiro
Em extase o seu nome...
Que enigma me consome,
Ó Mãe de minha mãe!?

Lisboa, 1879.

JOÃO DE DEUS.

*

DOIS LEÕES

(conto da infancia)

—Vamos a fazer-te a vontade, minha pequenina e caprichosa irmã. Contar-te-hei um conto muito bonito dos que te fazem scismar; mas promette-me que estarás quietinha, sentada no teu *fauteuil* como a tua boneca allemã, com o proposito de uma senhora; promette-me que deixarás jogar o papá com os velhos amigos encanecidos do nosso serão, e não irás puxar pelos vestidos da maman, quando ella estiver juncto do fogão e toda abafada na sua pelissa, lendo os velhos romances de Scott, recordações de um tempo que não poderá voltar para ella.

Abre o teu atlasinho colorido, na carta da Africa, ahi mesmo onde diz: *Arabia*. Vês? Ha no meio d'esse paiz um deserto, sem arvores, sem rios e sem rochedos. É todo tapizado de areia fina, tão fina que é impalpavel. Quando sopra o vento, toda a superficie lisa se enrugaa, e a grande aridez sem fim offerece o aspecto de um gigante animal, que respira dormindo na poderosa tranquillidade dos seres desconformes e invenciveis. É um oceano de areia. Como o Pacifico, elle tem a mansidão spasmodica, o brilho caustico quando o sol incide com pequena obliquidade no seu dorso, a colera convulsa quando o *simoun* lhe esbofeteia a face com a sua aza funesta. De noite, como o Pacifico, elle tem murmurios e gorgeios, legendas e lagrimas. Às vezes, nas *calmarias*, dorme cançado, cheio de irradiações candentes. Às vezes apruma-se contra os céos, sepultando no seu turbilhão as pobres caravanas que o atravessam. O pulso lateja-lhe, a guela escancara-se e traga sem piedade o caminhante. A sua alma é o vento. Sem o vento elle dorme, sonhando chimeras talvez.

A leste, depois de muito caminhar depara-se-nos um macisso de arvores, e sobre elle duas palmeiras seculares curvam a sua coma desolada aos beijos da viração. Sob as palmas ha um poço redondo, muito largo, coberto de uma abobada de tijolo. Uma escada de granito desce, caracolando, até ao fundo. Os arabes que conseguem chegar alli têm a certeza de que attingirão o termo da jornada, porque o perigo passou, e agradecem ao seu deus. D'esse *bouquet* de verdura, engravado como uma homenagem de saudade, pela mão da Providencia, aos pés do grande tumulto silencioso e sem fim das caravanas, d'esse *bouquet* de verdura descobrem-se ao longe tres montanhas conicas, isoladas e nugas: em cada uma ha uma casa branca, quadrada, com altos minaretes esguios, como albatrozes famintos que estendem o pescoço á busca

de uma presa. Do poço a qualquer das casas ha leguas e leguas. Como a planicie é perfeitamente horizontal, aquella distancia parece relativamente pequena. Mas se caminhamos, o areal desdobra-se, eternisa-se, cança-nos, secca-nos, e impiedosamente nos mata, sem uma consolação, sem uma lagrima, sem um fructo, sem uma sombra, sem uma frescura.

D'uma vez, os arabes abandonaram alli uma pobre mulher com o seu filhinho. Ella quiz resistir; que ao menos lhe levassem a criança, que a salvassem de uma morte afflictiva. Ninguem a quiz ouvir. Ao anoitecer abalaram nos seus camellos; ella chorou constantemente, quiz segui-los: castigaram-na com açoites, puxaram-lhe pelos cabellos, feriram-lhe as espaldas de chibatadas. O pequenino dormia, todo embrulhado nos seus andrajos. Era lindo como um anjo; não fazes idéa, minha irmansinha: lindo como o menino Jesus do Presepe que tanto cubiças á avó. A mãe então foi gritando pelo deserto, sem saber o que dizia e sem saber para onde caminhar. A sua voz nem tinha echo. A noite era escura; as estrellas enormes davam crepusculos phantasticos; havia um repouso absoluto e colossal. Voltou para juncto da criança. Já não tinha soluços nem lagrimas: que seria d'ella, alli?...

Fóra de horas, pareceu-lhe sentir um sussurro vago, como d'uma serra que trabalha. Depois, quando ia a tomar o pequenino ao seio, sentiu um rugido desconforme, prolongado, poderoso, sahido de uma guela san: percebeu tudo. Era um leão que tinha fome. Agarrou na criança cautelosamente, desceu ao fundo do poço para escondel-a. E cheia de coragem voltou acima, adeantou-se heroicamente nas trevas, com os braços estendidos, a entregar-se á fera. Sentia partirem-se as ramas dos dragoeiros sob as patas do esfaimado; um cheiro nauseabundo espalhava-se no ar. De repente estoirou outro rugido, ouviu-se o agitar dos troncos e das folhas espalmadas das gommeiras bravas; alguma cousa agarrou a desgraçada, premiu-a, fazendo-lhe estalar os ossos. No outro dia de manhã, o pequenino acordou no fundo do poço quasi secco, num buraco lateral, cavado no empedramento. Abriu os olhos na meia luz do antro: deante d'elle luziam duas lanternas phosphorescentes, fixas, de um grande brilho cruel. Estendeu o bracinho para aquillo. As luzernas não se deslocaram. Depois, uma lingua enorme, musculosa, como enrugada de pequenos espinhos, entrou a lamber o braço do pequeno, de manso, com todo o cuidado. O impulso, apezar de leve, desviara o pequenino para fóra do alcance da lingua desconhecida. Então as duas lanternas adeantaram-se um pouco; uma pata puxou devagarinho a criança para si; a mesma lingua recomeçou o seu trabalho. A criancinha sentara-se toda alegre do brinquedo, fazia caricias ao seu amigo, puxava-lhe os

grandes cabellos fulvos da juba. Era o leão. O pequeno sahio do antro, viu a escada e começou a subil-a. Mas o granito estava muito gasto, cheio de depressões, escorregadio dos limos. Sem querer, o pequeno escorregou nos degraus, foi rolando até ao fim da escada, aos gritos, todo escalavrado da quéda. Viu o leão erguer-se majestosamente, vir direito a elle com o seu passo solemne de rei, tomal-o pelos andrajos, sem lhe beliscar a carne.

Em seguida o animal soltou um pulo, outro, outro; no fim de quatro ou cinco, depunha o rapazito no chão do oasis viridente. A sua formidável cauda fazia ondulações caprichosas no ar; lambia os grandes labios, ensanguentados na vespera; o olhar era doce, claro, de uma transparencia de ambar. A juba amarella, encarrissada, formidável, dava um grande porte altivo á sua cabeça imperial e soberba. Deitou-se ao pé do pequeno, para lambar-lhe as feridas. Com as patas amparava-lhe a cabeça. Fazia um *rhum-rhum* amigo e acariciador.

De repente ouviu alguma cousa. Com um salto chegou ao machisso de arvoredo, as orelhas fitas, o olho faiscante, a larga cauda desenrolada como um azorrague terrível. O pequenito fôra tambem para juncto do seu protector, levado pela curiosidade: olhavam. Mas derribou-o o leão com um pulo. Uma descarga ribombara perto, varando mortalmente o grande rei da selva.

D'alli a pouco chegava outra caravana; e esta mais compassiva que a primeira, depois de sepultar os restos da triste mulher devorada, levou comsigo a criança, que ainda hoje vive no Cairo.

— Está bom, disse minha irmã, que escutara muito attenta desde o começo da narrativa. Para que matar, o bom leão que tractou tão bem o pobre pequenino? É cruel; não é?

— É cruel de certo. No meu caso, deixal-o-hia viver.

Ella ficou recolhida, com o seu rostinho branco de cherubim, apoiado na mão delicada, de miudinhos dedos, côr de rosa.

— Em que pensas tu? disse eu. É o leão talvez, hein?

— É. Sabes? Queria um. Quanto custa, meu amiguinho?

Passaram dez annos. Minha irmã tem dezoito. Esteve dez annos sem pensar em leões. Agora o desejo voltou-lhe. Desconfio que ambiciona um leão — do *boulevard*.

Lisboa, 1879.

FIALHO D'ALMEIDA.

NO CIRCO

Muito longe d'aqui, nem eu sei quando,
 Nem onde era esse mundo em que eu vivia...
 Mas tão longe... que até dizer podia
 Que em quanto lá andei, andei sonhando...

Porque era tudo alli aereo e brando,
E lucida a existencia amanhecia...
E eu... leve como a luz... até que um dia
Um vento me tornou, e vim rolando...

Cai e achei-me, de repente, involto
Em lucta bestial, na arena fera,
Onde um bruto furor bramia solto.

Senti um monstro em mim nascer nessa hora,
E achei-me, de improviso, feito fera...
É assim que rujo entre leões agora!

ANTHERO DO QUENTAL.

A UMA FOLHA

Folha, do vento impellida,
Es bem mais feliz do que eu...
Eu tenho o inferno na vida,
Tu, morta, ascendes ao céo.

Vês que a existencia nos leva
Onde o destino a conduz:
— A mim, — aos antros da treva
— A ti, — aos fócios da luz...

Lisboa.

JAYME DE SEGUIER.

A VIAÇÃO PUBLICA

(Continuado do n.º 11, pagina 174)

Roma na antiguidade, e a Inglaterra e França nos tempos modernos são exemplos eloquentes. Os romanos, por toda a parte por onde passavam as suas armas victoriosas, construiam magnificas e solidas estradas, que se citam como modelos, e de que existem ainda vestigios em muitos paizes, como succede em Portugal.

A Inglaterra é a nação moderna que mais parece seguir as lições da antiga Roma. A Escocia, que ha um seculo era um paiz atrazadissimo, é hoje uma perola da civilisação britannica, e esta

notavel transformação data da epocha em que as suas montanhas foram sulcadas por bellas estradas. Todo o territorio da Grã-Bretanha apresenta hoje o melhor e mais completo systema de viação que se conhece. Na França, a pacificação da Vendé e da Bretanha foi a consequencia da construcção das estradas estrategicas do oeste.

O homem, nem merecia o titulo de rei da creação sem a facilidade de se transportar por toda a parte do globo, e sem os meios de exercer a sua influencia e seu dominio em todos os actos da vida social e em todas as phases da civilisação. Finalmente, a facilidade dos meios de transporte liberta as classes pobres dos mais penosos serviços, realisa de modo facil e expedito a conducção de productos, barateia os generos de primeira necessidade, minora as crises alimenticias, e presta á humanidade beneficios valiosos, immensos e incalculaveis.

As vias de communicação dividem-se em tres classes: estradas ordinarias, vias navegaveis e caminhos de ferro. As primeiras são as mais geralmente empregadas; prestam-se a todas as localidades, a todos os productos, á grande e á pequena circulação, servem para todos e para tudo.

As vias aquaticas são principalmente vantajosas, pela barateza com que realisam o transporte, e por se prestarem de preferencia á conducção de materias pesadas e volumosas. A par d'esta vantagem economica offerecem valioso prestimo á agricultura e á hygiene, fecundando pela irrigação terrenos que pareciam condemnados á mais completa esterilidade, e dando escoante ás aguas insalubres dos pantanos e ás torrentes caudalosas das inundações.

Os canaes são preferiveis aos rios, e constituem verdadeiros brazões de gloria para muitos paizes. Pela construcção d'um canal o homem corrige os defeitos da natureza; reune differentes bacias hydrographicas através de montanhas que as separam, liga entre si diversos mares através dos mais vastos continentes, e estabelece meios de facil e segura navegação em toda a superficie do globo.

Para que a viação aquatica satisfaça convenientemente ás necessidades do commercio, deve reunir as seguintes condições: deve ser igualmente facil a circulação nos dois sentidos, para baixo e para cima: a duração das viagens deve calcular-se com a maior exactidão: a navegação deve ser livre, quanto for possivel, das contingencias e vicissitudes do tempo: e deve ser isenta de perigos e difficuldades, que compromettem a vida dos homens e a segurança dos productos.

As correntes d'agua, no seu estado natural, estão bem longe de satisfazer a estas condições. Se na descida dos rios o transporte é facil e economico, na subida é difficil e feito á custa de

muito tempo e trabalho. Demais, os rios estão sujeitos a todos os inconvenientes que dependem das variações do tempo, aos perigos das inundações, á obstrucção do leito e ao desmoronamento das margens. Emfim, a disposição e natureza do alveo, das margens, das correntes, das pontes, das fabricas, officinas e açudes, tudo cria grande numero de perigos, que zombam muitas vezes da maior pericia e previsão do homem.

As vias aquaticas têm hoje em toda a parte grande valor e importancia. A Inglaterra, a Hollanda, a Belgica, a França e os Estados Unidos têm dado a este systema de communicacção o maior desenvolvimento. Nenhumas outras realisam até hoje o transporte em condições mais economicas, circumstancia muito attendivel num paiz agricola, pouco povoado, e cujos artefactos se limitam aos de menos valor, e de mais geral necessidade e consumo, como Portugal.

As aguas offercem-se por toda a parte no fundo dos valles, e nas partes mais ricas e povoadas do mundo; e o seu aproveitamento para a navegacção pode combinar-se com outros usos. Os mares interiores e os rios foram em todos os tempos o caminho das emigrações dos povos, e os meios mais faceis de suas communicacções: a corrente da civilisacção em ambos os hemispherios seguiu desde os tempos mais remotos a corrente das aguas, que em abundancia e bem aproveitadas são uma grande riqueza. O seu valor tem crescido com o augmento da civilisacção, e até a despeito de sua acção mortifera sobre a raça humana nos paizes quentes e paludosos é tal a riqueza creada por essas condições, que o homem frequentes vezes arrosta semelhantes perigos, fundando cidades populosas mesmo no meio das regiões mais insalubres.

A agua, como motor, é um precioso agente para um paiz falto de combustivel; e o mesmo canal, que num valle deixa correr alguns metros cubicos por segundo, póde crear uma boa navegacção e excellentes quedas d'agua aproveitaveis pela industria, e ainda alem d'isto permite fertilisar extensos terrenos pelas regas.

As represas nos ribeiros e pequenos rios offluentes dos principaes, e os reservatorios nos reconcavos das serras, são não só uteis para o melhoramento de navegacção, mas podem alem d'isso vir a prestar grandes beneficios á agricultura e á salubridade de extensas comarcas.

Os canaes são eminentemente proprios para o transporte dos productos do solo, tanto do reino mineral como vegetal. Os mineaes, as pedras de construcção, os estrumes, os combustiveis, as madeiras, e, em geral, os grandes e pesados volumes aproveitam de preferencia este meio facil e economico de transporte.

Infelizmente, porém, não é o nosso paiz tão favoravelmente disposto para o estabelecimento das vias de navegação como muitos outros do centro e norte da Europa e da America. Se temos um extenso litoral marítimo, as bacias hydrographicas do nosso paiz são curtas, bastantes declives, e quasi todas paralelas entre si, em vez de irradiarem do centro para a circumferencia como em França e Inglaterra, feliz disposição que permite ligar os mares e pontos oppostos do seu perimetro, por linhas não interrompidas de navegação, cruzando-se no interior do paiz.

A área de Portugal, é proximamente, a quinta parte da área da França; mas a extensão naturalmente navegavel dos nossos rios não passa de 700 kilometros, em quanto em França excede a 6000. Em quanto á Inglaterra e Paizes Baixos, a proporção é ainda mais desvantajosa para Portugal. O Sena, o Tamisa, o Escalda, muito menores em extensão que o Tejo e o Douro, têm comparativamente muito maior extensão navegavel e muito maior leito de marés; e assim muitos outros rios do norte da Europa. No Sena as marés vão a 153 kilometros da Foz; no Tejo só a 88, e no Douro a 23.

Em França uma grande parte do solo no coração do paiz não se eleva a mais de 200 a 300 metros sobre o Oceano, em quanto em Portugal, proximo mesmo da costa, attinge o relevo do terreno em muitas partes alturas de 300 a 400 metros, sendo muito maiores no interior. Na Europa poucos são os pontos culminantes de partição de aguas dos canaes comprehendidos até hoje, que estejam a mais de 200 metros sobre o mar; na Inglaterra e Paizes Baixos raros chegam a 100.

O Tejo e o Douro vêm da elevada planura central da Península. O Douro passa em Tordesilhas proximo de 400 metros sobre o mar; e o Tejo em Aranjuez 500, o que dá declividades medias para cada um d'estes rios de 9 decimetros e 7 decimetros por kilometro com pouca differença, e deve notar-se que uma grande parte d'esta declividade se acha accumulada no territorio portuguez.

O Douro, desde que entra em Portugal, não tem valle; o seu leito quasi todo é uma profunda cortadura através de altas serras. O Tejo, acima de Abrantes, apresenta o mesmo aspecto, e o mesmo ainda acontece ao Guadiana, abaixo de Badajoz e Olivença.

A grande queda, pois, dos nossos rios, a estreiteza, fragosidade e pendor de suas margens, em muitos pontos quasi abruptas, a falta de geleiras permanentes e de chuvas regularmente reparitadas por todo o anno, uma forte evaporação durante o estio, um terreno em grande parte arido e desarborizado, são condições

pouco favoráveis á canalisação e ao regimen uniforme das aguas correntes.

Cumpra agora fallar da viação accelerada.

Os caminhos de ferro fazem prodigios, e causam uma revolução prompta nas industrias, na sociedade, e em todos os actos da humanidade, dando movimento a logares ermos, e revocando á vida populações marasmadas. Como instrumento mais energico de civilisação e de progresso, não ha nada que os eguale. Ainda que mais particularmente destinados para a industria e para o commercio, prestam eguaes beneficios á agricultura pela facilidade e harateza com que transportam os productos, e pela rapidez com que leva as classes operarias aos centros mais activos do trabalho. Pela mobilidade que imprime na população, os caminhos de ferro proporcionam os braços onde faltam e tornam mais equal, e mais regularmente distribuido o numero dos habitantes na área de qualquer paiz.

A viação accelerada é essencialmente politica, industrial, commercial e agricola. A estas aptidões multiplas reúne as duas condições, incompativeis por outro systema, a velocidade e barateza. Presta-se egualmente a toda a especie de transportes; homens, gados, correspondencias, mercadorias de todos os generos. Este meio de communicação é o mais independente, e o mais expostos, ás causas que difficultam os outros systemas de circulação.

Os caminhos de ferro, pela regularidade, certeza e velocidade das viagens, allivia o commercio de muitas despezas e empates de capitaes no deposito de grandes massas de mercadorias. A força prodigiosa da locomotiva conserva sempre os meios de transporte ao nivel de todas as exigencias, as mais inesperadas, as mais urgentes e as mais avultadas.

Não obstante todas estas vantagens de viação accelerada, no estado actual da sociedade não se deve prescindir de nenhuma das tres classes de meios de transporte em um bom systema geral de communicações. As estradas ordinarias, as vias aquaticas e os caminhos de ferro, todos devem empregar-se e combinar-se convenientemente, todos têm as suas aptidões e prestimos peculiares.

A viação publica é hoje uma questão scientifica e economica de primeira ordem, e de summa impertinencia. A architectura era antigamente o grande livro de humanidade, a expressão principal do homem nos diversos estados do seu desenvolvimento, já como força, já como intelligencia. Hoje, o grande livro architectonico está symbolisado nas estradas, canaes e linhas ferreas, e constitue os padrões de grandeza e de civilisação da epocha,

por onde a posteridade ha de ler a historia e aferir a illustração dos povos.

Se ha paiz que mais careça de plantar neste seculo marcos gloriosos do seu trabalho e de sua civilisação, é Portugal. D. Affonso Henriques gravou a sua epocha no mosteiro d'Alcobaça. D. João I assignalou a sua no admiravel monumento da Batalha, D. Manuel no edificio dos Jeronymos de Belem, e D. João V no majestoso convento de Mafra e no soberbo aqueducto das aguas livres.

Mas se estes monumentos representam a vida e indole d'essas epochas da gloriosa recordação; os instinctos e tendencias de civilisação actual já não requerem nem esses padrões, nem as famosas esquadras de D. Manuel, nem os exercitos poderosos de D. Affonso III. Hoje o verdadeiro symbolo de civilisação são os grandes melhoramentos publicos, que façam entrar em Portugal na vida activa e regeneradora, que anima todos os povos.

Se dobrámos o Cabo da Boa Esperança; se descobrimos e explorámos as costas da vastissima Africa; se hasteámos as quinas victoriosas a milhares de leguas da Asia; se abraçámos o globo com os braços ousados de Fernando de Magalhães e de Pedro Alvares Cabral, mostremo-nos dignos descendentes d'esses heroes, e dignos herdeiros d'esses fastos esplendidos. Fecundemos a patria com os melhoramentos da viação, e com esta vara magica brotarão da nossa terra abençoada verdadeiros thesouros e immensos prodigios.

J. A. SIMÕES DE CARVALHO.

A PRIMAVERA

Hão de dizer-me — insensatos! —
 Que tenha novos amores,
 Que brilham já outros soes,
 De novo se abrem as flores
 E é o tempo dos rouxinoes.

E dirão ainda depois
 Que a primavera começa,
 E andam aromas no ar,
 Que nos sobem á cabeça,
 Como um vinho singular.

E eu dir-lhes-ei: — Que me importa!
 Faz frio? fechem-me a porta!
 — Ella, o meu bem, meu abrigo,
 Levou, desde que está morta,
 A Primavera comsigo.

GOMES LEAL.

RESUMO BIBLIOGRAPHICO

— *A civilisação, a educação e a phthisica, conferencias feitas em o Instituto de Coimbra, por Augusto Philippe Simões.* Coimbra, 1879.

A phthisica é um grande mal, e diz o dictado que para grandes males grandes remedios. A civilisação e a educação, a primeira mal entendida e a segunda mal dirigida, concorrem para esta desgraça; ambas ellas podem ser a sua regeneração. Em duas conferencias o demonstra o livrinho que temos presente. A civilisação póde extinguir a phthisica, diz a primeira; a civilisação extinguirá a phthisica, accrescenta a segunda, se a educação impedir a degeneração humana.

Já se vê a importancia d'este opusculo, que é um compendio de grandes verdades, um codigo de preceitos salutaes e um apostolado de bons e excellentes princípios.

— *Historia dos estabelecimentos scientificos,* por José Silvestre Ribeiro. Tomo VIII. Lisboa, 1879.

O nome do sr. J. S. Ribeiro acha-se ligado ás publicações mais uteis que a imprensa hodierna tem propagado; e esta *Historia* é um monumento e um subsidio valioso, monumento como padrão da benemerencia do seu auctor e subsidio para a historia patria como ella deve e ha de ainda ser escripta um dia.

— *A Arte.* Director A. de Vasconcellos.

Modelada pelo antigo jornal *Artes e Letras*, *A Arte* é como aquelle um jornal litterario-artistico de relevante merecimento, que serve para o gabinete de estudo e para a sala de recepção; para esta como esplendido adorno, para aquelle como livro de gosto e estudo.

— *A Renascença,* órgão dos trabalhos da geração moderna (publicação mensal). Director Joaquim d'Araujo.

Pelo titulo parece contemporaneo de Camões, pela indole é d'este seculo de aspirações e progresso; olha mais para o futuro e póde chamar-se a folha official dos nossos criticos modernos. Apresenta uma pleiade de retratos dos nossos mais sympathicos escriptores que pertencem ao *high-life* da presente litteratura.

— *Os Cemiterios Christãos em sua origem: noticia succinta,* por Pereira Caldas. Braga, 1879.

— *Acclamação de D. João IV em Braga em 1640: noticia historica,* por Pereira Caldas. Braga, 1879.

— *Apparição de uma hostia no céu em Braga em 1640*, por A. Pereira da Silva Caldas. Braga, 1879.

O sr. Pereira Caldas, distincto professor bracharense, e seu irmão, o sr. A. Pereira da Silva Caldas, são muito conhecidos e apreciados pelos seus opusculos, hoje já numerosos. A collecção d'elles todos dava um curiosissimo livro de apontamentos historicos, de que são dignos specimens os folhetos que citamos.

— *Observações á Citania do sr. doutor Emilio Hübner*, por F. Martins Sarmiento. Porto, 1879.

O sr. F. Martins Sarmiento é hoje muito memorado pela sua Citania. Um homem que desenterra uma cidade e com ella reconstrue uma pagina importante da historia, bem merece de todos pelos seus importantes serviços; mas aquelle que accrescenta a este trabalho a critica litteraria e scientifica é dobradamente insigne.

— *Museu Illustrado, Album-Litterario*. Redactor David de Castro. Porto.

Ao sr. David de Castro se deve este amavel periodico mensal. E amavel lhe chamamos por ser gracioso na parte artistica e ameno na litteratura. As estampas que o acompanham são primorosas e selectas. No segundo volume, que é o corrente, reproduz com esmero os melhores quadros que revelam os personagens mais distinctos de Goëthe, desde a Margarida do *Fausto* até á Carlota do *Werther*. Além d'isso na frente de cada numero apresenta o retrato d'um portuense illustre. Julio Diniz, Soares de Passos, Arnaldo Gama e outros enfileiram-se numa formosissima galeria de homens que não morreram para a gloria litteraria.

— *Almanach da praia da Figueira para 1879-1880*. Figueira, 1879.

Tem a Figueira o seu *Almanach*, que já conta dois annos de idade. Se a superioridade do segundo sobre o primeiro continuar na mesma proporção nos seguintes, em pouco tempo veremos um almanach modelo, que muito necessario se torna numa praia de banhos. As gravuras são boas no trabalho artistico e curiosas na escolha. Além do retrato de Manuel Fernandes Thomaz, que era natural d'esta villa, apresenta a vista do theatro, da praça do Commercio e da praia dos banhos juncto ao forte de Sancta Catharina. Na litteratura distinguem-se notavelmente os artigos do sr. Alfredo Pessoa, talentoso mancebo a quem se deve esta publicação.

— *V. de Chateaubriand. — Atala*, traducção de Guilherme Braga com desenhos de Gustavo Doré, gravados por João Pedroso. Porto, 1878.

O nome de Chateaubriand é dos mais sympathicos da litteratura franceza, e a *Atala* a mais sympathica das suas producções litterarias. O nome de Guilherme Braga é distincto entre nós, mas esta traducção, com quanto não o deslustre, é inferior ao seu grande talento. A edição é esmerada e honra o seu editor, o sr. João Antonio Castanheira.

— *Theatro da maior façanha e gloria portugueza*, por Diogo Ferreira Figueira. Reimpressão imitativa conforme a edição unica de 1642.

— *Diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol*.

São estes dois livros bons, e pertencentes á serie de edições feitas pela Empresa de que é principal motor e gerente o mesmo sr. Castanheira. O primeiro foi distribuido por preço diminuto para celebrar no anno findo a memoravel data de 1 de dezembro de 1640; o segundo é muito necessario para firmar cada vez mais as relações de confraternidade litteraria entre os dois povos da peninsula hispanica.

— *Relatorio e contas do Monte-Pio da Imprensa da Universidade relativo ao anno de 1878-1879*. Coimbra, 1879.

Formou-se ha longos annos uma instituição util na Imprensa da Universidade, uma associação de beneficencia mutua, que se tem mantido constantemente prestando relevantes serviços aos seus membros. D'este relatorio e de muitos outros anteriores, alguns notavelmente redigidos e este com especialidade, se deduz a vantagem inapreciavel d'estas sociedades de auxilio, feitas pela classe operaria.

— *Conselho geral das alfandegas. Relatorio dos trabalhos desempenhados nos annos de 1876 a 1877*. Lisboa, 1879.

É este livro devido aos trabalhos, ou, antes, é a demonstração dos serviços prestantes, prestados ao paiz na alfandega de Lisboa pelo sr. conselheiro Antonio José Teixeira, antigo lente de Mathematica da Universidade.

— *El Parthenon. Revista de litteratura, ciencias y artes. Periodico quincenal ilustrado*. Directora-proprietaria: Josefa Pujol de Collado. Barcelona, 1879.

Este periodico bi-mensual offerece a singularidade de ser redigido por uma senhora, a sr.^a D. Josefa Pujol de Collado. É selecto na escolha dos artigos, todos de excellente litteratura, e acompanhados de muitas gravuras.

— *Collecção de romances originaes*, por Antonio de Lacerda Bulcão, Cavalleiro das Ordens Militares de Nosso Senhor Jesus Christo, e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, segundo official do Governo Civil da Horta. Horta, 1877 e 1878.

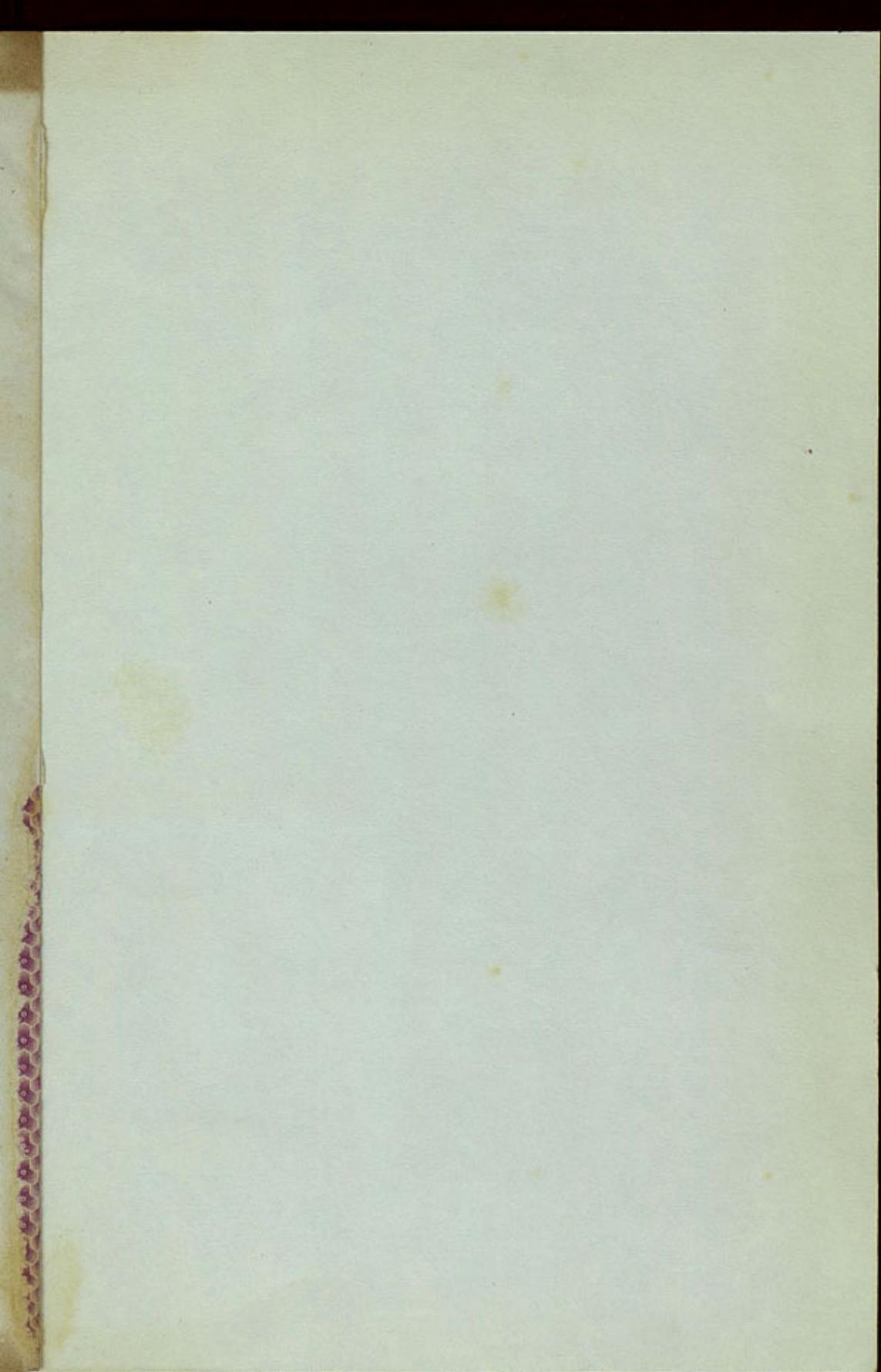
Esta collecção compõe-se de tres volumes em 8.º contendo dezeseis romances em 754 paginas, e custa 15000 réis fortes. O primeiro volume vem adornado com o retrato photographico do auctor. A acção de todos os romances d'estes tres volumes passa-se nas ilhas do districto da Horta. Somos informados de que na Livraria Hortense do sr. Sergio de Sousa, no Fayal, onde se acham á venda, se trocam tambem estes volumes por quaesquer outros de igual preço.

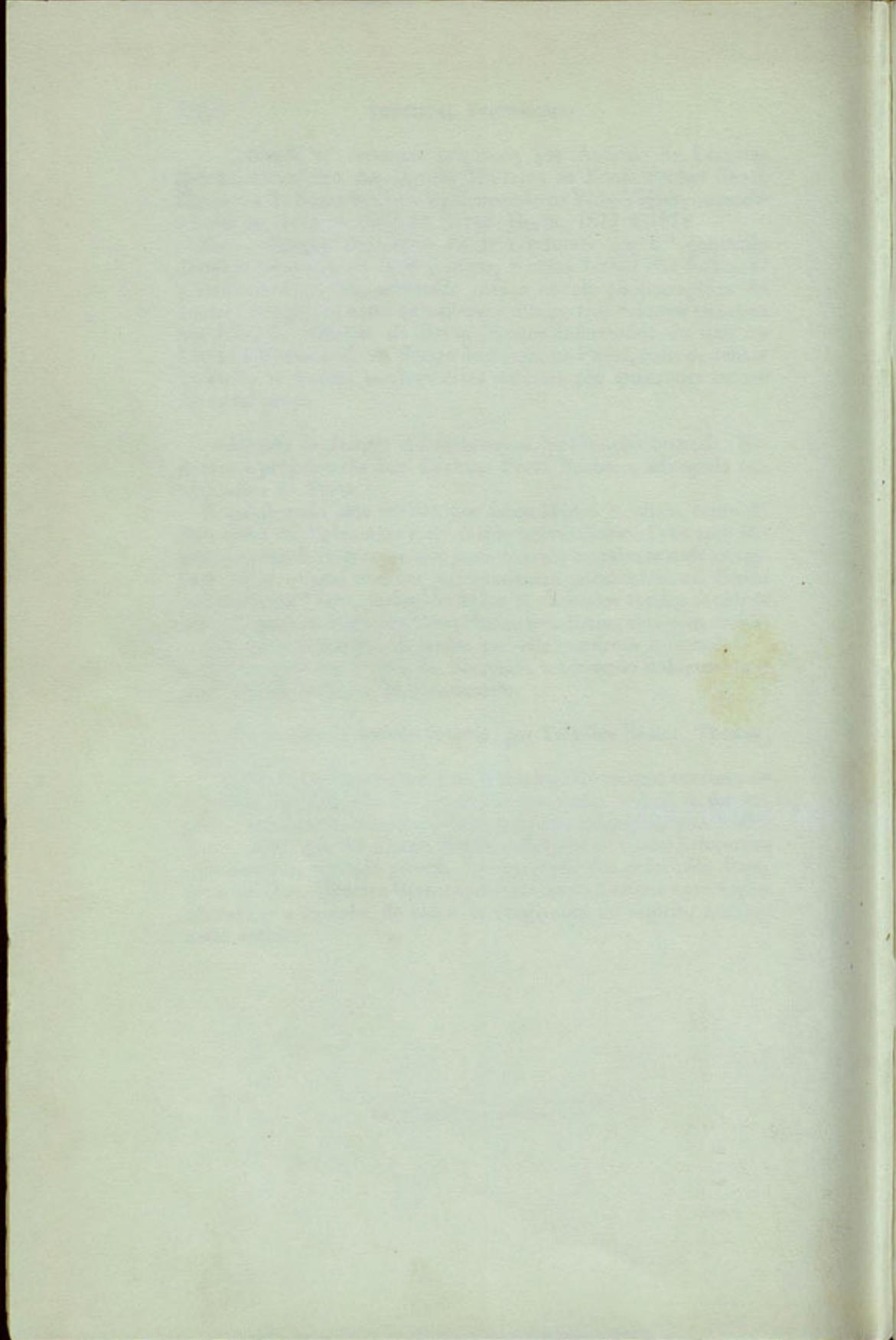
— *Revista de Direito Administrativo* (publicação mensal). Redactor e proprietario José Caetano Preto Pacheco, advogado nos auditorios do Porto.

É collaborada esta revista por summidades juridicas tanto do fôro como da diplomacia e do ensino universitario. Com este importante auxilio tornou-se este periodico um excellente *vade-mecum* para todos os que tractam jurisprudencia administrativa. Sendo publicado no Porto, justos são todos os encomios tecidos á cidade invicta, que nas empresas litterarias se tem distinguido com muitas e valiosas publicações. É assim que ella confirma e consolida o sacrificio que fez a prol da liberdade, exercendo nobremente a mais util de todas, a do pensamento.

— *Progressos do espirito humano*, por Teixeira Bastos. Thomar, 1879.

Na cidade de Thomar fez o sr. Teixeira Bastos uma conferencia a pedido da Redacção do jornal *Emancipação*, o qual a fez imprimir em folheto, constituindo o primeiro volume da sua bibliotheca, nome que dá a uma futura collecção de obras litterarias, concercentes, segundo parece, á propagação dos principios democraticos. O sr. Teixeira Bastos apresenta neste discurso apreciações liberaes e a resenha de todos os progressos do espirito humano neste seculo.







60984 81800

